O Diário de
ANNE FRANK

O DIÁRIO DE
ANNE
FRANK

APRESENTAÇÃO

Há quarenta anos, no período de ocupação da Holanda pelos nazistas, as famílias Frank e Van Daan, além do dr. Dussel, todos de origem judaica, refugiaram-se nos fundos de um estabelecimento comercial no centro da cidade de Amsterdam.

Nesse esconderijo, essas pessoas permaneceram de julho de 1942 até agosto de 1944, quando foram descobertas. Durante esse período, Anne, a filha mais nova dos Frank, redigiu um diário em alguns cadernos que levara consigo. Neles, registrou todo o tempo que ali viveram.

Anne estava, no início de seu diálogo com Kitty — nome que deu ao diário —, com treze anos, momento importante para todo mundo; para o papel foram, então, todas as suas observações e preocupações com a vida e consigo mesma, o contato com o mundo, com a história e com o outro.

Descoberto o Anexo Secreto, seus ocupantes foram presos, deixando no local seus pertences, que foram resgatados por amigos depois de algum tempo. Dentre os objetos ali deixados, encontrou-se o diário de Anne. Após o término da guerra, transformado em livro, o diário foi traduzido e divulgado ao mundo todo.

O Editor

Ik zal hoop ik aan jou alles kunnen toevertrouwen, zoals ik het nog aan niemand gekund heb, en ik hoop dat je een grote steun voor me zult zijn.

Anne Frank. 12 Juni 1942.

"Espero poder confiar inteiramente em você, como jamais confiei em alguém até hoje, e espero que você venha a ser um grande apoio e um grande conforto para mim."

Anne Frank, 12 de junho de 1942.

O DIÁRIO

Domingo, 14 de junho de 1942

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas. Pudera! Era dia do meu aniversário. É claro que eu não tinha permissão para levantar àquela hora, e por isso tive de refrear a minha curiosidade até as quinze para as sete. Aí então não agüentei mais e corri até a sala de jantar, onde recebi as mais efusivas saudações de Moortie (a gata).

Logo depois das sete fui dar bom-dia à mamãe e ao papai, e, depois, corri à sala de estar para desembrulhar meus presentes. O primeiro que me saudou foi *você,* possivelmente o melhor de todos. Sobre a mesa havia também um ramo de rosas, uma planta e algumas peônias; durante o dia chegaram outros.

Ganhei uma porção de coisas de mamãe e papai e fui devidamente presenteada por vários amigos. Entre outras coisas, deram-me um jogo de salão chamado Câmara Escura, muitos doces, chocolates, um quebra-cabeça, um broche, os *Contos e lendas dos Países Baixos,* de Joseph Cohen, *Daisy e suas férias nas montanhas* (um livro espetacular) e algum dinheiro. Agora posso comprar *Os mitos da Grécia e Roma* — que legal!

Lies veio então apanhar-me para irmos à escola. No recreio, distribuí biscoitinhos doces para todo mundo, e então tivemos de voltar às aulas.

Agora preciso parar. Até logo. Acho que vamos ser grandes amigos.

Segunda-feira, 15 de junho de 1942

Minha festa de aniversário foi no domingo de tarde. Passamos um filme de Rin-Tin-Tin, O *faroleiro.* Meus amigos e eu adoramos. Divertimo-nos a valer. Vieram muitos meninos e meninas. Mamãe está sempre querendo saber com quem vou me casar. Nem de longe suspeita que é com Peter Wessel; um dia — sem corar nem pestanejar — consegui tirar definitivamente essa idéia da cabeça dela. Durante anos, Lies Goosens e Sanne Houtman foram minhas melhores amigas. Mas depois conheci Jopie de Waal, na Escola Secundária Israelita. Passamos a andar juntas, e ela é, agora, minha melhor amiga. Lies fez amizade com outra menina, e Sanne freqüenta outra escola, onde arranjou novos amigos.

Sábado, 20 de junho de 1942

Faz alguns dias que não escrevo porque eu quis, antes de tudo, pensar neste diário. É estranho uma pessoa como eu manter um diário; não apenas por falta de hábito, mas porque me parece que ninguém — nem eu mesma — poderia interessar-se pelos desabafos de uma garota de treze anos. Mas que importa? Quero escrever e, mais do que isso, quero trazer à tona tudo o que está enterrado bem fundo no meu coração.

Há um ditado que diz: "O papel é mais paciente que o homem". Lembrei-me dele em um de meus dias de ligeira melancolia, quando estava sentada, com a mão no queixo e tão entediada e cheia de preguiça que não conseguia decidir se saía ou ficava em casa. Sim, não há dúvida de que o papel é paciente, e como não tenho a menor intenção de mostrar a ninguém este caderno de capa dura que atende pelo pomposo nome de diário — a não ser que encontre um amigo ou amiga verdadeiros —, posso escrever à vontade. Chego agora ao xis da questão, o motivo pelo qual resolvi começar este diário: não possuo nenhum amigo realmente verdadeiro.

Vou explicar isso melhor, pois ninguém há de acreditar que uma menina de treze anos se sinta sozinha no mundo. Aliás, nem é esse o caso. Tenho meus pais, que são uns amores, e uma irmã de dezesseis anos. Conheço mais de trinta pessoas a quem poderia chamar de amigas — e tenho uma porção de pretendentes doidos para me namorar e que, não o podendo fazer, ficam me espiando, na classe, por meio de espelhinhos. Tenho parentes, tios e tias, que também são uns amores, além de um lar agradável. Aparentemente, nada me falta. Mas acontece sempre o mesmo com todos os meus amigos: gracejos, brincadeiras, nada mais. Jamais consigo falar de algo que não seja a rotina de sempre. O problema é que não conseguimos nos aproximar uns dos outros. Talvez me falte autoconfiança; seja como for, o fato é esse, e não consigo mudá-lo.

Daí, este diário. A fim de destacar na minha imaginação a figura da amiga por quem esperei tanto tempo, não vou anotar aqui uma série de fatos corriqueiros, como faz a maioria. Quero que este diário seja minha amiga e vou chamar esta amiga de Kitty. Mas se eu começasse a escrever a Kitty, assim sem mais nem menos, ninguém entenderia nada. Por isso, mesmo contra minha vontade, vou começar fazendo um breve resumo do que foi minha vida até agora.

Meu pai tinha trinta e seis anos quando conheceu minha mãe, que na ocasião contava vinte e cinco. Margot, minha irmã, nasceu em 1926, em Frankfurt. A 12 de junho de 1929, nasci eu, e, como somos judeus, emigramos para a Holanda em 1933, onde meu pai foi designado para o cargo de diretor-gerente da Travies N. V. Esta firma mantém estreitas relações com outra firma, a Kolen & Co., que funciona no mesmo edifício e da qual meu pai é sócio.

O resto de nossa família, entretanto, sofreu todo o impacto das leis anti-semitas de Hitler, enchendo nossa vida de angústias. Em 1938, depois dos pogroms, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, já contando setenta e três anos, veio morar conosco. Depois de maio de 1940, os bons tempos se acabaram: primeiro a guerra, depois a capitulação, seguida da chegada dos alemães. Foi então que, realmente, principiaram os sofrimentos dos judeus. Decretos anti-semitas surgiam, uns após outros, em rápida sucessão. Os judeus tinham de usar, bem à vista, uma estrela amarela; os judeus tinham de entregar suas bicicletas; os judeus não podiam andar de bonde; os judeus não podiam dirigir automóveis. Só lhes era permitido fazer compras das três às cinco e, mesmo assim, apenas em lojas que tivessem uma placa com os dizeres: loja israelita. Os judeus eram obrigados a se recolher a suas casas às oito da noite, e, depois dessa hora, não podiam sentar-se nem mesmo em seus próprios jardins. Os judeus não podiam freqüentar teatros, cinemas e

outros locais de diversão. Os judeus não podiam praticar esportes publicamente. Piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei e outros locais para a prática de esportes eram-lhes terminantemente proibidos. Os judeus não podiam visitar os cristãos. Só podiam freqüentar escolas judias, sofrendo ainda uma série de restrições semelhantes.

Assim, não podíamos fazer isto e estávamos proibidos de fazer aquilo. Mas a vida continuava, apesar de tudo Jopie costumava dizer-me: — A gente tem medo de fazer qualquer coisa porque pode estar proibido. — Nossa liberdade era tremendamente limitada, mas ainda assim as coisas eram suportáveis.

Vovó morreu em janeiro de 1942. Ninguém pode imaginar o quanto ela está presente em meus pensamentos e o quanto eu ainda gosto dela.

Em 1934 fui para a escola, o Jardim de Infância Montessori, e lá continuei. Ao terminar o 6ºB, tive de despedir-me da sra. K. Foi uma tristeza! Ambas choramos. Em 1941, fui com Margot, minha irmã, para a Escola Secundária Israelita. Ela, para o quarto ano, eu, para o primeiro.

Por enquanto, tudo vai bem para nós quatro, e, assim, chego ao dia de hoje.

Sábado, 20 de junho de 1942

Querida Kitty

Vou principiar já. Tudo está tranqüilo neste momento. Mamãe e papai saíram, e Margot foi jogar pingue-pongue com alguns amigos.

Eu também tenho jogado um bocado de pingue-pongue, ultimamente. Nós, jogadores de pingue-pongue, adoramos sorvete, principalmente no verão, quando sentimos mais calor por causa do jogo. Assim, quase sempre, ao final do jogo, vamos todos para a sorveteria mais próxima — a Delphi ou a Oásis —, onde são permitidos judeus. A Oásis geralmente está cheia, e em nosso grande círculo de amigos sempre há algum cavalheiro generoso ou namorado que nos oferece uma quantidade de sorvete muito maior do que a que conseguiríamos devorar em uma semana.

Você deve estar admirada por eu estar falando de namorados, na minha idade. Mas, o que é que eu posso fazer? Ninguém pode evitar isso na minha escola. Sempre que um menino pede para vir comigo para casa, de bicicleta, e começamos a conversar, uma em cada dez vezes é certo que ele se vai apaixonar loucamente e não vai mais me perder de vista. É claro que depois de algum tempo isso esfria, ainda mais que não dou muita bola para seus olhares ardentes, e vou em frente, pedalando despreocupadamente.

Se as coisas vão longe demais e eles falam em ir lá em casa "falar com papai", dou uma guinada na bicicleta, deixo minha mala cair, e quando o garoto estaca, para apanhá-la, já tratei de mudar de assunto.

Esses são os tipos mais inocentes; há outros que atiram beijos ou tentam segurar-nos pelo braço; nesse caso, estão definitivamente batendo na porta errada. Salto da bicicleta e recuso-me a seguir em sua companhia, e, fingindo-me insultada, digo-lhes claramente que não me interessam.

Pronto, os alicerces de nossa amizade estão lançados. Até amanhã.

Sua Anne.

Domingo, 21 de junho de 1942

Querida Kitty

A turma B1 está tremendo, e o motivo é que breve vai haver uma reunião de professores. Estamos a conjecturar sobre quem vai passar de ano e quem vai repetir. Miep de Jong e eu divertimo-nos à beça só de ver Winn e Jacques, os dois garotos que se sentam atrás de nós. Acho que não vai lhes sobrar um tostão para as férias, de tanto que apostam. É "Você vai passar", "Não vou", "Vai", o dia inteirinho. Nem mesmo os pedidos de Miep para se calarem nem minhas explosões de zangas surtem efeito.

Em minha opinião, um quarto da classe devia ficar onde está. Não há dúvida de que existem uns malandrões de marca maior, mas os professores são também um bocado venais, e só espero que desta vez sejam justos, para variar.

Por meus amigos e por mim, não tenho medo. Havemos de passar nem que seja raspando, embora eu não confie muito na minha matemática. Enfim, só nos resta esperar com paciência. Enquanto isso, procuramos nos animar uns aos outros.

Dou-me bem com todos os meus professores, nove ao todo, sete homens e duas mulheres. O sr. Keptor, o velho professor de matemática, ficou aborrecido comigo um bocado de tempo, por eu falar demais. Tive de fazer uma redação cujo título era *A tagarela*. Imagine, a tagarela! O que é que eu podia escrever? De qualquer forma, anotei em minha agenda e tratei de ficar bem quieta.

Naquela noite, ao terminar meus deveres de casa, meu olhar caiu sobre o tal título escrito na agenda. Fiquei pensando, enquanto mordiscava o cabo da caneta-tinteiro, que qualquer um pode rabiscar algumas tolices, com letra bem grande e espaçada, mas a dificuldade era provar, acima de tudo, a necessidade que se tem de falar. Pensei e pensei, e então, subitamente, tive uma idéia. Ao terminar as três páginas pedidas, dei-me por satisfeita. Meu argumento foi o de que falar muito é uma característica tipicamente feminina e que eu faria o possível para controlar-me, mas jamais ficaria completamente curada. Visto que minha mãe falava ainda mais do que eu, como podia eu lutar contra as leis da hereditariedade? O sr. Keptor acabou rindo dos meus argumentos, mas como eu continuasse a falar, passou-me um novo trabalho. Desta vez o título era *A incurável tagarela*. Entreguei a redação, e o sr. Keptor não teve queixas durante uma ou duas aulas. Mas na terceira, porém, irritado, não se conteve:
— Como castigo por falar demais, Anne vai fazer uma composição intitulada *Quac, quac,*

quac, fala dona Pata. — A turma toda caiu na gargalhada e eu também ri, se bem que minhas invencionices, nesse assunto, já estivessem esgotadas. Precisava pensar numa coisa nova e original. Por sorte, minha amiga Sanne tem jeito para escrever poesia e se ofereceu para me ajudar, fazendo toda a composição em verso. Pulei de alegria. Keptor quisera fazer-me de tola com aquele tema ridículo, mas eu ia fazer o feitiço virar contra o feiticeiro e fazer com que toda a turma risse dele. Terminamos o poema, e ele ficou perfeito. Era a história de uma pata-mãe e de um cisne-pai que tiveram três patinhos. Os patinhos acabaram sendo mortos a bicadas pelo pai por grasnarem demais. Felizmente Keptor entendeu a brincadeira, leu o poema em voz alta, com comentários, para a turma toda e para várias outras turmas.

Desde então, eu falo e não recebo dever adicional. Keptor chega mesmo a gracejar a meu respeito.

Sua Anne.

Quarta-feira, 24 de junho de 1942

Querida Kitty

O calor está terrível, e estamos positivamente derretendo, mas mesmo assim, temos que ir a pé a todos os lugares. Só agora vejo como era gostoso andar de bonde, mas esse é um luxo proibido aos judeus. Temos mesmo é de andar a pé. Ontem, à hora do almoço, fui ao dentista, na Jan Luykenstraat. É bem longe, da escola à Stadstimmertuinen. Durante a tarde, na aula, quase adormeci. Felizmente a assistente do dentista foi muito gentil e me deu um copo de água — ela é muito boa pessoa.

Aos judeus só é permitido andar de barca. Há um pequeno barco que sai de Josef Israelskade, e o homem nos levou assim que lhe pedimos. Não é por culpa do povo holandês que estamos passando todos esses vexames.

Eu bem que gostaria de não precisar ir à escola, pois minha bicicleta foi roubada durante os feriados da Páscoa, e papai entregou a de mamãe, por segurança, a uma família cristã. Graças a Deus as férias estão chegando; mais uma semana e acaba-se esta agonia. Ontem aconteceu uma coisa engraçada. Eu ia passando pelo estacionamento das bicicletas quando ouvi alguém me chamar. Voltei-me e dei com o rapaz bonito que conhecera na tarde anterior, em casa de minha amiga Eva. Aproximou-se, um tanto acanhado, e apresentou-se como Harry Goldberg. Eu estava realmente surpresa, pensando no que ele poderia querer comigo. Não tive que esperar muito. Perguntou-me se poderia acompanhar-me até a escola. — Já que você vai para aquele lado... — respondi, e fomos andando. Harry tem dezesseis anos e uma conversa divertida. Hoje de manhã estava de novo à minha espera e acho que daqui para diante vamos nos encontrar sempre.

Sua Anne.

Terça-feira, 30 de junho de 1942

Querida Kitty

Até hoje, não tive um minuto de folga para escrever a você. Passei o dia de quinta-feira com amigos. Sexta, tivemos visitas, e assim tem sido até hoje. Harry e eu ficamos nos conhecendo melhor esta semana, e ele contou-me muita coisa sobre sua vida. Veio sozinho para a Holanda e mora com os avós. Os pais estão na Bélgica.

Harry tinha uma namorada chamada Fanny. Eu a conheço. É uma criatura sem sal nem pimenta. Depois de me conhecer, Harry está percebendo que, ao lado de Fanny, não fazia mais do que sonhar de olhos abertos. Quanto a mim, parece que lhe sirvo de estimulante conservando-o bem acordado. Veja você como cada pessoa tem sua utilidade e que estranhas utilidades temos às vezes!

Jopie dormiu aqui, sábado à noite, mas no domingo foi para a casa de Lies, e eu fiquei aqui a me aborrecer tremendamente. Harry devia aparecer à noite, mas às seis da tarde telefonou. Quando atendi, ele disse:

— Aqui fala Harry Goldberg. Por favor, gostaria de falar com Anne.

— Sim, Harry. É Anne quem fala.

— Alô, Anne, como vai?

— Muito bem, obrigada.

— Sinto muito, não posso aparecer aí hoje à noite, mas preciso falar com você. Posso ir aí por uns dez minutos?

— Claro. Estou esperando. Até logo.

— Até logo. Vou para aí agora mesmo.

Desligou o telefone.

Depressa, mudei de vestido e dei um jeitinho no cabelo. Fui então esperá-lo à janela, um tanto nervosa. Afinal, avistei-o. Não sei como não disparei escada abaixo. Em vez disso, esperei com paciência que ele tocasse a campainha e só então desci. Ele irrompeu porta adentro assim que atendi.

— Anne, minha avó acha que você é ainda muito criança para estar saindo sempre comigo e que eu devia ir à casa dos Leurs, mas não sei se você sabe que não estou mais saindo com Fanny.

— Não, por quê? Vocês brigaram?

— Não, nada disso. Eu apenas disse a Fanny que já não estávamos nos entendendo bem

e que talvez fosse melhor terminar o namoro, mas que ela sempre seria bem-vinda em nossa casa e que eu esperava também ser bem recebido na casa dela. Sabe, eu pensei que Fanny estivesse saindo com outro rapaz e a tratei à altura. Mas não era verdade. Agora, meu tio acha que eu devo pedir desculpas a Fanny, mas eu não quero fazer isso. Resolvi, portanto, terminar tudo. Enfim, essa foi uma razão, entre muitas. Minha avó prefere que eu namore Fanny a você, mas eu não quero. Esses velhos têm idéias antiquadas e eu não estou a fim de seguir o que eles dizem. É verdade que preciso de meus avós, mas, de certa forma, eles também precisam de mim. De hoje em diante, estarei livre às quartas-feiras à noite. Oficialmente vou às aulas de xilogravura, para agradar a meus avós. Na realidade, freqüento as reuniões do Movimento Sionista. Meus avós são contra os sionistas e não admitiriam que eu fosse. Estou longe de ser um fanático, mas sinto certa inclinação e acho aquilo interessante. De qualquer forma, vou deixar o movimento, pois, ultimamente, a confusão lá vem aumentando muito. Quarta-feira vai ser o meu último dia. Daí em diante poderei ver você quarta de noite, sábado de tarde, domingo de tarde e talvez até mais.

— Mas, se seus avós são contra nossos encontros, você não pode fazer isso escondido!

— O amor encontra meios.

Quando passamos pela livraria da esquina, vi Peter Wessel com mais dois amigos. Ele disse: "Alô". É a primeira palavra que me dirige há não sei quanto tempo, e eu fiquei bem satisfeita.

Harry e eu andamos bastante, e, finalmente, ficou decidido que eu o encontraria às cinco para as sete, em frente à casa dele, na noite seguinte.

Sua Anne.

Sexta-feira, 3 de julho de 1942

Querida Kitty

Harry veio visitar-nos, ontem, para conhecer meus pais. Eu havia comprado um bolo recheado de creme, biscoitos, docinhos e mais uma porção de coisas gostosas para o chá. Mas nem Harry nem eu achamos legal ficar ali na sala, formais, um ao lado do outro. Fomos dar um passeio, e, ao trazer-me de volta, já passavam dez minutos das oito horas. Papai ficou zangadíssimo e achou que eu tinha feito muito mal, pois é perigoso para os judeus serem encontrados fora de casa depois das oito. Prometi-lhe que dali por diante estaria sempre em casa às dez para as oito.

Fui convidada para ir à casa dele, amanhã. Minha amiga Jopie vive mexendo comigo por causa de Harry. Não que eu esteja apaixonada por ele, isso não! Posso ter muitos flertes — ninguém acha nada de mais nisso —, mas um namorado firme, como diz mamãe, isso é coisa diferente.

Harry foi à casa de Eva uma noite dessas e ela me contou que lhe perguntou: — De

quem você gosta mais, de Anne ou de Fanny? — Ele respondeu: — Não é da sua conta. — Mas quando foi embora (eles não haviam mais conversado durante o resto da noite) disse a Eva: — Olhe, é de Anne. Até logo e não conte nada a ninguém. — E partiu, como um raio.

É fácil perceber que Harry está apaixonado por mim, e isso é divertido, para variar. Margot diria: — Harry é um rapaz direito. — Concordo, mas acho que ele é mais do que isso. Mamãe não poupa elogios: um rapaz bonito, um rapaz bem-educado, um rapaz simpático. Ainda bem que toda a família o aprova. Ele também gosta de todos, mas acha que minhas amigas são muito criançolas. No que tem toda a razão.

Sua Anne.

Manhã de domingo, 5 de julho de 1942

Querida Kitty

Os resultados dos nossos exames foram anunciados no Teatro Israelita, na sexta-feira passada. Eu não poderia ter desejado coisa melhor. Meu boletim não foi nada mau. Tive um *vix satis*, um 5 em álgebra, dois 6, e o resto, tudo 7 ou 8. Em casa ficaram muito contentes, embora, em questão de notas, meus pais sejam diferentes da maioria. Não se importam muito com as notas do meu boletim, desde que me vejam feliz, satisfeita e não muito acomodada. Acham que o resto vem com o tempo. Eu penso exatamente o contrário. Não quero ser má aluna. Realmente eu deveria estar cursando o sétimo ano da Escola Montessori, mas fui aceita na Escola Secundária Israelita. Quando todas as crianças judias tiveram de ir para escolas israelitas, o diretor aceitou-nos, Lies e eu, condicionalmente, e após um pouco de persuasão. Confiou em nós e não quero desapontá-lo. Margot, minha irmã, também recebeu o boletim, brilhante, como sempre. Passaria com louvor, se isso existisse em nossa escola, tão inteligente ela é. Papai, ultimamente, está sempre em casa, pois não tem o que fazer no escritório; deve ser horrível a pessoa se sentir sobrando. O sr. Koophuis tomou conta da Travies e o sr. Kraler da firma Kolen & Co. Há dias, quando caminhávamos pela pracinha, papai falou pela primeira vez em nos escondermos. Perguntei-lhe por que falava nisso. — Bem, Anne — respondeu ele —, você sabe que há mais de um ano estamos transportando víveres, roupas e mobília para a casa dos outros; não queremos que os alemães nos apreendam os haveres e muito menos que nos deitem as garras em cima. O melhor será desaparecermos por nossa própria conta, em vez de esperar que nos venham buscar.

— Mas, papai, quando será isso?

Ele falara tão seriamente que me deixou angustiada.

— Não se preocupe, arranjaremos tudo. Aproveite bem sua vida despreocupada enquanto puder.

Foi tudo. Oh! Que a realização destas palavras tão sombrias esteja muito distante ainda!

Sua Anne.

Quarta-feira, 8 de julho de 1942

Querida Kitty

Parece que se passaram anos de domingo até hoje. Tanta coisa aconteceu, que é como se o mundo tivesse virado de cabeça para baixo. Mas ainda estou viva, Kitty, e isso é o que importa, diz papai.

Sim, na verdade ainda estou viva, mas não me pergunte onde nem como. Você não entenderia uma única palavra, por isso vou começar lhe contando o que aconteceu no domingo à tarde.

Às três horas (Harry acabara de sair para voltar mais tarde) alguém tocou a campainha. Eu estava preguiçosamente deitada ao sol na varanda, lendo um livro, e por isso não ouvi. Pouco depois Margot apareceu na porta da cozinha, toda alvoroçada. — As SS mandaram uma notificação chamando papai — sussurrou ela. — Mamãe já foi falar com o sr. Van Daan. — (Van Daan é um amigo que trabalha na firma de papai.) Foi um choque para mim. Uma convocação! Todo mundo sabe o que isso significa! Pela minha imaginação começaram a passar campos de concentração, prisões. Permitiríamos que ele fosse condenado a isso? — É claro que ele não vai — disse Margot enquanto esperávamos juntas. — Mamãe já foi falar com os Van Daan para resolver se devemos ir para o esconderijo amanhã mesmo. Os Van Daan vão conosco, seremos sete ao todo.

Silêncio. Não conseguíamos trocar uma palavra, pensando em papai, que estava visitando uns velhinhos no Joodse Invalide [1] e nada sabia do que estava acontecendo. Enquanto esperávamos por mamãe, com aquele calor e naquela ansiedade, ficamos cada vez mais caladas e impressionadas.

Subitamente a campainha tocou. — É Harry — disse eu. Margot segurou-me, recomendando-me que não abrisse a porta, mas isso nem foi necessário, pois ouvimos mamãe e o sr. Van Daan conversando com Harry lá embaixo. Pouco depois entraram, trancando a porta. A cada toque de campainha Margot e eu nos esgueirávamos até a porta espiando com cuidado para ver se era papai. Não devíamos abrir a porta para ninguém mais.

Mamãe pediu que Margot e eu saíssemos da sala, pois o sr. Van Daan precisava lhe falar a sós. Sozinhas no quarto, Margot contou-me que a convocação não fora para papai, mas para ela. Fiquei mais assustada ainda e pus-me a chorar. Margot tem dezesseis anos. Será que eles levavam meninas dessa idade, sozinhas? Graças a Deus ela não vai. Mamãe mesma afirmou isso. Talvez papai se referisse a isso, quando falou em nos escondermos.

Esconder — para onde iríamos? Para a cidade, para o campo, para uma casa ou um chalé? Mas quando, como e onde?

Eu sabia que não podia formular essas perguntas, mas, por outro lado, não conseguia tirá-las da cabeça. Margot e eu começamos a guardar nossas coisas mais importantes nas pastas da escola. A primeira que guardei foi este diário, depois os rolinhos de cabelo, lenços,

os livros da escola, um pente, velhas cartas. Guardei as coisas mais incríveis, ao pensar que nos íamos esconder. Não me arrependo; recordações valem muito mais do que vestidos.

Papai chegou finalmente às cinco horas, e telefonamos ao sr. Koophuis para saber se podíamos ir lá à noite. Van Daan foi apanhar Miep. Miep trabalha com papai desde 1933, e tornou-se nossa amiga íntima, tanto quanto Henk, com quem se casou há pouco tempo. Miep chegou e enfiou em sua sacola alguns sapatos, vestidos, casacos, roupas de baixo e meias, prometendo voltar à noite. A casa recaiu em silêncio. Ninguém quis comer nada, o calor continuava intenso, e tudo se tornou estranho. Alugávamos o quarto grande, de cima, a um tal sr. Goudsmit, homem divorciado, de seus trinta anos. Logo naquela noite ele parecia não ter mais nada a fazer, e ficou conosco até as dez horas sem que pudéssemos livrar-nos dele, a não ser que cometêssemos alguma indelicadeza. Às onze, Miep e Henk van Santen voltaram. Novamente, meias, sapatos, livros e roupas de baixo desapareceram na bolsa de Miep e nos enormes bolsos de Henk, até que, por volta de onze e meia, eles próprios desapareceram. Eu estava exausta e, apesar de saber que aquela seria a última noite que dormiria em minha própria cama, peguei no sono imediatamente, só acordando na manhã seguinte, às cinco e meia, quando mamãe me chamou. Felizmente, o calor não estava tão intenso como no domingo; uma chuva morna e constante caiu o dia inteiro. Vestimos montes de roupas, como se fôssemos viajar para o pólo norte, com a única intenção de levá-las conosco. Nenhum judeu em nossa situação sonharia sequer em sair à rua carregando uma mala com roupas. Eu vestia duas camisetas, três calcinhas, um vestido e, sobre ele, uma saia, uma jaqueta, um casaco de verão, dois pares de meia, sapatos de amarrar, um capuz de lã, um cachecol e mais algumas coisas. Estava quase sufocando antes de sair, mas ninguém tomou conhecimento disso.

Margot encheu a sacola com livros da escola, foi apanhar a bicicleta e saiu atrás de Miep para o desconhecido — pelo menos eu nem imaginava para onde. Imagine que eu ainda não sabia onde seria o nosso esconderijo. Às sete e meia fechamos a porta atrás de nós. Moortie, minha gatinha, foi a única criatura de quem me despedi. Ela ficaria com os vizinhos e seria bem tratada. Isso ficara escrito em uma carta dirigida ao sr. Goudsmit.

Havia meio quilo de carne na cozinha para a gata, a mesa do café ainda estava posta com as xícaras e pratos usados, as camas desfeitas, tudo dando a impressão de uma partida precipitada. Mas naquele momento não estávamos preocupados com impressões, só pensávamos em sair, fugir dali e chegar em segurança, nada mais. Continuo amanhã.

Sua Anne.

Quinta-feira, 9 de julho de 1942

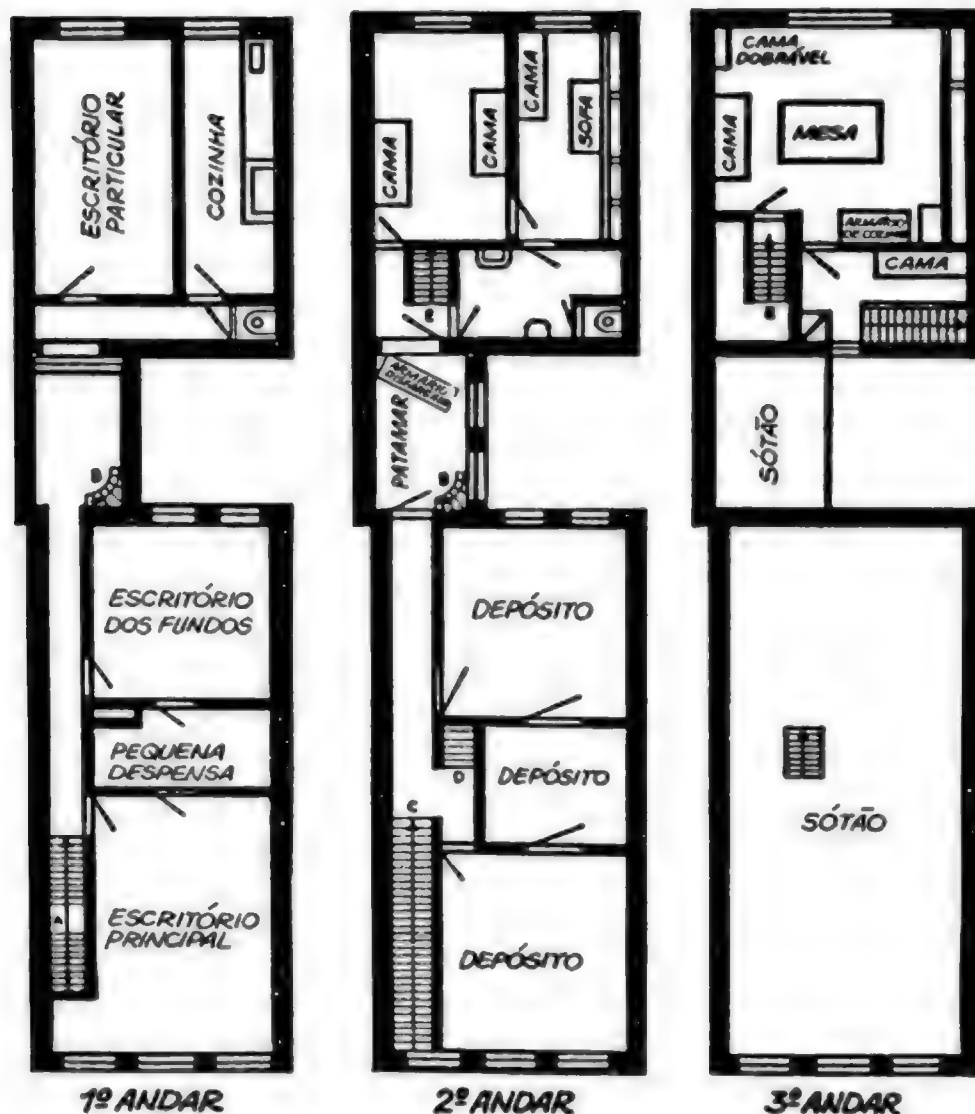
Querida Kitty

Saímos debaixo de uma chuva torrencial, papai, mamãe e eu, cada qual com uma pasta de escola e uma sacola de compras abarrotada até a boca de tudo o que pudemos colocar lá dentro.

As pessoas que iam para o trabalho olhavam-nos com simpatia. Podia-se notar em seus rostos o quanto sentiam por não poderem oferecer-nos condução, mas ali estava a chamativa estrela amarela que falava por si mesma.

Só depois de já estarmos a caminho é que mamãe e papai começaram a me dizer alguma coisa do plano. Há meses que, na medida do possível, vínhamos mudando nossos bens, mantimentos e objetos de maior necessidade, e as coisas estavam suficientemente preparadas para que fôssemos nos esconder por nossa própria conta, no dia 16 de julho. O plano tivera de ser antecipado dez dias por causa da convocação, e, desse modo, nossas acomodações não estariam muito bem organizadas, mas teríamos de nos acomodar da melhor forma possível. O esconderijo seria no mesmo edifício onde papai tinha seu escritório. É uma coisa difícil de entender, porém mais tarde explicarei. Papai não tinha muita gente trabalhando com ele: o sr. Kraler, Koophuis, Miep e Elli Vossen, uma datilografa de vinte e três anos. Todos sabiam de nossa chegada. O sr. Vossen, pai de Elli, e os dois rapazes que trabalhavam no depósito não haviam sido informados.

Vou descrever o prédio: no andar térreo há um grande armazém que é usado como depósito. A porta da frente da casa fica ao lado da porta do armazém. Do lado de dentro da porta principal há um corredorzinho que leva a uma escada. No topo da escada há outra porta de vidro fosco onde está escrito ESCRITÓRIO com letras pretas. Esse é o escritório principal, grande, bem-iluminado e espaçoso. Elli, Miep e o sr. Koophuis trabalham ali durante o dia. Um pequeno quarto escuro contendo o cofre, um guarda-roupa e um armário grande conduz a um segundo escritório, um tanto escuro também. Aqui costumam ficar o sr. Kraler e o sr. Van Daan; agora, só o sr. Kraler. Por um corredor pode-se chegar ao escritório do sr. Kraler, mas é preciso atravessar uma porta de vidro que se abre por dentro, sendo muito difícil abri-la pelo lado de fora.

Do escritório de Kraler, por um corredor comprido, passa-se pelo depósito de carvão e, subindo quatro degraus, chega-se ao salão de luxo do prédio, que é o escritório particular. Mobília escura e austera, linóleo e tapetes no chão, rádio, lustre de bom gosto, tudo de primeira. Ao lado, uma cozinha espaçosa com água quente e fogão a gás. A seguir o WC. Este é o primeiro andar.

Uma escada de madeira liga o corredor de baixo com o andar superior. Em cima há um pequeno patamar e, de cada extremidade deste, sai uma porta. A da esquerda dá para um depósito de carvão, na parte da frente da casa, e para os sótãos. Uma dessas escadas holandesas muito íngremes sai de um lado e dá para outra porta, que se abre para a rua (c).

A porta da direita dá para o nosso Anexo Secreto. Ninguém poderia imaginar que existissem tantos quartos atrás daquela porta feia e cinzenta. Diante dela há um pequeno degrau. Depois dele, uma escada íngreme (e). À esquerda, um pequeno corredor conduz ao que iria converter-se no quarto-e-sala da família Frank; ao lado, um quartinho menor seria o quarto de estudos e de dormir das duas mocinhas da família. À direita, um quarto minúsculo, sem janelas, com um pequeno lavatório e um compartimento de wc; dali saía outra porta que dava para o meu quarto e de Margot. Se você subir a próxima escada e abrir a porta lá em cima, vai ficar espantada de ver, nesta velha casa ao lado do canal, um quarto tão amplo e claro. Nesse quarto há um fogão a gás e uma pia (o quarto havia sido utilizado como laboratório). Agora, esta é a cozinha do casal Van Daan, além de ser a sala de estar, de jantar e a copa de todos nós.

O apartamento de Peter Van Daan será um minúsculo quarto-corredor. Junto ao patamar do segundo andar existe também uma água-furtada. Bem, agora você já foi apresentada ao nosso lindo Anexo Secreto.

Sua Anne.

Sexta-feira, 10 de julho de 1942.

Querida Kitty

Espero não a ter aborrecido com minhas minuciosas descrições da nossa nova casa, mas achei bom você saber onde viemos parar.

Mas, continuando a história — lembra-se, eu ainda não havia terminado —, ao chegarmos a Prinsengracht, Miep nos levou rapidamente para o nosso Anexo Secreto e, fechando a porta atrás de nós, deixou-nos sozinhos. Margot já se encontrava lá, pois viera muito mais depressa, de bicicleta. A sala de estar e todos os outros cômodos estavam incrivelmente atulhados. Todas as caixas de papelão que haviam sido mandadas para o escritório, meses antes, estavam amontoadas no assoalho e sobre as camas. O quarto menor estava entupido até o teto com roupa de cama. Era preciso começar a arrumação imediatamente, se quiséssemos dormir em camas decentes naquela noite. Mamãe e Margot não estavam em condições de mover uma palha; atiraram-se sobre as camas por fazer, exaustas, sentindo-se infelizes e não sei mais o quê. Mas os dois faxineiros da família, papai e eu, pusemos mãos à obra imediatamente.

Passamos o dia inteirinho a desfazer caixas e arrumar armários, martelando e limpando até cairmos de cansaço. Não comemos nada quente o dia todo, mas nem ligamos. Mamãe e Margot não comeram por estarem cansadas e nervosas demais, e papai e eu por estarmos muito ocupados.

Terça-feira continuamos o trabalho interrompido na véspera. Elli e Miep foram buscar nossas rações, papai melhorou o deficiente sistema de *blackout* da casa; esfregamos o chão da cozinha e assim continuamos lidando o dia inteiro.

Até quarta-feira não tive um pingo de tempo para pensar na grande mudança ocorrida em minha vida. Só agora arranjei alguns minutos para contar a você tudo o que aconteceu e, ao mesmo tempo, situar-me dentro dos acontecimentos passados e dos que ainda estão por vir.

Sua Anne.

Sábado, 11 de julho de 1942.

Querida Kitty

Mamãe, papai e Margot não conseguem se acostumar com o relógio de Westertoren, que marca as horas a cada quinze minutos. Eu já me acostumei. Aliás, gostei muito dele desde o

primeiro dia; à noite, então, parece um amigo fiel. Imagino que você vai querer saber como se sente uma pessoa que "desaparece". Pois confesso que eu também ainda não sei. Acho que neste lugar nunca vou me sentir realmente em casa, o que não significa, porém, que eu o deteste. Sinto como se estivesse em férias, morando em uma pensão esquisita. Talvez seja uma comparação meio doida, mas é assim que eu sinto. O Anexo Secreto é o esconderijo ideal. Embora seja meio inclinado para um lado e um tanto úmido, tenho certeza de que não existe esconderijo melhor em toda Amsterdam e, talvez, em toda a Holanda. Nosso quarto, a princípio, parecia muito nu, sem nada nas paredes, mas graças a papai, que havia mandado antecipadamente minha coleção de cartões-postais e de retratos de artistas de cinema, com o auxílio de cola e de um pincel, transformamos as paredes num quadro imenso. Assim ficou muito mais alegre. Assim que os Van Daan chegarem, apanharemos madeira do sótão e faremos alguns armários para as paredes e outras coisinhas para tornar o ambiente mais acolhedor.

Margot e mamãe estão agora um pouco melhor. Ontem mamãe foi para a cozinha pela primeira vez, desde que chegamos. Foi fazer uma sopa, mas acabou se distraindo, conversando lá embaixo, e se esqueceu completamente das ervilhas, que se queimaram, viraram carvão, não havendo quem as desgrudasse da panela. O sr. Koophuis trouxe-me um livro chamado *Anuário dos jovens*. Ontem, nós quatro fomos ao escritório particular e ligamos o rádio. Mas eu fiquei tão apavorada que implorei a papai que subisse comigo. Mamãe, compreendendo o que eu sentia, subiu também. Tememos, também, que os vizinhos ouçam ou suspeitem de qualquer coisa anormal. Logo no primeiro dia improvisamos umas cortinas, se é que se pode chamar aquilo de cortinas. Não passam de retalhos de fazendas, cada qual de um tamanho, qualidade e padrão, que papai e eu costuramos "daquele jeito". Essas obras de arte foram finalmente afixadas em seus lugares por meio de alfinetes de gancho, e acho que lá vão ficar até que possamos sair daqui.

À nossa direita há alguns edifícios comerciais grandes e à esquerda, uma fábrica de móveis. Ninguém fica lá depois das horas de trabalho, mas, mesmo assim, os sons conseguem atravessar as paredes. Margot foi proibida de tossir à noite, apesar de estar com um resfriado fortíssimo. Por isso nós a obrigamos a tomar fortes doses de codeína. Estou louca para que chegue terça-feira, quando os Van Daan virão se juntar a nós. Vai ser muito mais divertido e menos silencioso. O silêncio é o que mais me assusta às tardes e à noite. Gostaria demais que um dos nossos protetores pudesse dormir aqui. Não lhe posso descrever como é opressivo não poder sair nunca. Vivo também morta de medo de sermos descobertos e fuzilados. Não é uma perspectiva das mais agradáveis. Temos de falar baixinho e pisar de leve durante o dia para que o pessoal do depósito não nos ouça.

Alguém está me chamando.

Sua Anne.

Sexta-feira, 14 de agosto de 1942

Querida Kitty

Abandonei-a durante o mês inteiro, mas, francamente, as novidades são tão poucas por aqui, que não encontro nada interessante ou divertido para contar a você. Os Van Daan chegaram no dia 13 de julho. Pensávamos que chegariam no dia 14, mas de 13 a 16 os alemães andaram fazendo convocações a torto e a direito, criando grande desassossego. Assim, por segurança, resolveram vir mais cedo. Melhor um dia antes, e a tempo, do que um dia depois e tarde demais. Às nove e meia da manhã (ainda estávamos tornando café) chegou Peter, o filho dos Van Daan. Ele não tem ainda dezesseis anos; é um rapazinho molenga, tímido e desajeitado. Acho que não se pode esperar muito dele como companhia. Trouxe consigo o gato (Mouschi). O sr. e a sra. Van Daan chegaram meia hora depois, e, para divertimento geral, ela trouxe um penico enorme em sua caixa de chapéus. — Não me sinto à vontade em lugar algum sem o meu vaso — declarou ela. Seu primeiro cuidado foi, portanto, encontrar um jazigo perpétuo para ele, debaixo de seu sofá. O sr. Van Daan não trouxe o seu, mas veio carregando uma mesinha de chá dobrável, debaixo do braço.

Desde o dia em que chegaram, passamos a fazer as refeições juntos, sem a menor cerimônia, e, três dias depois, já parecíamos uma só grande família. Naturalmente, os Van Daan nos trouxeram um bocado de notícias sobre a semana extra que passaram no mundo dos vivos. Entre outras coisas, estávamos curiosos em saber o que havia acontecido em nossa casa e com o sr. Goudsmit. O sr. Van Daan contou-nos o seguinte:

— O sr. Goudsmit telefonou às nove da manhã, na segunda-feira, perguntando se eu podia dar uma chegada até lá. Fui imediatamente e o encontrei em um estado de grande agitação. Deu-me a ler uma carta que os Frank haviam deixado e queria levar a gata para a casa de um vizinho, o que me agradou. O sr. Goudsmit temia que fossem dar busca na casa e, por isso, percorremos todos os quartos, pondo um pouco de ordem e tirando a mesa do café. De repente descobri sobre a escrivaninha do sr. Frank um bloco no qual estava escrito um endereço de Maastricht. Embora eu soubesse que tinha sido deixado de propósito, fingi grande choque e surpresa e pedi ao sr. Goudsmit que rasgasse aquele malfadado papel imediatamente. Continuei fingindo que nada sabia acerca do desaparecimento de vocês, mas, depois do papelzinho, tive uma idéia luminosa. "Sr. Goudsmit", disse eu, "de repente percebi a que se refere aquele papel. Há uns seis meses, mais ou menos, esteve no escritório um oficial de alta patente que parecia muito amigo do sr. Frank e que se ofereceu para ajudá-lo em caso de necessidade. Estava sediado em Maastricht. Creio que foi fiel à sua palavra e que arranjou alguma maneira de mandá-los para a Bélgica ou para a Suíça. Talvez seja conveniente eu dizer isso aos amigos que perguntarem por eles, sem, é claro, mencionar a palavra Maastricht..." Com estas palavras, deixei a casa. Muitos de seus amigos já sabem do sucedido, visto que a história já me foi contada por vários deles.

Divertimo-nos a valer com a história e rimos ainda mais quando o sr. Van Daan nos contou como a imaginação das pessoas é capaz de deturpar os fatos reais. Uma família, por exemplo, nos vira passar de bicicleta, muito cedo, enquanto uma senhora afirmara, com toda a segurança, que um carro militar nos viera apanhar no meio da noite.

Sua Anne.

Sexta-feira, 21 de agosto de 1942

Querida Kitty

A entrada do nosso esconderijo já foi devidamente disfarçada. O sr. Kraler achou melhor colocar uma estante de livros diante da nossa porta (porque muitas casas estão sendo revistadas em busca de bicicletas escondidas). É claro que a estante tem que ser removível, para que possa ser aberta, como uma porta. O sr. Vossen foi quem construiu o móvel, sozinho. Desde que ele compartilhou nosso segredo, não sabe o que fazer para nos ajudar. Agora, se quisermos descer, teremos primeiro que nos agachar e depois dar um pulo, porque o degrau foi retirado. Nos primeiros dias fomos todos agraciados com alguns galos na cabeça de tanto bater no batente da porta. Finalmente resolvemos pregar ali um pano cheio de serragem. Vamos ver se assim melhora.

No momento, não estou estudando muito; concedi-me férias até setembro. Papai vai dar-me aulas, então. É impressionante o número de coisas que já esqueci. Nossa vida, aqui, pouco tem mudado. O sr. Van Daan e eu estamos sempre a nos irritar mutuamente. Com Margot acontece justamente o contrário, pois ele gosta muito dela. Mamãe me trata, às vezes, como se eu fosse um bebê, coisa que não suporto. Afora isso, as coisas vão indo. Não consigo gostar de Peter, ele é tão chato! Passa a maior parte do tempo deitado preguiçosamente na cama; faz, então, algum trabalho de carpintaria e logo volta a cochilar mais um pouco. Que camarada bobo!

O tempo está lindo, e, apesar de tudo, estamos aproveitando o mais que podemos, estiradas em uma espreguiçadeira, lá na água-furtada, enquanto o sol entra pela janela aberta.

Sua Anne.

Quarta-feira, 2 de setembro de 1942

Querida Kitty

O sr. e a sra. Van Daan tiveram uma briga terrível. Nunca vi coisa igual em minha vida. Mamãe e papai jamais sonhariam em gritar daquela maneira um com o outro. E o motivo foi tão banal que tudo acabou não passando de um desperdício de fôlego. Enfim, cada um como Deus o fez.

Naturalmente foi muito desagradável para Peter, que não pôde tomar partido e teve de ficar olhando. Ninguém o leva a sério. É cheio de fricotes e muito preguiçoso. Ontem, ficou todo nervoso ao descobrir que sua língua estava azul em vez de vermelha; esse estranho fenômeno da natureza desapareceu tão rapidamente como chegou. Hoje apareceu com um cachecol enrolado no pescoço; porque está com torcicolo. Além disso, "Sua Excelência" queixa-se de lumbago. Não é raro, também, queixar-se de dores em volta do coração, rins e pulmões. Acho que ele é hipocondríaco (não é esse o nome que se dá a essa gente?). Entre mamãe e a sra. Van Daan as coisas estão começando a ficar feias também, e há motivos para isso. Basta dizer, por exemplo, que a sra. Van Daan retirou do armário comum de roupa da

casa seus três lençóis. Acha muito natural que os lençóis de mamãe sirvam para todos nós. Vai ter uma surpresa daquelas quando descobrir que mamãe seguiu seu bom exemplo. Também não se conforma de ver que seu aparelho de louça está sendo usado, e não o nosso. Está sempre xeretando a fim de descobrir onde guardamos nossos pratos. Eles estão muito mais próximos do que ela pensa, guardados em uma caixa, na água-furtada, atrás de uma porção de bugigangas. Felizmente, enquanto estivermos aqui, será impossível chegar até eles. Sempre fui muito estabanada e ontem quebrei em pedacinhos um dos pratos de sopa da sra. Van Daan. Ela ficou furiosa e gritou: — Será que não podia ter mais cuidado? É o último que tenho! — O sr. Van Daan anda uma seda comigo. Tomara que dure. Mamãe passou-me outro sermão terrível hoje de manhã; não agüento mais. Nossas idéias são absolutamente opostas. Papai é um amor, apesar de ficar zangado comigo por cinco minutos seguidos. Durante a semana passada, algo veio quebrar a monotonia da nossa vida: um livro sobre mulheres, e Peter. Antes de mais nada, devo dizer que Margot e Peter têm licença de ler quase todos os livros que o sr. Koophuis nos traz, mas justamente esse livro, interditado pelos adultos, era sobre mulheres. A curiosidade de Peter despertou imediatamente. O que será que havia naquele livro que eles não podiam ler? Um dia, enquanto a mãe conversava lá embaixo, ele pegou o livro sorrateiramente e esgueirou-se para o sótão com sua presa. A mãe sabia muito bem que ele estava lendo o livro, mas não disse nada, até que o pai descobriu. Van Daan ficou uma fera, tomou o livro e pensou que o assunto estivesse encerrado. Mas ele não contava com a curiosidade do filho que, em vez de esmorecer, tornou-se a ainda mais aguçada em face da atitude do pai. Decidido a chegar ao fim, Peter ficava imaginando meios de lançar mão daquele livro tão fascinante. A sra. Van Daan perguntou a mamãe o que ela achava da proibição. Mamãe respondeu que, na sua opinião, o tal livro não convinha a Margot, mas não achava nada de mais em que ela lesse a maioria dos outros livros.

— Há uma grande diferença entre Margot e Peter — disse mamãe. — Em primeiro lugar, ela é menina, e as meninas tornam-se adultas bem mais cedo que os meninos; em segundo, Margot já leu muitos livros sérios e não anda em busca de coisas que lhe são proibidas; em terceiro, Margot é muito mais adiantada e inteligente, fato comprovado pelo fato de ela estar no quarto ano da escola.

A sra. Van Daan concordou, mas continuou a achar errado, em princípio, que crianças lessem os livros escritos para adultos.

Nesse meio tempo Peter descobriu que havia uma determinada hora do dia em que ninguém se preocupava com ele nem com o livro: era às sete e meia da noite, quando todos se reuniam no escritório particular para ouvir rádio. Foi o horário escolhido para levar novamente o livro para a água-furtada. Devia ter descido às oito e meia, mas o livro provavelmente estava tão empolgante que ele perdeu a hora. Voltou ao quarto no mesmo instante em que seu pai retornava, Você bem pode imaginar as conseqüências. Com um tapa e um empurrão o livro foi atirado na mesa e Peter mandado para a água-furtada. As coisas estavam nesse pé quando nos sentamos à mesa. Peter ia dormir sem jantar, e ninguém parecia importar-se com ele. Procuramos comer conversando e fingindo estar alegres quando, subitamente, ouvimos um assobio estridente. Paramos de comer, pálidos, olhando uns para os outros, com as fisionomias transtornadas. Ouvimos então a voz de Peter, que chegava pela

chaminé: — Eu não ia descer mesmo, ouviram? — O sr. Van Daan pôs-se de pé num salto, deixou cair o guardanapo, ficou vermelho e berrou: — Pare com isso! — Papai segurou-lhe o braço, temendo o que lhe pudesse acontecer. Ambos dirigiram-se para a água-furtada. Após grande resistência e bate-pé, Peter foi para seu quarto, onde ficou de porta fechada enquanto continuávamos a comer. A sra. Van Daan quis guardar uma fatia de pão para o pobrezinho, mas o pai ficou firme. — Se ele não pedir desculpas imediatamente, dormirá na água-furtada. — Todos nós protestamos, pois achamos que passar sem jantar já era castigo suficiente. Além do mais, Peter podia apanhar um resfriado e não poderíamos chamar um médico.

Peter não pediu desculpas; já fora para a água-furtada. O sr. Van Daan não disse mais nada, mas no dia seguinte notei que a cama de Peter fora usada. Às sete horas Peter retornou à água-furtada, mas papai conseguiu persuadi-lo a voltar por meio de algumas palavras amigas. Durante três dias as caras se mantiveram fechadas e os silêncios, obstinados. Depois, tudo voltou ao normal.

Sua Anne.

Segunda-feira, 21 de setembro de 1942

Querida Kitty

Hoje vou dar o noticiário completo.

A sra. Van Daan é insuportável. Vive às turras comigo por causa de minha tagarelice. Além do mais, está sempre nos atormentando por um motivo ou outro. Esta é a última: não lava as panelas se nelas encontrar o menor resto de comida; em vez de guardá-los em um prato de vidro, como sempre fizemos, deixa-os na própria panela para que se estraguem.

Na refeição seguinte, Margot fica às vezes com seis ou sete panelas para lavar, e aí a madame diz: — Ora veja, Margot, você tem um bocado de serviço pela frente!

Tenho estado ocupada com papai, organizando nossa árvore genealógica. Conforme vamos avançando, ele conta coisas sobre os nossos parentes — interessantíssimo! Uma semana sim, outra não, o sr. Koophuis me traz alguns livros. Estou entusiasmada com a série de *Joop ter Heul*. Gostei demais de todos os livros de Cissy van Marxveldt. Quanto a *Midsummer madness*, já o li quatro vezes e ainda dou boas risadas com algumas das situações cômicas que surgem.

O ano letivo já começou. Estou me dedicando seriamente ao francês e estou conseguindo meter na cabeça até cinco verbos irregulares por dia. Acabam de chegar alguns livros escolares, e temos um bom estoque de cadernos, lápis, borrachas e etiquetas que eu trouxe comigo. Às vezes ouço notícias holandesas transmitidas de Londres; recentemente ouvi o príncipe Bernardo falar. Ele disse que a princesa Juliana espera um bebê para janeiro. Achei lindo. Todos ficaram admirados com meu entusiasmo pela família real.

Andaram falando a meu respeito e chegaram à conclusão de que não sou completamente

burra, o que me obrigou a estudar dobrado no dia seguinte. É claro que, com catorze ou quinze anos, não vou querer permanecer no primeiro ano secundário da escola. Esteve em pauta, também, o fato de eu não poder ler muitos livros que valham a pena. Mamãe está lendo *Heeren Vrouwen en Knetchen*, ao qual não tenho acesso (Margot, sim). Dizem que antes preciso amadurecer um pouco, como minha talentosa irmã. Falou-se, então, de minha ignorância em filosofia e psicologia, matérias sobre as quais não sei absolutamente nada. Talvez para o ano que vem eu já esteja mais sabida. (Encontrei rapidamente essas palavras difíceis no Koenen [2].)

Acabo de descobrir, um tanto perturbada, que tenho apenas um vestido de mangas compridas e três casaquinhos de lã, para o inverno. Já tive permissão de papai para tricotar um suéter de lã de carneiro, branca; a lã não é das melhores, mas contanto que esquente, isso é o que importa. Temos algumas roupas em casas de amigos, mas, infelizmente, só as veremos depois de terminada a guerra, se é que elas ainda estarão lá, por esse tempo. Eu tinha acabado de escrever algo sobre a sra. Van Daan, quando ela entrou. Pá! Fechei o caderno.

— Olá, Anne, posso ver seu diário?

— Sinto muito...

— Só a última página...

— Não, desculpe, mas não pode.

Naturalmente levei um susto danado, porque exatamente nessa página havia uma descrição nada lisonjeira dela.

Sua Anne.

Sexta-feira, 25 de setembro de 1942

Querida Kitty

Ontem à noite subi para "visitar" os Van Daan. De vez em quando vou até lá para bater um papo. Uma vez ou outra é até divertido. Nessas ocasiões comem-se biscoitos de traça (a lata de biscoitos fica guardada num armário cheio de remédio contra traça) e bebe-se limonada. Ontem falamos sobre Peter. Contei-lhes que tem o costume de fazer festinhas em meu rosto e que eu gostaria que ele parasse com isso, pois não sou muito chegada a patas de meninos.

De um modo bem peculiar aos pais, perguntaram-me se eu não poderia ser mais gentil com Peter, porque ele, com toda a certeza, gostava muito de mim. Pensei comigo: "Só faltava essa!", e disse: — Oh, não! Imagine só!

Eu disse que achava Peter muito sem graça, mas que talvez fosse timidez, pois a maioria dos meninos que não têm muito contato com meninas é assim.

Devo reconhecer que o Comitê de Refugiados do Anexo Secreto (seção masculina) é um bocado astucioso. Vou lhe contar o que fizeram para que notícias nossas chegassem até o sr. Van Dijk, representante geral da Travies e grande amigo que escondeu em sua casa alguns pertences nosso. Datilografaram uma carta para um químico na Zelândia do Sul, que tem negócios com a nossa firma. Fizeram a coisa de tal modo que ele terá de mandar a resposta inclusa em envelope endereçado para o escritório. Assim, quando esse envelope voltar da Zelândia, a carta inclusa será retirada e substituída por uma mensagem escrita com a letra de papai, como sinal de vida. Ao ler a carta, Van Dijk não suspeitará de nada. Escolheram especialmente a Zelândia por estar bem próxima à Bélgica e a carta poder passar através da fronteira. Além disso, ninguém pode entrar na Zelândia sem permissão especial, portanto, se acreditarem que estamos lá, não tentarão verificar.

Sua Anne.

Domingo, 27 de setembro de 1942

Querida Kitty

Acabo de ter uma tremenda discussão com mamãe; simplesmente não nos estamos entendendo mais. Minhas relações com Margot também não são das mais cordiais. Em geral, não costumamos ter desses estouros em nossa família, e confesso que acho isso muito desagradável mesmo. Os temperamentos de Margot e de mamãe são totalmente diferentes do meu. Compreendo meus amigos muito melhor do que minha própria mãe — e isso não é nada bom.

Freqüentemente discutimos problemas de pós-guerra, como por exemplo a maneira de tratar os empregados.

A sra. Van Daan teve outro acesso de raiva. Tem um mau humor terrível. Continua a esconder seus objetos particulares. Mamãe deveria responder a cada "desaparecimento" Van Daan com um "desaparecimento" Frank. É incrível como certas pessoas têm a mania de querer educar os filhos dos outros. Os Van Daan são campeões nisso, Margot não precisa ser educada, é muito comportada, um verdadeiro modelo, mas parece que eu tenho defeitos suficientes para ambas. Você precisava ouvir-nos à hora das refeições. São reprimendas e indiretas o tempo todo. Mamãe e papai me defendem com firmeza. Se não fosse por eles, acho que eu não resistiria. Embora vivam dizendo para não falar tanto, ser mais discreta e não meter o nariz na vida dos outros, não consigo emendar-me. Se papai não fosse tão paciente comigo, eu teria até medo de desapontá-lo mais tarde, coisa que ele não merece.

Se durante as refeições sirvo-me de pouca quantidade de alguma verdura que detesto e compenso com batatas, os Van Daan, e *Mevrouw* [3] em particular, não se contêm, vendo uma criança tão cheia de vontades.

— Vamos, Anne, tire um pouco mais de verduras — diz ela, imediatamente.

— Não, obrigada, sra. Van Daan. Já tirei batatas demais — respondo, de propósito.

— Verduras fazem bem para você. Sua mãe também acha. Vamos, tire mais um pouco — insiste ela, até que papai vem em minha defesa.

Mas ela não desiste:

— Você deveria ter vivido em nossa casa. Lá, sim, fomos bem educados. É absurdo mimarem Anne desta maneira. Eu não admitiria isso, se Anne fosse minha filha!

"Se Anne fosse minha filha!" Sempre começa e termina suas aulas de moral com essa lengalenga. Graças a Deus que não o sou!

Mas, voltando ao assunto "educação", ontem, depois que a sra. Van Daan acabou de falar, reinou na sala um silêncio de morte. Então, papai disse:

— Acho que Anne está sendo muito bem educada. Uma coisa, pelo menos, ela aprendeu: a não responder a seus maçantes sermões. Quanto à verdura, faria melhor se olhasse para seu prato.

A sra. Van Daan foi derrotada. Completamente arrasada. Ela, também, se havia servido de muito pouca verdura. Mas ela não é mimada! Disse que verdura à noite dava-lhe prisão de ventre. Por que não calou a boca a meu respeito? Assim não teria que ficar arranjando desculpas esfarrapadas. O divertido é ver como ela enrubesce. Isso não acontece comigo, o que a deixa mais furiosa ainda.

Sua Anne.

Segunda-feira, 28 de setembro de 1942

Querida Kitty

Ontem tive de parar antes de ter contado tudo. Quero lhe falar de outra briga, mas antes ainda há outra coisa a dizer.

Por que será que as pessoas grandes brigam com tanta facilidade e por coisas tão bobas? Sempre pensei que apenas as crianças batiam boca e que isso passava com a idade. É claro que às vezes há razões para uma boa briga, mas, por enquanto, tem sido só implicância. Acho que seria melhor eu me acostumar, mas não consigo e acho mesmo que jamais me acostumarei, principalmente enquanto for eu o objeto de quase todas as discussões (eles usam a palavra "discussão" em vez de "briga"). Nada, absolutamente nada do que faço está certo. Minha aparência, meu gênio, minhas maneiras, tudo é discutido do A ao Z. E esperam (autoritariamente) que eu agüente suas palavras grosseiras e seus berros, em silêncio. Não estou acostumada com isso. E jamais vou me acostumar! Não vou aceitar todos os seus insultos em silêncio. Vou mostrar-lhes que Anne Frank não nasceu ontem. Vão ter uma surpresa dos diabos e talvez, então, até calem a boca, quando perceberem que quem os está educando sou eu. Uma barbaridade! Fico simplesmente revoltada com suas maneiras

horrorosas e principalmente com a estupidez da sra. Van Daan. Mas assim que eu me acostumar com isso — e não vai demorar —, vou lhes pagar na mesma moeda e não com meias medidas. Vão ter de mudar o tom!

Será que sou mesmo tão malcriada, convencida, teimosa, mandona, burra, preguiçosa, etc, etc, como todos dizem? Claro que não! Posso ter meus defeitos, como todo mundo tem, mas eles simplesmente exageram!

Kitty, se você soubesse como, às vezes, eu fico fervendo sob todas aquelas indiretas e zombarias! Não sei por quanto tempo vou agüentar e abafar a minha raiva. Qualquer dia vou explodir!

Bem, agora chega de tudo isto, acho que já aborreci bastante você com todas essas brigas. Mas, simplesmente, tenho de lhe contar uma discussão interessantíssima que ocorreu à mesa. Não sei como surgiu o assunto da extrema modéstia de Pim (apelido de papai). Mesmo as pessoas mais estúpidas são obrigadas a admitir essa qualidade de papai. Pois, de repente, vira-se a sra. Van Daan e diz:

— Eu também tenho uma natureza modesta, bem mais que meu marido.

Veja você! A própria frase já mostrava o quanto ela é pretensiosa e autoritária. O sr. Van Daan achou que devia dar uma explicação quanto ao que lhe dizia respeito.

— Eu não quero mesmo ser modesto. Na minha opinião, não vale a pena. — E dirigindo-se a mim: — Siga meu conselho, Anne. Não seja muito modesta e submissa. Não lucrará nada com isso.

Mamãe concordou, mas a sra. Van Daan, como sempre, teve de dar alguns palpites sobre o assunto. Sua observação era claramente dirigida a mamãe e a papai:

— Vocês têm um modo estranho de encarar a vida! Dizer uma coisa dessas a Anne! No meu tempo era muito diferente. Aliás, tenho certeza de que as coisas ainda são como antigamente, a não ser no moderno lar de vocês.

Era uma flechada certeira no modo como mamãe educava Margot e eu.

A essa altura, a sra. Van Daan já estava escarlate. Mamãe, bonita e fresca como uma rosa. As pessoas que enrubescem facilmente ficam afogueadas e excitadas, levando desvantagem em situações como essa. Mamãe, perfeitamente tranqüila, mas ansiosa por encerrar o assunto o mais breve possível, pensou por um momento e então disse:

— Eu também acho que leva a melhor nesta vida quem não é modesto demais. Meu marido, Margot e Peter, por exemplo, são excepcionalmente modestos, ao passo que seu marido, Anne, a senhora e eu, ainda que não sejamos o extremo oposto, não nos deixamos pressionar ou ser passados para trás.

A sra. Van Daan:

— Mas, sra. Frank, não posso concordar. Se sou tão modesta e retraída, como pode afirmar justamente o contrário?

Mamãe não se alterou:

— Eu não afirmei que fosse exatamente autoritária, mas ninguém poderá dizer que tem um temperamento acomodado.

A sra. Van Daan não se conteve:

— Vamos esclarecer as coisas de uma vez por todas. Gostaria de saber quando e como estou sendo autoritária. O que sei é que se não cuidar de mim mesma acabarei morrendo de fome.

Essa resposta absurda, em defesa própria, fez mamãe rir com gosto, o que irritou ainda mais a sra. Van Daan. Descontrolada, pôs-se a despejar palavras em alemão-holandês e holandês-alemão, até ficar completamente enrolada. Levantou-se, então, disposta a deixar a sala.

De repente, seu olhar caiu sobre mim. Você deveria tê-la visto. Para azar meu, naquele momento eu estava abanando a cabeça tristemente (meu gesto não tinha sido proposital, apenas o resultado de eu ter ouvido toda a conversa).

Nem queira saber. Ela veio em minha direção soltando uma porção de palavras grosseiras em alemão, com modos tão vulgares que mais parecia uma lavadeira — uma lavadeira ordinária de cara vermelha. Foi um verdadeiro espetáculo. Se eu soubesse desenhar, era assim que faria seu retrato. Puxa, ela é uma criatura tão grosseira, mal-educada e desagradável!

De qualquer maneira, uma coisa eu aprendi. Você só conhece mesmo uma pessoa quando tem com ela uma briga. Só então pode avaliar seu verdadeiro caráter!

Sua Anne.

Terça-feira, 29 de setembro de 1942

Querida Kitty

Coisas incríveis podem acontecer a pessoas que vivem escondidas. Imagine você que, por não termos banheira, usamos uma tina, e como há água quente no escritório (eu chamo de escritório todo o andar inferior), todos os sete fazemos uso desse luxo, por turnos.

Como somos todos diferentes uns dos outros, sendo alguns mais recatados, cada um de nós arranjou um local particular para tomar o seu banho. Peter utiliza a cozinha, apesar de sua

porta de vidro. Todas as vezes que ele vai tomar banho, passa de um em um, avisando que não passem pela cozinha durante meia hora. Ele acha que isso é suficiente. O sr. Van Daan vai para cima; certamente acha que vale a pena o trabalho de carregar a água até lá, desde que possa ficar isolado em seu quarto. A sra. Van Daan simplesmente não tomou banho até hoje; está resolvendo qual é o melhor local. Papai toma banho no escritório particular e mamãe, atrás da grade da lareira, na cozinha. Margot e eu escolhemos o escritório da frente. As cortinas estão sempre cerradas nas tardes de sábado, e, assim, tomamos nosso banho na penumbra.

Mas eu não gosto mais desse lugar, e desde a semana passada venho procurando um outro, mais confortável. Peter sugeriu-me que experimentasse o WC do escritório grande. Lá posso sentar-me, acender a luz, trancar a porta e lavar-me à vontade, livre de olhares curiosos.

Experimentei meu lindo banheiro no domingo, Foi a primeira vez, e, embora pareça maluquice, acho que é o melhor lugar da casa. A semana passada o encanador trabalhou mudando o encanamento do WC do escritório para o corredor, precaução contra o enregelamento dos canos, no caso de um inverno rigoroso. A visita do encanador esteve longe de ser agradável para nós. Não só ficamos sem água o dia inteiro, como tornou-se impossível ir ao WC. É um pouco inconveniente eu contar como superamos essa dificuldade, mas não sou tão pudica que me envergonhe de falar sobre essas coisas.

No dia em que aqui chegamos, papai e eu improvisamos um recipiente para nosso uso. À falta de um pote mais adequado, sacrificamos um vidro, desses em que se costumam guardar conservas. Pois bem, enquanto durou a visita do encanador, as oferendas da natureza foram depositadas nesse vidro, na sala de estar, durante o dia. E acho que isso não foi tão mau quanto ter de ficar o tempo todo sentada, quieta. Você não imagina o sacrifício que isso representou para "Miss Quac-Quac". Normalmente, já tenho que andar aos cochichos, mas ficar sem falar nem me mexer foi dez vezes pior. Depois de três dias inteiros" sentada, meu traseiro ficou tão entorpecido e dolorido que tive de fazer alguns exercícios, na cama, para melhorar.

Sua Anne.

Quinta-feira, 1 de outubro de 1942

Querida Kitty

Ontem, passei um susto terrível. De repente, às oito horas, a campainha tocou com força. Naturalmente pensei que alguém tivesse vindo; você sabe a quem me refiro. Fiquei mais calma quando todos disseram que devia ter sido algum moleque ou então o carteiro.

Os dias estão se tornando muito sossegados, por aqui. Lewin, um pequeno judeu, químico e farmacêutico, trabalha agora para o sr. Kraler, na cozinha. Conhece muito bem o prédio todo e, por isso mesmo, estamos sempre com medo que lhe dê na veneta ir espiar o

antigo laboratório. Temos de nos manter absolutamente quietos. Quem haveria de pensar, três meses atrás, que a temperamental Anne teria de ficar sentada, sem falar, durante horas, e, o que é mais difícil, que o conseguiria?

Dia 29 foi aniversário da sra. Van Daan. Embora não pudéssemos fazer grandes celebrações, organizamos uma festinha em sua homenagem com uma refeição mais caprichada. Ela recebeu alguns presentinhos e flores. Do marido ganhou cravos vermelhos. Parece que é tradição da família. Antes de fazer uma pausa no assunto sra. Van Daan, quero lhe dizer que ando extremamente irritada com as tentativas dela de flertar com papai. Passa a mão pelo rosto e pelo cabelo dele, puxa a saia bem para cima, faz observações espirituosas sempre com a intenção de atrair a atenção de Pim. Graças a Deus, ele não acha graça alguma nela, e a coisa morre aí. Mamãe não se comporta assim com o sr. Van Daan, e eu já disse isso bem na cara da sra. Van Daan.

Uma vez ou outra Peter sai da concha e consegue ser engraçado. Uma coisa nós temos em comum: gostamos de nos fantasiar e, com isso, divertimos os outros. Um dia ele apareceu com um dos vestidos justos da sra. Van Daan e eu vesti o terno dele. Os adultos se dobraram de tanto rir, e nós nos divertimos tanto quanto eles. Elli comprou saias novas para Margot e para mim, na Bijenkorf. A fazenda é ordinária, uma espécie de juta, mas mesmo assim custaram vinte e quatro florins uma, e sete florins e meio a outra. Que diferença, comparado ao tempo antes da guerra!

Outra coisa que eu estava guardando para fazer surpresa: Elli escreveu para uma escola comercial solicitando um curso de estenografia por correspondência para Margot, Peter e eu. Você vai ver, no ano que vem, que grandes estenógrafos seremos. De qualquer forma, acho uma coisa importante saber escrever em código.

Sua Anne.

Sábado, 3 de outubro de 1942

Querida Kitty

Ontem houve outro barulho. Mamãe armou um banzé dos diabos dizendo a papai tudo o que pensava a meu respeito. Depois, teve uma crise de choro, e é claro que eu também desatei em lágrimas. De qualquer forma, fiquei com uma terrível dor de cabeça. No final, eu disse a papai que gostava muito mais dele do que dela, e ele respondeu que isso ia passar. Não acredito que passe. Com mamãe tenho de me controlar para não perder a calma. Papai quer que eu, às vezes, me ofereça para ajudar mamãe, quando ela não está passando bem ou está com dor de cabeça. Mas não vou fazer isso. Estou estudando francês um bocado, e agora estou lendo *La belle nivernaise*.

Sua Anne.

Sexta-feira, 9 de outubro de 1942

Querida Kitty

Hoje só tenho notícias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos amigos judeus estão sendo levados embora às dúzias. Essa gente está sendo tratada pela Gestapo sem um mínimo de decência. São amontoados em vagões de gado e enviados para Westerbork, o grande campo de concentração para judeus, em Drente. Westerbork parece ser terrível: um único lavatório para centenas de pessoas e muito poucas privadas. Não há acomodações separadas para homens e mulheres, e todos têm que dormir juntos. Dizem que há muita imoralidade por causa disso, e muitas mulheres e até mocinhas obrigadas a ficar lá por muito tempo ficam esperando bebê.

Fugir é impossível; os internados ficam marcados pela sua cabeça raspada ou pela sua aparência judia.

Se é tão ruim na Holanda, imagine o que não será nas regiões bárbaras e distantes para onde são enviados? Sabemos que a maioria é assassinada. A rádio inglesa fala de morte em câmaras de gás.

Talvez esse seja o meio mais rápido de morrer. Estou terrivelmente nervosa. Mas eu não conseguia desgrudar da sala enquanto Miep contava essas coisas horríveis. Ela também está muito perturbada com tudo isso. Há pouco tempo, por exemplo, uma pobre judia, velha e aleijada, estava sentada à sua porta. Os homens da Gestapo lhe haviam ordenado que não saísse dali até que um carro a fosse apanhar. A pobre infeliz estava aterrorizada pelas bombas que as baterias antiaéreas atiravam contra os aviões ingleses e pelos poderosos fachos de luz dos refletores. Mas Miep não se atreveu a mandá-la entrar; ninguém correria esse risco. Os alemães atacam sem a menor piedade. Elli também está muito quieta. Seu namorado teve de partir para a Alemanha. Ela teme que os aviadores que sobrevoam nossas casas deixem cair suas bombas — algumas delas chegam a pesar um milhão de quilos — na cabeça de Dirk. Dizer piadas como "não é provável que ele ganhe um milhão" ou "uma bomba só é suficiente" é brincadeira de muito mau gosto. A verdade é que Dirk não foi o único que teve de partir. Trens abarrotados de rapazes partem diariamente. Às vezes, ao pararem em alguma pequena estação no meio do caminho, uns poucos conseguem fugir. Infelizmente ainda não terminei com as más notícias. Você já ouviu falar em reféns? Não posso imaginar nada mais horrível.

Cidadãos notórios — gente inocente — são atirados na prisão à espera do seu destino. Se o sabotador não for encontrado, a Gestapo simplesmente fuzila cinco reféns. As notícias dessas mortes aparecem freqüentemente nos jornais. Essas afrontas são descritas como "acidentes fatais". Boa gente, os alemães! E pensar que eu já fui alemã! Não, Hitler tirou nossa nacionalidade há muito tempo. Na verdade, alemães e judeus são os maiores inimigos do mundo.

Sua Anne.

Sexta-feira, 16 de outubro de 1942

Querida Kitty

Tenho andado ocupadíssima. Acabo de traduzir um capítulo de *La belle nivernaise*, anotando as palavras novas. Depois tive de resolver um problema de matemática e, mais, estudar três páginas de gramática francesa. Recuso-me terminantemente a resolver problemas de matemática todos os dias. Papai concorda em que são repelentes. Sou quase melhor em matemática do que ele. A verdade é que nenhum de nós sabe grande coisa e muitas vezes temos que recorrer a Margot. Para compensar, de nós três, a mais adiantada em estenografia sou eu.

Ontem terminei de ler *O assalto*. É muito divertido, mas não chega aos pés de *Joop ter Heul*. Na minha opinião, Cissy van Marxveldt é uma escritora de primeira, e já resolvi que vou dar seus livros para meus filhos lerem. Mamãe, Margot e eu estamos carne-e-unha outra vez. Assim é melhor. Margot e eu dormimos na mesma cama, a noite passada. Estava apertadíssimo, mas por isso mesmo é que foi divertido. Ela me perguntou se poderia ler meu diário. Respondi-lhe que "sim, pelo menos uns pedacinhos". Perguntei se poderia ler o dela, e ela respondeu que sim. Falamos então sobre o futuro. Perguntei-lhe o que ela queria ser. Ela não disse e até fez grande segredo, mas eu percebi que era algo relacionado com ensino. Não tenho certeza absoluta, mas acho que adivinhei. Francamente, eu não deveria ser tão curiosa!

Hoje de manhã deitei-me na cama de Peter, depois de o haver enxotado. Ele ficou furioso, mas pouco me importei. Bem que ele podia ser mais camarada, para variar. Afinal, ainda ontem eu dei a ele uma maçã.

Perguntei a Margot se me achava feia. Ela disse que eu era bastante atraente e que tinha olhos bonitos. Muito vago, não acha?

Até a próxima.

Sua Anne.

Terça-feira, 20 de outubro de 1942

Querida Kitty

Já faz mais de duas horas que tomamos o susto, e até agora minhas mãos estão tremendo. Antes, devo explicar que no prédio existem cinco extintores de incêndio e que sabíamos que alguém viria recarregá-los. Só não sabíamos a data em que o carpinteiro, ou coisa que o valha viria.

O fato é que não estávamos preocupados em fazer silêncio até que ouvimos marteladas lá fora, no patamar, em frente à porta do nosso armário. Pensei imediatamente no carpinteiro e avisei Elli, que estava almoçando conosco, que não descesse. Papai e eu nos postamos um em cada lado da porta, para escutar quando o homem fosse embora. Após ter trabalhado durante uns quinze minutos, ele pousou o martelo e outros utensílios em cima de nossa estante (pelo menos assim nos pareceu) e bateu em nossa porta. Ficamos lívidos. Talvez ele tivesse ouvido

alguma coisa e quisesse investigar. Só podia ser isso. Continuaram as batidas, os puxões, os arrancos. Quase desmaiei só em pensar que aquele estranho poderia descobrir nosso belo esconderijo. E, justamente quando pensei já ter soado minha última hora, ouvi a voz do sr. Koophuis: — Abram essa porta, sou eu! — Abrimos imediatamente. O trinco que prende a estante, que só pode ser aberto por quem conhece o segredo, havia enguiçado. Por isso, ninguém tinha podido nos prevenir a respeito do carpinteiro. O homem já havia ido embora, e Koophuis viera buscar Elli, mas não conseguira abrir. Nem consigo lhe dizer o alívio que senti. Em minha imaginação, aquele homem que queria invadir nosso esconderijo começara a crescer e se tornara um gigante, o maior fascista que já houve na face da terra.

Ainda bem que tudo se resolveu da melhor maneira. Por outro lado, divertimo-nos à beça na segunda-feira. Miep e Henk dormiram aqui. Margot e eu fomos dormir no quarto de mamãe e papai, cedendo nosso quarto aos Van Santens. O jantar estava delicioso. Houve uma pequena interrupção: queimou um fusível, e, de repente, ficamos no escuro. Que fazer? Havia alguns fusíveis na casa, mas a caixa estava guardada lá no quartinho escuro onde armazenamos tudo — nada fácil de encontrar, principalmente no escuro. Mesmo assim, os homens se aventuraram, e, dez minutos depois, pudemos apagar as velas.

Hoje levantei-me cedo. Henk precisava sair às oito e meia. Depois do café, que foi agradável, Miep desceu. Estava chovendo muito, e ela gostou de não ter que ir pedalando para o escritório. Na próxima semana é Elli que vem passar a noite conosco.

Sua Anne.

Quinta-feira, 29 de outubro de 1942

Querida Kitty

Estou preocupadíssima. Papai está doente. Está com febre alta e uma erupção vermelha que parece sarampo. Imagine você! Nem médico podemos chamar! Mamãe está lhe dando um bom suador. Talvez, depois disso, a temperatura baixe.

Esta manhã Miep contou que retiraram toda a mobília da casa dos Van Daan. Ela já anda que é uma pilha de nervos, e não estamos com a menor disposição de ouvir novos lamentos pela linda louça e as preciosas cadeiras que deixou em casa. Nós também tivemos que deixar coisas lindas. Mas de que adiantam queixas e lamentações agora?

Ultimamente tenho tido permissão para ler mais livros de gente grande. No momento, estou lendo *Eva's youth*, de Nico van Suchtelen. Não vejo grande diferença entre este livro e os romances água-com-açúcar para mocinhas. É verdade que há trechos sobre mulheres que se vendem a homens desconhecidos em ruas duvidosas. Cobram um dinheirão. Eu morreria de vergonha se me acontecesse uma coisa dessas. No livro também fala que Eva tem um período mensal. Estou doida para ter um também; parece ser tão importante!

Papai retirou da estante grande as obras de Goethe e Schiller. Vai ler todas as noites para mim. Começamos com *Dom Carlos*.

Seguindo o bom exemplo de papai, mamãe entregou-me seu livro de orações. Só por obrigação, li algumas em alemão. São lindas, mas não me dizem grande coisa. Por que me obriga a ser piedosa só para agradar-lhe?

Amanhã acenderemos a lareira pela primeira vez. Creio que a fumaça vai nos sufocar. Ninguém limpa aquela chaminé há anos. Esperemos que funcione.

Sua Anne.

Sábado, 7 de novembro de 1942

Querida Kitty

Mamãe anda tremendamente irritada, e isso, em geral, significa maus momentos para mim. Será por puro acaso que papai e mamãe jamais censuram Margot e caem em cima de mim por tudo e por nada? Veja o que aconteceu ontem à noite, por exemplo: Margot estava lendo um livro com figuras lindas. A certa altura, levantou-se e subiu. Como eu não estava fazendo nada, peguei o livro e comecei a ver as figuras. Ao voltar, Margot viu em minhas mãos o seu livro. Franziu a testa, aborrecida, e quis o livro de volta. Só porque eu quis ficar vendo mais um pouquinho, Margot foi ficando cada vez mais zangada. Foi aí que mamãe entrou na história.

— Devolva o livro. Margot é que estava lendo. Papai chegou e, sem saber de que se tratava, só de ver aquele ar infeliz na cara de Margot, desabou sobre mim:

— Queria saber como você reagiria se Margot fosse mexer em um de seus livros!

Larguei o livro imediatamente e saí da sala — ofendida, pensavam eles. Só que eu não estava ofendida nem zangada, apenas infeliz. Fora injusto da parte de papai tomar partido sem conhecimento de causa. Eu mesma teria devolvido o livro a Margot mais cedo se mamãe e papai não tivessem interferido, mas foram logo tomando as dores de Margot como se ela estivesse sendo vítima de uma grande injustiça.

É claro que mamãe ficaria do lado de Margot. Elas são inseparáveis. Já me acostumei tanto com isso que nem ligo mais aos ralhos de mamãe ou aos maus humores de Margot.

Gosto das duas, mas só porque são mamãe e Margot. Com papai é diferente. Se ele aponta Margot como exemplo, se aprova o que ela faz, se a elogia e lhe agrada, fico me roendo por dentro, porque adoro papai. Considero-o o homem ideal. Não amo ninguém no mundo, só a ele. Ele nem repara que trata Margot de modo diferente. Ora, eu sei que Margot é a menina mais linda, mais meiga e mais encantadora do mundo, mas nem por isso deixo de sentir que eu também tenho o direito de ser levada a sério. Sempre fui a boba, a desprezada da família. Sempre tive que pagar em dobro pelas coisas que faço, primeiro com as broncas que levo e, depois, por causa de meus sentimentos, que ficam tão magoados. Pois bem, não estou nada satisfeita com esse favoritismo. Quero de papai algo que ele não me pode dar.

Não tenho ciúmes de Margot. Nunca tive. Não invejo seus bons modos, sua beleza. É que eu preciso, e muito, do amor verdadeiro de papai. Não só por ser filha dele, mas por mim mesma, por mim, Anne.

Apego-me a papai porque é a única ligação sentimental que tenho com a família. Ele parece não compreender que eu, às vezes, preciso desabafar minhas mágoas contra mamãe. Não quer falar sobre isso e evita todo assunto que o obrigue a pronunciar-se sobre as faltas de mamãe. No entanto, são os defeitos de mamãe o que mais me custa aturar. Não sei como abafar meus sentimentos. Não posso estar sempre chamando a atenção para seu desmazelo, suas ironias e sua falta de carinho. Também não posso acreditar que a culpa seja sempre minha.

Somos diferentes em tudo. É natural, portanto, que entremos em choque. Não posso julgar o caráter de mamãe. Eu apenas a vejo como mãe, e é justamente isso que ela não consegue ser para mim. Sou obrigada a ser minha própria mãe. Afastei-me de todos. Eu mesma tomarei o leme de minha vida e, mais tarde, procurarei onde aportar. Tudo isso veio à tona, principalmente, porque formei uma imagem dentro de minha cabeça, a imagem do que chamar de mãe, e mamãe não tem a menor semelhança com a imagem formada.

Estou sempre me prometendo não reparar no lado mau de mamãe. Quero ver apenas seu lado bom e procurar em mim mesma o que não encontro nela. Tudo inútil. E o pior de tudo é que papai e mamãe não se apercebem desse problema em minha vida, e eu os censuro muito por isso. Gostaria de saber se alguém já conseguiu dar felicidade completa aos filhos.

Às vezes, penso que Deus está me pondo à prova; preciso tornar-me boa através de meus próprios esforços, sem exemplos nem bons conselhos. Assim, no futuro, serei mais forte.

Quem, além de mim mesma, lerá estas cartas? Quem me confortará senão eu mesma? Preciso muito de conforto, freqüentemente sinto-me fraca e descontente comigo. Minhas deficiências são grandes demais. Eu sei disso e a cada dia que passa procuro melhorar.

A maneira como me tratam é variadíssima. Um dia Anne é tão sensata que permitem que saiba de tudo; no dia seguinte, ouço dizer que Anne não passa de uma cabritinha estouvada que não sabe nada e pensa que aprendeu maravilhas nos livros. Não sou mais nenhum bebê ou criancinha mimada, para que riam do que eu digo ou penso. Tenho meus próprios pontos de vista, planos, e idéias, embora ainda não consiga expressá-los em palavras. Oh, quanta coisa ferve dentro de mim, enquanto fico deitada na cama, tendo de aturar gente que não suporto e que sempre interpreta mal minhas intenções. Eis por que, no final, acabo sempre voltando para este meu diário. Aqui começo e aqui termino, porque Kitty está sempre disposta a ouvir-me. Vou prometer-lhe que hei de perseverar, apesar de tudo, hei de encontrar meu próprio caminho e engolir minhas lágrimas. Só desejaria poder ver os resultados e também que, de vez em quando, uma pessoa que gostasse de mim me animasse e encorajasse.

Não me condene; em vez disso, lembre-se de que eu também, muitas vezes, fico a ponto de explodir.

Sua Anne.

Segunda-feira, 9 de novembro de 1942

Querida Kitty

Ontem foi o aniversário de Peter. Fez dezesseis anos. Ganhou alguns presentes interessantes, entre os quais um jogo de Monopólio, uma navalha e um isqueiro. Não que ele fume muito; só fuma para se exibir.

A maior surpresa foi dada pelo sr. Van Daan ao anunciar, à uma hora, que os ingleses haviam desembarcado na Tunísia, Argélia, Casablanca e Oran. — Este é o começo do fim — diziam todos, mas Churchill, o primeiro-ministro britânico, que provavelmente ouvira o mesmo em Londres, disse: — Isto não é o fim. Nem mesmo é o começo do fim. É talvez o fim do começo. — Você percebe a diferença? É claro que há razão para otimismo. A cidade russa de Stalingrado, que há três meses está se defendendo, ainda não caiu nas mãos dos alemães.

Mas voltemos aos negócios do nosso esconderijo. Preciso contar-lhe algo sobre nossas reservas de alimentos. Como sabe, temos uns verdadeiros glutões morando no andar superior. Compramos nosso pão de um ótimo padeiro, amigo do sr. Koophuis. Naturalmente não é tanto quanto o que recebíamos em casa, mas dá para o gasto. Também compramos, ilegalmente, quatro cartões de racionamento. O preço sobe a cada dia; custam agora trinta e três florins em vez de dois, como antigamente. É um bocado de dinheiro por um pedacinho de papel impresso! Para ter em casa, de reserva, algo durável, além das cento e cinqüenta latas de legumes, compramos cento e vinte quilos de ervilhas secas e feijão. Nem tudo é para nós; parte vai para o pessoal do escritório. Tudo costumava ficar guardado no pequeno corredor (o da porta escondida), em sacos pendurados em ganchos. Por causa do peso, alguns dos sacos rebentaram nas costuras. Decidimos que seria mais conveniente guardar nosso estoque de inverno no sótão. Peter ficou encarregado de levar tudo para cima.

Ele já tinha conseguido transportar cinco sacos intactos quando arrebentou a costura do sexto, no topo da escada, fazendo desabar uma verdadeira tempestade de feijão. Era como que uma enxurrada descendo escada abaixo. Havia no saco uns vinte e cinco quilos, e o barulho dava até para acordar os mortos. O pessoal lá embaixo pensou que a casa estivesse desabando sobre suas cabeças com tudo o que continha. (Graças a Deus não havia estranhos na casa.) Por um momento, Peter ficou apavorado. Logo, porém, ria às gargalhadas, especialmente quando me viu lá embaixo da escada, uma pequena ilha cercada de feijões por todos os lados! Na realidade, eu estava enterrada até os tornozelos, num mar de feijão. Logo procuramos recolher tudo aquilo, mas feijão é coisa pequena e escorregadia, que se mete por tudo quanto é canto e buraquinho. Agora, todas as vezes que alguém desce a escada, abaixa-se uma vez ou duas à cata de feijão, apresentando um punhado deles à sra. Van Daan. Esqueci de lhe contar que papai está quase bom.

Sua Anne.

P. S. Acabamos de ouvir pelo rádio que a Argélia capitulou. Marrocos, Casablanca e Oran estiveram nas mãos dos ingleses por vários dias. Agora estamos esperando pela Tunísia.

Terça-feira, 10 de novembro de 1942

Querida Kitty

Grandes novidades — vamos receber um oitavo hóspede. É verdade, sim! Sempre achamos que havia lugar e comida suficiente para mais um. Só temíamos causar mais transtornos a Koophuis e a Kraler. Ouvindo histórias cada vez mais atrozes sobre os judeus, papai foi falar com os dois que podiam decidir, e eles acharam a idéia excelente. Tanto era perigoso para sete como para oito. Uma vez decidido, percorremos nossos círculos de amizades procurando alguém que fosse sozinho e que se adaptasse a nossa família. Não foi difícil descobrir alguém. Depois de papai ter recusado qualquer membro da família dos Van Daan, a escolha recaiu sobre um dentista chamado Albert Dussel, cuja esposa tivera a sorte suficiente de estar fora do país por ocasião da declaração da guerra. Dizem que é pessoa sossegada e, tanto quanto se pode julgar por um conhecimento superficial, ambas as famílias acreditam que é um homem de fácil convívio. Miep também o conhece e vai arranjar as coisas para que ele possa vir morar conosco. Se vier, terá de dormir no meu quarto, no lugar de Margot, que usará a cama de armar.

Sua Anne.

Quinta-feira, 12 de novembro de 1942

Querida Kitty

Dussel ficou muito contente quando Miep lhe disse que havia arranjado um esconderijo para ele. Ela insistiu em que ele viesse o mais cedo possível, de preferência no sábado. Ele disse que talvez fosse improvável que viesse no sábado, pois antes precisava pôr em dia seu fichário, atender alguns clientes e pagar as contas. Miep contou-nos isso hoje de manhã, e achamos imprudente da parte dele adiar a vinda. Todos esses preparativos vão exigir explicações a muita gente que seria melhor conservar afastada. Miep vai falar com ele novamente, para tentar convencê-lo a vir sábado.

Dussel disse que não. Vem mesmo na segunda-feira. Acho uma idiotice ele não agarrar esta oportunidade com a maior rapidez. Se for apanhado lá fora, por acaso vai ter tempo de pôr fichários em dia, pagar contas ou atender clientes? Para que esperar? Papai não devia ter cedido. Por hoje, mais nada de novo.

Sua Anne.

Terça-feira, 17 de novembro de 1942

Querida Kitty

Dussel chegou. Tudo correu bem. Miep lhe havia dito que esperasse em um determinado local, defronte ao Correio, às onze horas, onde um homem o iria encontrar. Na hora exata, lá estava Dussel. O sr. Koophuis, que também conhece Dussel, foi-lhe ao encontro e lhe disse que o cavalheiro não pudera vir, mas perguntou-lhe se não queria dar uma chegada até o escritório para falar com Miep. Koophuis tomou um bonde e dirigiu-se para o escritório, enquanto Dussel seguiu a pé. Às onze horas e vinte minutos, batia à porta do escritório. Miep ajudou-o a tirar o sobretudo, de modo que a estrela amarela não ficasse visível, e o conduziu ao escritório particular, onde Koophuis manteve com ele uma conversa cordial até que a faxineira se retirou. Então, sob o pretexto de que o escritório particular ia ser necessário para qualquer coisa, Miep subiu com Dussel, abriu a estante móvel e entrou sob o olhar bestificado de Dussel.

Lá em cima, estávamos à espera com café e conhaque para saudar o recém-chegado. Miep fê-lo entrar antes na sala. Ele, imediatamente, reconheceu a mobília, mas não tinha a mais vaga idéia de que estávamos ali, bem em cima de sua cabeça. Quando Miep lhe contou, ele quase desmaiou de surpresa. Felizmente, Miep não lhe deu tempo para isso, levando-o imediatamente para cima.

Dussel deixou-se cair em uma cadeira, sem fala, e ficou ali parado, olhando para nós, como se não estivesse entendendo nada. Passado algum tempo gaguejou:

— Mas *aber sind* vocês não estão na Bélgica? *Ist der Militar* não veio? *Das Auto*, a fuga *si nicht* foi bem sucedida?

Explicamos que a história dos carros militares fora espalhada por nós mesmos para despistar os outros, especialmente os alemães, no caso de tentarem localizar-nos.

Dussel, novamente, não soube o que dizer diante de tanta esperteza, e, ao examinar com mais cuidado nosso superprático e ao mesmo tempo um tanto sofisticado Anexo Secreto, não continha a admiração.

Almoçamos juntos. Depois, ele foi descansar um pouco, voltando na hora do chá. Arrumou suas coisas, que Miep havia trazido antes, e começou a sentir-se mais à vontade, principalmente quando recebeu as "Regras do Anexo Secreto" (criação dos Van Daan).

Prospecto e Guia do Anexo Secreto

Instituição especial para residência temporária de judeus e similares

Aberta o ano inteiro — Bela, silenciosa, não rodeada de bosques, bem no coração de Amsterdam. Condução: bondes 15 e 17, automóvel e bicicleta. No caso especial de os alemães proibirem o uso de transportes, pode-se vir a pé.

Comida e dormida — De graça.

Dieta especial, sem gordura.

Água corrente — No banheiro (sem banho, infelizmente) e em várias paredes internas e externas.

Espaçosa sala de armazenamento — Para qualquer tipo de mercadoria.

Centro de rádio — Comunicação direta com Londres, Nova York, Tel-Aviv e várias outras estações. O aparelho só pode ser utilizado pelos residentes depois das seis da tarde. Todas as estações são permitidas. As alemãs, é claro, só em casos especiais, como música clássica, etc.

Hora de descanso — Das dez da noite às sete e meia da manhã. Aos domingos, dez e quinze. Os residentes podem descansar durante o dia, quando as condições o permitirem e segundo indicações dos diretores. Por razões de segurança, as horas de descanso devem ser estritamente observadas.

Férias (fora da instituição) — Adiadas indefinidamente.

Como falar — Obrigatoriedade de falar baixo o tempo todo. Todo idioma civilizado é permitido, portanto, nada de alemão.

Aulas — Uma aula de estenografia por semana. Inglês, francês, matemática e história, todos os dias.

Animais de estimação — Departamento especial (é necessária uma licença). Bom tratamento, exceto aos insetos nocivos.

Horário de refeições — Café da manhã, diariamente, exceto aos domingos e feriados bancários, às nove. Domingos e feriados, às onze e meia, aproximadamente.

Almoço (não muito lauto) — Das onze e quinze às quinze para as duas.

Jantar (frio e/ou quente) — Sem horário fixo, dependendo do noticiário radiofônico.

Deveres — Os residentes devem estar sempre prontos a ajudar o pessoal do escritório.

Banhos — A tina está à disposição dos residentes aos domingos, de nove horas em diante. Pode-se usar o WC, a cozinha, o escritório particular ou o escritório geral, à escolha.

Bebidas alcoólicas — Só com receita médica.

Fim

Sua Anne.

Quinta-feira, 19 de novembro de 1942

Querida Kitty

Dussel é um homem bom, tal como havíamos imaginado. Achou muito natural compartilhar meu pequeno quarto. Francamente, não gosto muito que um estranho use minhas coisas, mas devemos estar preparados para fazer sacrifícios por uma boa causa; portanto, procurarei dar minha contribuição com a maior boa vontade. — Se pudermos salvar alguém, tudo o mais é de importância secundária — diz papai, e acho que tem toda a razão. Logo no primeiro dia em que chegou, Dussel fez-me uma série de perguntas: Qual o dia de a faxineira vir? Quando se pode usar o banheiro? Quando é permitido usar a privada? Você pode achar graça, mas essas coisas não são tão simples assim num esconderijo. Durante o dia não podemos fazer qualquer ruído que possa ser ouvido lá embaixo. Se houver algum estranho, então — como a faxineira, por exemplo —, os cuidados precisam ser redobrados. Expliquei tudo isso, detalhadamente, a Dussel, mas fiquei meio decepcionada: ele parece não ter compreensão rápida das coisas. Pergunta tudo duas vezes e ainda assim parece não se lembrar. Pode ser que melhore com o tempo e talvez esteja confuso com a mudança repentina.

Fora isso, tudo corre bem. Dussel trouxe notícias lá de fora, daquele mundo que abandonamos há tanto tempo. As notícias são tristes. Não se contam os amigos e conhecidos que se foram, para um destino horrível. Noite após noite, os caminhões verdes e cinzentos do exército percorrem as ruas, roncando. Os alemães tocam as campainhas de todas as portas, perguntando se há judeus morando nas casas. Se há, toda a família tem que sair imediatamente. Em caso negativo, passam para a casa seguinte. Ninguém tem chance de escapar deles, a não ser que se esconda. Muitas vezes trazem listas e só batem onde sabem que vão encontrar presa certa. Em certas ocasiões, deixam-nos ir por dinheiro; cobram caro por cabeça. Isso faz lembrar as caçadas aos escravos, antigamente. Mas está longe de ser uma brincadeira; é trágico demais para isso. De noite, no escuro, vejo fileiras de gente boa, inocente, acompanhada de crianças que choram, caminhando, caminhando sob as ordens de dois desses camaradas valentões, maltratados até quase cair. Ninguém é poupado — velhos, crianças, mulheres grávidas, doentes —, todos têm que participar da marcha para a morte.

Que afortunados somos, tão bem-cuidados e sossegados. Não teríamos que nos preocupar com todas essas misérias, não fosse a angústia que sentimos por todas as pessoas queridas a quem não mais podemos ajudar.

Sinto remorsos por estar dormindo em uma cama quentinha enquanto tantos amigos queridos são assassinados ou tombam numa sarjeta no frio da noite. Fico apavorada ao pensar nos amigos queridos que caíram nas mãos dos brutos mais cruéis que já surgiram na face da terra. E tudo isso, só porque são judeus!

Sua Anne.

Sexta-feira, 20 de novembro de 1942

Querida Kitty

Nenhum de nós sabe, realmente, o que pensar e como encarar os acontecimentos. As notícias sobre os judeus não nos tinham tocado de perto até hoje, e achávamos melhor nos

conservar tão alegres quanto possível. Uma vez ou outra, quando Miep deixava escapar o que havia acontecido com algum amigo, mamãe e a sra. Van Daan punham-se a chorar; por isso, Miep achou melhor não contar mais nada. Mas Dussell foi crivado de perguntas, e as histórias que nos contou foram tão horrendas e apavorantes que nos será impossível tirá-las da cabeça.

Ainda assim, teremos de brincar e gracejar, uns com os outros, quando todos esses horrores forem se apagando um pouco de nossas mentes. De nada nos adiantará, e nenhum bem fará aos outros lá de fora a tristeza que reina aqui neste momento. E qual seria o objetivo de fazer do nosso Anexo Secreto o Anexo Secreto da Tristeza? Será que devo pensar constantemente naquela outra gente? E se tiver vontade de rir de alguma coisa, terei de me conter e sentir-me envergonhada por estar alegre? Deverei chorar o dia inteiro? Não, não posso fazer isso. Além do mais, com o tempo, a tristeza vai se dissipando.

Adicionada a toda essa miséria há outra, de caráter inteiramente pessoal e que me parece ínfima, insignificante diante daquelas desgraças que acabo de lhe contar. Mesmo assim, não consigo me conter, e quero lhe dizer que, ultimamente, comecei a me sentir abandonada. Sinto um vazio tão grande à minha volta! Nunca me senti assim, minhas brincadeiras, amigos e divertimentos ocupavam todos os meus pensamentos. Agora, ou penso em coisas tristes, ou em mim mesma. E, finalmente, descobri que papai, embora seja um amor, não consegue ocupar o mesmo lugar que tinha em meu pequeno mundo dos dias passados. Mas por que fico a aborrecê-la com tanta tolice? Sou uma ingrata, Kitty, bem sei. Mas fico confusa quando me perturbam demais, e, ainda por cima, não consigo parar de pensar em todas aquelas outras misérias!

Sua Anne.

Sábado, 28 de novembro de 1942

Querida Kitty

Consumimos eletricidade demais, ultrapassamos nossa cota. Resultado: a mais rigorosa economia e a perspectiva de um corte de luz. Quinze dias sem luz! Um pensamento agradável! Mas, quem sabe? Talvez nada aconteça. Já está escuro demais para se ler depois das quatro ou quatro e meia da tarde. Passamos o tempo da maneira mais doida: adivinhações, ginástica no escuro, conversas em inglês ou francês, criticando livros. Mas no fim tudo chateia. Ontem descobri um novo divertimento: espiar os quartos iluminados das casas que ficam nos fundos da nossa, por meio de um poderoso binóculo. Durante o dia não pode aparecer a mínima fresta entre as cortinas, mas à noite não há perigo. Nunca imaginei que vizinhos pudessem ser gente tão interessante. Pelos menos os nossos são. Descobri um casal fazendo uma refeição, uma família passando um filme e um dentista tratando dos dentes de uma velha visivelmente apavorada. Sempre soubemos que o sr. Dussel sabia lidar maravilhosamente com crianças e que gostava muito delas. Pois agora ele se mostrou como realmente é: um sujeito maçante e antiquado, que adora ficar pregando longos sermões sobre boas maneiras.

Como tenho o especial privilégio (?) de compartilhar com ele meu quarto —

infelizmente tão pequeno — e como sou eu que gozo da fama de ser a mais malcomportada dos três, tenho que aturar um bocado de coisas e fingir-me de surda para escapar às velhas indiretas e advertências. Tudo isso não seria tão mau se ele não fosse um fofoqueiro de primeira e não escolhesse mamãe — logo ela — para fazer as suas fofocas. Mal acabo de tomar a dose dele e lá vem mamãe. Um diz mata e outro, esfola. Depois, se é mesmo o meu dia de sorte, sou chamada a prestar contas à sra. Van Daan, e aí, sim, é que começa o verdadeiro furacão!

Olhe, não pense que é fácil ser o protótipo da malcriada em uma família de espírito hipercrítico, obrigada a permanecer num esconderijo. À noite, na cama, fico pensando nos muitos pecados e deficiências a mim atribuídos. Sinto-me confusa e, dependendo da disposição do momento, acabo chorando ou rindo.

Adormeço, então, com o propósito de querer ser diferente do que sou e do que desejo ser; talvez comportar-me de modo diferente do que quero comportar-me ou de como me comporto. Oh, meu Deus, lá estou eu tentando envolvê-la na minha confusão! Desculpe-me, mas não gosto de riscar frases escritas, e nestes dias de crise geral não nos permitem desperdiçar o menor pedaço de papel. Aconselho-a, portanto, a não ler novamente a última sentença e muito menos tentar compreendê-la. Mesmo porque, não o conseguiria!

Sua Anne.

Segunda-feira, 7 de dezembro de 1942

Querida Kitty

Hanuká [4] e o dia de São Nicolau vieram, este ano, quase ao mesmo tempo — com apenas um dia de diferença. Não fizemos grandes festas no Hanuká. Trocamos alguns presentinhos e acendemos velas. Por causa do racionamento de velas, só as mantivemos acesas durante dez minutos, mas o importante era que cantássemos a canção. O sr. Van Daan improvisou um castiçal de madeira, portanto, não faltou nada. Sábado, noite de São Nicolau, foi muito mais divertido. Miep e Elli nos deixaram curiosíssimas por estarem cochichando a todo instante com papai. Naturalmente, desconfiamos que havia algo no ar.

E havia mesmo. Às oito horas, todos nós descemos em fila pela escada e seguimos pelo corredor até o quartinho escuro (fiquei arrepiada e desejei ardentemente voltar para a segurança lá de cima). Como lá não tem janelas, pudemos acender a luz. Feito isto, papai abriu o armário grande. "Oh, que lindo!", exclamamos todos. Uma enorme cesta enfeitada de papel brilhante de São Nicolau estava lá em um canto, e por cima de tudo uma máscara de Pedro Preto.

Rapidamente levamos a cesta para cima. Havia um presentinho bonito para cada um de nós, com uma pequena poesia escrita especialmente para a ocasião. Ganhei uma boneca cuja saia serve para guardar bugigangas. Papai ganhou suportes para livros, e assim por diante. De qualquer forma, foi uma idéia linda, e como nenhum de nós jamais havia festejado São

Nicolau, foi um bom começo.

Sua Anne.

Terça-feira, 10 de dezembro de 1942

Querida Kitty

O sr. Van Daan trabalhava no comércio de carne, salsicha e especiarias. Foi por causa de seu conhecimento nesse ramo de negócios que foi aceito na firma de papai. Agora ele está mostrando suas qualidades de salsicheiro, o que não é nada desagradável.

Encomendamos uma boa quantidade de carne (no câmbio negro, é claro) para fazer conserva, tendo em vista os maus tempos que poderão vir. Foi engraçado ver, primeiro, a maneira como os pedaços de carne eram passados pela máquina de moer, duas ou três vezes; depois, como os outros ingredientes eram acrescentados à carne já moída e, finalmente, como a tripa era recheada com o auxílio de um bico, ficando prontas, então, as salsichas. Fritamos a carne que sobrou e a comemos com chucrute na hora do jantar, mas as salsichas Gelderland tinham de secar completamente; por isso, penduramos todas elas num pedaço de pau amarrado ao teto com barbante. Todos os que chegavam à sala desatavam a rir ao dar com aquela fileira de salsichas penduradas. Estava mesmo engraçado de se ver!

O quarto ficou numa bagunça indescritível. O sr. Van Daan usava um dos aventais da esposa amarrado em torno de sua volumosa figura (parecia ainda mais gordo do que é) e lidava com a carne. Mãos sujas de sangue, rosto avermelhado e avental todo manchado, mais parecia um açougueiro. A sra. Van Daan tentava fazer várias coisas ao mesmo tempo, como, por exemplo: aprender holandês por meio de um livro, mexer a sopa, dar palpites no trabalho do marido e suspirar queixando-se de dor na costela partida. Isso é o que acontece a senhoras idosas (!) quando tentam fazer exercícios idiotas para diminuir seus enormes traseiros!

Dussel teve uma inflamação no olho e o estava banhando com chá de camomila, ao pé do fogo. Pim, que estava sentado perto da janela aproveitando um pouquinho de sol, era empurrado continuamente de um lado para outro. Além do mais, creio que seu reumatismo o estava incomodando, pois exibia um ar infeliz, todo curvado, a observar a trabalheira do sr. Van Daan. Parecia-se exatamente com um daqueles velhinhos enrugados e curvos que se vêem nos asilos. Peter ficava dando voltas no quarto, com o gato, fazendo acrobacias. Mamãe, Margot e eu descascávamos batatas, e é claro que fazíamos tudo errado, pois, na verdade, estávamos é observando o trabalho do sr. Van Daan.

Dussel abriu seu consultório dentário. Só para você rir um pouco, vou lhe contar a história de seu primeiro cliente. Mamãe estava passando roupa, e a sra. Van Daan foi a primeira a enfrentar a penosa prova. Sentou-se na cadeira no meio da sala. Dussel começou a tirar os instrumentos da sua maleta, com ares importantes. Pediu um pouco de água de colônia para usar como desinfetante e vaselina para substituir a cera.

Examinou a boca da sra. Van Daan e encontrou dois dentes que, ao toque, a faziam

dobrar-se toda, como se fosse desmaiar, soltando grunhidos de dor. Após um demorado exame (no caso da sra. Van Daan não durou mais do que dois minutos), o sr. Dussel começou a raspar um dos orifícios. "Mas não fique preocupada!" — a coisa ia além de suas possibilidades; — a paciente agitava braços e pernas em todas as direções até que, em certo momento, ele largou o instrumento de raspar... que ficou espetado no dente da sra. Van Daan!

Aí então a coisa ficou preta! Ela berrou (tanto quanto era possível com um instrumento como aquele grudado em seu dente), tentou arrancar o instrumento da boca, mas só conseguiu empurrá-lo ainda mais para o fundo. O sr. Dussel, com as mãos na cintura, ficou tranqüilamente a assistir a toda a cena. O resto do auditório não se conteve e ria a mais não poder. Foi feio de nossa parte porque eu, pelo menos, sei que gritaria ainda mais do que ela. Finalmente, depois de muito virar-se, gritar, sapatear e gemer, ela conseguiu livrar-se do instrumento, e Dussel continuou a trabalhar como se nada houvesse acontecido!

E o fez tão rapidamente que a sra. Van Daan nem teve tempo de recomeçar com seus fricotes. Mas ele nunca teve tantos ajudantes em sua vida. Dois, pelo menos, lhe foram de grande utilidade: o sr. Van Daan e eu, que nos desempenhamos bem de nossas funções. A cena parecia uma pintura da Idade Média intitulada *Um charlatão em ação*. Nesse meio tempo, a paciente já se impacientara, pois tinha de vigiar a "sua" sopa, a "sua" refeição. Uma coisa posso garantir: a sra. Van Daan não vai se arvorar novamente em ser atendida antes dos outros!

Sua Anne.

Domingo, 12 de dezembro de 1942

Querida Kitty

Estou sentada confortavelmente no escritório principal, olhando a rua através de uma fresta da cortina. Já está anoitecendo, mas ainda há luz suficiente para eu lhe escrever.

Essa gente que passa forma um quadro estranho; parece que está sempre com pressa, quase tropeçando nos próprios pés. Os ciclistas, então, é difícil acompanhá-los, na velocidade em que vão. Não consigo sequer identificar a pessoa que vem na bicicleta.

O povo da redondeza não é muito atraente. As crianças, principalmente, são tão sujas que você não ousaria aproximar-se delas. Verdadeiros moleques de rua, sempre com o nariz escorrendo. Quase não consigo entender o que dizem.

Ontem, à tarde, enquanto estava aqui com Margot tomando banho, falei:

— Imagine se fisgássemos estas crianças, uma a uma, com uma vara de pescar e as lavássemos, remendássemos suas roupas e depois as devolvêssemos à rua...

Margot interrompeu-me:

— Amanhã estariam tão sujas e maltrapilhas como agora.

Mas só estou contando bobagens quando há tantas outras coisas para ver: carros, barcos e chuva. Gosto particularmente do rangido agudo dos bondes quando passam.

Não há maior variedade em nossos pensamentos do que em nós mesmas. Eles andam em círculos como um carrossel — dos judeus para a comida, da comida para a política. A propósito, falando de judeus, ontem vi dois deles através da cortina. Quase não pude acreditar no que meus olhos viam; tive a sensação horrível de os ter traído e estar agora a observá-los em toda a sua miséria. Bem à nossa frente há uma casa flutuante na qual vivem o barqueiro e sua família. Eles têm um cãozinho que está sempre latindo. Nós o conhecemos pelos latidos e pelo rabo, que é a única coisa que se vê quando ele corre em volta do convés. Ui! Começou a chover, e a maioria das pessoas se abriga embaixo de guarda-chuvas. Vejo apenas as capas de chuva e, ocasionalmente, a parte de trás do chapéu. Também não preciso ver mais do que isso. Gradualmente estou aprendendo a reconhecer as mulheres: carregadas de batatas, usam casacos verdes ou vermelhos, sapatos acalcanhados, e carregam sempre uma bolsa debaixo do braço. Suas fisionomias são afáveis ou carrancudas, de acordo com a disposição dos maridos.

Sua Anne.

Terça-feira, 22 de dezembro de 1942

Querida Kitty

O Anexo Secreto acolheu com grande alegria a notícia de que cada pessoa receberia, extra, no Natal, cento e vinte e cinco gramas de manteiga. O jornal dizia duzentos e cinqüenta gramas, mas isso apenas para os felizes mortais possuidores de cartões de racionamento fornecidos pelo governo, e não para judeus escondidos, que só podem comprar quatro cartões ilegais em vez de oito.

Todos nós vamos fazer alguma extravagância com a manteiga que nos coube. Eu fiz alguns biscoitos e dois bolos, hoje de manhã. Todo mundo está atarefadíssimo, lá em cima, e mamãe achou melhor que eu não subisse, até que os serviços domésticos estivessem terminados.

A sra. Van Daan está de cama, com a costela machucada, e reclama o tempo todo. Pede que lhe troquem constantemente as ataduras, e nunca está satisfeita com coisa alguma. Vou ficar contente de a ver curada e cuidando de seus próprios afazeres, porque uma coisa é preciso que se diga em seu favor: é uma mulher excepcionalmente trabalhadeira e amiga da ordem, quando está bem de saúde e em paz com os outros. É também muito alegre.

Agora, como se eu já não ouvisse bastante "psiu" de dia, meu companheiro de quarto deu para fazer-me "psiu" durante a noite também. Por ele, eu não poderia nem virar-me na cama! Recuso-me a tomar o menor conhecimento e da próxima vez vou devolver-lhe o "psiu".

Aos domingos, principalmente, fico uma fera quando ele acende a luz bem cedinho para

fazer ginástica. Para mim, parece que aquilo dura horas, enquanto eu, pobre criatura, fico sentindo as cadeiras, postas à minha cabeceira para aumentar a cama, escorregar de um lado para outro sob minha cabeça tonta de sono. Quando termina os exercícios com um amplo movimento de braços para relaxar os músculos, "Sua Excelência" começa sua toalete. As calças estão ali mesmo, penduradas diante de seu nariz, mas ele acha conveniente andar de um lado para outro para apanhá-las. Depois, esquece a gravata que está sobre a mesa e volta aos encontrões, esbarrando nas cadeiras para pegá-la.

Mas não quero aborrecê-la mais falando de velhotes. Não melhora em nada as coisas, e os meus planos de vingança (tais como desatarraxar a lâmpada, trancar a porta, esconder a roupa dele) têm de ser abandonados no interesse da paz comum. Puxa, estou ficando tão sensata! Aqui tenho de usar o raciocínio para tudo: para aprender a obedecer, a calar a boca, a ajudar os outros, a ceder e não sei mais quanta coisa. Estou com medo de fundir a cuca cedo demais, ainda mais que não devo ter muito a fundir. Não vai sobrar nada para quando acabar a guerra.

Sua Anne.

Quarta-feira, 13 de janeiro de 1943

Querida Kitty

Tudo me irritou esta manhã, e eu não consegui fazer nada direito.

Lá fora as coisas estão terríveis. Dia e noite, centenas daquelas pobres e infelizes criaturas são arrastadas com apenas uma mochila e um pouco de dinheiro. No meio do caminho até isso lhes tomam. Famílias são separadas. Homens, mulheres e crianças são separados. Crianças voltam da escola e não encontram mais seus pais. Mulheres voltam das compras e dão com a casa fechada e a família desaparecida.

Os holandeses também andam apreensivos, pois seus filhos estão sendo mandados para a Alemanha. O medo é geral.

A cada noite, centenas de aviões sobrevoam a Holanda em direção às cidades alemãs, onde a terra é revolvida pelas bombas que eles deixam cair. E, a cada hora, centenas e milhares de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém está a salvo, o mundo inteiro está em luta, e, embora os Aliados pareçam estar levando a melhor, o final ainda é imprevisível.

Quanto a nós, somos uns afortunados. Sim, temos mais sorte do que milhares de pessoas. Estamos em local tranqüilo e seguro, vivendo do capital. E somos egoístas a ponto de falar animadamente em "depois da guerra", pensando nos sapatos e roupas novas que compraremos, quando deveríamos economizar cada tostão, isso sim, para ajudar as outras pessoas e contribuir para a reconstrução dos escombros deixados pela guerra.

As crianças que passam por aqui usam apenas uma blusa leve e tamancos; nada de

casaco, gorro, meias. Ninguém se importa com elas. Seus estômagos estão vazios, e elas mastigam uma cenoura velha para acalmar a fome. Saem de suas casas geladas para a rua gelada e, quando vão para a escola, reúnem-se em uma sala de aula mais fria ainda. Sabe, as coisas vão mal aqui na Holanda, e não se conta o número de crianças que param os transeuntes na rua para pedir um pedaço de pão. Eu poderia ficar lhe falando durante horas sobre os sofrimentos causados pela guerra, mas isso só me tornaria ainda mais infeliz. Nada podemos fazer a não ser esperar que todas essas desgraças cheguem ao fim. Judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera. E há os que esperam pela morte.

Sua Anne.

Sábado, 30 de janeiro de 1943

Querida Kitty

Estou tremendo de raiva e tenho que disfarçar. Minha vontade é bater os pés, gritar, dar uma boa sacudidela em mamãe, chorar e mais uma porção de coisas, por causa das palavras detestáveis, dos olhares zombeteiros, das acusações com que me atingem diariamente, sem descanso e que, como setas partidas de um arco retesado, acertam no alvo e são difíceis de arrancar de meu corpo.

Tenho vontade de gritar com Margot, Van Daan, Dussel — e com papai também: — Deixem-me em paz, deixem-me dormir ao menos uma noite sem molhar de lágrimas meu travesseiro, sem ficar com os olhos inchados e a cabeça latejando. Deixem-me desaparecer, sumir do mundo! — Mas não posso fazer isso, não quero que saibam do meu desespero, não quero que vejam as feridas que me causam. Não suportaria a piedade deles nem seus carinhos "compreensivos". Ficaria com vontade de gritar mais alto ainda. Se falo, sou exibicionista; se me calo, ridícula; se respondo, sou grosseira; se tenho uma idéia nova, metida a sabichona; preguiçosa, se estou cansada; egoísta, se como um pouco mais do que devia; estúpida, covarde, espertalhona, etc, etc O dia inteiro ouço que sou uma criança insuportável, e embora eu ria do que dizem e finja não me importar, eu me importo, sim. Queria pedir a Deus que me desse um gênio diferente, que não irritasse a todo mundo. Mas isso não pode ser feito. Tenho o gênio que tenho, e tenho a certeza de que ele não é tão ruim assim. Faço tudo para agradar às pessoas, muito mais do que elas imaginam. Tento rir de tudo porque não quero que percebam meu sofrimento. Mais de uma vez, depois de uma série infindável de acusações injustas, virei-me para mamãe, com maus modos: — Pouco me importo com o que dizem. Deixem-me em paz. Sei que não presto, que sou um caso perdido! — É claro que sou então tachada de malcriada e absolutamente ignorada por todos durante dois dias. Então, aos poucos, a coisa vai caindo no esquecimento, e torno a ser tratada como gente. É impossível para mim ser doce em um dia e destilar veneno no outro. Eu escolheria o meio-termo de ouro (que não é tão dourado assim): guardar meus pensamentos só para mim e, de uma vez por todas, desprezá-los como eles me desprezam. Ah, se eu pudesse ser assim!

Sua Anne.

Sexta-feira, 5 de fevereiro de 1943

Querida Kitty

Embora eu não tenha mais escrito sobre nossas brigas, elas não sofreram qualquer alteração. A discórdia, há muito aceita por nós, atingiu o sr. Dussel como uma catástrofe, a princípio. Agora ele já está se acostumando e procura não se aprofundar no assunto. Margot e Peter não têm um pingo do que se pode chamar "juventude", de tão parados e acomodados que são. Meu contraste com eles é gritante, e estou sempre ouvindo: — Você não vê Margot ou Peter fazerem isso. Por que não segue o exemplo deles? — Deus me livre! Sabe, eu não gostaria nem um pouco de ser como Margot. Ela é meiga e passiva demais para o meu gosto. Faz o que os outros gostam e cede sempre. Eu quero ter uma personalidade mais forte! Mas guardo essas idéias para mim mesma. Eles ririam de mim se eu me saísse com uma dessas para explicar minha atitude.

A atmosfera às refeições é normalmente tensa. Felizmente, os estouros são muitas vezes amenizados pelos "tomadores de sopa". Os "tomadores de sopa" são pessoas do escritório que vêm nos visitar e são servidos de um prato de sopa. Esta tarde, o sr. Van Daan tornou a mencionar o fato de Margot comer pouco. — Com certeza, é para manter a silhueta — disse ele, para arreliar. Mamãe, que sempre defende Margot, não deixou passar a ironia e falou alto: — Não agüento mais essa sua conversa idiota. — O sr. Van Daan ficou vermelho como uma pimenta e passou a olhar para a frente, sem dizer uma palavra. Geralmente, rimos das coisas que acontecem. Há poucos dias a sra. Van Daan saiu-se com uma de amargar! Recordava o passado, como se dava bem com o pai e como gostava de namorar.

— Sabem — disse ela —, meu pai dizia que, quando um homem se torna atrevido, você deve dizer: "Sr. Fulano, lembre-se de que sou uma senhora!" Ele compreenderá o que você quer dizer.

Achamos a história gozadíssima e rimos para valer. Peter, também, apesar de normalmente calado, de vez em quando faz a gente rir. É louco por palavras estrangeiras, embora muitas vezes não saiba seu significado. Uma tarde, estávamos proibidos de ir à privada por haver visita no escritório. Pois bem, Peter precisou ir lá com urgência, mas não pôde dar a descarga. Então, para prevenir os outros, pôs um bilhete na porta com os seguintes dizeres: "s.v.p. gás". O que ele queria escrever era "Cuidado com o gás", mas achou a outra forma mais sofisticada, sem saber que queria dizer, em francês, "por favor".

Sua Anne.

Sábado, 27 de fevereiro de 1943

Querida Kitty

Pim espera a invasão a qualquer instante, Churchill teve pneumonia, mas está se recuperando devagar. Gandhi, o indiano que tanto ama a liberdade, está fazendo seu décimo ou mais jejum em sinal de protesto. A sra. Van Daan declara-se fatalista; entretanto, quem é a

mais apavorada quando se ouvem tiros? Petronella, mais ninguém.

Henk trouxe-nos uma cópia da carta do bispo aos fiéis. Era linda e inspiradora. — "Não descanse o povo dos Países Baixos. Todos estão lutando com as armas de que dispõem para libertar o país, o povo e a religião. Ajudem-se mutuamente, sejam generosos, não desanimem!" — É isso o que eles pregam, dos púlpitos. Exatamente isso. Será que vai adiantar? Para os de nossa religião sei que não vai adiantar.

Você nem pode imaginar o que nos aconteceu agora. O dono deste prédio acaba de vendê-lo sem informar nada a Kraler e Koophuis. Um dia, de manhã, o novo proprietário apareceu com um arquiteto para dar uma olhadela na casa. Felizmente o sr. Koophuis estava presente e mostrou aos cavalheiros tudo, menos o Anexo Secreto. Fingiu ter esquecido a chave da porta de comunicação. O novo dono não fez mais perguntas. Enquanto não resolver voltar para ver o Anexo Secreto, tudo vai bem para nós. Caso contrário, as coisas vão ficar pretas.

Papai esvaziou uma caixa de arquivo e colocou cartões novos para Margot e para mim. É para catalogar livros. Anotamos nas fichas os livros que lemos, seus autores, etc. Consegui outro caderninho de notas para palavras estrangeiras.

Ultimamente, minhas relações pessoais com mamãe têm melhorado; mesmo assim, nunca trocamos confidências. Margot está mais implicante do que nunca, e papai está escondendo alguma coisa que não quer contar, mas continua o mesmo amor de sempre.

Nova ração de manteiga e margarina na mesa! Cada pessoa já encontra em seu prato sua pequena porção de gordura. Em minha opinião, os Van Daan não são corretos na distribuição. Meus pais, entretanto, têm tanto medo de brigas que preferem não dizer nada. É uma pena. Acho que com gente assim tem que ser olho por olho, dente por dente.

Sua Anne.

Quarta-feira, 10 de março de 1943

Querida Kitty

Ontem à noite houve um curto-circuito, justamente quando era mais intenso o reboar dos canhões. Ainda não consegui superar meu medo de tudo o que se relacione com bombas, tiros e aviões, e quase todas as noites corro para a cama de papai em busca de proteção. Eu sei que é uma atitude muito infantil, mas você não pode imaginar o que isso significa. Os canhões antiaéreos estrondeavam tão alto que não se conseguia ouvir o som das próprias palavras. A sra. Van Daan, a fatalista, estava à beira do pranto e dizia, numa voz sumida: — Oh, que coisa desagradável! Atiram com tanta força! — O que ela realmente queria dizer era: — Estou apavorada!

Com a vela acesa, a coisa não parecia tão assustadora quanto no escuro. Eu tremia como se estivesse com febre, e pedi a papai que acendesse a vela outra vez. Ele não se comoveu e manteve-se firme. De repente, ouviu-se uma rajada de metralhadora, que é dez vezes pior que

a de um canhão. Mamãe pulou da cama e, mesmo contra a vontade de papai, acendeu a vela. Quando ele reclamou, ela o enfrentou com firmeza.

Já lhe contei sobre os outros medos da sra. Van Daan? Acho que não. Já que me decidi a mantê-la informada sobre tudo o que acontece no Anexo Secreto, vou lhe contar isto também. Certa noite, a sra. Van Daan julgou ter ouvido ladrões na água-furtada. Ouviu passos fortes e assustou-se tanto que acordou o marido. Exatamente naquele momento, os ladrões desapareceram, e o único ruído que o sr. Van Daan conseguia ouvir eram as batidas do coração da apavorada fatalista.

— Oh, Putti (é o apelido do sr. Van Daan), devem ter levado toda a nossa salsicha, o feijão e as ervilhas. E Peter? Será que está salvo na cama dele?

— Ora, é claro que ninguém vai roubar Peter. Não me aborreça e me deixe dormir.

Mas foi inútil. A sra. Van Daan estava nervosa demais para poder conciliar o sono. Algumas noites mais tarde toda a família Van Daan foi despertada por ruídos de assombração. Peter foi para a água-furtada com uma lanterna, e foi uma correria, uma verdadeira correria! Quem você pensa que saiu correndo? Um bando de ratos enormes! Ao sabermos quem eram os ladrões, pusemos Mouschi de guarda lá em cima, e os convidados indesejáveis não tornaram a aparecer. Pelo menos durante a noite.

Há coisa de duas noites, Peter subiu ao sótão para apanhar alguns jornais velhos. É preciso segurar o alçapão com firmeza para poder descer os degraus. Pois bem, ele foi colocando a mão sem olhar... e veio rolando pela escada com o susto e a dor. Sem querer, tinha posto a mão em cima de um rato enorme, que lhe dera uma boa dentada. Quando chegou até nós, branco como um papel, seus joelhos tremiam, e o pijama estava ensopado de sangue. Não é para menos. Não é fácil alisar um ratão. Ser mordido por ele, então, deve ter sido horrível.

Sua Anne.

Sexta-feira, 12 de março de 1943

Querida Kitty

Permita-me apresentar-lhe uma pessoa: mamãe Frank, defensora da juventude! Manteiga extra para os jovens; os problemas da juventude moderna; em qualquer circunstância, mamãe defende sempre os jovens e, depois de alguma discussão, acaba sempre levando a melhor. Um vidro de peixe em conserva estragou-se: jantar de gala para Mouschi e Moffi (Boche). Você ainda não conhece Boche, embora ele morasse aqui bem antes de virmos esconder-nos. É o gato do escritório e o matador de ratos do depósito. Seu nome, um tanto estranho e político, exige explicação. Por algum tempo, a firma possuiu dois gatos: um para o depósito e outro para a água-furtada. Bem, todas as vezes que esses gatos se encontravam por acaso, o resultado era uma briga feroz. O agressor era sempre o gato do depósito; entretanto, quem sempre saía ganhando era o da água-furtada — exatamente como acontece entre as nações. Por

isso o gato do depósito foi chamado de Alemão, ou Boche, enquanto o da água-furtada recebeu o nome de Inglês, ou Tommy. Deram sumiço em Tommy antes que viéssemos para cá, e sempre que descemos somos recebidos por Moffi.

Temos comido tanto feijão que já não agüento mais ver essa comida na minha frente. Só de pensar, fico enjoada. Agora já não comemos pão à noite. Papai acabou de dizer que não está muito bom. Seu olhar está de novo muito triste. Coitado!

Não consigo largar de um livro chamado *The knock at the door*, de Ina Boudier-Bakker. A história da família está excepcionalmente bem escrita. Fora isso, é sobre a guerra, escritores e emancipação feminina, e, para falar francamente, não estou muito interessada.

Tremendos ataques aéreos sobre a Alemanha. O sr. Van Daan está de mau humor. Motivo: falta de cigarros. As discussões sobre se devíamos ou não comer as verduras em conserva terminaram em nosso favor.

Não tenho mais um par de sapatos que me sirva, a não ser as botas de esquiar, que não posso usar em casa. Um par de sandálias de palha que custou seis florins e meio durou apenas uma semana. Depois disso, só jogando fora. Talvez Miep me arranje alguma coisa no câmbio negro. Preciso cortar o cabelo de papai. Pim garante que não vai querer outro barbeiro depois da guerra, pois meu trabalho é perfeito. Se ao menos eu não picasse suas orelhas tantas vezes!

Sua Anne.

Quinta-feira, 18 de março de 1943

Querida Kitty

A Turquia entrou na guerra. Grande entusiasmo. Ansiosos aguardamos notícias.

Sua Anne.

Sexta-feira, 19 de março de 1943

Querida Kitty

Uma hora depois da alegria tivemos uma decepção. A Turquia ainda não entrou na guerra. Foi apenas uma declaração do ministro sobre a renúncia do país à neutralidade. Um jornaleiro da Dam [5] estava gritando "A Turquia do lado da Inglaterra". Os jornais foram arrancados de suas mãos. Eis como a boa nova chegou até nós. As notas de quinhentos e mil guilder foram declaradas sem valor. É uma armadilha para apanhar os que negociam no mercado negro, mas, principalmente, as pessoas que possuem outras espécies de dinheiro "negro" e os que vivem escondidos. Quem quiser trocar uma nota de mil guilder terá de declarar e provar como a conseguiu. Ainda podem ser usadas no pagamento de impostos, mas somente até a semana que vem. Dussel recebeu um aparelho antigo de dentista, que funciona por meio de um pedal. Espero que logo ele me faça um exame completo. A *Führer aller*

Germanen andou entrevistando soldados feridos. Dava pena ouvi-los. As perguntas e respostas eram sempre mais ou menos as mesmas:

— Meu nome é Heinrich Scheppel.

— Ferido onde?

— Perto de Stalingrado.

— Que espécie de ferimento?

— Dois pés enregelados e amputados e uma junta fraturada no braço esquerdo.

Foi exatamente assim a deprimente apresentação do espetáculo de marionetes, no rádio. Os feridos pareciam orgulhar-se dos seus ferimentos — quanto mais, melhor. Um deles ficou tão emocionado de apertar a mão do Führer (se é que ainda tinha mão) que mal conseguiu gaguejar algumas palavras.

Sua Anne.

Quinta-feira, 25 de março de 1943

Querida Kitty

Ontem, mamãe, papai, Margot e eu estávamos sentados tranqüilamente, quando Peter entrou e cochichou qualquer coisa no ouvido de papai. Ouvi alguma coisa a respeito de "um barril derrubado no depósito" e "gente mexendo na porta". Margot ouviu também, mas assim que papai e Peter saíram ela procurou me acalmar, pois eu estava branca como cera e nervosíssima. Ficamos à espera, assustadas. Daí a um ou dois minutos a sra. Van Daan veio para cima. Disse-nos que estava ouvindo rádio no escritório particular e que Pim lhe pedira que desligasse o aparelho e subisse sem fazer o menor ruído. Mas você sabe como são as coisas quando a gente não quer fazer barulho: cada degrau parecia ranger o dobro do comum. Não se haviam passado cinco minutos quando Peter e Pim retornaram, lívidos até a raiz dos cabelos, contando-nos suas experiências.

Haviam-se escondido debaixo da escada, a princípio sem resultado. De repente — sim, preciso contar isto a você —, eles ouviram dois baques fortes, como se duas portas tivessem batido aqui, dentro de casa. Pim subiu a escada de um pulo. Peter avisou Dussel em primeiro lugar, que subiu depois de muito barulho e confusão. Depois, fomos todos, só de meias, para os aposentos dos Van Daan, lá em cima. O sr. Van Daan estava deitado, resfriadíssimo. Tivemos que nos aproximar de sua cama para sussurrar-lhe nossas suspeitas.

Cada vez que o sr. Van Daan tossia, a sra. Van Daan e eu ficávamos tão assustadas que pensávamos que íamos ter um ataque de nervos. Isso até que uma de nós teve a brilhante idéia de lhe dar algumas gotas de codeína, que acalmou a tosse imediatamente. Esperamos e tornamos a esperar, mas como não ouvimos mais nada chegamos à conclusão de que os

ladrões haviam fugido ao ouvir passos na casa normalmente silenciosa.

O pior era que o rádio, lá embaixo, havia ficado ligado, sintonizado na Inglaterra, com as cadeiras arrumadinhas à sua volta. Se a porta tivesse sido forçada e os vigias antiaéreos tivessem observado qualquer anormalidade e avisado a polícia, as conseqüências poderiam ter sido bem desagradáveis. Por isso o sr. Van Daan levantou-se, enfiou a capa, pôs o chapéu e acompanhou papai até lá embaixo, com todo o cuidado. Peter seguiu na retaguarda, empunhando um enorme martelo, para caso de emergência. As senhoras, em cima (incluindo Margot e eu), esperaram ansiosas até a volta dos homens, cinco minutos mais tarde. Disseram que tudo estava quieto e em ordem na casa.

Resolvemos não abrir torneiras nem dar descarga na privada, mas como a emoção havia afetado a maioria das barrigas, você bem pode imaginar como ficou a atmosfera depois de cada um ter feito a sua visita ao banheiro.

Quando acontece uma coisa assim, parece que vem uma porção de cambulhada, como agora. Número um: o relógio de Westertoren, que eu sempre achei reconfortante, não bateu as horas. Número dois: como o sr. Vossen saiu mais cedo na noite passada, não tínhamos certeza se Elli conseguira apanhar a chave. Talvez tivesse se esquecido de fechar a porta. Era noite e ainda estávamos num estado de incerteza, embora mais tranqüilizados pelo fato de não termos escutado mais ruído algum desde as oito horas (quando o ladrão nos alarmara) até as dez e meia. Pensando melhor, achamos que era bastante improvável que um ladrão forçasse a porta assim tão cedo, quando ainda havia muita gente na rua. Um de nós lembrou também que o vigia do prédio vizinho talvez ainda estivesse trabalhando, e que a tensão e as paredes finas podiam nos pregar peças. O mais certo é que a imaginação é capaz de assumir papel importante em determinados momentos críticos.

Desse modo fomos todos para a cama, mas nenhum de nós conseguiu dormir. Papai, assim como mamãe e o sr. Dussel, ficaram acordados, e, sem um pingo de exagero, posso garantir que não preguei o olho. Hoje pela manhã os homens desceram para ver se a porta de fora estava fechada. Tudo parecia mais seguro. Descrevemos aos outros, com detalhes, o episódio assustador. Todos riram e fizeram gracejos a respeito. É muito fácil achar graça dessas coisas, depois que elas passam. Elli foi a única que nos levou a sério.

Sua Anne.

Sábado, 27 de março de 1943

Querida Kitty

Terminamos nosso curso de estenografia; agora começamos a praticar velocidade. Estamos ficando inteligentes, não? Preciso lhe contar sobre meus estudos para matar o tempo (dou-lhes essa definição porque não temos nada que fazer e precisamos arranjar atividades que façam os dias passar rapidamente. Só assim chegaremos depressa ao final de nossos dias aqui). Sou louca por mitologia, principalmente pelos deuses gregos e romanos. Aqui, eles

acham que não passa de uma mania passageira, pois nunca ouviram falar de uma adolescente da minha idade interessar-se por mitologia. E daí? Serei a primeira!

O sr. Van Daan está resfriado, ou melhor, sente uma pequena coceira na garganta, mas faz disso um cavalo de batalha. Gargareja com chá de camomila, pincela a garganta com tintura de mirra, esfrega eucalipto no peito todo, no nariz, dentes e língua; e, o que é pior, fica de um mau humor insuportável.

Rauter, um dos chefões alemães, fez um discurso. "Todos os judeus devem deixar os países ocupados antes de 1º de julho. Entre 1º de abril e 1º de maio a província de Utrecht deverá estar saneada (como se os judeus fossem baratas). Entre 1º de maio e 1º de junho é a vez das províncias do norte e do sul da Holanda." Essa gente desgraçada é enviada para matadouros nojentos como um rebanho doentio e maltratado. Mas não vou falar nisso, pois só de pensar nessas coisas tenho pesadelos.

Uma notícia que merece destaque é a de que o Departamento Alemão de Intercâmbio do Trabalho foi incendiado por sabotadores. Poucos dias depois, o Cartório de Registro Civil teve a mesma sorte. Homens vestindo uniformes de policiais alemães amordaçaram os guardas e conseguiram levar papéis importantes.

Sua Anne.

Quinta-feira, 1º de abril de 1943

Querida Kitty

Juro que não estou mentindo (veja a data), mas fazendo justamente o oposto. Hoje posso, com a maior tranqüilidade, citar o ditado: "A desgraça nunca vem só". Para começar, o sr. Koophuis, que sempre nos alegrava, teve uma hemorragia estomacal, sendo obrigado a permanecer na cama, pelo menos durante três semanas. Em segundo lugar, Elli está gripada. Em terceiro, o sr. Vossen vai para o hospital na próxima semana. Provavelmente adquiriu uma úlcera abdominal. Em quarto lugar, iam realizar-se algumas importantes reuniões de negócios cujos pontos mais importantes papai já discutira em detalhes com Koophuis. Agora não dá mais tempo de explicar tudo direitinho ao sr. Kraler.

Chegaram os cavalheiros esperados; antes mesmo de chegarem, papai tremia de ansiedade para saber como correriam as conversações. — Se ao menos eu pudesse estar lá. Se eu pudesse descer! — exclamava ele.

— Por que você não vai se deitar com o ouvido pregado no chão para ver se consegue ouvir tudo?

O rosto de papai desanuviou-se, e ontem pela manhã Margot e Pim (dois ouvidos ouvem melhor do que um) tomaram suas posições no assoalho. As conversações não terminaram pela manhã, e à tarde papai já não estava em condições de prosseguir com sua campanha auditiva. Estava praticamente paralisado por permanecer nessa posição anormal e desconfortável.

Tomei seu lugar às duas e meia, assim que ouvimos vozes no corredor. Margot fez-me companhia. A certa altura a conversa tornou-se tão enfadonha e espichada que, de repente, peguei no sono ali mesmo, no chão duro coberto por um linóleo gelado. Margot não ousava tocar-me, com medo de que nos ouvissem, e falar era completamente impraticável. Dormi por uma boa meia hora e acordei assustada sem lembrar-me de uma única palavra de quanto fora discutido na reunião. Felizmente Margot prestara mais atenção.

Sua Anne.

Sexta-feira, 2 de abril de 1943

Querida Kitty

Oh, meu Deus! Já marquei mais um ponto negativo contra mim mesma! Ontem à noite eu estava deitada, esperando que papai viesse rezar comigo e desejar-me boa-noite, quando mamãe entrou, sentou-se em minha cama e perguntou gentilmente: — Anne, papai não pode vir agora. Posso rezar com você, hoje? — Não, mamãe — respondi.

Mamãe se levantou, permaneceu por alguns instantes ao lado da cama e depois encaminhou-se para a porta. Subitamente, voltou-se com o rosto desfigurado e disse: — Não quero me aborrecer. Amor não se força. — Ao deixar o quarto tinha os olhos cheios de lágrimas.

Fiquei na cama, quieta, sentindo imediatamente que eu tinha me comportado de maneira horrível, repelindo-a com tanta grosseria. Ao mesmo tempo eu sabia que não poderia responder de outro modo. Simplesmente, eu não poderia. Fiquei com pena de mamãe, com muita pena mesmo, pois percebi, pela primeira vez em minha vida, que ela se importa com minha frieza. Vi seu olhar de tristeza quando disse que amor não se força. É duro falar a verdade, entretanto, é esta a verdade. Foi ela que causou esse afastamento com suas críticas sem tato, suas brincadeiras ferinas nas quais nunca achei graça. Agora tornei-me insensível ao amor que ela me oferece. Assim como eu estremeço de dor diante de suas palavras duras, seu coração deve ter sentido o mesmo ao constatar que não existe mais amor entre nós. Ela chorou a noite inteira e quase não dormiu. Papai nem olha para mim, e quando o faz, por alguns momentos, leio perfeitamente em seus olhos: — Como pôde ser tão indelicada com sua mãe, causando-lhe tanto sofrimento?

Esperam que eu me desculpe, mas é uma coisa que não posso fazer, porque falei a verdade, e mamãe teria de saber mais cedo ou mais tarde. Pareço estar, e estou mesmo, indiferente às lágrimas de mamãe e aos olhares de papai, porque, pela primeira vez, eles ficaram sabendo de algo que eu sempre senti. Só tenho pena de mamãe pelo fato de ela ter descoberto que adotei sua própria atitude. Quanto a mim, conservo-me silenciosa e distante. Nunca mais recuarei diante da verdade, porque quanto mais tardamos a dizê-la, mais difícil se torna para os outros ouvi-la.

Sua Anne.

Quinta-feira, 27 de abril de 1943

Querida Kitty

A casa estremece de tantas brigas! Mamãe e eu, os Van Daan e papai, mamãe e a sra. Van Daan, todo mundo está zangado com todo mundo. Bela atmosfera, hem? A lista dos defeitos de Anne foi novamente exposta e cuidadosamente examinada.

O sr. Vossen já está no Hospital Binnengasthuis. O sr. Koophuis já se levantou, tendo a hemorragia cessado antes do que se esperava. Ele nos contou que o Cartório de Registro Civil foi ainda mais danificado pelo Corpo de Bombeiros, que, ao invés de limitar-se a apagar o fogo, ensopou tudo com água. Bem feito!

O Hotel Carlton ficou reduzido a destroços. Dois aviões ingleses carregados de bombas incendiárias caíram bem em cima do Offiziersheim [6]. Todo o quarteirão de Vijzelstraat-Singel foi destruído pelas chamas. Os reides aéreos sobre as cidades alemãs aumentam a cada dia. Não temos uma noite de tranqüilidade. Estou com olheiras profundas por causa da falta de sono. A comida é miserável; pela manhã, pão seco e um sucedâneo de café. Jantar: espinafre ou alface durante quinze dias, sem parar. Batatas de vinte centímetros de comprimento, adocicadas e com gosto podre. Quem quiser fazer um bom regime para emagrecer basta passar uma temporada no Anexo Secreto. Lá em cima, queixam-se amargamente, mas não encaramos isso como a maior das tragédias. Todos os homens que lutaram em 1940 ou foram mobilizados ou estão sendo chamados para trabalhar para der Führer, como prisioneiros de guerra. Acho que estão fazendo isso como precaução contra a invasão.

Sua Anne.

Sábado, 11 de maio de 1943

Querida Kitty

Quando penso na maneira como vivemos aqui, chego à conclusão de que estamos num paraíso, comparado ao que devem estar passando os judeus que não conseguiram esconder-se. Ao mesmo tempo, sei que mais tarde vou me espantar ao lembrar que nós, tão exigentes e requintados em casa, descemos a um nível destes. Com isso quero dizer que nossas maneiras decaíram. Por exemplo, desde que aqui chegamos usamos na mesa um único oleado, que pelo uso prolongado e constante já não é dos mais limpos, embora eu tente limpá-lo com um pano de pratos encardido que já é mais buraco do que pano. A mesa também não nos recomenda muito, apesar das enérgicas esfregadelas. Os Van Daan dormiram o inverno inteiro com a mesma colcha de flanela; não pode ser lavada aqui porque o sabão em pó a que temos direito é insuficiente e, além do mais, não é de boa qualidade. Papai anda com calças surradas, e sua gravata já está dando mostras de muito uso. A cinta de mamãe rebentou hoje e está velha demais para ser consertada. Quanto a Margot, anda com sutiãs dois números menores que os desejáveis.

Mamãe e Margot conseguiram atravessar o inverno com três casaquinhos para as duas, mas os meus estão muito pequenos, não chegando nem mesmo a cobrir-me o estômago.

É claro que essas coisas podem ser superadas. Mesmo assim, muitas vezes eu me surpreendo a imaginar: "Como é que nós, que andamos com tudo velho e gasto, desde minhas calcinhas ao pincel de barba de papai, conseguiremos voltar ao nosso antigo padrão de vida?"

O bombardeio foi tão violento ontem à noite que por quatro vezes juntei todas as minhas coisas. Hoje arrumei a mala com as coisas mais necessárias para uma fuga, mas mamãe lembrou com toda a razão: — Para onde fugiríamos? — A Holanda inteira está sendo punida pelas greves que irromperam em diversas partes do país. Por causa disso foi declarado estado de sítio, e cada pessoa recebe um cupom de manteiga a menos. Que crianças levadas!

Sua Anne.

Terça-feira, 18 de maio de 1943

Querida Kitty

Assisti a uma tremenda batalha aérea entre aviões alemães e ingleses. Infelizmente, alguns dos aviadores aliados tiveram de saltar de seus aviões em chamas. Nosso leiteiro, que mora em Halfweg, viu quatro canadenses sentados à beira da estrada, sendo que um deles falava holandês fluentemente. Pediu ao leiteiro que lhe acendesse o cigarro e contou que a tripulação constava de seis homens. O piloto morrera queimado e o quinto deveria estar escondido em algum lugar. A polícia alemã veio e levou os quatro homens perfeitamente sãos. Fico a imaginar como é que podiam estar com a cabeça fria e a mente clara, depois daquele apavorante salto de pára-quedas.

Apesar de a temperatura estar agradável, temos de acender a lareira todos os dias para queimar cascas de verdura e lixo. Não podemos encher demais as latas de lixo por causa do rapaz do depósito. Com que facilidade um pequeno descuido nos trairia.

Todo estudante que quiser se formar ou continuar seus estudos é obrigado a assinar um papel declarando que é simpatizante dos alemães e que aprova a Nova Ordem. Oitenta por cento recusaram-se a agir apesar das conseqüências: os estudantes que não assinaram terão de ir para um campo de trabalhos forçados, na Alemanha. O que restará da juventude do país se toda ela for enviada para a Alemanha, para trabalhos forçados? Ontem à noite mamãe fechou a janela por causa do bombardeio; eu estava na cama de Pim. Subitamente, a sra. Van Daan pulou da cama, lá em cima, como se Mouschi a tivesse mordido. Seguiu-se imediatamente uma tremenda explosão. Era como se uma bomba incendiaria tivesse caído ao lado da minha cama. Não consegui controlar-me e gritei: — Acendam a luz! Acendam a luz! — Papai acendeu a lâmpada. Eu esperava ver o quarto tomado pelas chamas. Nada. Corremos para cima, para ver o que estava acontecendo. O sr. e a sra. Van Daan haviam visto um clarão vermelho, através da janela aberta. Ele pensou em incêndio na vizinhança e ela, que nossa casa tivesse pegado fogo. Quando ocorreu a explosão, a sra. Van Daan já estava de pé, com as pernas tremendo. Felizmente não aconteceu mais nada, e voltamos todos para nossas camas.

Menos de um quarto de hora depois, o bombardeio começou novamente. A sra. Van

Daan sentou-se de um salto, no mesmo instante, e depois desceu para o quarto de Dussel, procurando o conforto que não encontrara com o marido. Dussel recebeu-a com estas palavras: — Venha para minha cama, minha pequena! — É claro que desatamos em uma boa gargalhada. Esquecemos o bombardeio. Nosso medo desaparecera!

Sua Anne.

Domingo, 13 de junho de 1943

Querida Kitty

O poema que papai escreveu para mim no dia de meu aniversário é bom demais para não mostrá-lo a você. Como Pim tem o hábito de escrever versos em alemão, Margot se ofereceu para traduzi-los. Julgue você mesma se ela não fez um trabalho de mestre. Depois do comentário usual dos acontecimentos do ano, o poema dizia assim:

"Embora caçula, já não és mais pequena,

E a vida é dura, quando todo mundo

Deseja te ensinar isto e aquilo:

Somos experientes, segue nossos conselhos!

Sabemos das coisas, pois há muito as fazemos.

Os velhos são sempre melhores, tem isso em mente.

Pelo menos esta tem sido a regra, desde o começo dos tempos!

Nossas faltas são pequenas demais;

Isso torna fácil criticar

As faltas dos outros, que são sempre o dobro das nossas.

Aceita, por favor, a nós, teus pais, que tentamos

Julgar-te com justiça e bondade.

Recebe as correções, mesmo contra a vontade,

Como se engolisses uma pílula amarga,

Necessária para te dar a paz

Enquanto este tempo de sofrimento não passa.

Tu lês e estudas quase o dia inteiro.

Nunca te aborreces e alegras nossa vida.

Tua única queixa é: 'Que hei de vestir?

Não tenho calcinhas, as roupas estão pequenas,

Meu casaco está acima da cintura, que horror!

Para calçar sapatos, só cortando os dedões,

Oh, meu Deus, que sofrimento atroz! [7]'"

Havia também um trechinho sobre comida que Margot não conseguiu traduzir rimando, por isso deixei de lado. Não acha uma beleza meu poema de aniversário? Fui agradada de todas as maneiras e recebi uma porção de presentes lindos, entre os quais um livro grosso sobre meu assunto predileto: a mitologia da Grécia e de Roma. Também não posso me queixar da falta de doces — todos lançaram mão de suas últimas reservas. Como o benjamin da família escondida, estou sendo muito mais homenageada do que realmente mereço.

Sua Anne.

Terça-feira, 15 de junho de 1943

Querida Kitty

Aconteceu um bocado de coisas, mas é que fico pensando que minha conversa desinteressante deve aborrecê-la e que você não se alegra muito com minhas freqüentes cartas. Vou, portanto, contar em poucas palavras os últimos acontecimentos.

O sr. Vossen não foi operado da úlcera no duodeno. Na mesa de operações, já aberto pelos médicos, constataram que ele tinha câncer em estado adiantado demais para ser operado. Costuraram-no outra vez, deixaram-no três dias de cama, com boa alimentação, e depois o mandaram para casa. Estou com uma pena imensa dele; é uma droga não poder sair daqui, senão iria visitá-lo freqüentemente para lhe dar um pouco de alegria. É um desastre para nós não termos mais nosso bom amigo Vossen, que nos transmitia tudo o que se passava no armazém. Era quem mais nos ajudava e um precioso conselheiro; estamos sentindo muito a falta dele.

No mês que vem teremos de entregar nosso rádio. Koophuis tem um pequeno aparelho clandestino que vai nos ceder para substituir nosso possante Phillips. É uma tristeza ter de entregar nosso lindo rádio, mas em casa onde há gente escondida não se pode, em hipótese alguma, correr o risco de chamar a atenção das autoridades. Levaremos o rádio lá para cima. Já que somos judeus clandestinos, compramos coisas com dinheiro clandestino, podemos perfeitamente ter um rádio clandestino. Todo mundo está tentando arranjar um aparelho velho

para entregar, em lugar da sua "fonte de coragem". É uma verdade que quanto piores são as notícias lá de fora, mais o rádio, com sua voz miraculosa, nos ajuda a manter o moral elevado e a dizer: "Coragem, cabeça erguida que melhores dias hão de vir!"

Sua Anne.

Sábado, 11 de julho de 1943

Querida Kitty

Voltando ao velho tema "educação", devo dizer-lhe que estou realmente tentando melhorar, sendo amável e boa, e fazendo tudo para que a tempestade de críticas e repreensões que costuma cair sobre mim se transforme aos poucos em chuvinha fina e passageira. É um bocado difícil manter um comportamento exemplar com pessoas que a gente não suporta, principalmente quando não se sente uma única palavra do que se está dizendo. Mas estou notando que vivo melhor fingindo um pouco do que seguindo meu velho hábito de dizer aos outros exatamente o que penso (embora ninguém jamais pedisse minha opinião ou desse a menor importância a ela).

Freqüentemente esqueço o papel que estou representando e simplesmente não consigo engolir minha raiva diante de qualquer injustiça. Por isso mesmo, por quatro semanas a fio o único assunto girou sobre a menina mais descarada e atrevida que existe na face da terra. Você não acha que de vez em quando tenho motivos de queixa? Ainda bem que não sou enfezada, senão acabaria azeda e malcriada. Resolvi deixar um pouco de lado a estenografia. Em primeiro lugar, para ter mais tempo para outras coisas; em segundo, por causa de minha vista. Sinto-me tão infeliz! Estou ficando cada vez mais míope e há muito que deveria estar usando óculos (que raiva, vou ficar feito uma coruja!), mas você compreende que aqui, escondida, isso é impossível. Ontem não se falou em outra coisa a não ser nos olhos de Anne, porque mamãe sugeriu mandar-me ao oculista com o sr. Koophuis. Tremi de medo ao ouvir aquilo. Imagine só, ir para fora, sair à rua! Não posso nem pensar! A princípio fiquei petrificada, depois, contente. Mas não vai ser tão fácil assim, porque as pessoas que teriam de aprovar tal decisão não conseguem chegar a um acordo. Quaisquer dificuldades e riscos têm de ser cuidadosamente examinados, embora Miep estivesse disposta a sair comigo imediatamente.

Enquanto discutiam, fui apanhar no armário meu casaco cinzento, mas estava tão pequeno que parecia pertencer a uma irmã menor.

Estou curiosa em saber como isto vai terminar, mas não acredito que o plano se realize, porque os ingleses desembarcaram na Sicília, e papai está novamente esperando por um final rápido. Elli traz um bocado de serviço do escritório para Margot e para mim; faz-nos sentir-nos importantes, e para ela é uma grande ajuda. Qualquer pessoa é capaz de arquivar correspondência e fazer anotações nos livros de vendas, mas nós tomamos cuidados especiais.

Miep parece até uma burrinha de carga, tanta coisa ela leva, e quase todos os dias

consegue comprar alguns legumes que traz em uma sacola de compras, na bicicleta. Esperamos ansiosamente os sábados, que é quando nos trazem os livros. Parecemos crianças recebendo presentes.

A maioria das pessoas simplesmente não conseguiria compreender o que os livros significam para nós, trancados aqui dentro. Ler, aprender e ouvir rádio são os nossos divertimentos.

Sua Anne.

Terça-feira, 13 de julho de 1943

Querida Kitty

Ontem à tarde, com licença de papai, pedi a Dussel se ele poderia fazer a gentileza (que finura!) de me permitir o uso da mesinha de nosso quarto duas vezes por semana, durante a tarde, das quatro às cinco e meia. Fico lá das duas às quatro, enquanto ele dorme, mas, fora disso, tanto a mesa como o quarto tornam-se inacessíveis. Em nossa sala comum, o movimento é intenso demais; impossível trabalhar lá. Além do mais, papai também gosta de sentar-se à escrivaninha de vez em quando.

Acho que o pedido era bastante razoável, e a pergunta foi feita com toda a delicadeza. Agora, imagine o que respondeu o educadíssimo Dussel. — Não. — Um simples e seco "Não"! Fiquei indignada e me recusei a ser despedida daquela maneira, por isso perguntei-lhe a razão para aquele "Não". Mas fui mandada embora sumariamente sob uma rajada de resmungos mal-humorados.

— Eu também tenho que trabalhar e, se não trabalhar à tarde, a que horas poderei fazê-lo? Preciso terminar minha tarefa, do contrário de nada adiantaria tê-la começado. De qualquer forma, você não está fazendo nada de importante. Você e a sua mitologia! Que espécie de trabalho é esse? Tricotar e ler também são trabalhos. A mesa é minha e vou ficar com ela.

Minha resposta foi a seguinte:

— Sr. Dussel, meu trabalho é sério, sim, senhor, e esse é o único lugar em que posso trabalhar. Peço-lhe que reconsidere o meu pedido!

Com essas palavras, Anne, a ofendida, voltou as costas ao eminentíssimo doutor, ignorando-o completamente. Estava fervendo de raiva, achando que Dussel fora extremamente grosseiro (quanto a isso não havia a menor dúvida) e eu, muito delicada.

À noite, assim que pude falar com Pim, contei-lhe tudo, e discutimos sobre o que haveríamos de fazer, pois eu me recusava a ceder e preferia ajustar contas à minha maneira.

Pim aconselhou-me sobre a melhor maneira de enfrentar o problema, sugerindo que

seria melhor deixar para resolvê-lo no dia seguinte, quando eu estaria com a cuca mais fresca. Não dei ouvidos às suas palavras e, depois de lavar a louça, fiquei à espera de Dussel. Pim estava no quarto ao lado, o que me dava um bocado de segurança. Comecei:

— Sr. Dussel, imagino que ache sem propósito voltar ao assunto desta tarde, mas peço-lhe que o faça.

Dussel respondeu, então, com o mais simpático dos sorrisos:

— Estou a seu inteiro dispor para voltar ao assunto, apenas quero lembrar-lhe de que o caso já foi solucionado.

Continuei a falar, apesar de Dussel me interromper continuamente.

— Quando o senhor veio para cá foi resolvido que partilharíamos o mesmo quarto; se tivéssemos que dividi-lo com justiça, o senhor ficaria com as manhãs, e eu com as tardes. Mas eu nem chego a pedir-lhe tanto e acho que duas tardes para mim são perfeitamente razoáveis. — Dussel deu um pulo, como se lhe estivessem espetando uma agulha.

— Você não pode falar de seus direitos, aqui. E eu, para onde vou? Pedirei ao sr. Van Daan que construa um pequeno compartimento na água-furtada para eu ter para onde ir. Simplesmente não posso trabalhar em parte alguma. Você está sempre arranjando encrencas. Se sua irmã Margot, que afinal das contas teria mais razão para fazê-lo, me pedisse isso, eu nem pensaria em recusar, mas você...

Voltou à tona, então, o assunto mitologia e tricô, e Anne foi novamente insultada. Entretanto, procurou nada demonstrar e deixou que Dussel terminasse de falar.

— Mas você! Simplesmente é impossível falar com você! Você é tão egoísta, que desde que consiga o que deseja, pouco se importa em prejudicar os outros. Nunca em minha vida vi crianças assim. No final das contas, serei obrigado a ceder a seus caprichos, do contrário, mais tarde, vão dizer que Anne Frank foi reprovada nos exames porque o sr. Dussel recusou-se a ceder-lhe a mesa.

Continuou falando e falando sem parar, até que seu falatório transformou-se em uma torrente incapaz de ser contida. A certa hora, pensei: "Daqui a um minuto dou-lhe um tapa na cara, que ele voa pelos ares com todas as suas mentiras". Logo me contive, porém, e disse a mim mesma: "Calma! Um sujeitinho assim não merece sua raiva".

Após dar vazão a toda a sua fúria, Mestre Dussel deixou o quarto com uma expressão de cólera e triunfo, o casaco estufado de comida. Corri para perto de papai e contei-lhe tudo o que ele ainda não ouvira da história. Pim decidiu falar com Dussel naquela mesma noite — e falou mesmo. Conversaram por mais de meia hora. O teor da conversa foi mais ou menos este: em primeiro lugar, falaram sobre Anne, se devia ou não sentar-se à mesa. Papai disse que ele e Dussel já haviam discutido o assunto, antes, quando ele concordara com Dussel, só para não desautorizá-lo na frente dos mais novos. Mas mesmo naquela ocasião papai não achara justo.

Dussel falou que eu não dissera uma única palavra nesse sentido.

Conversa daqui, fala dali, papai seguiu defendendo meu egoísmo e meu trabalho "insignificante", e Dussel resmungando sem parar.

Finalmente Dussel teve de ceder, e agora posso estudar sossegada até as cinco da tarde, duas vezes por semana. Dussel lançou-me olhares fulminantes, não falou comigo durante dois dias, mas mesmo assim não deixou de se instalar à mesa das cinco às cinco e meia — uma perfeita criancice!

Uma pessoa de cinqüenta e quatro anos que é ainda tão pedante e mesquinha deve ser assim por natureza e nunca há de melhorar.

Sua Anne.

Sexta-feira, 16 de julho de 1943

Querida Kitty

Ladrões novamente, mas, desta vez, verdadeiros! Hoje de manhã Peter foi ao depósito, como sempre, às sete horas e notou que tanto a porta que o fechava como a que dava para a rua estavam escancaradas. Contou a Pim, que sintonizou o rádio do escritório particular para a Alemanha e trancou a porta. Depois, foram juntos lá para cima. Como sempre, foram observadas as ordens para situações semelhantes: nada de abrir torneiras, silêncio, tudo terminado às oito horas e nada de puxar a descarga da privada. Ficamos contentes por termos dormido bem e não havermos escutado nada. Só às onze e meia foi que soubemos, pelo sr. Koophuis, que os ladrões haviam arrombado a porta da rua com uma alavanca e forçado a porta do depósito. Como não encontrassem muito que roubar, resolveram tentar a sorte lá em cima. Carregaram duas caixas contendo quarenta florins, vales postais, talões de cheques e, pior que tudo, todos os cupões para cento e cinqüenta quilos de açúcar.

O sr. Koophuis acredita que pertençam ao mesmo bando que forçou as três portas, há seis semanas, Naquela ocasião não foram bem sucedidos.

O fato causou abalo em todo o prédio, mas o Anexo Secreto parece não poder passar sem sensações como esta. Ficamos satisfeitos porque as máquinas de escrever e o dinheiro estavam em nosso guarda-roupa, para onde são transportados todas as noites. Assim, ficaram a salvo.

Sua Anne.

Segunda-feira, 19 de julho de 1943

Querida Kitty

No domingo, a parte norte de Amsterdam foi severamente bombardeada. A destruição

foi terrível. Ruas inteiras jazem em ruínas, e levará muito tempo até que se retirem os mortos de sob os escombros. Até agora sabe-se de uns duzentos mortos e um número incontável de feridos; os hospitais estão abarrotados. Ouve-se falar de crianças perdidas nas ruínas fumegantes, à procura dos pais. Estremeço só de me lembrar do ronco surdo à distância, que assinalou a destruição que se aproxima.

Sua Anne.

Sexta-feira, 23 de julho de 1943

Querida Kitty

Só de brincadeira vou contar a você o primeiro desejo de cada um de nós, quando pudermos sair daqui. Margot e o sr. Van Daan desejam acima de tudo um banho quente, com a banheira cheia até a borda, permanecendo lá dentro por meia hora. A sra. Van Daan quer comer bolos com creme. Dussel só pensa em rever sua mulher, Lotje; mamãe, louca por uma xícara de café; o primeiro passo de papai será ir visitar o sr. Vossen; Peter quer ir à cidade e ao cinema, enquanto eu ficaria tão cega de felicidade que não saberia por onde começar! Acima de tudo, porém, queria novamente ter uma casa só nossa onde pudesse movimentar-me livremente e continuar meus estudos. Em outras palavras, eu queria voltar para a escola.

Elli ofereceu-se para nos trazer algumas frutas. Estão baratíssimas [8]: uvas, cinco florins o quilo; amoras, um florim e setenta o quilo; um pêssego, meio florim; um quilo de melão, um florim e meio. Todas as noites a gente lê nos jornais em letras enormes: SEJA CORRETO E MANTENHA OS PREÇOS BAIXOS!

Sua Anne.

Segunda-feira, 26 de julho de 1943

Querida Kitty

Ontem foi um dia tão tumultuado que até hoje ainda estamos nervosos e alvoroçados. Você há de me perguntar: "Haverá um dia sem agitação no Anexo Secreto?"

Estávamos tomando o café da manhã quando ouvimos o primeiro alarme da sirene, mas não demos a mínima importância, porque ele significa apenas que os aviões estão atravessando a costa.

Como eu estivesse com dor de cabeça, voltei para a cama por mais uma hora e só então desci. Eram mais ou menos duas e meia, Margot terminara o serviço do escritório e ainda não acabara de juntar as coisas quando as sirenes começaram a apitar novamente. Voltei para cima com ela. Não fazia nem cinco minutos que estávamos lá quando começou o bombardeio, tão violento que ficamos no corredor. Puxa, como a casa estremecia e retumbava, e como caíam bombas ao seu redor!

Apertei contra o peito a minha "sacola de fuga", mais por querer agarrar-me a qualquer coisa do que exatamente para fugir, porque não temos para onde ir. Se um dia chegarmos ao extremo de fugir daqui, a rua será tão perigosa como um reide aéreo. O bombardeio esmoreceu depois de meia hora, mas a atividade na casa aumentou, e como! Peter voltou de seu posto de observação na água-furtada; Dussel estava no escritório geral; a sra. Van Daan sente-se em segurança no escritório particular; o sr. Van Daan estivera observando tudo lá do sótão; nós, que estávamos no pequeno patamar, também nos dispersamos. Subi para apreciar as colunas de fumaça que subiam do porto, de que falara o sr. Van Daan. Não demorou muito e sentimos o cheiro de queimado. Lá fora era como se um espesso nevoeiro negro envolvesse tudo. Um incêndio de grandes proporções não é agradável de se ver; felizmente ele se acabou, e pudemos voltar às nossas respectivas ocupações. Nessa mesma noite, à hora do jantar, outro alarme antiaéreo! A refeição estava apetitosa, mas ao som do alarme minha fome desapareceu como por encanto. Nada aconteceu, e três quartos de hora depois o perigo havia passado. A louça estava amontoada para ser lavada: alarme antiaéreo, bombardeio, aviões e mais aviões. "Oh, meu Deus, duas vezes no mesmo dia já é demais", pensamos todos, mas ali estava a realidade: uma verdadeira chuva de bombas, desta vez do outro lado, em Schiphol [9], segundo os ingleses. Os aviões mergulhavam e subiam, podia-se ouvir pelo ronco dos seus motores. Foi assustador. A cada momento eu pensava: "Um está caindo. Aí vem ele!"

Posso lhe garantir que quando fui para a cama, às nove da noite, mal conseguia firmar-me sobre as pernas, tanto elas tremiam. Acordei à meia-noite: aviões. Dussel estava se despindo, mas nem liguei, e ao primeiro estrondo pulei da cama, completamente desperta. Passei duas horas com papai, e eles não paravam de chegar. Finalmente o bombardeio cessou e eu voltei para a minha cama. Quando adormeci, já passavam de duas e meia.

Sete horas. Sentei-me na cama de um pulo. O sr. Van Daan estava com papai. Ladrões, foi meu primeiro pensamento. Ouvi o sr. Van Daan dizer "tudo" e pensei que tudo havia sido roubado. Mas não, desta vez as notícias eram boas, maravilhosas, as melhores que já havíamos recebido em meses, talvez desde o início da guerra. "Mussolini renunciou, o rei da Itália assumiu o governo." Pulamos de alegria. Depois do dia terrível de ontem, finalmente algo de muito bom — a esperança. Esperança de que tudo termine, esperança de paz.

Kraler veio visitar-nos e disse que a Fokkers fora seriamente danificada. Nesse meio tempo tivemos outro alarme antiaéreo, com aviões sobrevoando e mais o apito da sirene, como aviso. Ando sufocada com tantos alarmes, sinto-me cansadíssima e sem nenhuma vontade de estudar ou trabalhar. Mas, agora, com a atitude da Itália, renovam-se as esperanças de que tudo termine em breve, talvez ainda este ano.

Sua Anne.

Terça-feira, 29 de julho de 1943

Querida Kitty

A sra. Van Daan, Dussel e eu estávamos lavando os pratos e, coisa rara de acontecer, eu

estava extraordinariamente quieta. É claro que isso lhes chamou a atenção.

Para evitar questionários, procurei imediatamente um assunto neutro e achei que o livro *Henry from the other side* seria um bom motivo. Mas enganei-me redondamente. Quando não é a sra. Van Daan que pula em cima de mim, é o sr. Dussel que toma o seu lugar. Veja você o que aconteceu: o sr. Dussel nos havia recomendado o livro como sendo excelente. Ora, Margot e eu achamos que ele era tudo, menos excelente. A personalidade do herói estava realmente bem delineada, mas, quanto ao resto, prefiro nem comentar. Enquanto lavávamos a louça, eu disse qualquer coisa a esse respeito, o que me valeu um monte de chateações.

— O que você pode entender sobre a psicologia de um homem? A de uma criança não é tão difícil (!). Você é criança demais para ler um livro como aquele; acho que nem um rapaz de vinte anos é capaz de captar inteiramente seu sentido.

Então, por que ele o recomendou especialmente a Margot e a mim? E continuou, incentivado pela sra. Van Daan:

— Você é sabida demais para sua idade. Foi muitíssimo mal educada. Mais tarde, quando for mais velha, não vai achar graça em nada e então dirá: "Li isso em livros há uns vinte anos!" Você deve se apressar, se quiser arranjar marido ou se apaixonar, senão tudo será uma grande decepção para você. Em teoria já está diplomada, só falta agora a prática!

Suponho que a idéia que têm de uma educação certa é a de me atirar contra meus pais, pois é isso que fazem continuamente. Quanto a esconder de meninas da minha idade assuntos de "gente grande", francamente não creio que seja dos melhores métodos. Vejo os resultados desse tipo de educação, e com muita clareza!

Minha vontade era dar-lhes uns bons tapas na cara enquanto estavam ali, os dois, a me fazerem de boba. Fiquei fora de mim, de tanta raiva, e não vejo a hora que tudo isso acabe para me livrar "dessa gente".

A sra. Van Daan, sim, é que é muito boa! Que bom exemplo ela dá... sem dúvida um ótimo mau exemplo! É por demais conhecida por sua intolerância, seu egoísmo, sua esperteza, calculismo e eterno descontentamento. Posso tranqüilamente acrescentar a esta lista a vaidade e a mania de querer conquistar os homens. Não resta a menor dúvida de que é uma criatura extremamente desagradável. Poderia escrever capítulos e mais capítulos sobre *Madame*, e talvez algum dia o faça, quem sabe? Qualquer pessoa pode passar uma camada de verniz pelo exterior. A sra. Van Daan é amável com os estranhos, especialmente se são homens; portanto, é fácil as pessoas se enganarem, mantendo com ela pouco contato. Mamãe acha que é tola demais para que se fale dela; Margot julga-a uma criatura sem importância; Pim, que é muito feia (literal e figurativamente), e eu, depois de longa observação — pois no início não tinha preconceitos contra ela —, cheguei à conclusão de que ela é tudo isso e muito mais! Tem tantas más qualidades que não vejo razão para começar a falar de apenas uma.

Sua Anne.

P. S. A leitora leve em consideração que, ao escrever estas linhas, a autora ainda não conseguira amainar sua fúria!

Terça-feira, 3 de agosto de 1943

Querida Kitty

As novidades políticas são excelentes. Na Itália, o partido fascista foi banido. Em muitos lugares o povo está lutando contra os fascistas, e o próprio exército toma parte no combate. Um país nesse estado tem condições de guerrear contra a Inglaterra?

Acabamos de sofrer um terceiro bombardeio aéreo. Cerrei os dentes com força para manter a coragem. A sra. Van Daan, que sempre disse "Melhor um fim terrível que nenhum fim", é a mais covarde de todos nós. Tremia como vara verde e chegou mesmo a desatar em prantos. Quando o marido, com o qual estivera brigada a semana toda, confortou-a, quase me tornei sentimental só de ver a expressão que se estampou em seu rosto!

Mouschi acaba de provar que ter gatos em casa tem suas vantagens, mas também suas desvantagens. A casa está cheia de pulgas, e a praga aumenta dia a dia. O sr. Koophuis espalhou um pó amarelo em tudo que é canto, mas as pulgas não estão dando a menor bola. Isso está nos deixando tremendamente nervosos. Acaba-se por imaginar coceiras nos braços, pernas e em outras partes do corpo, razão por que muitos de nós fazemos ginástica, para podermos, mesmo de pé, espiar a parte de trás das pernas. Nessa situação especial, estamos sendo castigados pela nossa falta de flexibilidade, nem conseguimos virar a cabeça direito. Deixamos de praticar a ginástica, regularmente, há muito tempo.

Sua Anne.

Quarta-feira, 4 de agosto de 1943

Querida Kitty

Agora que moramos no Anexo Secreto há mais de um ano, você já conhece alguma coisa de nossas vidas, mas há fatos absolutamente indescritíveis. Há tanto o que contar — tudo é tão diferente dos tempos normais! Ainda assim, só para lhe dar uma visão mais íntima de nossa vida, vou procurar descrever para você um dia comum aqui em nosso esconderijo. Vou começar com uma noite.

Nove horas da noite. A operação "ir para a cama" aqui entre nós é sempre complicada e trabalhosa. Cadeiras são afastadas, camas são armadas, cobertores desdobrados, nada fica onde estava durante o dia. Eu durmo num pequeno divã que não mede mais de um metro e meio, e por isso tem de ser encompridado por meio de cadeiras. Um edredom, lençóis, travesseiros e cobertores são retirados da cama de Dussel, onde permanecem durante o dia. Ouve-se, invariavelmente, um barulho incrível no quarto ao lado. É a cama de Margot, dobrada em sanfona, que está sendo estirada. Novamente, cobertores, travesseiros, tudo é utilizado para tornar mais confortáveis aquelas tábuas duras. Lá em cima parece que está

trovejando, mas é apenas a cama da sra. Van Daan. Todos os dias é levada à janela, veja você, para que "Sua Majestade" da *liseuse* cor-de-rosa possa sentir a brisa fresca penetrar em suas delicadas narinas!

Assim que Peter acaba de se arrumar, é a minha vez de entrar no minúsculo lavatório, onde me lavo completamente e faço toalete geral: às vezes vê-se (somente nos dias muito quentes) uma pulguinha flutuando na água. Escovo os dentes, enrolo os cabelos, dou uma revisão nas unhas e passo algodão com água oxigenada no buço, para clareá-lo — tudo isso em menos de meia hora.

Nove e meia. Visto o roupão e saio correndo do banheiro carregando o tal vaso, grampos, rolinhos de cabelo, algodão e minhas calcinhas. Em geral sou chamada de volta por causa dos fios de cabelo que ficaram decorando a pia, em curvas graciosas, mas completamente do desagrado do freguês seguinte.

Dez horas. Decretado o *blackout*. Boa noite! Durante quinze minutos, pelo menos, ouvem-se rangidos de camas e molas quebradas, depois é o silêncio — bem, isso se os nossos vizinhos de cima não resolverem discutir na cama.

Onze e meia. A porta do banheiro range. Uma estreita faixa de luz atravessa o quarto. Sapatos que se arrastam, e aparece um casacão maior que o dono — é Dussel que volta do serviço noturno no escritório. Passos no assoalho por mais dez minutos, barulho de papel amassado (é a comida que tem de ser guardada), e mais uma cama é feita. Então a sombra desaparece novamente, e só se ouvem ruídos suspeitos vindos do banheiro.

Três horas. Tenho de me levantar para um servicinho no tal vaso de metal que fica embaixo de minha cama, colocado sobre um tapete de borracha como precaução em caso de vazamento. Toda vez que isso acontece, prendo a respiração, porque mais parece o barulho de um regato de montanha batendo no metal. O vaso volta para o seu lugar e, para a cama, a figura da camisola branca que provoca, todas as noites, a mesma exclamação de Margot: — Que camisola indecente!

Então, certa pessoa fica acordada por cerca de um quarto de hora, ouvindo os ruídos da noite; primeiro, para ver se não entraram ladrões lá embaixo; depois, identifica os ruídos das diversas camas: as de cima, as do lado e a do meu quarto, o que lhe permite verificar se todos os membros da família estão dormindo ou acordados.

A última hipótese não é nada agradável, especialmente porque se refere a um membro da família chamado Dussel. Primeiro ouço um barulho semelhante ao estertor de um peixe fora d'água, repetido nove ou dez vezes; depois, com muita agitação e intercalado de pequenos estalidos, os lábios são umedecidos. Segue-se o revirar de um lado para o outro, terminado por um novo arranjo de travesseiros. Cinco minutos na mais perfeita paz, e a seguir repete-se a mesma seqüência, pelo menos três vezes, antes que o doutor se acalme e durma um pouco. Às vezes acontece um tiroteio no meio da noite, variando entre uma e quatro da madrugada. Quase nunca chego a perceber realmente o que está acontecendo até que me surpreendo de pé,

ao lado da cama, movida pela força do hábito. Às vezes estou tão envolvida no sonho, que julgo estar conjugando verbos franceses ou escutando discussão lá em cima. Leva algum tempo até eu perceber que são tiros ou bombas, e que ainda estou em meu quarto. Mas geralmente acontece como acabo de descrever. Na mesma hora agarro um travesseiro e um lenço, enfio o roupão, calço os chinelos e corro para junto de papai, aos trambolhões, exatamente como escreveu Margot em seu poema de aniversário:

O primeiro tiro soa na calada da noite

Vejam! A porta range e se escancara

Aparece uma menina assustada

Agarrada ao seu travesseiro...

Uma vez aninhada na cama grande, o pior já passou, a não ser que o tiroteio se torne muito forte.

Quinze para as sete. Trrrrr — o despertador que ergue sua voz a qualquer hora do dia (se alguém quer ou mesmo quando ninguém quer). Crak — a sra. Van Daan o desligou. Crik — o sr. Van Daan levanta-se. Verte água e vai, à toa, para o banheiro.

Sete e quinze. A porta do banheiro se abre outra vez. É a vez de Dussel. Sozinha, retiro o *blackout*. Um novo dia começa no Anexo Secreto.

Sua Anne.

Quinta-feira, 5 de agosto de 1943

Querida Kitty

Hoje vou começar pela hora do almoço.

Meio-dia e meia. O grupo heterogêneo respira novamente. Os rapazes do armazém já foram para casa. Lá de cima vem o barulho do aspirador de pó da sra. Van Daan, que limpa seu belíssimo e único tapete. Margot, com alguns livros debaixo do braço, vai para a sua aula de holandês "para crianças que não fazem progresso", porque essa é a opinião de Dussel. Pim vai para um canto qualquer com seu inseparável Dickens, procurando paz. Mamãe sobe para ajudar a excelente dona-de-casa, e eu vou arrumar o banheiro e me arrumar ao mesmo tempo.

Quinze para a uma. Começa a chegar gente. Primeiro, o sr. Van Santen, depois Koophuis ou Kraler, Elli. Algumas vezes Miep também aparece.

Uma hora. Estamos todos acomodados em volta do pequeno rádio, ouvindo a BBC. Estes são os únicos momentos em que os membros do Anexo Secreto não se interrompem mutuamente, porque agora está falando alguém que nem o próprio sr. Van Daan consegue

interromper.

Uma e quinze. Farta distribuição de alimento. Todos os lá de baixo ganham um prato de sopa, e se há pudim, ganham um pedacinho também. O sr. Van Santen fica satisfeito e vai sentar-se no divã ou à escrivaninha, invariavelmente acompanhado do seu jornal, prato de sopa e gato. Se falta qualquer um desses elementos, ele protesta com veemência. Koophuis sempre nos conta as últimas novas da cidade; ele é, sem dúvida, uma excelente fonte de informações. Kraler sobe a escada de dois em dois, dá uma batida seca na porta e entra esfregando as mãos. De acordo com sua disposição, vem falante e de bom humor ou então mal-humorado e quieto.

Quinze para as duas. Todos se levantam da mesa e vão cuidar da vida. Margot e mamãe vão lavar a louça. O sr. e a sra. Van Daan dirigem-se para seu divã. Peter, para a água-furtada. Papai vai para o divã, lá embaixo. Dussel, para sua cama e Anne, para seus estudos. Segue-se então a hora da maior paz. Todos dormem, ninguém é perturbado. Dussel sonha com comidas deliciosas — a expressão do seu rosto o denuncia —, mas eu não olho muito para ele porque o tempo voa e às quatro em ponto o pedante doutor planta-se ao meu lado, relógio em punho, cobrando meu minuto de atraso em deixar a escrivaninha.

Sua Anne.

Segunda-feira, 9 de agosto de 1943

Querida Kitty

Continuando a descrever com detalhes o que acontece no Anexo Secreto, vou passar para a refeição da noite:

O *sr. Van Daan* , para começar. É o primeiro a ser servido e tira bastante de tudo, se é algo de que gosta. Geralmente fala ao mesmo tempo e dá sempre sua opinião a respeito de tudo, como se fosse a única digna de ser aceita. Sua palavra é irrevogável. Se alguém se atreve a duvidar, ele se enfurece imediatamente. Prefiro não discutir com ele — quem experimentou uma vez não tenta a segunda. Sua opinião é a certa, e é ele quem sabe mais a respeito de tudo. Pois bem, convenhamos que é inteligente, mas é um cavalheiro que vive, em alto grau, satisfeito consigo mesmo.

Madame. Sinceramente, eu deveria ficar calada. Há dias, especialmente se ela está para ficar de mau humor, que não se pode nem olhar para a cara dela. Observando bem, ela é a culpada de todas as discussões. Bem que poderia ser chamada de "atiçadeira". Atiçadeira de brigas, veja que função engraçada: a sra. Frank contra Anne; Margot contra papai já não pega bem.

Na mesa, a sra. Van Daan não se contenta com pouco, embora, às vezes, pense exatamente o contrário. As melhores batatas, o pedaço mais macio, o melhor de tudo; escolher bem é o seu sistema. Os outros receberão sua parte, desde que ela fique com o melhor. E como fala! Para ela tanto faz se os outros estão interessados ou não em sua conversa, se ouvem ou

não o que ela diz. Acho que ela pensa: "Todos adoram o que a sra. Van Daan diz". Sorrisos brejeiros, comportando-se como se soubesse de tudo, sempre aconselhando, animando, até parece mesmo que é uma boa pessoa. Mas se nos aprofundarmos um pouco mais, veremos que o bem logo desaparece.

Mas há coisas que preciso dizer dela: primeira, é trabalhadeira; segunda, alegre; terceira, coquete — e ocasionalmente, bonita. Essa é Petronella van Daan.

O *terceiro companheiro de mesa*. Quase não se nota a sua presença. O jovem sr. Van Daan é quieto e procura não chamar a atenção. Quanto ao apetite, é o próprio tonel das Danaides, que nunca se enche, e depois de uma lauta refeição declara, na maior tranqüilidade, que era capaz de comer o dobro.

Número quatro, Margot. Come feito um ratinho e pouco fala. A única coisa que aceita bem são verduras e frutas. "Mimada", segundo o julgamento dos Van Daan; "falta de ar livre e exercícios", julgamos nós.

Ao lado dela, mamãe. Bom apetite. Faladeira. Não dá a mesma impressão da sra. Van Daan, de ser a dona-de-casa. Qual a diferença? Bem, a sra. Van Daan cozinha, enquanto mamãe lava e arruma.

Números seis e sete. Não vou falar muito de papai e de mim. Ele é o mais desligado dos que estão à mesa. Primeiro olha, para ver se todos estão servidos. Não exige nada, pois os melhores bocados são para as crianças. Pode ser apontado como exemplo, e, ao lado dele, está o feixe de nervos do Anexo Secreto.

Dr. Dussel. Serve-se, não levanta os olhos, come e não fala. E se é obrigado a falar, que seja sobre comida. Enormes porções desapareceram por sua boca, e nunca se ouve a palavra "não". Nunca, se a comida é boa e, muito raramente, quando é ruim. As calças chegam-lhe ao peito, o casaco é vermelho, os chinelos, pretos e os óculos, de aro de tartaruga. É assim que ele pode ser visto, sentado à pequena mesa, sempre trabalhando, parando apenas para a sesta, a comida e seu lugar favorito: o banheiro. Três, quatro ou cinco vezes por dia, há sempre alguém impaciente diante da porta, torcendo-se, pulando de um pé para o outro, quase sem poder se agüentar. Pensa que ele se apressa? Por nada deste mundo. Das sete e quinze às sete e meia, do meio-dia e meia à uma hora, das duas às duas e quinze, das quatro às quatro e quinze, das seis às seis e quinze e das onze e meia até a meia-noite, que ninguém se habilite ao banheiro. São as horas sagradas de "sentar". Ele não sai e nem se importa com os pedidos de urgência, avisando de um desastre iminente!

Número nove. Não é membro efetivo do Anexo Secreto, mas companheira de casa e mesa. Elli é um bom garfo. Não deixa nada no prato e não escolhe comida. É fácil de agradar, e é por isso que nos agrada. Alegre, bem-humorada, sempre disposta, estas são as suas características.

Sua Anne.

Terça-feira, 10 de agosto de 1943

Querida Kitty

Nova idéia. Durante as refeições, falo mais comigo mesma do que com os outros, e isso por duas boas razões. Primeiro, porque todo mundo fica feliz se eu não falar e, segundo, porque não preciso me aborrecer com as opiniões alheias. Não acho que minhas opiniões sejam idiotas, mas os outros acham; portanto, o melhor é guardá-las para mim. Faço exatamente a mesma coisa quando sou obrigada a comer algo que não suporto. Ponho o prato à minha frente, finjo que é delicioso o que vou comer, olho o menos possível e pronto, já está acabado! Também ao me levantar de manhã — processo desagradabilíssimo —, pulo da cama pensando: "Você vai voltar num instante"; vou até a janela, retiro o *blackout*, respiro pela fresta até sentir um pouco de ar fresco e já estou acordada. Desfaço a cama o mais depressa possível para afastar qualquer tentação. Sabe como é que mamãe chama estas pequenas coisas? "A arte de viver" — expressão estranha. Desde a semana passada estamos meio atrapalhados com a contagem do tempo, pois retiraram o sino de nosso querido Westertoren, aparentemente por razões de guerra. Ficamos sem saber mais a hora certa, nem de noite e nem de dia. Minha esperança é de que arranjem um substituto (de lata, cobre ou qualquer outro metal), para que não se perca a tradição do velho relógio.

Esteja eu lá em cima ou aqui embaixo, esteja onde estiver, todos os olhares se voltam para meus pés calçados em um par de sapatos excepcionalmente elegantes (considerando-se os tempos). Miep conseguiu arranjá-los de segunda mão, por vinte e sete florins e cinqüenta. São de camurça cor de vinho, com saltos que pouco faltam para serem altos. Sinto-me como se estivesse andando de pernas de pau e pareço muito mais alta do que sou.

Dussel, indiretamente, pôs em perigo nossas vidas. Pediu a Miep que lhe trouxesse um livro proibido que ataca Mussolini e Hitler. Por acaso, no caminho, aconteceu que um carro das SS deu uma fechada em Miep. Ela perdeu a cabeça e gritou: "Miseráveis desgraçados!" E continuou pedalando. Nem quero pensar no que teria acontecido se eles a pegassem e a obrigassem a ir até a chefatura de polícia.

Sua Anne.

Quarta-feira, 18 de agosto de 1943

Querida Kitty

O título desta página é: Tarefa comunitária do dia: descascar batatas!

Uma pessoa apanha os jornais, outra, as facas (ficando com a melhor para si, é claro), a terceira, as batatas e as quarta, uma vasilha com água.

O sr. Dussel, para começar, nem sempre tira a casca direito, mas raspa incessantemente, olhando à esquerda e à direita. Será que os outros fazem como ele? Não!

— Anne, olhe aqui! Eu pego a faca assim e começo a tirar a casca de cima para baixo. Não, assim não, assim!

— Eu acho melhor assim, sr. Dussel — respondo timidamente.

— Pois o melhor jeito é como estou lhe dizendo, mas *du kannst* vai escutar o que digo. Naturalmente não me importo nem um pouco, *aber du* aprenderá por si mesma.

Continuamos a descascar. Disfarçadamente, olho na direção do meu vizinho. Ele sacode a cabeça mais uma vez (suponho que pensando em mim), mas permanece em silêncio.

Vou descascando sem parar. Olho para o outro lado, onde está papai. Para ele, descascar batatas não é apenas um trabalho diferente, é um trabalho de precisão. Quando lê, fica com uma ruga profunda na testa, mas quando ajuda a preparar batatas, feijão, ou outro legume qualquer, então parece que só se dedica àquilo. Enfia sua "máscara batatal" e jamais seria capaz de entregar uma batata que não estivesse perfeitamente descascada. Quando ele se compenetra de alguma coisa, vai até o fim. Trabalho mais um pouco e depois levanto a vista. Já sabia! A sra. Van Daan tenta atrair a atenção de Dussel. Primeiro ela olha na direção dele, mas Dussel parece não reparar em nada. Então ela pisca um olho; Dussel continua trabalhando. Ela então ri; Dussel nem se mexe. Mamãe ri também; Dussel continua imperturbável! Não conseguindo nada, a sra. Van Daan tem de inventar outra coisa. Depois de algum tempo, ela fala:

— Putti, vá pôr um avental, senão amanhã terei de tirar as manchas de sua roupa!

— Não estou me sujando!

Outro momento de silêncio.

— Putti, por que não se senta?

— Estou bem em pé. Aliás, prefiro ficar assim.

Pausa.

— Putti, olhe só, *du spatst schon!* [10]

— Eu estou tendo cuidado, *Mummy!*

A sra. Van Daan procura outro assunto.

— Me diga uma coisa, Putti, por que não temos tido mais bombardeios ingleses?

— Porque o tempo anda feio, Kerli.

— Mas ontem o dia esteve lindo, e eles não apareceram.

— Não vamos falar sobre isso.

— Será que não se pode mais falar ou emitir qualquer opinião?

— Não.

— E por que não?

— Fique quietinha, *Mammi'chen*.

— O sr. Frank sempre responde à sua esposa, não?

O sr. Van Daan respira fundo. Esse é o seu ponto fraco, coisa que ele não atura, e a sra. Van Daan recomeça:

— A invasão parece que jamais virá!

O sr. Van Daan fica branco; ao vê-lo assim, ela fica vermelha, mas continua:

— Os ingleses não são de nada!

A bomba explode!

— Cale essa boca de uma vez, *Donnerwetter-nocheinmal!* [11]

Mamãe mal pode conter o riso. Eu olho para a frente, sem piscar.

Isso é coisa de todos os dias, a não ser que tenham tido uma briga feia, porque nesse caso não abrem o bico durante algum tempo.

Preciso ir até a água-furtada para apanhar mais batatas. Peter está lá, ocupado em catar as pulgas do gato. Levanta o olhar, o gato percebe e — pluf — desaparece pela janela aberta e vai para a rua. Peter solta uma praga. Eu dou uma risada e me mando.

Sua Anne.

Sexta-feira, 20 de agosto de 1943

Querida Kitty

Os empregados do depósito vão para casa às cinco e meia em ponto, e então ficamos livres.

Cinco e meia. Elli chega para nos anunciar nossa liberdade noturna. Imediatamente começamos as nossas obrigações. Em primeiro lugar, subo com Elli, que sempre participa de nossa refeição, comendo um bocadinho de nosso segundo prato.

Antes que Elli se sente, a sra. Van Daan já começa a pensar nas coisas que deseja. Não perde tempo:

— Oh, Elli, só queria que me arranjasse uma coisinha...

Elli pisca para mim. Chegue quem chegar, a sra. Van Daan jamais perde a oportunidade de pedir alguma coisa. Talvez essa seja uma das razões por que nenhum deles gosta de subir.

Quinze para as seis. Elli vai embora. Desço dois andares para fazer uma vistoria. Primeiro a cozinha, depois o escritório particular, o depósito de carvão, para abrir o alçapão para Mouschi. Após longa volta de inspeção, chego ao escritório de Kraler. Van Daan está procurando em todas as gavetas e pastas para ver se encontra a correspondência do dia. Peter aparece procurando a chave do depósito e Moffi; Pim está carregando as máquinas de escrever lá para cima; Margot procura um lugar sossegado para fazer o serviço do escritório; a sra. Van Daan põe uma chaleira de água no fogo; mamãe desce com uma vasilha cheia de batatas. Cada um sabe o que tem a fazer.

Não demora muito e Peter volta do armazém. A primeira pergunta é: pão. Este é sempre colocado no armário da cozinha pelas senhoras, mas não está lá. Esquecido? Peter oferece-se para dar uma espiada no escritório geral. Encolhe-se todo diante da porta e rasteja até os arquivos de aço para não ser visto do lado de fora, apanha o pão que lá foi colocado e desaparece; pelo menos desejaria desaparecer, mas antes que perceba o que está acontecendo, Mouschi pula por cima dele e vai postar-se bem embaixo da escrivaninha.

Peter olha em volta — ah, já viu o gato. Vai se arrastando pelo escritório e consegue pegar o bicho pelo rabo. Mouschi dá um miado. Peter bufa. E agora? Lá está Mouschi sentado na janela, lambendo o pêlo, muito satisfeito de ter escapado de Peter. Numa última tentativa, Peter segura um pedaço de pão bem debaixo do nariz do gato. Mouschi não se mexe, e a porta se fecha. Fiquei ali, espiando tudo por uma fresta. Continuamos a fazer as nossas tarefas. Toc, toc, toc! Três pancadas significam uma refeição!

Sua Anne.

Segunda-feira, 23 de agosto de 1943

Querida Kitty

Continuação do horário de todos os dias no Anexo Secreto. De manhã, quando o relógio bate oito e meia, Margot e mamãe ficam nervosas: — Chh... Quieto, papai... Chh... não faça barulho, Otto... Chh... Pim. São oito e meia, venha cá, não abra mais a torneira... pise de leve! — Estas são as várias recomendações feitas a papai, que se encontra no banheiro. Quando o relógio bate oito e meia, ele tem de estar na sala. Nenhuma torneira aberta, nada de privada nem de andar pela casa, tudo absolutamente quieto. Quando o pessoal do escritório não está trabalhando, qualquer ruído é ouvido no depósito. Lá em cima a porta é aberta às cinco e vinte, e logo depois somos avisados com três batidas no chão: o mingau de Anne. Subo e apanho meu prato de "cachorrinho novo". De volta ao meu quarto, faço tudo com uma

velocidade incrível: penteio os cabelos, retiro meu barulhento vaso de metal, ponho a cama no lugar. Silêncio, o relógio bateu! Lá em cima, a sra. Van Daan já trocou os sapatos por chinelos. O sr. Van Daan também. Tudo é silêncio.

Temos agora um pouquinho de verdadeira vida familiar. Eu quero ler ou trabalhar, Margot, papai e mamãe também. Papai senta-se (com Dickens e o dicionário, naturalmente) na borda de uma cama que range, tem molas frouxas e nem um colchão decente tem: dois almofadões, um sobre o outro, resolveriam o caso, mas ele pensa: "Não, posso muito bem passar sem eles".

Uma vez mergulhado na leitura, não levanta os olhos nem toma conhecimento de tudo o que se passa à sua volta; sorri de vez em quando e faz tudo para interessar mamãe em alguma história. A resposta é invariável! — Agora não tenho tempo. — Por alguns momentos ele parece desapontado, mas logo recomeça a leitura; não demora muito, ao encontrar um outro trecho engraçado, ele tenta novamente: — Você precisa ler isto, Mummy! — Mamãe senta na cama Opklap [12], lê, costura, faz tricô, ou trabalha, de acordo com sua vontade no momento. Subitamente ela se lembra de alguma coisa, e então fala rapidamente: — Anne, você sabia que... Margot, vou lhe contar uma coisa... — Depois de contada a novidade, a paz retorna à sala.

Margot fecha o livro com estrépito. Papai ergue as sobrancelhas, em curva esquisita, mas logo se forma novamente em sua testa aquela ruga de leitura, e ele mergulha novamente no livro. Mamãe começa a conversar com Margot, fico curiosa e escuto. Pim também é atraído pela conversa... nove horas! Café!

Sua Anne.

Sexta-feira, 10 de setembro de 1943

Querida Kitty

Sempre que lhe escrevo é porque aconteceu algo especial, na maioria das vezes, desagradável. Agora, no entanto, o que está acontecendo é maravilhoso. Quarta-feira última, dia 8 de setembro, estávamos reunidos ouvindo o noticiário das sete horas, quando escutamos: "E agora, a melhor notícia de toda esta guerra: a Itália capitulou!" A rendição incondicional da Itália! O programa holandês, irradiado da Inglaterra, começou às oito e quinze. "Ouvintes, há uma hora, eu mal acabara de escrever minha crônica do dia, quando recebi a notícia espetacular da capitulação da Itália. Garanto-lhes que jamais atirei minhas notas na cesta de papéis com tamanha satisfação." Tocaram o *God save the king*, o hino nacional americano e a Internacional. O programa holandês, como sempre, foi animador sem ser otimista demais.

Infelizmente, tenho também dissabores para contar a você. Trata-se do sr. Koophuis. Você sabe como nós todos gostamos dele; está sempre alegre e é extraordinariamente corajoso, apesar de jamais sentir-se bem, ter sempre muitas dores e não poder comer nem andar muito. Mamãe disse certa vez: — Quando o sr. Koophuis entra, o sol começa a brilhar.

— Nunca vi coisa tão certa. Agora ele tem que ir para o hospital, para submeter-se a uma operação abdominal bastante desagradável, e ficará lá durante umas quatro semanas. Você devia ter visto a maneira como ele se despediu de nós. Normalmente, como se fosse apenas sair para fazer umas compras...

Sua Anne.

Quinta-feira, 16 de setembro de 1943

Querida Kitty

As relações entre nós pioram a cada dia que passa. Durante as refeições, ninguém mais se atreve a abrir a boca (a não ser para comer), pois tudo o que se diz aborrece alguém ou é mal interpretado. Todos os dias, tomo pílulas de valeriana, indicadas para preocupação e depressão, o que não impede que me sinta ainda mais infeliz no dia seguinte. Uma boa gargalhada faria muito mais bem do que dez pílulas de valeriana, mas acho que nós até esquecemos como se ri. Às vezes receio que, de tanto ficar séria, acabe de cara comprida e boca descaída. Os outros, também, não se sentem melhor, e todos, cheios de apreensão, aguardam a aproximação do grande terror, o inverno. Outra coisa que nos está preocupando é o fato de o homem do depósito, V. M., estar se tornando desconfiado quanto ao Anexo Secreto. Na realidade, pouco nos importaria o que pensasse V. M. de nossa situação, não fosse ele tão indagador, difícil de enganar e, principalmente, indigno de confiança. Certo dia, querendo tomar um cuidado ainda maior, Kraler, às dez para a uma, vestiu o paletó e foi à farmácia da esquina. Voltou em menos de cinco minutos e esgueirou-se como um ladrão, pela escada íngreme que conduz direto aqui para cima. À uma e quinze, quis descer, mas Elli veio avisar que V. M. estava no escritório. Kraler deu meia-volta e ficou conosco até uma e meia. A seguir, tirou os sapatos e dirigiu-se, só de meias, para a porta da água-furtada, descendo pé ante pé; depois de se equilibrar assim durante um quarto de hora, para evitar que a escada rangesse, entrou no escritório, a salvo, pela porta da frente. Elli, que nesse meio tempo se livrara de V. M., veio buscar Kraler, mas ele havia saído há tempo; devia estar ainda na escada, com os sapatos na mão. O que iria pensar a gente do bairro se visse o gerente da firma calçando os sapatos lá fora? Seria chocante, o gerente só de meias!

Sua Anne.

Quarta-feira, 29 de setembro de 1943

Querida Kitty

Hoje é aniversário da sra. Van Daan. Demos a ela um pote de geléia, alguns cupons para queijo, carne e pão. Do marido, de Dussel e de nossos protetores, recebeu coisas de comer e flores. Esses são os tempos em que vivemos!

Elli teve um ataque de nervos esta semana; mandaram-na à rua muitas vezes, sempre pedindo que fosse com toda a urgência buscar alguma coisa, o que significava invariavelmente uma incumbência a mais. Se a gente levar em conta que Elli tinha ainda que fazer o seu

trabalho lá embaixo e mais o de Koophuis, que está doente; e o trabalho de Miep, em casa com gripe; que está com o tornozelo luxado, tem preocupações amorosas, e um pai rabugento, não há de se admirar do seu desespero. Procuramos consolá-la dizendo que, se fincar pé uma ou duas vezes dizendo que não tem tempo, logo as listas de compras vão diminuir automaticamente.

Há qualquer coisa de errado com o sr. Van Daan. Papai anda muito zangado, por razão que ignoro. Oh, que explosão estará pairando sobre nós? Se ao menos eu não estivesse sempre tão envolvida nessas brigas! Se eu pudesse sair! Essa gente vai acabar nos deixando doidos, e não demora muito!

Sua Anne.

Domingo, 17 de outubro de 1943

Querida Kitty

Koophuis está de volta, graças a Deus! Ainda está bastante pálido, mas apesar disso concordou, de boa vontade, em vender roupas para Van Daan. É uma coisa muito desagradável, mas a verdade é que os Van Daan estão praticamente falidos. A sra. Van Daan não quer separar-se de uma única peça da sua pilha de casacos, vestidos e sapatos. O terno do sr. Van Daan não vai ser fácil de vender porque ele pede muito dinheiro por ele. Ainda não se sabe como terminará esta história. Certamente a sra. Van Daan terá que desfazer-se de seu casaco de peles. Tiveram lá em cima uma briga terrível por causa disso, e agora teve início o meloso período de reconciliação, com os intermináveis "oh, meu querido Putti" e "minha adorada Kerli".

Estou apavorada com a troca de desaforos que aconteceu o mês passado neste virtuoso lar. Papai vive com os lábios cerrados; quando alguém lhe dirige a palavra, olha sobressaltado, como se temesse ter de discutir ou brigar. Mamãe está com o rosto cheio de manchas vermelhas, de nervosismo. Margot queixa-se de dores de cabeça. Dussel não consegue dormir. A sra. Van Daan resmunga o dia inteiro e eu estou ficando completamente maluca! Francamente, esqueço-me, às vezes, de quem brigou com quem e quem está de bem com quem.

O único jeito de espairecer é estudar, e eu tenho estudado bastante.

Sua Anne.

Sexta-feira, 29 de outubro de 1943

Querida Kitty

Novamente brigas escandalosas entre o casal Van Daan. A coisa foi assim: eu já lhe contei que os Van Daan estão quase sem dinheiro. Certo dia, já há algum tempo Koophuis mencionou um peleteiro conhecido seu; isso deu a Van Daan a idéia de vender o casaco de

peles de sua mulher. É um casaco feito de pele de coelho, e ela já o usa há dezessete anos. O homem pagou trezentos e vinte e cinco florins por ele, uma soma enorme. O caso é que a sra. Van Daan queria guardar todo o dinheiro para comprar roupas novas depois da guerra, e foi uma luta para o sr. Van Daan convencê-la de que precisavam do dinheiro com urgência para poder sobreviver.

Gritos, berros, bate-pés e ofensas — você nem de longe pode imaginar o que foi! Simplesmente aterrador! Minha família ficou ao pé da escada, tensa, pronta a separá-los se chegassem mesmo às vias de fato. Toda essa gritaria, choradeira e tensão nervosa me abalaram de tal forma que à noite eu me atiro na cama, aos prantos, agradecendo a Deus por ter meia hora de isolamento.

O sr. Koophuis está novamente afastado de nós; seu estômago não lhe dá sossego. Ele nem sabe ainda se o sangramento parou. Pela primeira vez mostrou-se abatido quando nos disse que não estava passando bem e que ia para casa.

Comigo, em geral, tudo vai bem, a não ser pela falta de apetite. Estou cansada de ouvir: "Você não está com uma cara boa". Devo reconhecer que fazem o melhor que podem para me manter em forma. Açúcar de uvas, óleo de fígado de bacalhau, tabletes de levedo, cálcio, de tudo já me supriram. Freqüentemente, meus nervos me dominam: é principalmente aos domingos que me sinto arrasada. A atmosfera se torna opressiva, pesada como chumbo. Não se ouve o cantar de um único passarinho, e um silêncio mortal invade tudo, envolvendo-me, como se me quisesse arrastar para um abismo escuro e profundo.

Nessas horas, papai, mamãe e Margot nada significam para mim. Vagueio de um quarto para outro, desço e torno a subir, sentindo-me como um pássaro canoro ao qual tivessem arrancado brutalmente as asas e que se debate desesperadamente contra as grades de sua gaiola. "Vá lá para fora, ria, respire ar fresco", uma voz grita dentro de mim, mas nem forças tenho mais para reagir. Deito-me no divã e durmo para que o tempo, o silêncio opressivo e o medo horrível que sinto passem mais depressa, já que não há outra maneira de os matar.

Sua Anne.

Quarta-feira, 3 de novembro de 1943

Querida Kitty

Para nos dar alguma ocupação que seja ao mesmo tempo educativa, papai solicitou um prospecto do Instituto dos Professores de Leiden. Margot enfiou a cara no enorme livro e até agora nada encontrou que lhe interessasse ou conviesse. Papai foi mais rápido e quer que eu escreva uma carta ao Instituto pedindo uma aula experimental de latim elementar.

Papai pediu também a Koophuis uma Bíblia para crianças, para que eu possa, finalmente, conhecer alguma coisa sobre o Novo Testamento.

— Você quer dar uma Bíblia para Anne, no Hanuká? — perguntou Margot, um tanto

perturbada.

— Sim... Bem... Acho que será melhor no dia de São Nicolau — respondeu papai. — Acho que Jesus não combina muito com o Hanuká.

Sua Anne.

Segunda-feira, à noite, 8 de novembro de 1943

Querida Kitty

Se você lesse essa pilha de cartas, uma após outra, ficaria chocada com as várias disposições de ânimo com que foram escritas. Fico chateada de depender tanto assim da atmosfera aqui reinante. Mas não sou a única — todos sentimos o mesmo. Se leio um livro que me impressiona, tenho que me controlar antes de me reunir aos outros, do contrário achariam que estou sofrendo da bola. No momento, como você já deve ter notado, estou em período de depressão. Na verdade, não saberia dizer por quê; creio, porém, que é porque sou covarde e isso está sempre me atrapalhando.

Esta noite, enquanto Elli se encontrava aqui conosco, tocaram a campainha da porta, forte e longamente. Fiquei branca; no mesmo instante senti dores no estômago e palpitações no coração, tudo por causa do medo, é claro. À noite, na cama, vejo-me sozinha numa masmorra, sem mamãe e papai. Às vezes, vejo-me na estrada, a vaguear, ou então o Anexo Secreto pega fogo, ou eles aparecem, à noite, e nos levam embora. Vejo tudo como se estivesse acontecendo na realidade, e isso me dá a impressão de que acontecerá mesmo, muito breve! Miep costuma dizer que inveja a tranqüilidade que aqui gozamos! Talvez seja verdade, mas Miep não se lembra de nossos temores. Não posso, não consigo imaginar que o mundo se torne normal, para nós, novamente. Muitas vezes falo em "depois da guerra", mas acho que isso é castelo no ar, coisa que jamais acontecerá na realidade. Se penso em nossa antiga casa, em minhas amigas, nas brincadeiras da escola, é como se outra pessoa tivesse vivido aquela vida, não eu.

Vejo a nós oito, em nosso Anexo Secreto, como se estivéssemos num pedacinho de céu azul cercado de nuvens negras e pesadas. O ponto bem definido onde estamos ainda está a salvo, mas as nuvens vão se juntando ao nosso redor, e o círculo que nos separa do perigo iminente fecha-se implacavelmente. Estamos agora tão rodeados de trevas e perigos, que vivemos aos encontrões, buscando desesperadamente um meio de escapar. Olhamos para baixo, onde os homens se destroem, e para cima, onde tudo é silêncio e beleza, mas nesse entretempo ficamos isolados pela grande massa escura que não nos deixa subir, mas fica à nossa frente como parede impenetrável; tenta esmagar-nos, porém, não o consegue. Só posso chorar e pensar: "Se ao menos o círculo negro se afastasse e abrisse caminho para nós!"

Sua Anne.

Quinta-feira, 11 de novembro de 1943

Querida Kitty

Tenho um bom título para este capítulo:

ODE A MINHA CANETA-TINTEIRO

IN MEMORIAM

Minha caneta-tinteiro sempre foi, para mim, de um valor inestimável. Este grande valor que lhe dou decorre especialmente da pena grossa, pois só com pena bem grossa consigo fazer uma letra bem bonita. Minha caneta teve uma longa e interessante vida de caneta, que vou lhe contar em poucas palavras.

Eu tinha nove anos quando minha caneta chegou num embrulho (toda envolta em algodão) como "amostra grátis". Viajou muito, desde Aachen, onde vivia minha avó, a bondosa doadora. Eu estava de cama, com gripe, enquanto os ventos de fevereiro uivavam em volta da casa. A gloriosa caneta era guardada em um estojo de couro vermelho e foi logo exibida a todos os meus amigos. Eu, Anne Frank, era a orgulhosa dona de uma caneta-tinteiro! Quando fiz dez anos, permitiram que eu levasse a caneta à escola, e a professora chegou mesmo a me deixar escrever com ela.

Aos onze anos, entretanto, fui obrigada a guardar meu tesouro outra vez, pois a professora da sexta série só permitia o uso de penas e tinteiros.

Aos doze anos fui para a Escola Secundária Israelita, e minha caneta-tinteiro ganhou novo estojo para comemorar o acontecimento. Neste cabia também um lápis, e como fechava por meio de um zíper, dava a impressão de maior luxo.

Aos treze anos, trouxe a caneta conosco para o Anexo Secreto, onde ela não parou mais, ocupada com diário e redações sem conta.

Agora que tenho catorze anos, chega ao fim o último ano que passamos juntas.

Foi numa sexta-feira à tarde, depois das cinco horas. Eu havia saído do quarto e ia sentar-me à mesa, para escrever, quando fui rudemente empurrada para um lado, a fim de dar lugar a Margot e papai, que desejavam praticar seu latim. A caneta-tinteiro ficou sobre a mesa, inativa, enquanto sua dona, com um suspiro, teve de contentar-se com um cantinho minúsculo da mesa, com a incumbência de "esfregar feijão". Esfregar feijão é fazer com que os grãos mofados se tornem decentes outra vez. Faltavam quinze minutos para as seis quando juntei a sujeira e o feijão estragado num jornal, que atirei ao fogo. Imediatamente levantou-se uma linda chama. Achei ótimo que o fogo pegasse assim tão bem, quando já estava quase apagando. Mais tarde tudo se acalmou: os latinistas haviam terminado, e fui, outra vez, sentar-me à mesa. Procurei meus petrechos para escrever, mas não encontrei a caneta-tinteiro, por mais que olhasse por todo lado. Olhei de novo, Margot ajudou-me a procurar, e nem sombra da dita-cuja.

— Quem sabe foi atirada ao fogo, junto com o feijão? — sugeriu Margot.

— Ora, claro que não — repliquei.

Enfim, como naquela noite minha caneta não apareceu mesmo, concluímos que fora queimada, ainda mais que celulóide é terrivelmente inflamável.

E não deu outra coisa. Confirmaram-se nossos piores receios. Ao limpar a estufa, na manhã seguinte, o clipe que servia para segurar a tampa foi encontrado entre as cinzas. Da pena de ouro, nem sombra.

— Deve ter derretido e grudado em alguma pedra — disse papai.

Um consolo eu tenho, embora muito pequeno: minha caneta-tinteiro foi cremada; exatamente como eu quero ser, um dia!

Sua Anne.

Quarta-feira, 17 de novembro de 1943

Querida Kitty

Coisas desesperadoras estão acontecendo. Há casos de difteria na casa de Elli, e por isso ela está proibida de entrar em contato conosco durante pelo menos seis semanas. Isso complica o problema da comida e das compras, sem contar a falta que a própria Elli nos faz, como companhia. Koophuis ainda está de cama e há três semanas só bebe leite e toma mingau. Kraler anda ocupadíssimo.

As lições de latim mandadas por Margot são corrigidas por um professor e devolvidas, sendo que Margot escreve em nome de Elli. O professor parece ser bom, além de espirituoso. Creio que está contente por ter uma aluna tão inteligente.

Dussel anda enfezado, ninguém sabe por quê. Começou por não abrir a boca sempre que aparece lá por cima; não dirige a palavra ao sr. ou à sra. Van Daan. Todos ficamos intrigados, e, ao ver que aquela situação já durava dois dias, mamãe aproveitou a oportunidade para avisá-lo de que a sra. Van Daan era capaz de tornar a situação bem desagradável para ele, caso insistisse.

Dussel respondeu que fora o sr. Van Daan que iniciara aquele silêncio e não seria ele o primeiro a quebrá-lo.

Ah, preciso contar a você que ontem foi dia 16 de novembro, dia em que ele completava um ano de residência no Anexo Secreto. Mamãe ganhou uma planta para comemorar a data, mas a sra. Van Daan, que, com uma semana de antecedência e sem maiores rodeios, dissera-lhe que nos devia oferecer algum presente, não recebeu nada.

Em vez de expressar agradecimentos (seria a primeira vez) pela generosidade que demonstramos ao recebê-lo, Dussel não disse uma palavra. Quando lhe perguntei, na manhã do dia 16, se devia dar-lhe parabéns ou pêsames, respondeu que pouco lhe importava. Mamãe quis bancar a pomba da paz, mas não conseguiu avançar um passo, e a situação permaneceu como estava.

Der Mann ist einem grossen Geist

Und ist so kleirt von Taten! [13]

Sua Anne.

Sábado, 27 de novembro de 1943

Querida Kitty

Ontem à noite, antes de adormecer, sabe quem me apareceu? Nada mais nada menos do que Lies!

Eu a vi, à minha frente, vestida de trapos, com o rosto magro e abatido. Seus olhos pareciam enormes, e olhou para mim com tanta tristeza e reprovação que eu pude ler seus pensamentos: — Oh, Anne, por que me abandonou? Socorro! Ajude-me! Tire-me deste inferno!

E não a posso socorrer. A única coisa que posso fazer é ver os outros sofrendo e morrendo e pedir a Deus que nos devolva Lies.

Vi apenas Lies, ninguém mais. Julguei-a mal. Eu era criança demais para entender suas dificuldades. Ela se afeiçoara a uma nova amiga, e devo ter-lhe dado a impressão de que a queria tomar. Pobre menina, imagino como deve ter-se sentido, pois conheço muito bem esta sensação!

Às vezes, num relance, percebia algo de sua vida, porém logo estava egoisticamente absorvida em meus próprios dilemas e prazeres. Foi horrível de minha parte tratá-la assim. Agora ela olha para mim tão impotente, com o rosto pálido e os olhos suplicantes! Se eu, ao menos, pudesse socorrê-la!

Oh, meu Deus! Tendo eu tudo o que desejo, e vê-la, assim, abatida por um destino terrível! Não sou melhor do que ela; ela também desejava fazer o que era direito. Por que teria sido eu escolhida para viver e ela, provavelmente, para morrer? Qual a diferença entre nós? Por que tão longe uma da outra, agora?

Sinceramente, há meses não pensava em Lies, talvez um ano. Não que a tivesse esquecido, porém nunca mais me lembrara dela dessa maneira, até que a vi à minha frente, em toda a sua miséria!

Oh, Lies, tenho esperança de que, vivendo até o fim da guerra, você possa voltar para junto de nós para que eu a receba e faça tudo para compensar o mal que lhe causei.

Mas quando estiver ao meu alcance socorrê-la, talvez não necessite do meu auxílio tanto como agora. Será que de vez em quando ela pensa em mim? Se pensa, o que sentirá?

Senhor! Defendei-a para que, ao menos, não esteja só. Oh! se ao menos Vós pudésseis dizer-lhe que penso nela com carinho e piedade, talvez tivesse mais forças para resistir.

Não devo pensar mais nisso porque esse sofrimento não me levará a nada. Continuo a ver seus olhos enormes, não consigo livrar-me deles. Será que Lies tem fé em si mesma, mas uma fé profunda e não apenas aquela que lhe foi imposta?

Nem isso eu sei; nunca me dei ao trabalho de lhe perguntar.

Lies, Lies, se ao menos eu pudesse ir buscar você, compartilhar com você tudo o que tenho. Agora é tarde. Já não posso reparar o mal que fiz. Mas não hei de esquecê-la de novo e rezarei sempre por ela.

Sua Anne.

Segunda-feira, 6 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Com a aproximação do dia de São Nicolau, ninguém pode deixar de recordar a linda cesta enfeitada do ano passado, e eu, especialmente, achei que seria muito sem graça não fazer nada este ano. Pensei muito no assunto até inventar uma coisa, e uma coisa engraçada.

Consultei Pim, e há uma semana começamos a compor uma pequena poesia para cada pessoa.

No domingo à noite — faltavam quinze para as oito — aparecemos lá em cima carregando uma enorme cesta de lavadeira toda enfeitada de figurinhas e laços de papel-carbono rosa e azul. A cesta estava coberta por uma enorme folha de papel pardo, no qual estava pregada uma carta. Todos ficaram realmente espantados com o tamanho da surpresa que ali vinha embrulhada.

Apanhei a carta e li:

Eis que São Nicolau chega de novo

Diferente, porém, da última vez.

Não podemos celebrá-lo com festas

Como fizemos no ano passado.

Nossas esperanças eram muitas, então,

E os otimistas pareciam ter razão

Ninguém supunha que este ano

O receberíamos ainda às escondidas.

Mesmo assim, alegremo-nos no seu dia

E como não temos nada para ofertar

Queiram todos, por favor,

Dentro de seus sapatos olhar.

Ao tirar cada um seu sapato da cesta, foi uma gargalhada geral. Dentro de cada sapato havia um pequeno embrulho com o endereço do dono.

Sua Anne.

Quarta-feira, 22 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Uma gripe fortíssima impediu-me de escrever a você até o dia de hoje. Não imagina como é horrível ficar doente, aqui. Quando queria tossir — um, dois, três — enfiava a cabeça debaixo das cobertas para abafar o ruído. Em geral, o resultado não era dos melhores, e a coceira na garganta continuava; leite com mel, açúcar, pastilhas, tudo foi tentado. Chego a ficar zonza, quando me lembro da quantidade de curas que experimentaram em mim. Suadores, compressas, toalhas molhadas no peito, toalhas secas no peito, bebidas quentes, gargarejos, pinceladas na garganta, repouso absoluto, travesseiros extras para aquecer, bolsas de água quente, limonadas e, ainda por cima, termômetro de duas em duas horas.

Será que alguém sara com todas essas coisas? O pior de tudo foi o sr. Dussel querendo bancar o doutor: deitou a cabeça grisalha em meu peito nu para ouvir os ruídos que vinham lá de dentro! O cabelo dele me incomodava tremendamente, mas não era só isso; é que fiquei um bocado encabulada, apesar de ele ter estudado medicina há trinta anos e possuir título de doutor. Que idéia a desse sujeito, vir deitar-se em meu coração! Não é meu namorado nem nada! Além do mais, jamais poderia saber se estou doente ou não, lá por dentro; seus ouvidos devem estar precisando de uma boa lavagem, pois está surdo feito uma porta!

Mas chega de doença. Já estou em ponto de bala outra vez, cresci um centímetro, engordei um quilo, continuo pálida, mas com muito apetite de novos conhecimentos.

Não tenho grandes novidades para lhe contar. Para variar, estamos nos dando bem. Não têm havido brigas — acredite que há meio ano não gozávamos de tanta paz nesta casa. Elli continua isolada de nós.

Recebemos, no Natal, óleo extra, doces e xarope, mas o presente mais bacana foi um broche feito de uma moeda de dois centavos e meio e que brilha que é uma maravilha. É lindo, mas indescritível. O sr. Dussel pediu a Miep que fizesse um lindo bolo para ele oferecer a mamãe e à sra. Van Daan. Com todo o trabalho que ela tem, ainda fazer mais isso! Eu também tenho uma coisa para Miep e Elli. Sabe, durante dois meses economizei o açúcar de meu mingau e, com o auxílio do sr. Koophuis, quero que o transformem em *fondants*.

O tempo está chuvoso, o fogão cheira mal e a comida pesa no estômago de todos nós, provocando ruídos estranhos em todas as direções.

A guerra não progride. Nosso moral está podre.

Sua Anne.

Sexta-feira, 24 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Já lhe escrevi, certa vez, como o clima aqui reinante nos afeta a todos. Creio que no meu caso o problema está se agravando sensivelmente.

"*Himmelhoch jauchzend und zum Tode betrübt* [14]" serve perfeitamente para mim. Sinto-me *Himmelhoch jauchzend*, se penso como somos felizes aqui em comparação com outras crianças judias, e *zum Tode betrübt*, se acontece como hoje, por exemplo, quando a sra. Koophuis veio ver-nos e contou do clube de hóquei de sua filha Corry, das competições de barco, dos teatros, dos amigos. Não sei se tive ciúmes de Corry, só sei é que senti uma vontade enorme de me divertir à beça, rir até minha barriga doer, nem que fosse uma só vez. Esta época do ano é especialmente linda, com os feriados de Natal e Ano-Novo, e nós trancafiados aqui dentro como párias da sociedade! Olhe, sinceramente eu não deveria escrever isto, parece até ingratidão, eu sempre exagero tudo. Mesmo assim, pense de mim o que quiser, não posso guardar comigo tudo o que sinto, e por isso relembro as palavras que escrevi no início deste diário: "o papel é paciente".

Quando chega alguém lá de fora com as roupas batidas pelo vento e o rosto gelado, minha vontade é esconder a cabeça nos cobertores para não pensar: "Quando nos concederão o privilégio de respirar ar fresco?" Sei que meu dever não é esconder a cabeça nas cobertas, e sim, ao contrário, levantá-la bem alto e ser corajosa. Mas não consigo evitar esses pensamentos, e eles voltam não uma vez só, mas vezes sem conta. Acredite no que lhe digo; se você ficasse trancada durante um ano e meio, tenho a certeza de que sentiria, muitas vezes, que era demasiado. Apesar de toda a gratidão que devemos sentir, não se pode esmagar os sentimentos. Andar de bicicleta, dançar, assobiar, olhar o mundo, ser jovem e livre — é isso o que mais desejo; porém não o posso demonstrar porque — penso nisso muitas vezes — se nós

oito começássemos a ficar com pena de nós mesmos e a andar com caras infelizes, onde é que iríamos parar? Às vezes pergunto a mim mesma: "Será que alguém, judeu ou não, compreenderia que sou apenas uma mocinha com uma necessidade terrível de se divertir pra valer?"

Não sei, nem poderia falar dessas coisas para ninguém, pois sei que começaria a chorar. E chorar alivia tanto!

Apesar de todas as minhas teorias e esforços, cada dia sinto mais falta de uma mãe de verdade, que me entenda. Por isso, tudo o que faço ou escrevo é pensando na *Mumsie* [15] que quero ser para meus filhos, mais tarde. Uma *Mumsie* que não levasse tão a sério o que os outros dizem, mas que levasse a sério o que eu digo. Já reparei, embora não saiba explicar como, que a palavra "*Mumsie*" diz tudo, tudo. Sabe o que descobri? Que para ter a sensação de chamar mamãe de algo parecido com *Mumsie*, chamo-a, muitas vezes, de *Mum* e até de *Mums*, que é a *Mumsie* incompleta. Gostaria de chamar mamãe de *Mumsie*, mas não sei se ela iria compreender.

Agora chega de falar nisso. Escrevendo, dissipou-se um pouco meu *zum Tode betrübt*.

Sua Anne.

Sábado, 25 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Durante estes dias, agora que chegou o Natal, penso muito em Pim e no que ele me disse sobre o amor de sua juventude. O ano passado não compreendi o sentido de suas palavras tão bem como agora. Se ele tornasse a falar comigo, talvez eu pudesse mostrar que o compreendo.

Creio que Pim falou nisso porque ele, "que conhece o segredo de tantos corações", teve necessidade de expressar seus próprios sentimentos, uma vez na vida. Sim, porque de outra forma, Pim jamais fala de si mesmo, e não creio que Margot tenha idéia do que ele passou. Pobre Pim! A mim ele não engana que já esqueceu tudo! Disso ele nunca há de esquecer. Tornou-se muito tolerante. Espero tornar-me um pouco parecida com ele, sem ter de passar por tudo o que ele passou.

Sua Anne.

Segunda-feira, 27 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Sexta-feira à noite, pela primeira vez na vida, ganhei um presente de Natal. Koophuis, Kraler e as meninas prepararam uma linda surpresa. Miep fez um bolo de Natal muito bonito, no qual estava escrito "Paz, 1944". Elli deu-me um pacote de biscoitos doces, da mesma qualidade dos que se faziam antes da guerra. Peter, Margot e eu recebemos, cada um, uma

garrafa de iogurte, e os adultos, uma de cerveja. Todos os presentes foram arranjados com muito gosto e enfeitados com figurinhas.

Fora isto, o Natal passou muito depressa, para nós.

Sua Anne.

Quarta-feira, 29 de dezembro de 1943

Querida Kitty

Ontem à noite senti-me outra vez muito infeliz. Tornei a lembrar-me de vovó e de Lies. Vovó, querida vovó! Como não compreendemos o quanto sofria e como era boazinha. Além de tudo, ela guardou consigo um segredo terrível, o tempo todo [16]. Como vovó sempre foi boa e leal! Nunca decepcionou a nenhum de nós. Mesmo quando eu fazia a maior travessura, ela estava sempre do meu lado.

Vovó, você gostava mesmo de mim ou será que você também não me compreendia? Não sei. Ninguém jamais se abria com vovó. Como deve ter-se sentido solitária apesar da nossa presença! Uma pessoa pode sentir-se isolada, mesmo sendo amada por muita gente, só pelo fato de não ser a "única" de ninguém.

E Lies, será que ainda está viva? Que fará ela? Oh, meu Deus, protegei-a, trazei-a de volta para nós. Lies, vejo em você, o tempo todo, o que me poderia ter acontecido; vejo-me constantemente em seu lugar. Por que, então, sentir-me infeliz com as pequenas coisas que acontecem aqui? Devia estar sempre alegre, contente e feliz, a não ser quando penso nela e em seus companheiros de infortúnio. Sou egoísta e covarde. Por que sonhar e pensar sempre nas coisas mais horrendas? No meu medo, tenho ímpetos de gritar com todas as minhas forças, pois apesar de tudo não tenho bastante fé em Deus. Ele me dá tanto! — e eu não mereço nada — e, mesmo assim, cometo erros todos os dias. Se me ponho, então, a pensar em meus semelhantes, morro de vontade de chorar. Dá para chorar o dia todo. Só nos resta rezar, pedir a Deus que realize um milagre e salve alguns deles. Espero estar rezando bastante.

Sua Anne.

Domingo, 2 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Hoje pela manhã, como não tinha nada de melhor para fazer, folheei algumas páginas de meu diário e, por várias vezes, dei com algumas páginas que falavam de mamãe com tanta revolta que, confesso, fiquei seriamente chocada, perguntando a mim mesma: "Anne, foi mesmo você quem mencionou a palavra "ódio"? Oh, Anne, como é que você pôde!" Fiquei sentada, com a página do diário aberta diante de mim, a pensar naquilo, em como eu estivera tão cheia de raiva, dessa coisa chamada ódio, a ponto de precisar desabafar com você. Estou tentando compreender e desculpar a Anne de um ano atrás, pois minha consciência não ficará

tranqüila enquanto não conseguir explicar essas acusações, analisando como surgiram.

Sofro agora, e naquele tempo sofria, também, de tristezas que me deixavam na fossa, fazendo com que eu só enxergasse as coisas de modo subjetivo, sem levar em consideração as palavras dos outros. Com meu temperamento impetuoso, ofendia e magoava as outras pessoas.

Escondia-me dentro de mim mesma, só considerava os meus sentimentos e, então, tranqüilamente, anotava em meu diário todas as minhas alegrias, tristezas e queixas. Este diário tem um grande valor para mim, pois em muitos trechos é um verdadeiro livro de memórias; em outras páginas, porém, eu poderia escrever "passado e esquecido".

Costumava enfurecer-me contra mamãe, e isso ainda acontece. É verdade que ela não me entende, mas eu também não a entendo. Ela sempre gostou de mim e me tratava com ternura. É que ao se ver envolvida em tantas situações desagradáveis por minha causa, sem contar com seu nervosismo e irritação por muitas outras preocupações e dificuldades, é compreensível que perdesse a paciência e fosse dura comigo.

Eu levava aquilo demasiadamente a sério, ofendia-me, tornava-me grosseira, e isso exasperava mamãe, tornando-a infeliz. Era, realmente, um círculo vicioso de ofensas e tristezas. Não foi um período agradável para nenhuma de nós, mas parece que está passando.

Eu simplesmente não queria enxergar as coisas e vivia com pena de mim mesma, o que, também, é compreensível. Naquelas violentas explosões no papel, eu apenas extravasava uma raiva que, se vivêssemos uma vida normal, teria se resolvido com um bate-pé trancada no quarto, ou com um ou dois nomes feios ditos a mamãe, pelas costas.

Já passou o período em que fazia mamãe chorar. Fiquei mais ajuizada, e os nervos de mamãe também já não andam tão à flor da pele. Em geral, se me aborreço, fico calada, e ela faz o mesmo; assim, pelo menos, vivemos aparentemente melhor. O amor que sinto por mamãe não é o de uma criança dependente — não consigo sentir esse tipo de amor.

Procuro apaziguar minha consciência pensando que é melhor que todas aquelas palavras duras tenham ficado no papel em vez de terem ferido o coração de mamãe.

Sua Anne.

Quarta-feira, 5 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Hoje tenho duas coisas para confessar a você, o que vai levar muito tempo. Mas tenho de contar a alguém, e você é a pessoa ideal, pois, aconteça o que acontecer, sei que guardará segredo.

A primeira coisa é sobre mamãe. Você sabe o quanto eu já me queixei a respeito de mamãe, embora sempre procurando ser boa para ela, novamente. Agora, de repente, ficou

claro para mim o que é que lhe falta. Foi a própria mamãe quem nos disse, uma vez, que nos considerava mais como amigas do que como filhas. Ora, isso pode ser muito bonito, mas a verdade é que amiga não pode nunca tomar o lugar de mãe. Preciso de uma mãe como um exemplo a seguir e respeitar. Tenho a impressão de que Margot pensa de outra maneira e jamais entenderia o que acabo de dizer. Quanto a papai, evita discussões a respeito de mamãe.

Imagino que uma mãe deve, em primeiro lugar, ter muito tato em relação a seus filhos, quando estes chegam à minha idade, e não deve rir de mim quando choro — não de dor, mas por outros motivos —, como *Mums* costuma fazer.

Uma coisa que nunca lhe perdoei aconteceu num dia em que tive de ir ao dentista. Mamãe e Margot iam comigo e concordaram em que eu fosse de bicicleta. Ao sairmos do dentista, mamãe e Margot disseram que iam à cidade a fim de ver ou comprar alguma coisa, não me lembro mais o quê. Eu quis ir também, mas não deixaram, pois eu estava de bicicleta. Lágrimas de raiva saltaram dos meus olhos enquanto Margot e mamãe puseram-se a rir de mim. Fiquei tão furiosa que lhes mostrei a língua, ali mesmo, na rua, à vista de uma senhora idosa que passava e que ficou escandalizada! Voltei para casa sozinha, de bicicleta, e lembro-me de que chorei durante um bom tempo.

É estranho que a ferida aberta por mamãe ainda doa quando me lembro da raiva que senti naquela tarde.

A segunda coisa é muito difícil de dizer porque é sobre mim mesma.

Ontem li um artigo de Sis Heyster sobre pessoas que enrubescem. Esse artigo parece ter sido dirigido a mim, pessoalmente. Embora não core com facilidade, todo o resto me servia sob medida. Em resumo, era mais ou menos isto: que uma jovem, nos anos da puberdade, fica mais calada e introspectiva, pensando nas coisas maravilhosas que estão acontecendo com seu corpo.

Sinto isso também, e talvez seja esse o motivo pelo qual, ultimamente, me sinto embaraçada com respeito a Margot, mamãe e papai. Engraçado, Margot, que é muito mais tímida que eu, parece não ter nenhum problema a esse respeito.

Acho que o que me está acontecendo é tão maravilhoso, não apenas as transformações que se podem ver em meu corpo, mas principalmente o que está acontecendo dentro de mim! Nunca falo com ninguém sobre essas coisas, por isso tenho de falar delas comigo mesma.

Cada vez que fico menstruada — e isso só aconteceu três vezes —, sinto que, apesar de toda a dor, desconforto e sujeira, sou dona de um segredo só meu, e é por isso que, embora de certo modo não passe de um período aborrecido, anseio pelo tempo em que sentirei dentro de mim aquele segredo.

Sis Heyster escreve também que, nessa idade, as jovens se sentem inseguras de si mesmas ao descobrirem que possuem individualidade, idéias, sentimentos e hábitos próprios. Quando vim para cá, aos catorze anos, comecei a pensar em mim mesma mais cedo que as

outras jovens, e a perceber que eu era uma "pessoa". Às vezes, deitada na cama, à noite, sinto um desejo terrível de apalpar meus seios e escutar as batidas calmas e rítmicas de meu coração.

Antes de vir para cá, eu já havia tido, subconscientemente, sentimentos semelhantes, pois lembro-me de que uma vez, ao dormir com uma amiga, senti forte desejo de beijá-la, e beijei mesmo. Sentia-me curiosíssima a respeito de seu corpo, que ela sempre escondera de mim. Perguntei-lhe se, como prova de amizade, poderíamos apalpar os seios uma da outra, mas ela recusou. Fico extasiada cada vez que vejo a figura nua de uma mulher, como Vênus, por exemplo. Sinto-me atraída por tanta maravilha e mal posso conter as lágrimas que rolam pelo meu rosto.

Se eu ao menos tivesse uma amiga!

Sua Anne.

Quinta-feira, 6 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Minha necessidade de falar com alguém tornou-se tão intensa que, não sei como, resolvi escolher Peter.

De vez em quando, tenho subido até o quarto dele, durante o dia. O quarto é bastante aconchegante, mas como Peter é tímido e jamais teria coragem de mandar embora mesmo um importuno, nunca me atrevi a demorar demais, com medo de me tornar aborrecida. Procurei uma desculpa para ficar mais tempo em seu quarto e fazê-lo falar sem que ele reparasse, é claro, e ontem, finalmente, meu dia chegou. A mania atual de Peter são palavras cruzadas, e ele passa quase o dia inteiro tentando resolvê-las. Ajudei-o com algumas e logo estávamos sentados um diante do outro à pequena mesa, ele na cadeira e eu no divã.

Sentia-me invadida por um sentimento esquisito, cada vez que contemplava seus profundos olhos azuis enquanto ele ali estava, sentado, com aquele sorriso misterioso a lhe brincar nos lábios. Podia ler seus pensamentos mais íntimos. Via em seu rosto aquele ar de incerteza quanto a seu comportamento e, ao mesmo tempo, traços de virilidade. Observando seus modos tímidos, senti-me muito meiga; não pude deixar de procurar aquele olhar profundo mais e mais vezes e quase cheguei a implorar: — Diga-me o que vai em seu coração; será que não enxerga além dessa conversa ridícula?

Mas a tarde passou, e nada aconteceu, apenas falei sobre as pessoas que enrubescem — não o que escrevi, naturalmente, mas o que havia lido, apenas para que se tornasse mais seguro de si, quando ficasse mais velho.

À noite, deitada, analisei a situação, que me pareceu pouco encorajadora. A simples idéia de implorar a amizade de Peter é francamente repulsiva. Enfim, a gente é capaz de tudo para satisfazer os próprios anseios — o que é bem verdade no meu caso, pois estou mesmo

resolvida a ir procurar Peter mais vezes e a fazê-lo falar, custe o que custar.

Mas, pelo amor de Deus, não vá pensar que estou apaixonada por Peter — nem pense nisso! Se os Van Daan tivessem uma filha em vez de um filho, eu procuraria fazer amizade com ela também.

Esta manhã acordei faltando cinco minutos para as sete horas com a lembrança nítida do que havia sonhado. Eu estava sentada em uma cadeira, e à minha frente, Peter... Wessel. Estávamos olhando um livro de desenhos de Mary Bo. Tão nítido foi o sonho que ainda me lembro dos desenhos. Mas isso não foi tudo — o sonho continuou. De repente, os olhos de Peter encontraram os meus, e fixei durante muito tempo aqueles lindos olhos castanhos, aveludados. Então, Peter falou, carinhosamente: — Se eu soubesse, teria vindo há mais tempo para perto de você. — Voltei-me bruscamente, estava emocionada demais. Depois disso senti junto ao meu um rosto tão macio, e a sensação era tão boa, tão boa...

Acordei sentindo ainda seu rosto junto ao meu, sentindo aqueles olhos castanhos a me invadir o coração tão profundamente, que conseguiam ler o quanto eu o amava, o quanto ainda o amo! Mais uma vez meus olhos ficaram cheios de lágrimas, e eu me senti triste por tê-lo perdido de novo, mas ao mesmo tempo contente por ter agora toda a certeza de que Peter é ainda o escolhido.

É estranho que em meus sonhos aqui eu veja, com tanta freqüência, imagens tão nítidas. A primeira que vi, uma noite, foi *Grandma* [17]. Vi-a com tanta clareza que podia distinguir sua pele macia, aveludada e enrugada. Depois vi *Granny* [18], que me apareceu como um anjo da guarda; veio depois Lies, que é para mim um símbolo do sofrimento de todas as minhas amiguinhas e de todos os judeus. Quando rezo por ela, é por todos os judeus e por todos os necessitados que rezo. E agora Peter, meu Peter querido — nunca antes tive na mente uma imagem tão fiel de Peter! Não preciso de fotografia, vejo-o diante dos olhos, e tão bem!

Sua Anne.

Sexta-feira, 7 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Que burra sou! Ia me esquecendo de contar a você a história dos meus namorados.

Quando eu era muito pequena — ainda estava no jardim de infância — apaixonei-me por Karel Samson. Ele perdera o pai e morava com a mãe, em casa de uma tia. Robby, um dos primos de Karel, era um menino forte, moreno e bonito, que despertava mais admiração que o pequeno e engraçado Karel. Como nunca liguei para as aparências, gostei de Karel durante muitos anos.

Andamos juntos por muito tempo, mas, quanto ao resto, meu amor não foi correspondido.

Depois, Peter cruzou meu caminho e, à minha maneira infantil, apaixonei-me. Ele também gostava de mim, e tornamo-nos inseparáveis durante um longo verão. Ainda me recordo de nossos passeios pelas calçadas, juntos, de mãos dadas, ele, de terno branco, e eu, de vestido de verão, curto. No fim do verão, ele passou para o primeiro ano do segundo grau e eu, para o sexto ano do primeiro grau. Encontrava-me à saída da escola, ou vice-versa. Peter era muito bonito, alto, elegante, com um rosto tranqüilo, sério e inteligente. Tinha cabelos pretos, lindos olhos castanhos, faces coradas e nariz de linhas retas. Eu gostava particularmente de sua risada, que lhe dava um ar malicioso de malandro!

Fui passar as férias no campo, e, ao voltar, soube que Peter se havia mudado. Quem morava na casa era um rapaz bem mais velho. Se não me engano, foi ele quem chamou a atenção de Peter para o fato de eu ser uma pirralha, e Peter me deixou de lado. Eu estava tão apaixonada por ele que não quis enfrentar a verdade. Tentei prendê-lo de todas as maneiras, mas acabei compreendendo que, se continuasse a correr atrás dele, ganharia fama de assanhada entre os outros meninos. Passaram-se os anos. Peter andava com meninas de sua idade e nem se lembrava de minha existência, mas eu não conseguia esquecê-lo.

Fui para a Escola Secundária Israelita. Muitos rapazinhos de minha classe gostaram de mim, e eu me senti envaidecida, mas nem de longe atraída por nenhum. Mais tarde, Harry ficou louco por mim, mas, como já disse, não tornei a me apaixonar.

Há um ditado que diz: "O tempo cura todas as feridas". Foi o que aconteceu comigo. Achei que havia esquecido Peter e que já não gostava mais dele, nem um pouquinho. No entanto, sua lembrança ficou tão profundamente gravada em meu subconsciente, que por vezes cheguei a admitir que tinha ciúmes das outras e por isso é que já não mais o queria. Esta manhã percebi que nada mudou. Ao contrário, ao me tornar mais adulta, meu amor cresceu comigo. Agora compreendo e aceito que Peter me achasse muito criança naquela ocasião, mas, mesmo assim, o fato de ele me haver esquecido tão completamente ainda me faz sofrer. Seu rosto me apareceu com tanta perfeição que agora compreendo que nenhum outro poderia permanecer assim, comigo.

Fiquei realmente abalada com o sonho. Hoje de manhã, quando papai me beijou, quase gritei: "Oh, se fosse você, Peter!" Penso nele da manhã à noite, repetindo comigo mesma: "Oh, Peter querido, meu querido Peter!"

Quem virá em meu auxílio, agora? Preciso viver e pedir a Deus que faça com que Peter atravesse meu caminho quando eu sair daqui, e que, ao ler amor em meus olhos, diga: "Oh, Anne, se eu soubesse teria vindo há mais tempo para perto de você!"

Vi meu rosto no espelho, e achei que está bem diferente. Meus olhos estão límpidos e profundos, minhas faces estão coradas — coisa que, há semanas, não acontecia —, minha boca está mais macia; aparento felicidade; entretanto, existe algo muito triste em minha expressão, em meu sorriso, que se esvai mal surge nos lábios. Não sou feliz, pois sei que os pensamentos de Peter podem não estar comigo; mesmo assim, sinto ainda em mim seus olhos maravilhosos, seu rosto macio e gostoso encostado ao meu.

Oh! Peter, Peter, como vou me livrar de sua imagem? Qualquer outro em seu lugar não passaria de um pobre substituto. Amo-o com um amor tão grande que não cabe mais dentro de meu coração, tem que se espalhar na imensidão para poder manifestar-se em toda a sua plenitude!

Há uma semana, até mesmo ontem, se alguém me perguntasse "Dos rapazes que conheceu, qual escolheria para casar?", teria respondido: "Não sei". Agora, porém, gritaria sem hesitar: "Peter, porque o amo de todo o coração e com toda a alma. Entrego-me completamente!" Mas há uma coisa: ele pode tocar meu rosto e nada mais.

Certa vez, ao falarmos sobre sexo, papai disse que eu ainda não poderia compreender o impulso sexual. Sempre achei que o compreendia, sim, e hoje o compreendo inteiramente. Nada agora é tão querido para mim quanto ele, o meu Peter.

Sua Anne.

Quarta-feira, 12 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Há quinze dias que Elli voltou. Miep e Henk não compareceram ao trabalho durante dois dias, ambos com problemas de estômago.

No momento, minha mania é dança e balé. Todas as noites treino novos passos de dança. Fiz um vestido de baile bem avançado, aproveitando uma saia azul-clara com barra rendada que era de *Mums*. Em volta do decote passa uma fita que dá um lacinho no centro. Um cordãozinho cor-de-rosa dá o último toque à criação. Tentei transformar meus sapatos de ginástica em verdadeiras sapatilhas de balé, mas em vão. Minhas juntas estão bastante endurecidas, mas aos poucos vão-se tornando mais flexíveis, como eram antes. Há um exercício dificílimo, que consiste em sentar-se no chão, segurar um calcanhar em cada mão e, depois, levantar as duas pernas para o ar. Tenho que me sentar sobre almofadas, caso contrário meu pobre traseiro sofre as conseqüências.

Todos aqui estão lendo um livro chamado *Cloudless Morn*. Mamãe achou-o excepcionalmente bom. Aborda muitos dos problemas da juventude. Pensei, com alguma ironia: "Por que não se preocupa com suas próprias filhas, primeiro?"

Acho que mamãe pensa que não pode haver melhor relacionamento entre pais e filhos e que ninguém se interessa tanto pela vida dos filhos quanto ela. Mas, definitivamente, ela só enxerga Margot em sua frente, e ela, na minha opinião, jamais teve tantos problemas como eu. Mas nem em sonhos eu penso em mostrar a mamãe que, no caso de suas filhas, nem tudo é como ela pensa, porque isso a deixaria francamente abismada. De qualquer forma, ela não saberia modificar as coisas. Prefiro poupar-lhe a tristeza que a verdade lhe causaria, especialmente por saber que, para mim, tudo continuaria na mesma.

Certamente mamãe deve sentir que Margot gosta muito mais dela do que eu, mas pensa

que é apenas uma questão de fase! Margot está muito boazinha, bem diferente do que era. Não é mais tão implicante e está ficando amiga de verdade. Também já não me considera uma criancinha que não se leva em consideração.

Às vezes, ainda que pareça estranho, consigo ver a mim mesma como se fosse através dos olhos de outra pessoa. Então, fico à vontade para observar as atitudes de uma certa Anne. Vasculho as páginas de sua vida como se ela fosse uma estranha. Antes de vir para cá, quando eu ainda não pensava nas coisas tanto como agora, às vezes tinha a impressão de não pertencer a *Mums*, Pim e Margot, achando que nunca passaria de uma espécie de intrusa naquela casa. Outras vezes, fingia ser órfã, e cheguei até a me repreender dizendo a mim mesma que eu era a única culpada de andar representando um papel daqueles, cheia de pena de mim mesma quando, na realidade, era uma garota de sorte. Veio, então, o tempo em que me obrigava a ser amável. Todas as manhãs, quando alguém descia, eu esperava que fosse mamãe que viesse me dar bom-dia; cumprimentava-a com carinho, pois o que desejava mesmo era que ela me olhasse com amor. Então, ela me fazia qualquer observação em tom áspero, e lá ia eu para a escola sentindo-me mal-amada. Na volta para casa, inventava desculpas para sua atitude, atribuindo-a às suas muitas preocupações. Chegava a casa muito alegre, falava pelos cotovelos até perceber que estava repetindo minhas próprias palavras; saía, então, da sala com uma expressão pensativa e a sacola debaixo do braço. Outras vezes, resolvia ficar emburrada, mas tinha sempre tantas novidades para contar, quando chegava da escola, que minhas resoluções iam por água abaixo, e mamãe, mesmo ocupada, era obrigada a ouvir minhas aventuras. Depois, voltou outra vez o tempo em que eu não ficava mais à espera de passos na escada e que meu travesseiro, todas as noites, ficava molhado de lágrimas.

Ao chegar a esse ponto, tudo foi ficando pior; enfim, você está por dentro de tudo...

Agora Deus mandou alguém para me ajudar: Peter. Seguro meu medalhão, beijo-o e penso: "Pouco me importam os outros. Peter é meu, e ninguém sabe". Assim consigo abstrair-me de todos os trancos que recebo.

Quem poderia imaginar a quantidade de coisas que se passam na alma de uma jovenzinha?

Sua Anne.

Sábado, 15 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Não vejo razão para lhe contar, todas as vezes, detalhes de nossas brigas e discussões. Basta dizer que agora dividimos muita coisa — como carne e manteiga — e que fritamos nossas próprias batatas. Já faz algum tempo que comemos pão integral às refeições, porque às quatro horas da tarde já estamos com tanta fome que mal podemos controlar nossos estômagos roncadores.

Aproxima-se rapidamente o aniversário de mamãe. Ela ganhou de Kraler algum açúcar

extra, forte motivo de inveja por parte dos Van Daan, pois a sra. Van Daan não recebera presente semelhante em seu aniversário. Mas, de que adianta nos aborrecermos ainda mais com palavras ofensivas, lágrimas e desabafos cheios de raiva? De uma coisa você pode ter certeza, Kitty: é que estamos ainda mais fartos deles. Mamãe disse que seu maior desejo — que não pode ser realizado agora — é não ver os Van Daan durante quinze dias.

Não canso de me perguntar se os problemas não seriam os mesmos, fossem outras as pessoas a partilhar conosco a mesma casa. Ou fomos excepcionalmente infelizes? Será que a maioria das pessoas é mesmo egoísta e avarenta? Acho muito bom que se aprenda a conhecer os seres humanos, mas creio que já tivemos o suficiente. A guerra continua do mesmo modo, briguemos ou não, desejemos ar fresco e liberdade, ou não; melhor, portanto, seria tornar nossa estada aqui a mais agradável possível. Não estou fazendo sermão, mas receio que, se ficar muito tempo aqui, acabe ressecada como uma passa. E eu queria tanto me transformar em uma verdadeira mulherzinha!

Sua Anne.

Sábado, 22 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Você saberia me dizer por que razão as pessoas procuram sempre esconder seus verdadeiros sentimentos? Por que me comporto de maneira diferente do que deveria, quando estou na companhia dos outros?

Por que confiamos tão pouco uns nos outros? Sei que deve haver alguma razão, mas, mesmo assim, é horrível a gente descobrir que não pode confiar em ninguém, nem naqueles que nos estão mais próximos.

Parece que amadureci desde o sonho da outra noite. Tornei-me um "ser independente". Você vai até cair para trás se lhe disser que até minha atitude para com os Van Daan já mudou. De um momento para outro, passei a ver aquelas brigas e todo o resto sob um enfoque diferente, e já não tenho preconceitos contra eles.

Como posso ter mudado tanto? É que — imagine só — de repente ficou evidente para mim que, se mamãe fosse diferente, uma verdadeira *Mumsie*, essas relações também seriam outras. É verdade que a sra. Van Daan não é uma pessoa agradável, mas acho que, apesar de tudo, os desentendimentos poderiam ser evitados se mamãe não se tornasse difícil quando as coisas não correm como ela deseja.

A sra. Van Daan tem um lado positivo, que é o de se poder conversar com ela. Apesar de todo o seu egoísmo, avareza e esperteza em passar os outros para trás, ela pode ser facilmente persuadida a ceder, desde que se saiba levá-la. É claro que o método não funciona sempre, mas com paciência pode-se tentar mais vezes e ver o que se consegue.

Todos os problemas de nossa "educação", de nossos mimos, de comida, poderiam ter

sido contornados se tivéssemos sido mais francos e cordiais, em vez de ficarmos sempre à espreita, procurando uma oportunidade para atacar.

Kitty, sei exatamente o que vai me dizer: "Mas, Anne, estas palavras saíram realmente de seus lábios? De você, que já ouviu tantas palavras duras do pessoal lá de cima? De você, a menina que já sofreu tantas injustiças?" E, no entanto, é de mim que elas vêm.

Quero começar tudo de novo e tirar minhas próprias conclusões para não dar razão ao ditado: "Os jovens seguem sempre o mau exemplo". Quero examinar o assunto cuidadosamente, eu mesma, para descobrir o que é verdade e o que é exagero. Aí, então, se me decepcionar, poderei adotar o comportamento de papai e mamãe; caso contrário, tentarei modificar as idéias deles e, se não o conseguir, permanecerei fiel às minhas opiniões e julgamentos. Aproveitarei todas as oportunidades para discutir os pontos de discórdia com a sra. Van Daan e não terei medo de me declarar neutra, mesmo que me passem a chamar de "sabe-tudo". Não pense você que vou me colocar contra minha família; apenas, de hoje em diante, não haverá mais falatório maldoso de minha parte. Até aqui eu era irremovível. Achava que os errados eram sempre os Van Daan, mas nós também temos parte da culpa. Quase sempre temos razão, quanto ao assunto discutido, em si; mas de gente inteligente (e nós assim nos julgamos) espera-se maior discernimento no trato com os outros. Creio que adquiri um pouco de discernimento e vou procurar usá-lo na primeira ocasião.

Sua Anne.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Aconteceu-me uma coisa, ou melhor, não sei se posso chamá-la de acontecimento. Creio que não passa de uma boa maluquice. Toda vez que se falava de problemas sexuais em casa ou na escola, tudo se tornava sempre misterioso ou revoltante. Eram meias palavras que pouco tinham a ver com o assunto, e se alguém não compreendia era ridicularizado. Sempre achei essa atitude muito estranha e pensava: "Por que as pessoas se tornam tão solenes e misteriosas ao falar nessas coisas?" Sabendo, entretanto, que não mudaria aquele estado de coisas, calava-me ou, no caso de alguma dúvida, pedia informações às amigas. Certa vez — quando já havia aprendido muita coisa e conversado com meus pais a respeito do assunto — mamãe me disse: — Anne, quero lhe dar um conselho: não fale sobre esse assunto com rapazes e, se eles começarem, não responda. — Lembro-me exatamente de minha resposta: — Claro que não! Que idéia! — E a coisa ficou nisso.

Assim que viemos para aqui, era sempre papai que me explicava certas coisas, que, para ser franca, preferia ouvir de mamãe. O resto fui aprendendo nos livros e em conversas que ouvia aqui e ali. Nesse sentido, Peter van Daan nunca foi inconveniente como o eram os rapazinhos da escola. Tocou no assunto uma ou duas vezes, talvez, mas nunca forçou-me a falar.

A sra. Van Daan disse-nos, certa vez, que jamais falara com Peter sobre nada disso, e acreditava que seu marido também não o fizera. Não tinha a menor idéia do quanto Peter sabia sobre o assunto.

Ontem, enquanto descascávamos batatas, Margot, Peter e eu, não me lembro como, a conversa recaiu em Moffi.

— Ainda não sabemos qual o sexo de Moffi, sabemos? — perguntei.

— Claro que sabemos — respondeu Peter. — É macho.

Desatei a rir.

— Ora, um macho que está esperando é uma raridade!

Peter e Margot também riram daquele engano bobo.

Imagine você que, há dois meses, Peter anunciara que Moffi ia ter gatinhos, pois a barriga dela estava crescendo visivelmente. Mas, pelo visto, a gordura provinha dos muitos ossos roubados, porque os filhotinhos não cresceram nem nasceram.

Peter defendeu-se.

— Não — disse ele. — Você pode vir comigo examiná-lo. Um dia, brincando com ele, percebi perfeitamente que era macho.

Sem poder conter minha curiosidade, desci com ele até o armazém. Moffi, entretanto, parece que não recebia visitas naquele dia. Não foi encontrado em parte alguma. Esperamos um pouco e, quando começamos a sentir frio, subimos de volta. Mais tarde, ouvi Peter descer para o depósito. Reuni toda a minha coragem para atravessar sozinha a casa silenciosa e chegar ao depósito. Moffi estava no balcão de fazer embrulhos, brincando com Peter, que acabara de o colocar na balança, para pesá-lo.

— Ah, você quer vê-lo? Aqui estão os órgãos masculinos; aqui, uns pêlos sem mais importância; isto aqui é o traseiro.

De um pulo o gato deu meia-volta e pôs-se novamente sobre as patinhas brancas.

Se qualquer outro rapaz me tivesse mostrado os tais "órgãos masculinos", eu jamais o teria olhado na cara de novo. Mas Peter falou com tanta naturalidade que, afinal, me pôs também bastante à vontade. Brincamos com Moffi, conversamos e fomos andando devagar através do enorme armazém, em direção à porta.

— Sempre que desejo saber alguma coisa, procuro num livro — falei. — Você também?

— Eu não. Para quê? Quando quero saber pergunto a meu pai. Ele sabe mais do que eu, pois

teve experiência.

Já estávamos na escada, por isso não falei mais nada.

"As coisas podem mudar", como diz Bredero [19]. É, sim. Acho que não teria discutido essas coisas de modo tão natural com outra menina. Acredito, também, que foi esse o sentido que mamãe deu à frase ao me prevenir que não falasse sobre esse assunto com rapazes. Apesar de tudo, durante o resto do dia, não me senti a mesma. Quanto mais pensava em nossa conversa, mais achava tudo aquilo estranho. Pelo menos de uma coisa tive certeza: realmente existem jovens do sexo oposto capazes de discutir essas coisas com naturalidade, sem fazer piadas.

Será mesmo que Peter pergunta muita coisa aos pais? Será que sua atitude com eles é a mesma que teve comigo, ontem? Ah, para que quero saber tudo isso?

Sua Anne.

Quinta-feira, 27 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Ultimamente passei a me interessar apaixonadamente pelas árvores genealógicas e linhagens das famílias reais, e cheguei à conclusão de que, uma vez começando, você vai se aprofundando no passado e não pára de descobrir coisas novas e interessantes.

Apesar de me aplicar seriamente nos estudos, o que me permite seguir facilmente o inglês do rádio, ainda passo domingos inteiros a classificar e contemplar minha enorme coleção de artistas de cinema, que já atingiu um senhor tamanho!

Fico feliz da vida quando, às segundas-feiras, o sr. Kraler traz Cinema e Teatro. Embora este pequeno presente seja qualificado de desperdício de dinheiro pelos menos fúteis membros da família, eles não deixam de se admirar ao ver a exatidão absoluta com que declaro quem trabalhou em tal filme, mesmo depois de um ano. Elli, que sempre vai ao cinema com o namorado, em seus dias de folga, me conta os títulos dos filmes novos, toda semana. E eu sou capaz de dizer, sem pensar duas vezes, os nomes dos artistas e o que diz a crítica.

Ainda há pouco tempo, *Mum* disse que ao sair daqui eu nem vou precisar ir ao cinema, pois sei de cor enredos, artistas e a opinião da crítica.

Quando apareço, toda prosa, com algum penteado novo, logo a turma toda se põe a olhar com ares desaprovadores e não tarda a perguntar qual a fascinante estrela de cinema que estou tentando imitar. Nunca me acreditam se afirmo que é pura invenção minha.

Falando sobre penteado, não consigo ficar com ele mais de meia hora, tanto eles me irritam com suas críticas e piadinhas. Corro ao banheiro e de lá volto com o penteado de menina bem-comportada, isto é, o penteado comum, de todos os dias.

Sua Anne.

Sexta-feira, 28 de janeiro de 1944

Querida Kitty

Esta manhã perguntei-me se você, às vezes, não se sente como uma vaca que tem de ruminar as mesmas novidades vezes e mais vezes sem parar, para finalmente abrir a boca num bocejo barulhento. Em silêncio, deve desejar ardentemente que Anne desencave algo de novo, para variar.

Bem sei que deve ser enfadonho para você, mas ponha-se no meu lugar, tente imaginar como também estou "cheia" de ter que tirar água de uma fonte seca. A conversa, na hora das refeições, se não gira sobre política ou comidas gostosas, é porque mamãe ou a sra. Van Daan resolveram contar algumas das velhas histórias de sua juventude, que já ouvimos não sei quantas vezes; ou é Dussel, a palrar sem cessar sobre o imenso guarda-roupa da mulher, belos cavalos de corrida, barcos a remo que fazem água, crianças que aprendem a nadar com quatro anos de idade, dores musculares ou pacientes nervosos. O negócio é que, se um de nós oito abre a boca para falar alguma coisa, os outros sete são capazes de, tranqüilamente, terminar a história sozinhos. Já conhecemos o final das piadas assim que se iniciam, e o contador é que acaba rindo sozinho da própria graça. Os diversos leiteiros, merceeiros, açougueiros das duas ex-donas-de-casa já criaram barba para nós, de tanto que já falaram deles; em nossa conversa, o difícil mesmo é aparecer um assunto diferente ou novo.

Enfim, tudo ainda seria tolerável, se os adultos não tivessem aquele modo muito peculiar de repetir as histórias contadas por Koophuis, Henk ou Miep. Repetem mais de dez vezes, acrescentando detalhes, aumentando pontos, tanto que, muitas vezes, tenho que beliscar o braço, debaixo da mesa, para me conter e não ter que restituir a verdade a seu verdadeiro lugar. Criancinhas como Anne não devem nunca, em circunstância alguma, ser mais sabidas que as pessoas adultas, por mais que elas digam tolices e dêem rédeas à imaginação.

Um dos assuntos preferidos de Henk e Koophuis é o das pessoas escondidas que participam do movimento secreto de resistência. Bem sabem que é imenso nosso interesse por essa gente e como partilhamos dos sofrimentos dos que são apanhados, assim como nos regozijamos por todo prisioneiro libertado.

Hoje em dia, estamos tão habituados com a idéia de ir para esconderijos, quanto, antes da guerra, de ver os chinelos de papai junto à lareira, para aquecer.

Grande é o número de organizações, tais como a Holanda Livre, que forjam carteiras de identidade, fornecem dinheiro às pessoas do *underground*, procuram esconderijos para fugitivos e trabalham pelos que ocultam. É impressionante a nobreza e generosidade dessa gente que arrisca a própria vida para salvar a dos outros. Exemplo maravilhoso do que estou dizendo são os nossos benfeitores. Foram eles que nos ajudaram a vencer tempestades, e espero que nos conduzam a um porto seguro. Se forem descobertos, terão que compartilhar do

destino dos muitos que estão sendo procurados. Jamais ouvimos uma única palavra sobre o fardo que devemos representar para eles, jamais um deles se queixou dos problemas e dificuldades que lhes causamos.

Diariamente todos sobem até aqui. Conversam com os homens sobre negócios e política, com as mulheres sobre comida e dificuldades da guerra, com as crianças sobre jornais e livros. Estão sempre de cara alegre, trazem flores e presentes nos dias de aniversário e datas festivas, estão sempre prontos para ajudar em tudo o que estiver ao seu alcance, coisas que jamais deveremos esquecer. Alguns mostram seu heroísmo lutando contra os alemães; nossos benfeitores revelam o seu dando-nos alegria e carinho.

Circulam os boatos mais absurdos, mas devemos levar em conta que, em geral, os boatos têm alguma base verdadeira.

Esta semana, por exemplo, o sr. Koophuis contou-nos que em Gelderland houve uma partida de futebol entre dois times, um composto de policiais e o outro de membros do *underground*. Em Hilversum, estão sendo distribuídos novos cartões de racionamento. Para que as pessoas que vivem escondidas pudessem também retirar suas rações, os oficiais deram instruções aos que andavam ocultos naquele distrito para que fossem a uma hora determinada a fim de retirar seus documentos em uma mesinha separada. Mesmo assim, é preciso que se tenha cuidado para que esses truques ostensivos não cheguem aos ouvidos dos alemães.

Sua Anne.

Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Sobe a febre de invasão neste país, diariamente. Se você estivesse aqui, por um lado haveria de sentir-se, como eu, afetada pelos preparativos, mas por outro talvez risse da gente ao ver tanto barulho talvez por nada.

Os jornais só falam da invasão e acabam assustando as pessoas, dizendo que, "em caso de invasão britânica, os alemães farão tudo para defender o país; se necessário, recorrerão à inundação". Publicam mapas indicando quais as partes da Holanda que serão submergidas. Como grande parte de Amsterdam está incluída nos planos de inundação, a primeira pergunta é: — Que faremos se a água, nas ruas, subir a um metro? — As respostas, dadas por pessoas diferentes, variam consideravelmente.

— Sendo impossível andar a pé ou de bicicleta, teremos que vadear através da água estagnada.

— Claro que não. Tentaremos nadar. Vestiremos roupas de banho, usaremos toucas e nadaremos debaixo d'água tanto quanto possível, para que ninguém descubra que somos judeus.

— Ora, que tolice! Pagava para ver as senhoras nadando e os ratos mordendo-lhes as pernas!

É claro que quem disse isto foi um homem! Cada qual gritava mais do que o outro...

— Nem conseguiríamos sair de casa. Com uma inundação, o depósito desabaria; já não está muito firme a seco...

— Olhe aqui, gente. Fora de brincadeira, vamos tratar de arranjar um barco.

— Para quê? Tenho uma idéia melhor: cada um pega um caixote de madeira e sai remando com uma colher de pau!

— Eu vou andar de pernas de pau. Era craque, quando moço.

— Henk van Santen não vai precisar. Pode carregar a mulher nas costas e será ela quem ficará de pernas de pau.

Isto já lhe dá uma vaga idéia, não dá, Kit?

A conversa parece muito engraçada, mas na verdade não é. Quanto à invasão, havia ainda um ponto a discutir: — Que faremos, caso os alemães evacuem Amsterdam?

— Deixaremos também a cidade, disfarçando-nos o melhor que pudermos.

— Não saiam. Aconteça o que acontecer, fiquem firmes. O mais seguro é permanecer aqui. Os alemães são bem capazes de tocar a população para a Alemanha, onde todos morrerão, na certa.

— Sim, claro que ficaremos, uma vez que este é o lugar mais seguro. Tentaremos trazer Koophuis e a família para viver aqui conosco. Vamos tentar arranjar alguns sacos e dormiremos no chão. Pediremos a Miep e a Koophuis que comecem a trazer cobertores.

— Vamos pedir mais algum fubá para acrescentar aos trinta quilos que já temos. Vamos ver se Henk obtém mais ervilha e feijão; no momento, temos em casa trinta quilos de feijão e cinco de ervilha, sem contar as cinqüenta latas de legumes.

— Mamãe, verifique nosso estoque de alimentos, por favor.

— Dez latas de peixe, quarenta de leite, dez quilos de leite em pó, três garrafas de óleo, quatro potes de manteiga, quatro potes de carne em conserva, dois vidros grandes de morangos, dois de framboesas, vinte vidros de conservas de tomates, cinco quilos de aveia, quatro quilos de arroz; é tudo.

— Nosso estoque não é mau, mas se tivermos de contar com eventuais visitas e com o que se tira semanalmente dessas reservas, chega-se à conclusão de que ela não é tão grande

assim. Possuímos suficiente carvão e lenha; velas, também. Vamos fazer saquinhos para carregar dinheiro, fáceis de esconder na roupa, no caso de precisarmos levá-lo conosco.

— Faremos listas das principais coisas a levar em caso de emergência; melhor deixarmos as mochilas prontas desde já. Se as coisas chegarem a esse ponto, poremos duas pessoas de vigia no sótão, uma na parte da frente e outra na de trás. Mas, afinal, de que adianta armazenar tanta comida se nos faltará gás, água ou eletricidade?

— Nesse caso teremos de cozinhar na estufa e filtrar ou ferver a água. Lavaremos alguns garrafões e neles conservaremos a água.

Só se fala nisso o dia inteiro: invasão e mais invasão, discussões sobre fome, morte, bombas, extintores de incêndio, sacos de dormir, pessoas que ajudam os judeus, gases venenosos, etc, etc. Nada que seja alegre. Os homens do Anexo Secreto fazem advertências de brutal clareza. Vou dar como exemplo esta conversa com Henk:

Anexo Secreto: Receamos que, na retirada, os alemães levem consigo toda a população.

Henk: Impossível. Não possuem trens em número suficiente.

A. S.: Trens? E por que acha que poriam civis em trens? Que gastem as solas dos sapatos! (*Per pedes apostolorum*, como diz Dussel.)

H: Não acredito em nada disso. Vocês só enxergam o lado preto das coisas. Por que haveriam de levar todos os civis?

A. S.: Você não sabia que Goebbels disse: "Se tivermos de sair, bateremos atrás de nós as portas de todos os países ocupados"?

H.: Já disseram tanta coisa!

A. S.: Você acha que os alemães não farão isso, que são por demais humanos? O que eles pensam é o seguinte: "Se tivermos que cair, arrastaremos conosco todos os que estiverem sob as nossas garras".

H.: Ora, vá contar isso aos marines. Não creio nisso.

A. S.: É sempre a mesma cantilena; ninguém vê o perigo se aproximar, só percebe quando não há mais remédio.

H.: Mas você não sabe nada com certeza; são apenas suposições.

A. S.: Nós próprios já passamos por essas coisas, primeiro na Alemanha e depois aqui. O que estará acontecendo na Rússia?

H.: Os ingleses e russos devem exagerar as coisas para fins de propaganda, tal como fazem os

alemães.

A. S.: Negativo! Os ingleses sempre disseram a verdade, no rádio. E, mesmo que tenham exagerado, não são os fatos suficientemente ruins? Pode-se negar que, na Polônia e na Rússia, foram sumariamente assassinados ou levados às câmaras de gás milhões de criaturas amantes da paz?

Não vou cansar você com outros exemplos de conversas como estas; quanto a mim, fico quieta e não me ligo muito em toda essa agitação. Cheguei ao ponto em que tanto faz viver ou morrer. O mundo continuará a girar sem mim. O que tem de acontecer, acontece, e, de qualquer forma, de nada adianta tentar resistir.

Confio na sorte e só faço trabalhar, esperando que tudo acabe bem.

Sua Anne.

Sábado, 12 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

O sol está brilhante, o céu profundamente azul, sopra uma brisa deliciosa, e eu desejo — ah, como desejo — tudo! Falar, ter liberdade, amigos, poder estar só. E queria tanto... chorar! Sinto que estou a ponto de estourar e sei que se pudesse chorar tudo havia de melhorar; mas não posso, estou inquieta, vou de um quarto para outro, aspiro com sofreguidão o ar que passa pela fresta de uma janela fechada, sinto meu coração bater como se dissesse: "Quando você poderá finalmente satisfazer meus anseios?"

Sinto dentro de mim a primavera, sinto que ela desperta em todo o meu corpo e em minha alma. Comportar-me normalmente é um esforço. Sinto-me tremendamente confusa, não sei o que ler, o que escrever, o que fazer, só sei que sinto dentro de mim um anseio...

Sua Anne.

Domingo, 13 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Desde sábado, muita coisa mudou para mim. Foi mais ou menos assim: eu sentia uma inquietação — e sinto ainda —, mas... aconteceu algo que me deixou um pouco menos angustiada.

Para minha grande alegria — serei muito sincera —, desde hoje de manhã notei que Peter não tirava os olhos de mim, o tempo todo. Mas não era o olhar de sempre, não sei explicar direito.

Sempre pensei que Peter estivesse apaixonado por Margot, mas ontem percebi que não

era assim. Fiz um esforço especial para não olhar muito para ele, pois sempre que o fazia, ele estava também olhando para mim. Então, nem queira saber, senti uma sensação deliciosa invadir-me, mas uma sensação que não devo sentir muitas vezes.

Desejo ardentemente estar só. Papai notou que não estou igual aos outros dias, mas, sinceramente, não posso contar tudo a ele. "Deixem-me em paz, deixem-me só!", é o que gostaria de sair gritando. Quem sabe se um dia não ficarei mais só do que desejo?

Sua Anne.

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Domingo à noite, todos, menos Pim e eu, estavam sentados à volta do rádio, ouvindo *A Música Imortal dos Mestres Alemães.* Dussel mexia a todo instante nos botões do rádio. Isso irritava Peter e os outros. Depois de conter-se durante mais de meia hora, Peter perguntou de modo grosseiro se não seria possível acabar com aquele mexe-mexe. Dussel, caprichando na sua petulância, respondeu: — Estou sintonizando. — Peter enfezou-se, foi estúpido, o sr. Van Daan tomou suas dores, e Dussel teve de ceder. Foi tudo.

O motivo, em si, era insignificante, mas Peter parece tê-lo levado muito a sério. De qualquer forma, enquanto eu estava na água-furtada escolhendo alguns livros, ele veio ter comigo e começou a contar a história toda. Eu não sabia de nada, e Peter, ao perceber que encontrara ouvinte atenta, entusiasmou-se.

— Pois veja você — dizia ele. — Eu tenho certa dificuldade para falar; antes de começar, já sei que vou me atrapalhar todo. Gaguejo, fico vermelho, rodeio o assunto e acabo tendo que desistir por falta de palavras. Foi o que aconteceu ontem; quis dizer alguma coisa diferente, mas, ao principiar, me atrapalhei todo e foi aquela água! Eu tinha um mau hábito que desejaria ter conservado. Quando me zangava com alguém, em vez de discutir, saía logo no braço. Aliás, compreendo agora que tal método não resolve nada. Por isso é que admiro você: tem sempre a resposta exata, diz o que tem a dizer, sem o menor acanhamento.

— Pois está completamente enganado — respondi. — Sempre digo as coisas de modo diferente do que desejo. Falo demais, encomprido tudo, e isso também não é bom.

Intimamente não pude deixar de rir desta última afirmação, mas, como queria que Peter continuasse a falar, não o interrompi. Sentei-me no chão, em uma almofada, com os braços em volta dos joelhos dobrados, e fiquei a olhar para ele, muito atenta.

Alegrei-me em saber que alguém mais, nesta casa, é capaz dos mesmos acessos de raiva que eu. Bem vi o alívio que Peter sentiu ao poder reduzir Dussel à sua insignificância, sem receio de que eu fosse contar aos outros. Quanto a mim, senti-me amparada por uma sensação de companheirismo verdadeiro que eu só me lembrava de haver experimentado junto às minhas amigas.

Sua Anne.

Quarta-feira, 16 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Hoje é aniversário de Margot. Peter chegou ao meio-dia e meia para ver os presentes e ficou conversando muito mais tempo que o estritamente necessário — coisa que jamais teria feito habitualmente. À tarde fui buscar café e depois batatas, pois queria agradar a Margot, ainda que fosse apenas naquele dia do ano. Passei pelo quarto de Peter. No mesmo instante ele retirou todos os seus papéis da escada, e eu perguntei se deveria fechar a porta-alçapão que dá para a água-furtada.

— Sim — respondeu ele. — Quando voltar, bata que eu abro para você.

Agradeci, subi e fiquei mais de dez minutos procurando no barril as batatinhas menores. Então minhas costas começaram a doer e senti frio. É claro que não bati, abri o alçapão sozinha, mas ele veio ao meu encontro, muito cortesmente, e me tomou a panela das mãos.

— Procurei um bocado de tempo, e estas foram as menores que consegui — falei.

— Procurou no barril grande?

— Sim, procurei em todos.

A essa altura eu já estava no fim de escada, e ele examinava cuidadosamente a panela que tinha nas mãos.

— Oh, mas estas são de primeira — disse ele e, ao devolver-me a panela, acrescentou: — Parabéns!

Ao dizer-me essas palavras dirigiu-me um olhar tão cheio de afeto que senti um calor gostoso invadir-me inteiramente. Percebi que ele me queria agradar e, não sabendo o que dizer, falava com os olhos. Compreendi muito bem sua intenção e me senti imensamente grata. Mesmo neste momento, ao relembrar aquele olhar e aquelas palavras, torno a sentir o mesmo prazer.

Ao descer, mamãe pediu-me que fosse apanhar mais algumas batatas, desta vez para o jantar. Ao passar pelo quarto de Peter desculpei-me por ter de incomodá-lo outra vez. Ele se levantou colocando-se entre a porta e a parede e segurou com firmeza meu braço.

— Deixe que eu vou — disse ele.

Respondi que não era necessário, pois desta vez não teria que procurar apenas as batatas pequeninas. Somente quando se convenceu de que eu dizia a verdade, largou-me o braço. Eu já vinha descendo quando ele veio abrir a tampa do alçapão e, novamente, tomou a

panela das minhas mãos. Ao chegar à porta, perguntei:

— Que é que você estava fazendo?

— Estudando francês — respondeu.

Perguntei se podia dar uma olhada nos exercícios, lavei as mãos e sentei-me diante dele, no divã. Expliquei-lhe um pouco de francês, e logo começamos a conversar. Ele contou que desejava ir para as Índias Orientais holandesas, morar em uma fazenda. Falou de sua vida em casa; falou do mercado negro e disse que se sentia muito inútil. Eu lhe disse que, com certeza, ele tinha um forte complexo de inferioridade. Falou dos judeus. As coisas teriam sido muito mais fáceis se ele fosse cristão, e pretendia passar para o lado deles, depois da guerra. Perguntei se queria ser batizado, mas não era esse o caso. Quem saberia se ele era judeu ou não, uma vez terminada a guerra?

Fiquei um pouco decepcionada; uma pena que haja sempre uma sombra de fraqueza em Peter. Quanto ao mais, conversamos amigavelmente sobre papai, sobre o julgamento que se faz do caráter alheio, sobre uma porção de coisas, não me lembro mais exatamente do quê.

Já eram quatro e meia, quando saí.

À noite, ele disse outra coisa muito bonita. Falávamos sobre o retrato de uma estrela de cinema que eu lhe dera, certa vez, e que está pendurado em seu quarto há mais de um ano e meio, pelo menos. Ele gosta muito de retratos de artistas, e eu lhe prometi outros.

— Não — respondeu. — Prefiro deixar como está. Olho para eles todos os dias, e já se tornaram meus amigos.

Compreendo agora por que Peter vive abraçando Moushi. É que ele também sente falta de carinho.

Ia-me esquecendo de contar a você outra coisa que ele falou. Disse:

— Não sei o que é medo, a não ser quando penso em meus defeitos. Mas isso também já estou conseguindo superar.

Peter tem um terrível complexo de inferioridade. Por exemplo, pensa que é muito tolo e que nós somos muito espertos. Se o auxilio no francês, agradece-me mais de mil vezes. Um dia, ainda vou lhe dizer:

— Pare com isso! Você é muito melhor que eu em inglês e geografia!

Sua Anne.

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Agora, sempre que subo é com a esperança de vê-lo. Porque tenho agora um objetivo na vida, e tudo se tornou mais bonito e agradável.

Pelo menos, o objeto de minha afeição está bem perto e não preciso temer nenhuma rival, a não ser Margot. Não pense que estou apaixonada, porque não estou. Sinto, porém, o tempo todo, que algo pode surgir entre nós, alguma coisa bonita e duradoura como segurança e amizade. Agora, aproveito a menor oportunidade para subir e encontrá-lo. Já não é como antes, quando não sabíamos o que dizer um ao outro. É o contrário. Quando saio do quarto, ele ainda está falando.

Mamãe não está gostando da coisa, vive dizendo que acabo sendo importuna, que devo deixá-lo sossegado. Francamente, será que ela não percebe que tenho alguma intuição? Olha-me de um modo esquisito cada vez que subo para o minúsculo quarto de Peter. Quando desço, pergunta por onde andei. Simplesmente, não posso suportar isso. Acho inominável o que ela faz.

Sua Anne.

Sábado, 19 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Hoje é sábado, outra vez. Acho que não preciso dizer mais nada.

A manhã foi tranqüila. Ajudei um pouco lá em cima, mas só troquei com ele algumas palavras. Às duas e meia, quando todos já estavam em seus quartos para ler ou dormir, peguei meu cobertor e fui para o escritório particular, sentar-me à mesa para ler ou escrever. Não demorou muito e senti que aquilo tudo era demais para mim; encostei a cabeça nos braços e solucei desesperadamente. As lágrimas rolavam pelas minhas faces, e eu me sentia desesperada e infeliz. Oh, se ao menos ele viesse me confortar! Já eram quatro horas quando voltei para cima. Ia buscar batatas com a grande esperança de um encontro, mas enquanto eu estava no banheiro penteando o cabelo ouvi-o descer para o depósito a fim de brincar com Moffi.

De repente, senti que meus olhos estavam outra vez marejados de lágrimas e corri para o lavatório, agarrando na passagem um espelhinho de bolso. Fiquei lá sentada, completamente vestida, enquanto as lágrimas pingavam em meu avental vermelho, deixando manchas escuras. Sentia-me terrivelmente infeliz.

Era isso o que se passava pela minha cabeça: Oh, assim eu nunca me aproximarei de Peter. Talvez ele não goste de mim nem tenha necessidade de ninguém a quem fazer confidencias. Talvez pense em mim apenas de modo casual. Terei de prosseguir sozinha, outra vez sem amizades e sem Peter. Talvez eu volte a não ter esperança, conforto e alguém em quem confiar. Ah, se eu pudesse aninhar a cabeça no ombro dele e não me sentir mais tão

desesperadamente só e abandonada! Talvez ele não se importe mesmo comigo, e eu não seja nada de especial para ele. Quem sabe eu apenas imaginei que me tratasse de modo diferente? Oh, Peter, se ao menos você pudesse me ver ou ouvir! Se a verdade fosse assim tão cruel, acho que desta vez não agüentaria!

Mais tarde, porém, novas esperanças e perspectivas pareceram tomar conta de mim, embora as lágrimas ainda rolassem pelas minhas faces.

Sua Anne.

Quarta-feira, 23 de fevereiro de 1944

Querida Kitty

Lá fora o tempo está lindo e, desde ontem, sinto-me bem mais animada. Quase todas as manhãs vou à água-furtada onde Peter trabalha, para limpar meus pulmões, livrando-os do ar confinado. De meu lugarzinho favorito no chão, contemplo o céu azul e o castanheiro despido, em cujos galhos as gotinhas de chuva brilham feito prata, e as gaivotas e outros pássaros a deslizar no vento.

Peter encostou a cabeça em uma viga, e eu fiquei sentada. Respirávamos aquele ar fresco, olhávamos para fora e sentíamos que qualquer palavra quebraria o encantamento. Assim ficamos durante longo tempo, e, quando ele precisou subir ao sótão para rachar lenha, eu já sabia que ele era um bom rapaz. Subi com ele; passou uns quinze minutos rachando lenha, e durante esse tempo ficamos em silêncio. De onde estava podia observá-lo; era evidente que fazia tudo para exibir sua força. Fiquei olhando, também, através da janela, para uma vasta área de Amsterdam, para além dos telhados, para o horizonte de um azul tão pálido que se tornava difícil distinguir a linha divisória. E eu pensei: "Enquanto existir isso, enquanto eu estiver viva e puder contemplar este sol e este céu sem nuvens, enquanto isto existir, não poderei ser infeliz".

O melhor remédio para os que sentem medo, solidão ou infelicidade é ir para um lugar ao ar livre, onde possam estar sozinhos com o céu, a natureza e Deus. Só então a gente sente que tudo está como deve estar e que Deus nos quer ver felizes na beleza simples da natureza. Enquanto isto existir — e certamente existirá —, sei que sempre haverá consolação para todas as tristezas, sejam quais forem as circunstâncias. Acredito firmemente que a natureza traz alívio a todas as aflições.

Oh, quem sabe talvez não esteja longe o dia em que compartilharei este sentimento de bem-aventurança que me invade, com alguém que sinta como eu!

Sua Anne.

Um pensamento:

Sentimos falta de tanta coisa, aqui! E eu sinto essa falta, tanto quanto você. Não falo das

coisas exteriores, pois quanto a estas, há quem olhe por nós. Falo das interiores. Como você, anseio por liberdade e ar livre, mas vejo agora que recebemos amplas compensações pelo que nos falta. Compreendi isto de repente, esta manhã, enquanto estava sentada ali, em frente à janela. Falo de compensação interior.

Ao olhar para fora, para a profundeza de Deus e da natureza, senti-me feliz, realmente feliz. E, Peter, enquanto eu possuir aqui esta felicidade, alegria, saúde e muito mais, tudo por acréscimo, enquanto possuir isto, acho que é sempre possível recapturar a felicidade.

As riquezas podem perder-se, esta felicidade que vem do próprio coração pode velar-se, mas nunca deixará de existir enquanto a vida durar. Enquanto se puder olhar sem temor para os céus, enquanto soubermos que somos puros de coração, teremos sempre a felicidade em nós.

Domingo, 27 de fevereiro de 1944

Queridissima Kitty

Desde que acordo até tarde da noite, não faço outra coisa a não ser pensar em Peter. Durmo com a imagem dele diante dos olhos, sonho com ele e, ao acordar, é ainda ele que está a olhar para mim.

Tenho forte impressão de que Peter e eu não somos, na realidade, tão diferentes como parecemos, e vou explicar por quê. Ambos sentimos falta de uma mãe. A dele é muito fútil, adora flertar e não dá muita atenção para o que o filho pensa. A minha preocupa-se comigo, é verdade, mas é falha quanto à sensibilidade e em suas atitudes como verdadeira mãe.

Peter e eu lutamos com nossos sentimentos íntimos, sentimo-nos inseguros e somos sensíveis demais a qualquer tratamento rude por parte dos outros. Se somos assim tratados, nossa reação é fugir de tudo. Como isto aqui é impossível, guardo meus sentimentos, torno-me agressiva, barulhenta e estabanada, para que todos queiram me ver pelas costas.

Ele, ao contrário, fecha-se em sua concha, quase não fala, sonha acordado, escondendo cuidadosamente sua verdadeira personalidade.

Mas como e quando haveremos de nos encontrar, finalmente? Não sei por quanto tempo ainda conseguirei manter sob controle todo esse anseio que sinto dentro de mim.

Sua Anne.

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1944

Queridíssima Kitty

Já está se tornando um pesadelo; vejo-o dia e noite. Vejo-o o tempo todo, sem poder alcançá-lo. Não quero que ninguém perceba coisa alguma, por isso procuro manter-me alegre

quando, na realidade, estou desesperada.

Peter Wessel e Peter van Daan fundiram-se em um só Peter, amado e bom, por quem anseio desesperadamente.

Mamãe chateia-me, papai é bom demais e por isso também me chateia, Margot irrita-me mais que todos, porque espera que eu exiba sempre uma cara alegre; a única coisa que desejo é que me deixem em paz.

Peter não me veio encontrar na água-furtada. Subiu ao sótão para trabalhar em carpintaria. Cada martelada, cada rangido diminuíam minha coragem e aumentavam minha infelicidade. Ao longe, um sino tocava Pura de corpo, pura de alma. Sou uma sentimental, sei disso. Sou também uma idiota e estou desesperada. Por favor, ajude-me!

Sua Anne.

Quarta-feira, 1º de março de 1944

Querida Kitty

Meus problemas foram relegados a segundo plano por causa de um roubo. Acho que já estou me tornando cansativa com minhas histórias de ladrões, mas que posso fazer? Ao que parece, eles adoram homenagear Kolen & Co. com suas visitas. Este assalto foi bem mais complicado que o de julho de 1943.

Quando o sr. Van Daan foi ao escritório de Kraler, às sete e meia, como de costume, notou que as portas de vidro que comunicam os dois escritórios estavam abertas. Preocupado, atravessou a sala, e mais preocupado ficou ao constatar que também as portas do pequeno quarto escuro estavam abertas. Além do mais, o escritório geral estava na mais completa desordem. "Entrou ladrão", foi seu primeiro pensamento. Para certificar-se, desceu imediatamente para verificar a porta da rua; experimentou a fechadura Yale e viu que estava tudo em ordem. "Bem, com certeza Elli e Peter se descuidaram ao deixar o escritório, ontem", pensou.

Ficou mais alguns instantes no escritório de Kraler, depois apagou a luz e subiu, sem se preocupar mais com portas abertas e escritórios em desordem.

Esta manhã Peter bateu à nossa porta e deu a notícia desagradável de que a porta da frente estava escancarada. Contou também que haviam desaparecido do armário o projetor e a pasta nova de Kraler. Van Daan contou-nos então as descobertas que fizera na noite anterior, e ficamos seriamente preocupados.

O ladrão, com certeza, possuía uma chave-mestra, pois a fechadura não fora danificada. Deve ter entrado na casa com facilidade, fechando a porta atrás de si e escondendo-se ao ser surpreendido por Van Daan; ao partir com o produto do roubo, com a afobação, deve ter deixado a porta aberta. E se fosse um de nossos próprios empregados do depósito? Seria bem

capaz de nos trair, uma vez que ouviu ou talvez tenha até visto Van Daan.

Tudo isso é assustador, pois não sabemos se não dará na cabeça desse ladrão vir visitar-nos novamente. Mas era possível que houvesse gente na casa, e ele também tivesse se assustado!

Sua Anne.

Quinta-feira, 2 de março de 1944

Querida Kitty

Margot e eu estivemos na água-furtada, hoje; apesar de não termos muita coisa em comum, fiquei sabendo que ela compartilha meus sentimentos a respeito de muita coisa.

Hoje, enquanto lavavam a louça, Elli disse a mamãe e à sra. Van Daan que, muitas vezes, sentia-se desanimada. E sabe você qual o consolo que lhe deram? Sabe qual foi o conselho de mamãe? Que devia pensar na quantidade enorme de pessoas que também têm suas atribulações! O que adianta pensar em desgraça, quando quem se sente desgraçado somos nós mesmos? Foi só eu dizer isso para me mandarem não me meter em conversa que não me dizia respeito.

Como os adultos são idiotas e burros! Como se Peter, Margot, Elli e eu não nos sentíssemos da mesma forma e somente o amor de mãe ou de um amigo muito querido nos pudesse valer. Estas mães daqui são incapazes de nos compreender. Talvez a sra. Van Daan compreenda um pouco melhor que mamãe. Puxa, eu queria tanto dizer alguma coisa animadora à pobre Elli, algo que, por experiência, sabia que ia lhe fazer bem. Mas papai apareceu e me afastou para um lado.

Como são burros! Não temos direito a opinião alguma. Pois bem, podem obrigar-nos a calar a boca, mas isso não nos impede de ter nossa própria opinião. Mesmo que a gente seja muito jovem, não deve ser impedida de dizer o que pensa.

Somente muito amor e dedicação podem ajudar Elli, Margot, Peter e eu — e nenhum de nós encontra esse amor. Ninguém aqui, especialmente os sabe-tudo muito estúpidos, é capaz de nos compreender, pois somos muito mais sensíveis e muito mais avançados em nossos pensamentos do que qualquer dessas figuras que nos cercam pode imaginar.

Mamãe já começou a implicar de novo — com certeza com ciúme por eu falar mais com a sra. Van Daan do que com ela, atualmente.

Dei um jeito de me aproximar de Peter hoje à tarde e conversamos durante três quartos de hora. Peter tem a maior dificuldade de falar sobre si mesmo, e foi difícil deixá-lo à vontade. Contou-me que seus pais brigam freqüentemente por causa de cigarros, política, enfim, por tudo e por nada. Peter é muito reservado.

Então eu lhe falei sobre meus pais. Ele defendeu papai dizendo que é uma pessoa legal. Depois falamos de novo "lá de cima" e "aqui de baixo"; ficou sinceramente admirado ao saber que nem sempre seus pais são agradáveis e educados conosco.

— Peter — disse eu —, você sabe que eu sou extremamente sincera; por que, pois, havia de esconder que nós também enxergamos as faltas deles?

Entre outras coisas, disse isto também:

— Gostaria tanto de ajudar você, Peter. Posso? Você está em posição muito difícil, e o fato de não dizer nada não significa que não se importe.

— Oh, eu gostaria sim, e muito, de ter sua ajuda.

— Talvez fosse melhor você falar com papai; ele jamais diria nada a ninguém, tenho certeza. Seria mais fácil para você, falar com ele.

— É mesmo, ele é um bom sujeito.

— Você gosta dele, não gosta? Peter fez que sim, e eu continuei:

— Ele também gosta de você.

Peter levantou os olhos na mesma hora e ficou vermelho. Era impressionante ver como essas poucas palavras o haviam comovido. Perguntou:

— Você acha?

— Sim — respondi. — É fácil perceber, pelas coisinhas que escapam, uma vez ou outra.

Peter é também uma pessoa legal, exatamente como papai.

Sua Anne.

Sexta-feira, 3 de março de 1944

Querida Kitty

Ao contemplar a vela ([20]), esta noite, senti-me calma e feliz. Parece que *Oma* [21] está na vela e é *Oma* que me protege e faz com que torne a ser feliz.

Mas existe outro alguém que governa minha mente, e esse alguém é Peter. Hoje, eu ia à procura de batatas e ainda estava em pé na escada, com a panela, quando ele perguntou:

— O que andou fazendo, desde a hora do almoço?

Sentei-me nos degraus e comecei a conversar. Às cinco e quinze (uma hora depois) as batatas, que haviam ficado esquecidas no chão, finalmente chegaram a seu destino.

Peter não falou mais nada sobre os pais; conversamos sobre livros e o passado. Havia tanta ternura em seus olhos! Acho que estou me apaixonando por Peter. Esta noite, ele falou sobre isso. Ao acabar de descascar as batatas, fui para o quarto dele e disse que sentia muito calor.

— É fácil saber a temperatura, por Margot e por mim. Se faz frio, ficamos brancas e, se faz calor, logo ficamos coradas — disse eu.

— Será de amor? — perguntou ele.

— De amor, por quê? — Minha resposta-pergunta era idiota.

— Por que não? — disse ele. Mas fomos interrompidos pela hora do jantar.

Teria ele dado algum significado especial àquela pergunta?

Hoje perguntei-lhe se não se aborrecia com minhas conversas, mas ele apenas respondeu:

— Acho legal. Gosto.

Até que ponto essa resposta é fruto de timidez e boa educação, não sei julgar.

Kitty, estou como uma pessoa apaixonada que só sabe falar no seu amor. E Peter é mesmo um amor. Quando poderei falar isso a ele? Naturalmente, só quando ele também achar que eu sou um amor. Mas sei me cuidar muito bem, e ele sabe disso. Como ele aprecia a própria tranqüilidade, não posso ter idéia de quanto ele gosta de mim. Em todo caso, estamos nos conhecendo melhor. Gostaria que já tivéssemos falado sobre coisas mais pessoais. Quem sabe talvez esse tempo chegue mais depressa do que penso! Recebo dele um olhar significativo duas vezes ao dia; devolvo-lhe uma piscadela brejeira, e ambos nos sentimos felizes.

Parece convencimento falar assim da felicidade dele, mas é que tenho a certeza de que ele pensa do mesmo modo que eu.

Sua Anne.

Sábado, 4 de março de 1944

Querida Kitty

Em muitos meses, este é o primeiro sábado não-angustiante ou monótono. E tudo por causa de Peter.

Esta manhã eu ia à água-furtada pendurar meu avental quando papai perguntou se não gostaria de ficar e falar um pouco de francês. Concordei. Primeiro falamos francês e expliquei algumas coisas a Peter; depois estudamos inglês. Papai leu Dickens em voz alta para nós, e eu me senti no sétimo céu porque estava sentada na cadeira de papai, bem perto de Peter.

Desci às onze horas. Quando voltei, às onze e meia, ele já estava na escada à minha espera. Quando saio da sala — depois de alguma refeição, por exemplo —, se ninguém ouve, ele diz: "Adeus, Anne, até logo mais".

Puxa, como fico contente! Será que ele vai, finalmente, apaixonar-se por mim? Apaixone-se ou não, é um ótimo rapaz, e ninguém imagina que conversas legais tenho com ele!

A sra. Van Daan aprova que eu vá falar com Peter, mas hoje perguntou, só para me arreliar:

— Será que posso confiar em vocês dois, juntos lá em cima?

— Claro! — protestei imediatamente. — Assim a senhora me ofende!

Da manhã à noite estou sempre desejando ver Peter.

Sua Anne.

Segunda-feira, 6 de março de 1944

Querida Kitty

Pela expressão de Peter percebo que ele pensa tanto quanto eu, e ontem à noite, ao ouvir a sra. Van Daan chamá-lo zombeteiramente de O Pensador, fiquei irritada. Peter ficou vermelho, encabulado, e eu quase explodi.

Por que é que essa gente não cala a boca?

Você não imagina como é horrível ter de ficar calada, assistindo a sua humilhação, sem poder fazer nada para ajudá-lo. Imagino perfeitamente — como se estivesse no lugar dele — o desespero que deve sentir quanto às brigas e ao amor. Pobre Peter, precisa tanto de amor!

Quando ele disse que não precisava de amigos, como suas palavras soaram falsas em meus ouvidos! Que engano o dele! Agarra-se à sua solidão, à sua indiferença fingida e aos seus modos de adulto, mas é apenas uma máscara que encobre seus verdadeiros sentimentos. Pobre Peter, por quanto tempo ainda conseguirá representar esse papel? É um esforço sobre-humano, e ele acabará explodindo.

Oh, Peter, se eu ao menos pudesse ajudar você, se você me deixasse! Juntos, poderíamos afugentar a sua e a minha solidão.

Penso muito e falo pouco. Sou feliz quando o vejo, e se estou a seu lado brilha o sol. Ontem, fiquei nervosíssima enquanto lavava o cabelo, pois sabia que ele estava no quarto pegado ao nosso. Não consegui controlar-me; quanto mais silenciosa e pensativa me sinto interiormente, mais barulhenta me torno exteriormente.

Quem será o primeiro a me descobrir como ser e a atravessar esta armadura? Ainda bem que os Van Daan têm um filho e não uma filha; minha conquista jamais teria sido tão difícil, nem tão compensadora, se não se dirigisse a alguém do sexo oposto.

Sua Anne.

P. S. — Você bem sabe que sou sincera até demais, portanto devo lhe confessar que estou vivendo de um encontro para outro. E estou sempre querendo descobrir que ele também espera por mim o tempo todo. Fico radiante se noto alguma tentativa de aproximação da parte dele, por menor que seja. Acho que ele desejaria dizer uma porção de coisas, tal como eu; nem de longe pode imaginar que é justamente sua falta de jeito que me encanta.

Sua Anne.

Terça-feira, 7 de março de 1944

Querida Kitty

Agora, quando penso na vida que levava em 1942, tudo me parece irreal. Era uma Anne completamente diferente, aquela que vivia uma existência despreocupada. Encerrada nestas paredes, ela se está tornando ajuizada. Sim, era maravilhosa aquela vida: namorados a três por dois, dezenas de amigos e conhecidos da minha idade, eu era a queridinha dos professores, mimada dos pés à cabeça por papai e mamãe, doces à vontade e bastante dinheiro para gastar, que mais eu poderia desejar?

Com certeza você vai perguntar como foi que conquistei toda essa gente. A palavra "atração" usada por Peter não se enquadra com perfeição no meu caso. Todos os meus professores gostavam das minhas "respostas ao pé da letra", minhas observações divertidas, meu rosto sorridente e meus olhares perscrutadores. Era isso que eu era, sem mais nem menos: namoradeira, coquete e engraçada. E levava sobre os outros algumas vantagens: era prestativa, sincera e franca. Jamais teria pensado em imitar alguém. Repartia meus doces com generosidade e não era "metida a besta".

Será que com tanta admiração, não me teria tornado convencida demais? Foi até providencial que no ponto máximo de toda essa badalação, subitamente precisasse enfrentar a realidade. Levei mais de um ano para me habituar com os fatos e perceber que as admirações não voltariam tão cedo.

Qual era minha imagem na escola? A da garota que está sempre inventando novas brincadeiras e artes, a líder permanente, jamais de mau humor, nunca uma desmancha-prazeres. Não é de se admirar, pois, que todos gostassem tanto de andar de bicicleta comigo e

me dessem tanta atenção.

Agora, ao recordar aquela Anne, vejo-a como uma garota engraçada, mas muito superficial, que não tem nada a ver com a Anne de hoje. Peter descreveu-me com propriedade: "Vivia cercada de dois ou mais meninos e de um bando de meninas. Estava sempre rindo, era o centro da festa".

O que resta desta menina? Oh, não se preocupe, Kitty. Não esqueci do riso nem da resposta na ponta da língua; meu espírito crítico está mais afiado do que nunca — até melhor — e ainda sei flertar, se quiser. Mas não se trata disso; gostaria ainda daquela vida por uma tarde, alguns dias, uma semana, talvez: uma vida sem preocupações e repleta de alegrias. Mas sei que ao fim de uma semana estaria farta e ficaria realmente agradecida se pudesse ouvir alguém falando sobre um assunto sério. Não quero bajuladores, quero amigos, admiradores que não se deixem atrair apenas por um palminho de cara bonita, mas que me apreciem pelo que sou e pelo que faço.

Bem sei que o círculo à minha volta seria mais restrito. Mas que importância tem isso, desde que se tenha poucos amigos, mas sinceros?

A verdade é que também em 1942 eu não me sentia inteiramente feliz, apesar de tudo. Freqüentemente sentia-me abandonada, mas, como estava sempre em movimento, não me aprofundava no assunto e divertia-me o quanto podia. Consciente ou inconscientemente, procurava afugentar o vazio que sentia através de brincadeiras e travessuras. Agora, penso seriamente na vida e no que tenho a fazer. Encerrou-se para sempre um período de minha vida. Foram-se os despreocupados dias de escola, e sei que nunca mais voltarão.

Também nem tenho saudades deles; já os superei. Não consigo pensar somente em me divertir, pois agora meu lado sério está sempre presente.

Contemplo minha vida até o Ano-Novo como se olhasse através de uma poderosa lente de aumento. A vida alegre e ensolarada lá de casa, a vinda para cá, em 1942, a mudança brusca de hábitos, as brigas, as implicâncias. Não conseguia adaptar-me, fui apanhada de surpresa, e a única maneira de manter minha individualidade era sendo impertinente.

A primeira metade de 1943: meus acessos de choro, a solidão; a descoberta gradativa de minhas falhas e defeitos, que são grandes e naquele tempo ainda pareciam maiores. Durante o dia, de propósito, procurava falar sobre coisas que provocassem reações dos mais velhos. Quis atrair Pim para o meu lado; não consegui. Sozinha, tive de enfrentar a difícil tarefa de me transformar, para que cessassem aquelas censuras freqüentes e opressivas, que me deixavam arrasada.

Na segunda metade do ano, as coisas melhoraram um pouco. Fiquei mocinha e passaram a me tratar um pouco como gente grande. Comecei a pensar, a escrever histórias e cheguei à conclusão de que os outros não tinham mais o direito de me atirar de um lado para outro, como se eu fosse uma bola. Quis mudar por minha própria iniciativa. Uma coisa, porém, abalou-me

profundamente: compreendi que nem mesmo papai poderia ser meu confidente em tudo. Não queria confiar em ninguém mais a não ser em mim mesma.

No princípio do ano, minha segunda grande transformação, meu sonho... Com ele descobri meu desejo, não de ter uma amiga, mas um amigo. Descobri também a felicidade interior e a armadura de superficialidade e alegria que usava para me defender. Aos poucos fui me tranqüilizando e descobri o desejo imenso que tenho por tudo quanto é belo e bom.

À noite, quando me deito para dormir, ao terminar minhas orações com as palavras "agradeço-vos, meu Deus, por tudo quanto é bom, amável e belo", sinto-me invadida pela alegria. Então penso na sorte de estar escondida, em minha saúde e, com todo o meu ser, penso em Peter, na "gentileza" de Peter e em tudo quanto está, ainda, embrionário, e a que nenhum de nós ousa dar nome ou tocar, em tudo o que há de vir um dia: no amor, no futuro, na felicidade e na beleza que existe no mundo, na natureza, no belo e em tudo quanto é extravagante ou lindo.

Não penso nas misérias, mas em toda a beleza que persiste. Este é mais um ponto em que mamãe e eu não concordamos. "Pense na miséria do mundo e dê graças por não compartilhá-la". Meu conselho é o seguinte: "Saia, vá para o campo, goze a natureza e o sol, vá para fora e tente recapturar a felicidade em si própria e em Deus. Pense em toda a beleza que ainda resta em você e à sua volta e seja feliz!"

Não aceito a idéia de mamãe estar certa. Como nos comportaríamos então, se passássemos pela miséria? Estaríamos perdidos. Ao contrário, descobri que sempre resta alguma beleza no sol, na natureza, na liberdade, em você mesma. Você se encontra consigo e com Deus e retoma o equilíbrio.

E quem é feliz, faz feliz os outros. Aquele que tem fé e coragem jamais perecerá na desgraça.

Sua Anne.

Domingo, 12 de março de 1944

Querida Kitty

Não consigo manter-me sossegada, ultimamente. Subo e desço várias vezes por dia. Adoro conversar com Peter, mas tenho medo de ser inconveniente. Ele me contou alguma coisa sobre seu passado, sobre os pais e sobre ele mesmo. Mas para mim não disse o bastante, e fico sempre querendo saber mais e mais. Ele achava que eu era insuportável, e eu devolvia o elogio. Agora mudei de opinião. Será que ele mudou também?

Penso que sim, mas isso não significa, necessariamente, que devemos nos tornar grandes amigos, apesar de eu achar que isso faria o ambiente aqui bem mais suportável. Enfim, não quero me chatear por causa disso — vejo-o bastante e não há necessidade de fazer você infeliz, Kitty, só porque eu me sinto muito infeliz.

Sábado à tarde, após ouvir uma série de novidades tristes, senti minha cabeça girar e fui deitar no divã para dormir um pouco. Só queria dormir para ver se conseguia parar de pensar. Dormi até as quatro e então voltei para a sala de jantar. Foi difícil responder a todas as perguntas de mamãe e inventar uma desculpa que explicasse a papai meu sono prolongado. Escolhi uma dor de cabeça, o que não chegava a ser mentira, já que estava doendo mesmo... só que por dentro.

Gente comum, meninas comuns, mocinhas como eu pensarão que estou meio biruta com toda essa pena de mim mesma. É que abro meu coração somente para você e, durante o resto do dia, sou tão atrevida, alegre e convencida quanto é possível ser, para evitar perguntas irritantes e controlar meus próprios nervos.

Margot é muito boazinha e gostaria que eu confiasse nela, mas não lhe posso contar tudo. Ela é um amor, boa e bonita, mas falta-lhe aquele quê necessário para participar de discussões profundas. Leva-me a sério, a sério até demais. Muito tempo depois de nossas conversas ainda está pensando na estranha irmãzinha que tem, observa-me com atenção e, a cada palavra que digo, pensa: "Será brincadeira ou será verdade?" Acho que é por estarmos juntas o dia inteiro. Se eu tivesse de confiar em alguém de modo absoluto, detestaria ter essa pessoa grudada em mim o tempo todo.

Quando, finalmente, conseguirei desembaraçar meus pensamentos? Quando, finalmente, encontrarei a paz e o repouso de mim?

Sua Anne.

Terça-feira, 14 de março de 1944

Querida Kitty

Talvez seja divertido para você — para mim garanto que não será — saber o que vamos comer hoje. Como a faxineira está lá embaixo, no momento estou sentada à mesa dos Van Daan. Diante do nariz e da boca mantenho um lenço ensopado em um bom perfume (comprado antes de virmos para cá). Você não deve estar compreendendo nada, portanto, o melhor é "começar pelo princípio".

As pessoas que nos forneciam cupons foram presas; assim, ficamos apenas com nossos cinco cartões de racionamento, sem cupons extras, sem gorduras. Como Miep e Koophuis estão doentes, Elli não tem podido fazer compras, e a atmosfera, bem como a comida, é de perfeito desalento. De amanhã em diante não teremos mais um pingo de gordura, manteiga ou margarina. Pela manhã não podemos mais fritar batatas (para economizar pão), portanto temos que comer mingau. Como a sra. Van Daan acha que estamos morrendo de fome, compramos leite integral no câmbio negro. Hoje nossa ceia consistirá em picadinho de couve, que temos em conserva num barril. Daí a medida de precaução com o lenço! É incrível como couve de um ano fede! O cheiro que se espalhou pela casa é um misto de frutas estragadas, desinfetante ativo e ovo podre. Arre! Só de pensar em comer essa porcaria, sinto náuseas.

Para piorar a situação, nossas batatas estão sofrendo de doenças estranhas, tanto que, de dois baldes de *pommes de terre*, um foi parar, todinho, no lixo. Nosso divertimento é pesquisar as diversas espécies de doenças que, segundo nossos diagnósticos, vão desde o câncer à catapora e ao sarampo. Puxa, não tem graça nenhuma continuar escondido no quarto ano de guerra. Se ao menos essa droga estivesse no fim!

Sinceramente, pouco me importaria a comida se, ao menos, a convivência aqui fosse mais agradável. O pior de tudo é o tédio que nos deixa, a todos, uma pilha de nervos.

Aqui vão as opiniões dos cinco adultos residentes, diante da presente situação:

Sra. Van Daan: "O ofício de rainha da cozinha perdeu para mim seus atrativos, há muito tempo. É horrível ficar sentada sem fazer nada, por isso volto às minhas panelas. Tenho, entretanto, razões de queixa: é impossível cozinhar sem gordura, e todos esses cheiros maus me dão enjôo. Em troca de meus serviços recebo somente ingratidão e reclamações grosseiras. Sou sempre a ovelha negra, a culpada de tudo. Além disso, em minha opinião, a guerra progride lentamente, e no final quem vai ganhar mesmo são os alemães. Tenho medo de morrer de fome, e, quando estou de mau humor, dou a bronca em todo mundo".

Sr. Van Daan : "Tenho que fumar, fumar e fumar. Só assim a comida, a situação política e os maus humores de Kerli não me parecem tão ruins. Kerli é um amor de esposa".

Porém, se não tem mais cigarros, nada está certo, e o que declara é isto: "Estou ficando doente, não vivemos bem, preciso comer carne. Que criatura insuportável esta minha Kerli!"

Depois disso segue-se uma briga feia, na certa.

Sra. Frank: "A comida não é a coisa mais importante, mas bem que gostaria de comer agora uma fatia de pão de centeio; tenho tanta fome! Se eu fosse a sra. Van Daan, há muito tempo teria acabado com o fumar desbragado do sr. Van Daan. Agora, porém, preciso definitivamente fumar um cigarrinho, pois meus nervos estão supertensos. Os ingleses fazem muitas besteiras, mas, no final das contas, a guerra vai progredindo. Sinto necessidade de falar com alguém de vez em quando, e dou graças a Deus por não estar na Polônia".

Sr. Frank: "Está tudo bem, não preciso de nada. Calma, ainda temos muito tempo pela frente. Se eu tiver minhas batatas, nada mais reclamarei. Separem uma parte de minha ração para Elli. A situação política é animadora, estou extremamente otimista".

Sr. Dussel: "Preciso fazer minha tarefa de hoje, tudo deve ser terminado à hora certa. Situação política muito boa e é impossível que nos agarrem". Eu, eu, eu...!

Sua Anne.

Quarta-feira, 15 de março de 1944

Querida Kitty

Arre! Até que enfim consegui livrar-me por alguns instantes do cenário deprimente. Hoje, só ouvi coisas assim: "Se acontecer isto ou aquilo, vamos ter sérias dificuldades... se ele ou ela ficarem doentes, ficaremos completamente isolados, se..." Enfim, a esta altura creio que o resto você já sabe de sobra; presumo, pelo menos, que já conheça os anexo-secretenses o suficiente para adivinhar o assunto de suas conversas.

A razão de todos esses "se, se" é que Kraler foi convocado para trabalhar na enxada. Elli está com um resfriado violento e, provavelmente, não poderá vir amanhã. Miep ainda não sarou completamente da gripe, e Koophuis teve uma hemorragia no estômago, tão forte que perdeu os sentidos. Quanta desgraça junta!

O pessoal do depósito estará de folga amanhã, e Elli talvez fique em casa. A porta permanecerá trancada, e nós precisaremos ficar no mais completo silêncio para que os vizinhos não nos ouçam. Henk virá visitar os escondidos à uma hora — fazendo o papel de tratador, como no jardim zoológico. Hoje, pela primeira vez em muito tempo, Henk nos contou coisas sobre o vasto mundo lá de fora. Você precisava ter visto nós oito sentados em volta dele; parecia exatamente com o quadro da vovozinha contando histórias para os netinhos. Falou feito matraca, a ouvintes agradecidos, sobre comida, naturalmente; depois, sobre o médico de Miep e sobre tudo o que lhe perguntamos.

— Médico! — disse ele. — Nem me fale naquele médico! Telefonei para ele esta manhã, o assistente atendeu, e pedi uma receita para gripe. Respondeu que eu podia ir buscá-la quando quisesse, das oito às nove da manhã. Se a gripe é muito forte mesmo, é o próprio médico que atende ao telefone e diz: "Ponha a língua para fora e diga Aaa... Posso ouvir a inflamação de sua garganta. Vou lhe passar uma receita que o senhor mandará fazer na farmácia. Até logo!" É isso aí!

Boa clientela essa, atendida pelo telefone!

Mas eu não estou a fim de criticar os médicos; afinal, uma pessoa tem apenas duas mãos, e em dias como os atuais há mais pacientes que médicos para tratar deles. Mesmo assim, rimos à beca quando Henk nos contou aquela piada telefônica.

Imagino o que deve ser uma sala de espera de médico, hoje em dia. O médico já não atende os pacientes comuns, os que sofrem de moléstias menos graves. Olha para os clientes e vai dizendo: "Você aí, o que é que está fazendo? Vá para o fim da fila, por favor, que os casos urgentes têm prioridade".

Sua Anne.

Quinta-feira, 16 de março de 1944

Querida Kitty

O tempo está lindo, espetacular. Tão bonito que nem consigo descrevê-lo. Vou subir até a água-furtada dentro de um minuto.

Agora descobri por que sou muito mais inquieta do que Peter. Ele tem um quarto só dele para trabalhar, sonhar, pensar e dormir. Eu vivo aos trancos, de um canto para outro. Quase não fico no meu quarto compartilhado, e, no entanto, é a coisa que mais tenho vontade de fazer. É também por essa razão que fujo tantas vezes para a água-furtada. Lá, e com você, posso ser eu mesma por algum tempo, embora por muito pouco tempo. Não quero, porém, me lamentar; quero ser corajosa. Graças a Deus, ninguém vê meus sentimentos íntimos: estou me tornando cada vez mais fria com mamãe, já não sou tão afetuosa com papai e não conto mais nada a Margot. Fechei-me completamente. Acima de tudo, preciso manter a aparência exterior, ninguém deve saber da guerra que se trava em meu íntimo. Guerra entre o desejo e o bom senso. Até o momento que escrevo, tem ganho o último, mas, e se o primeiro demonstrar ser o mais forte dos dois? Às vezes receio que seja assim e outras vezes desejo que o primeiro saia vencedor!

Oh, como é difícil nunca poder dizer nada a Peter; mas sei muito bem que o primeiro a falar deve ser ele. Há tanta coisa que desejo dizer e fazer, tanta coisa que já vivi em sonhos, que é duro ver passar mais um dia sem que nada disso se realize! Sim, Kitty, Anne é uma maluquinha, mas acontece que eu vivo em tempos loucos e em circunstâncias mais loucas ainda.

Mesmo assim, o melhor de tudo isso é que posso escrever o que sinto e o que penso, do contrário estaria totalmente sufocada! Que pensará Peter de todas essas coisas? Tenho a esperança de que algum dia ainda poderei falar sobre tudo isso com ele. Peter deve ter adivinhado alguma coisa sobre minha pessoa, pois estou certa de que não poderia amar a Anne "para uso externo", aquela que conheceu até agora.

Gostando tanto de paz e sossego, como pôde Peter ser atraído pelos meus modos estabanados e barulhentos? Teria sido ele o primeiro a enxergar através de minha armadura? Não existe um velho ditado que diz que o amor nasce da piedade e que ambos andam de mãos dadas? Será esse o meu caso? Porque, muitas vezes, tenho tanta pena dele como de mim mesma.

Se eu mesma não sei como começar, que dizer dele, para quem a fala representa dificuldade ainda maior do que para mim? Se pudesse escrever a ele, pelo menos teria certeza de ser compreendida, pois é difícil transformar em palavras tudo o que sinto!

Sua Anne.

Sexta-feira, 17 de março de 1944

Querida Kitty

Um suspiro de alívio percorreu o Anexo Secreto. Kraler foi isentado de trabalhar na enxada pelo tribunal e, em geral, tudo corre mais ou menos bem por aqui. Apenas Margot e eu estamos um tanto cansadas de nossos pais. Não me leve a mal. Você bem sabe que não consigo me dar bem com mamãe. Gosto de papai como sempre gostei, e Margot gosta muito de

papai e mamãe, mas as pessoas de nossa idade desejam decidir muita coisa sozinhas, querem ter um mínimo de independência.

Se vou lá para cima, perguntam-me o que vou fazer; não permitem que ponha mais sal na comida; todas as noites, pontualmente às oito e quinze, mamãe pergunta se não está na hora de eu começar a me despir; todo livro que leio tem censura prévia. Verdade que são bastante liberais, posso ler quase tudo; apesar disso, tanto Margot quanto eu estamos cansadas de tanta advertência e interrogatório, que não pára o dia inteiro.

Outra coisa que os deixa ofendidos: já não gosto mais de ficar distribuindo beijos e acho ridículos certos apelidos. Em resumo, gostaria de livrar-me deles por algum tempo. Ontem à noite, Margot disse: — Basta a gente levar a mão à testa ou respirar mais fundo para que perguntem se estamos com dor de cabeça ou passando mal. Que chatice!

Para nós duas é um choque compreender de repente que nos resta muito pouco da harmonia que tínhamos em casa. Mas isso deve estar acontecendo pelo fato de estarmos todos mal adaptados aqui. Com isto quero dizer que, exteriormente, somos tratadas como crianças, quando somos, interiormente, bem mais velhas que as jovens de nossa idade.

Apesar de ter somente catorze anos, sei muito bem o que quero, sei quem está certo e quem está errado; tenho idéias próprias, princípios e opiniões minhas e, embora pareça exagero, sinto-me mais adulta do que criança, e bastante independente de quem quer que seja.

Sei que sou capaz de discutir ou argumentar melhor que mamãe, sei que não tenho preconceitos, que não sou tão exagerada, que sou mais concisa e hábil, e por isso — sei que vai rir — eu me sinto superior a ela em muita coisa. Se amar alguém, preciso sentir admiração por essa pessoa, admiração e respeito. Tudo estaria bem se tivesse Peter, pois eu o admiro, de muitas maneiras. É um rapaz tão bom e tão bonito!

Sua Anne.

Domingo, 19 de março de 1944

Querida Kitty

Ontem foi um grande dia para mim. Ao sentarmos à mesa para a ceia, sussurrei para ele:

— Você vai estudar estenografia hoje à noite, Peter?

— Não — respondeu.

— Então, quero falar com você, mais tarde.

Ele concordou. Depois de lavarmos os pratos, fiquei um pouco no quarto de seus pais, para não dar na vista, mas não demorei a ir encontrar-me com Peter.

Ele estava de pé, junto à janela aberta, do lado esquerdo. Coloquei-me do lado direito, e conversamos. Era muito mais fácil conversar junto à janela aberta, na semi-escuridão, do que à luz do sol, e acho que Peter sentiu o mesmo.

Contamos tantas coisas, um ao outro, tantas que não dá para repetir tudo, mas foi lindo; foi a noite mais maravilhosa que passei no Anexo Secreto. Vou contar, resumidamente, as várias coisas sobre o que conversamos. Primeiro falamos das brigas e de como, hoje em dia, eu as encaro sob outro aspecto; depois, sobre o distanciamento entre nós e nossos pais.

Falei a Peter de mamãe, papai, Margot e de mim mesma. Em determinado momento, ele perguntou:

— Vocês costumam trocar um beijo de boa-noite?

— Um? Dúzias! Por quê? Vocês não?

— Não, raramente beijo alguém.

— Nem no dia de seu aniversário?

— Bem, aí é diferente, tenho de beijar.

Falamos sobre como nenhum de nós faz confidencias aos pais, como os pais dele gostariam de obter sua confiança, coisa que ele se recusa a dar. Como eu choro na cama e como ele sobe ao sótão para praguejar. Como Margot e eu nos descobrimos amigas há pouco tempo e como, mesmo assim, não nos sentimos com coragem de confiar uma na outra por estarmos sempre juntas. Falamos sobre tudo quanto se possa imaginar. Oh, ele é exatamente como eu havia pensado!

Depois falamos sobre 1942. Como éramos diferentes naquela época! Mal nos reconhecíamos como os mesmos, agora. Lembramos que a princípio não nos suportávamos. Na opinião dele eu era tagarela e desordeira, e eu logo chegara à conclusão de que não ia perder meu tempo com ele. Não podia compreender por que não flertava comigo, mas hoje me alegro de que não o tenha feito. Também mencionou o fato de viver tão isolado de todos nós. Eu lhe disse que não havia grande diferença entre meu barulho e seu silêncio. Eu também adoro paz e sossego, só que, de particular mesmo, apenas tenho meu diário. Como ele está contente por meus pais terem filhas e por gostarmos dele! Como, hoje, compreendo sua atitude reservada e seu relacionamento com os pais, e quanto gostaria de poder ajudá-lo!

— Você me ajuda sempre — disse ele.

— Como? — perguntei surpresa.

— Com sua alegria.

Esta foi, certamente, a coisa mais linda que ele disse. Foi maravilhoso; ele deve estar

aprendendo a me amar como amiga, o que, no momento, é suficiente. Sinto tal gratidão, estou tão feliz, que não encontro palavras! Kitty, peço mil perdões se meu estilo, hoje, não está dos melhores.

Fui escrevendo o que me veio à cabeça. Sinto, agora, que Peter e eu compartilhamos um segredo. Se ele me contempla com aqueles olhos que riem e brilham, é como se uma luzinha se acendesse dentro de mim. Espero que tudo continue assim e que possamos estar juntos e felizes, muitas e muitas vezes.

Sua agradecida e feliz Anne.

Segunda-feira, 20 de março de 1944

Querida Kitty

Esta manhã Peter perguntou-me se eu não voltaria lá uma noite dessas. Disse que eu não o importunava absolutamente e que onde havia lugar para um, havia para dois. Eu respondi que não poderia ir todas as noites porque lá embaixo eles não aprovariam, mas ele disse que eu não devia ligar. Falei então que gostaria muito de ir numa noite de sábado e pedi que me avisasse quando houvesse lua.

— Desceremos, então — disse ele. — Olharemos a lua lá de baixo.

Nesse meio tempo, uma pequena nuvem turvou minha felicidade. Há muito tempo eu desconfiava que Margot também gosta de Peter. Quanto, não sei, só sei que é horrível. Devo fazê-la sofrer cada vez que estou com Peter, e o mais engraçado é que ela pouco dá a perceber.

Se fosse comigo, eu teria um ciúme desesperado. Margot, porém, só diz que não preciso ter pena dela.

— Acho horrível que isto esteja acontecendo com você — disse eu. E ela respondeu, um tanto amarga:

— Já estou acostumada.

Ainda não me sinto com coragem de falar sobre isto com Peter; talvez mais tarde. Por enquanto, temos tantas outras coisas sobre que falar!

Ontem à noite, mamãe me deu uma chamada que eu bem merecia. Sei que não devo acentuar a indiferença que sinto por ela. Apesar de tudo, vou procurar, mais uma vez, ser agradável e guardar minhas observações para mim mesma.

Até Pim anda diferente, nos últimos tempos. Está tentando não me tratar mais como criança, mas vai ao extremo oposto e acaba se comportando com demasiada frieza. Como é difícil acertar!

Mas agora chega. Estou transbordando de Peter e não faço outra coisa a não ser olhar para ele.

Uma prova da bondade de Margot: recebi isto hoje:

"Anne, quando eu lhe disse, ontem, que não sentia ciúme de você, fui apenas cinqüenta por cento honesta. O caso é o seguinte: não é de você e de Peter que tenho ciúme. Apenas sinto uma grande tristeza por não ter encontrado ainda alguém — nem vejo grandes probabilidades — com quem poderia extravasar meus sentimentos mais secretos. Mas é claro que eu não haveria de ter raiva de você por isso. De qualquer forma, a vida nos tem negado tanta coisa que concede aos outros!

Por outro lado, sei também que não poderia ir tão longe com Peter, pois, para me abrir com alguém, precisaria ter com ele grande intimidade e sentir-me totalmente compreendida, sem precisar falar muito. Teria que ser uma pessoa intelectualmente superior a mim, o que não acontece com Peter. Imagino, porém, que entre você e ele o caso seja outro."

Minha resposta:

"Querida Margot

Achei sua carta excepcionalmente linda; entretanto, não consigo ainda sentir-me isenta de culpa, nem creio que isso aconteça tão cedo.

No momento, nada é muito profundo entre Peter e mim, mas ao crepúsculo, perto de uma janela aberta, a gente diz muito mais um ao outro do que em pleno sol. Assim como é mais fácil sussurrar sentimentos do que proclamá-los em altos brados. Creio que você estava sentindo por Peter uma espécie de afeição de irmã, e que gostaria muito de ajudá-lo, tanto quanto eu. Talvez ainda possa fazê-lo apesar de não ser essa a espécie de afeição que temos em mente. Creio que deve vir de ambos os lados, e esta é a razão pela qual papai e eu nunca fomos tão longe. Não vamos falar mais sobre isto, mas se você desejar ainda alguma coisa, escreva, que eu sei dizer o que penso muito melhor no papel.

Você não imagina quanto a admiro e como espero, algum dia, chegar a ter um pouco daquela bondade tão sua e de papai. Agora vejo que não há grande diferença entre você e papai, nesse sentido.

Sua Anne."

Quarta-feira, 22 de março de 1944

Querida Kitty

Recebi isto de Margot, na noite passada:

"Querida Anne

Depois de sua carta de ontem, tive a desagradável impressão de que você ainda terá dramas de consciência cada vez que visitar Peter. Acredite, sinceramente, não há razão para isso. Do fundo do coração, sinto que preciso de alguém em quem confiar inteiramente, mas não escolheria Peter como meu confidente.

Sinto, tal como você diz, que Peter é um pouco meu irmão, mas um irmão mais moço. Talvez uma afeição fraterna pudesse crescer entre nós, talvez cresça mais tarde ou talvez não cresça nunca, mas é claro que ainda não chegou a esse ponto.

Portanto, você não precisa mesmo ter pena de mim. Agora que encontrou companheirismo, aproveite o mais possível".

Isto aqui vai se tornando cada vez mais maravilhoso. Sabe, Kitty, acho que teremos um grande amor no Anexo Secreto. Não se preocupe, não estou pensando em casar com ele. Não sei como é que ele vai ser quando ficar mais velho, nem se algum dia nos amaremos o suficiente para casar. Sei, agora, que Peter me ama; de que modo, porém, eu mesma não sei ainda.

Se ele me quer apenas como uma grande amiga, ou se o atraio como menina, ou irmã, não descobri ainda.

Quando ele disse que sempre o auxilio nas brigas com os pais, fiquei muito contente; foi um passe para que eu acreditasse em sua amizade. Perguntei-lhe ontem o que faria se aqui existisse uma dúzia de Annes que vivessem atrás dele. Respondeu-me: — Se fossem todas como você, não seria tão mau. — É muito gentil comigo e acredito que gosta de me ver. Tem estudado francês com afinco, mesmo quando vai para a cama às dez e quinze. Quando penso na noite de sábado e recordo tudo o que dissemos, palavra por palavra, pela primeira vez não me sinto descontente comigo, isto é, eu diria exatamente o que disse, não desejaria mudar nada, como em geral acontece.

Ele é lindo, tanto quando ri como quando está sério, olhando para a frente; é mesmo um amor e tão bom! O que mais o surpreendeu a meu respeito foi descobrir que não sou a Anne superficial e fútil que pareço, mas uma criatura sonhadora, com as mesmas dificuldades que ele sente.

Sua Anne.

Resposta:

"Querida Margot

Creio que o melhor a fazer é esperar e ver o que acontece. Não vai demorar muito para Peter e eu chegarmos a uma decisão; ou continuamos como antes, ou seremos diferentes. O que acontecerá, nem eu mesma sei e não tento enxergar muito adiante de meu próprio nariz. De uma coisa, porém, tenho certeza: se Peter e eu decidirmos ser amigos, direi a ele que você gosta muito dele e estará sempre disposta a ser sua amiga e a ajudá-lo no que for preciso.

Pode ser que isso não seja o que você deseja, mas, agora, pouco me importa. Não sei o que Peter pensa de você, mas na ocasião perguntarei.

Estou certa de que só pode ser coisa boa. Se vier para junto de nós, na água-furtada, ou onde quer que estejamos, será sempre bem-vinda. Honestamente, não vai nos atrapalhar, pois sinto que temos um acordo tácito de falar somente à noite, quando já está escuro.

Conserve a coragem! Faça como eu. Apesar de não ser fácil; seu tempo pode chegar antes do que pensa.

Sua Anne."

Quinta-feira, 23 de março de 1944

Querida Kitty

Aos poucos, as coisas estão voltando ao normal. Os homens que nos forneciam cupons já saíram da cadeia, graças a Deus.

Miep voltou ontem. Elli está melhor, apesar da tosse. Koophuis terá que ficar em casa por um longo tempo ainda.

Ontem caiu um avião perto daqui; os tripulantes tiveram tempo de saltar de pára-quedas. O aparelho arrebentou-se contra uma escola. Felizmente não havia crianças naquela hora. O resultado foi um pequeno incêndio e duas pessoas mortas. Os alemães atiraram ferozmente contra os aviadores, enquanto estes desciam. Os habitantes de Amsterdam mal se continham de raiva e revolta diante da covardia do ato. Nós — falo das mulheres — ficamos nervosíssimas. Tenho verdadeiro horror a esses atos de violência.

Agora, é freqüente eu subir depois do jantar para respirar ar fresco. Gosto de ir lá para cima e ficar sentada ao lado dele, olhando para fora.

Van Daan e Dussel fazem comentários imbecis quando me vêem desaparecer no quarto de Peter. Dizem: "Lá é o segundo lar de Anne" ou então "Será correto jovens cavalheiros receberem jovens senhoritas na semi-escuridão?"

Peter tem mostrado surpreendente presença de espírito em suas réplicas a essas "tiradas humorísticas". Por falar nisso, mamãe também está um bocado curiosa e adoraria perguntar sobre o que conversamos, não fosse o medo que tem de uma resposta atravessada. Peter afirma que tudo isso não passa de inveja dos mais velhos porque somos jovens e não estamos ligando para suas implicâncias. Às vezes vai me buscar lá embaixo, mas, apesar de todas as precauções, fica vermelho e sem saber o que dizer. Dou graças a Deus por não enrubescer; deve ser uma sensação um bocado desagradável. Papai vive dizendo que sou exibicionista e vaidosa, mas não é verdade, sou simplesmente vaidosa! Não foram muitas as pessoas que já me disseram que sou bonita. Apenas um menino, na escola, disse que eu me tornava atraente quando ria. Ontem recebi de Peter um grande elogio e, só por brincadeira, vou contar a você,

mais ou menos, como foi a conversa.

Peter costuma dizer:

— Sorria, Anne!

No início isso me pareceu estranho e perguntei:

— Por que hei de rir o tempo todo?

— Porque eu gosto. Quando ri faz covinhas no rosto. Onde as arranjou?

— Nasci com elas. Tenho uma no queixo, também; são minha única beleza.

— Claro que não, isso não é verdade.

— Claro que é. Bem sei que não sou nenhuma beleza; nunca fui nem hei de ser.

— Discordo. Na minha opinião você é bonita.

— Não é verdade!

— Se estou dizendo que é, pode estar certa de que é verdade.

Então, naturalmente, eu disse o mesmo a respeito dele.

Ouço muita coisa, vinda de todos os lados, a respeito de nossa súbita amizade. Não ligamos muito aos falatórios dos parentes: seus comentários são tão idiotas! Será que os pais — tanto os dele quanto os meus — já esqueceram a própria juventude? É possível: pelo menos parece que nos levam a sério quando brincamos e riem quando falamos a sério.

Sua Anne.

Segunda-feira, 27 de março de 1944

Querida Kitty

Um capítulo bem grande de nossa história no esconderijo devia ser dedicado à política; como o assunto, porém, não me interessa particularmente, preferi deixá-lo de lado. Hoje, entretanto, dedicarei uma carta inteirinha à política.

É inútil dizer que são muitas as opiniões sobre o assunto e, nos tempos que correm, é lógico que seja este o tema favorito de todas as discussões; mas que tantas brigas tenham acontecido a propósito, acho simplesmente estúpido.

Que façam suas conjecturas, riam, xinguem, critiquem, façam o que quiserem, desde que se respeitem mutuamente e não armem brigas de conseqüências sempre desagradáveis.

O pessoal lá de fora traz muita novidade que não merece crédito; nosso rádio, entretanto, nos tem sido fiel, até hoje. Henk, Miep, Koophuis, Elli e Kraler, todos revelam altos e baixos em seus humores políticos. Henk menos que os outros.

A opinião política aqui no Anexo Secreto é sempre mais ou menos a mesma. Durante as intermináveis discussões sobre a invasão, reides aéreos, discursos, etc, ouvem-se sempre as seguintes exclamações: "Impossível" ou "*Um Gottes Willen* — se começarem agora, quanto tempo vai durar?" ou ainda "Vai tudo bem, maravilhosamente bem, de primeira!" Otimistas, pessimistas e, principalmente, não nos esqueçamos dos realistas que emitem suas opiniões com energia incansável, e, como acontece com todas as pessoas, cada qual pensa que é o dono da verdade. Certa dama se atrita com o marido, por causa da fé inabalável que ele tem nos ingleses, e certo cavalheiro ataca sua dama por causa de suas observações implicantes e depreciativas a propósito da muito querida nação.

Jamais se cansam. Descobri uma coisa — os efeitos são espetaculares: é como espetar um alfinete em outra pessoa e esperar pelo pulo. É o que faço. Entro com a política: uma pergunta, uma palavra, uma frase, e lá vão eles!

Como se não bastassem os boletins noticiosos da Wermacht alemã e da BBC inglesa, apresentam agora Notícias Especiais sobre Bombardeios. Por um lado, magnífico, por outro, desapontador. Os ingleses falam de seus ataques aéreos ininterruptamente, com o mesmo entusiasmo que os alemães usam para dizer suas mentiras. O rádio, portanto, é ligado de manhã cedo e ouvido o dia inteiro, até nove, dez e até mesmo onze horas da noite.

Isso é sinal de que os adultos possuem uma paciência infinita, mas significa também que o poder de absorção de seus cérebros é um bocado limitado. Naturalmente, há exceções, não pretendo mexer com os brios de ninguém. Um ou dois boletins de notícias por dia deviam ser mais que suficientes! Mas esses patetas... bem, já disse o que tinha a dizer.

Arbeiler-Vrogramm, Radio Orange, Frank Phillips ou Sua Majestade, a rainha Guilhermina, todos têm sua vez e seus ouvintes atentos. Se não estão dormindo ou comendo, é certo encontrá-los à volta do rádio, discutindo comida, sono e política.

Puxa! É tão aborrecido, que meu medo é acabar virando uma velhota chata e impertinente! Aos pais, a política já não pode fazer mal maior!

É preciso que eu mencione uma brilhante exceção: um discurso admirável de nosso bem-amado Winston Churchill.

Nove horas, domingo de noite. O bule de chá bem coberto pelo abafador, sobre a mesa; chegam os convidados. Dussel à esquerda, ao lado do rádio; o sr. Van Daan, na frente, com Peter ao lado; mamãe ao lado do sr. Van Daan e a sra. Van Daan atrás dele. À mesa, Pim, ladeado por Margot e por mim. Agora estou vendo que não descrevi com muita clareza como estávamos sentados. Os homens tiram baforadas dos cachimbos, os olhos de Peter quase saltam das órbitas, no esforço de escutar, mamãe veste um *négligé* comprido e preto, a sra.

Van Daan treme por causa dos aviões que, sem se importar com o discurso, voam despreocupadamente na direção de Essen. Papai toma seu chá, Margot e eu estamos unidas fraternalmente por Mouschi, que dorme estirada sobre nossos joelhos. Margot tem nos cabelos uma porção de rolinhos, e, quanto a mim, uso uma camisola pequena demais, apertada demais e curta demais.

Tudo parece muito íntimo, aconchegante e impregnado de paz — e dessa vez é mesmo. No entanto, apavorada, aguardo as conseqüências. Mal conseguem esperar que acabe o discurso. Batem os pés, tão impacientes estão para discuti-lo. Paf, paf, paf — começam trocando opiniões até que a coisa esquente e chegue à discórdia e às brigas.

Sua Anne.

Terça-feira, 28 de março de 1944

Querida Kitty

Poderia escrever muito mais sobre política, mas tenho um mundo de coisas para lhe contar hoje. Primeiro: mamãe proibiu-me, mais ou menos, de ir tanto lá em cima porque, segundo ela, a sra. Van Daan está com ciúme. Segundo: Peter convidou Margot para reunir-se a nós lá em cima, não sei se por delicadeza ou se, realmente, gosta da presença dela. Terceiro: fui perguntar a papai se ele achava que eu devia dar atenção ao ciúme da sra. Van Daan, e ele disse que não. Que mais? Ah, mamãe anda zangada, talvez com ciúme também. Papai não fica ressentido pelas horas que passamos juntos e acha certo que sejamos bons amigos. Margot também gosta de Peter, mas acredita que dois é bom e três é demais.

Mamãe pensa que Peter está apaixonado por mim; francamente, bem que eu gostaria que assim fosse, pois ficaríamos quites e em condições de conhecermos melhor um ao outro. Ela diz que ele não pára de olhar para mim. Lá isso é verdade, mas como vou impedir que ele admire minhas covinhas e me dê uma piscadela de vez em quando?

Encontro-me numa posição difícil. Mamãe é contra mim, e eu contra ela. Papai fecha os olhos e finge que não vê a batalha silenciosa que se trava entre nós. Mamãe está triste porque, na verdade, gosta de mim, e eu não estou nada triste, porque acho que ela não entende as coisas. Quanto a Peter — não quero desistir de Peter —, ele é um amor. Admiro-o muito, e daí pode surgir algo de belo entre nós. Por que os mais velhos têm a mania de meter o nariz onde não são chamados? Felizmente habituei-me a esconder o que sinto e assim consigo impedir que percebam que estou louca por ele. Será que algum dia ele vai se declarar? Sentirei, junto à minha, a face dele, como senti a de Peter, em meu sonho? Oh, Peter e Peter, vocês são um só e o mesmo! Esses velhos não nos compreendem; jamais chegarão a perceber que somos felizes só com estarmos juntos, ali sentados, sem dizer palavra. Oh, quando conseguiremos transpor todas essas dificuldades? No entanto, é bom que existam, porque, ao vencermo-las, o final há de ser ainda mais maravilhoso. Quando ele deita, com a cabeça nos braços e os olhos fechados, é uma criança; quando brinca com Mouschi, é carinhoso; quando carrega batatas ou qualquer outra coisa pesada, então é forte; e quando é desajeitado e

desastrado, então é o meu queridinho.

Gosto muito mais quando é ele quem me explica alguma coisa do que quando sou eu quem o ensina; para falar a verdade, adoraria que ele fosse superior a mim em quase tudo.

Que nos importam nossas duas mães? Oh, se ao menos ele falasse!

Sua Anne.

Quarta-feira, 29 de março de 1944

Querida Kitty

Bolkenstein, um membro do Parlamento, falava em um programa holandês transmitido de Londres e dizia que, depois da guerra, deveriam ser feitas coleções de cartas e diários. É claro que todos, no mesmo instante, pensaram em meu diário. Imagine que interessante seria se fosse publicado o romance do Anexo Secreto. O título [22], por si só, lembra histórias de detetives.

Mas, falando sério, até que seria engraçado se, dez anos depois da guerra terminada, nós, judeus, contássemos nossa vida aqui, o que comíamos e sobre o que falávamos. Embora eu lhe conte muita coisa, você ainda sabe muito pouco sobre nossas vidas.

Como as senhoras ficam apavoradas durante os bombardeios! No domingo passado, por exemplo, quando trezentos e cinqüenta aviões ingleses deixaram cair cerca de meio milhão de quilos de bombas em Ijmuiden, as casas tremeram como folhas ao vento, e quem sabe quantas epidemias grassam agora por lá. Você nada sabe a respeito disso, e eu teria que escrever o dia todo se quisesse contar tudo com detalhes. As pessoas têm que fazer filas para comprar verduras e tudo o mais; os médicos não podem mais visitar os doentes, pois, mal saem de seus carros, estes são roubados no mesmo momento; os assaltos e roubos são tão numerosos que a gente fica a pensar sobre o que terá acontecido aos holandeses para, de um momento a outro, se transformarem em ladrões. Crianças pequenas, de oito a onze anos, quebram as janelas das casas, entram e roubam tudo o que está a seu alcance. Ninguém ousa deixar a casa desocupada por cinco minutos, pois se arrisca a encontrá-la vazia, na volta. Todos os dias aparecem anúncios nos jornais oferecendo recompensas pela devolução de máquinas de escrever, tapetes persas, relógios elétricos, tecidos, etc, etc. Arrebentam os relógios elétricos das ruas, despedaçam os telefones públicos até que nada reste. O moral da população não pode estar alto, uma vez que as rações semanais não chegam a durar dois dias, a não ser o sucedâneo do café. A invasão tarda a ocorrer, e os homens têm que ir para a Alemanha. As crianças estão doentes e mal nutridas, todas usam roupas e sapatos velhos. Uma sola nova custa sete florins e meio no mercado negro; além do mais, sapateiro algum aceita conserto e, quando aceita, o freguês tem de esperar por muitos meses, durante os quais o sapato geralmente desaparece.

Há uma coisa boa no meio de tudo isso: é que à medida em que a comida piora e que as represálias contra o povo se tornam mais severas, mais aumenta a sabotagem contra as autoridades. O pessoal dos departamentos de alimentação, a polícia, os funcionários públicos,

se não colaboram com seus concidadãos e os auxiliam, são delatores e responsáveis por suas prisões.

Felizmente, só uma percentagem mínima de holandeses está do lado errado.

Sua Anne.

Sexta-feira, 31 de março de 1944

Querida Kitty

Pense nisto: ainda está fazendo um bocado de frio e muita gente não consegue carvão há quase um mês — que situação, hem? Em geral a opinião pública em relação à frente russa é otimista, outra vez. Você sabe que não escrevo muito sobre política — mas preciso dizer onde eles estão agora: perto da fronteira polonesa, e chegaram ao Pruth, perto da Romênia. Estão perto de Odessa. Todas as noites, aqui, espera-se o comunicado de Stálin.

Em Moscou, dão tantas salvas para celebrar as vitórias que a cidade deve estremecer todos os dias. Eu não sei se acham divertido fingir que a guerra ainda está às suas portas ou se não conhecem outro modo de expressar sua alegria!

A Hungria foi ocupada por tropas alemãs. Lá existe ainda um milhão de judeus que agora deverão passar um mau pedaço.

Diminuiu o falatório sobre Peter e mim. Somos bons amigos, estamos juntos muitas vezes e discutimos todos os assuntos imagináveis. Como é bom não precisar pesar as palavras, seja qual for o assunto tratado. Com outros rapazes eu não poderia agir assim.

Por exemplo, falávamos sobre sangue e, partindo daí, acabamos falando sobre menstruação. Ele acha que nós, mulheres, somos criaturas fortes. Por quê?

Minha vida aqui melhorou muito. Deus não me abandonou nem há de me deixar sozinha.

Sua Anne.

Sábado, 1º de abril de 1944

Querida Kitty

As coisas ainda estão difíceis; espero que você entenda o que quero dizer. Espero tanto por um beijo, o beijo que está custando tanto a chegar! Fico pensando se durante todo esse tempo ele não me terá olhado apenas como amiga. Será que não sou mais que isso?

Você sabe, e eu também, que sou forte e capaz de carregar sozinha meus fardos. Não fui acostumada a compartilhar minhas aflições com os outros, nem a viver agarrada à saia de minha mãe, mas agora eu adoraria deitar minha cabeça no ombro dele, nem que fosse só por

uma vez, e ali ficar quietinha!

Não posso, simplesmente não posso esquecer aquele sonho do rosto de Peter encostado ao meu. Era tudo, tudo tão bom! Também Peter não desejará o mesmo? Será a timidez que o impede de falar de seu amor? Por que me quer junto de si com tanta freqüência? Oh, por que ele não fala?

É melhor eu parar, preciso me acalmar, conservar-me forte para que, com um pouco de paciência, ele venha até mim, mas — e o pior é isto — sou eu que corro atrás dele; sou eu, sempre eu, quem vai lá em cima, ele não vem a mim.

Mas isso é só por causa da divisão dos quartos e, com certeza, ele compreende.

É claro que compreende!

Sua Anne.

Segunda-feira, 3 de abril de 1944

Querida Kitty

Saindo de meus hábitos, vou escrever mais longamente sobre comida, pois o assunto tornou-se vital, não só aqui no Anexo Secreto como em toda a Holanda, em toda a Europa e mesmo em outros continentes.

Durante os vinte e um meses que moramos aqui, atravessamos muitos "ciclos de comida" — você logo entenderá o que significa isto. Quando falo em ciclos de comida, refiro-me a períodos em que não se tem mais nada para comer senão um certo tipo de determinado alimento ou espécie de legume. Durante longo tempo não comemos senão azeitona; azeitona assim, azeitona assada, ensopado com azeitonas, azeitona en casserole; depois chegou a vez do espinafre, seguindo-se a couve-rábano, o salsão, os pepinos, os tomates, o repolho, etc, etc.

Não imagina como é horrível comer um prato de repolho ao almoço e outro ao jantar, durante dias seguidos; é que, com fome, a gente acaba comendo. No entanto, o mais delicioso de todos os períodos é este de agora, porque não recebemos nenhuma verdura fresca. Nosso cardápio semanal consiste em feijão, sopa de ervilhas, bolinhos de farinha de batata, guisado de batatas e, com a graça de Deus, de vez em quando, rama de nabos, cenouras em péssimo estado e... feijão. Comemos batatas em todas as refeições, desde o café da manhã, por causa da falta de pão. Fazemos sopa de feijão, de batata e outras sopas que vêm em pacotes, todas contendo feijão; do pão, nem se fala.

À noite sempre comemos batatas com um sucedâneo de caldo de carne e, de vez em quando, salada de beterraba.

Preciso lhe contar, ainda, sobre os bolinhos que fazemos com a farinha do governo, água e fermento. São tão pegajosos e duros que caem no estômago da gente como pedra.

A grande vedete da próxima semana será a fatia de lingüiça de fígado e a geléia sobre um pedaço de pão seco. Enfim, o importante é que estamos vivos e, freqüentemente, até achamos gostosas nossas pobres refeições.

Sua Anne.

Terça-feira, 4 de abril de 1944

Querida Kitty

Há muito que nem sei mais para que estudo; o fim da guerra está tão distante, tão irreal como um conto de fadas. Se a guerra não acabar até setembro, não volto mais para a escola; não quero ficar dois anos atrasada. Peter encheu meus dias — só Peter, em sonhos e pensamentos, até sábado, dia em que me senti tão infeliz! Oh, foi horrível! Reprimi as lágrimas durante todo o tempo que estive com Peter, depois dei risadas com Van Daan, a propósito do ponche de limão, fiquei alegre e barulhenta, mas assim que me encontrei sozinha, soube que ia chorar, chorar, chorar! Então, de camisola, deslizei o corpo até o chão. Primeiro rezei com todo o fervor, depois chorei com a cabeça entre os braços e os joelhos dobrados. Voltei a mim com um grande soluço e então parei, pois não queria que me ouvissem no quarto pegado. Comecei então a infundir coragem em mim mesma. Só conseguia dizer: preciso, preciso, preciso... Completamente endurecida por causa da posição forçada em que ficara por tanto tempo, caí ao lado da cama e continuei lutando contra as lágrimas, até que, pouco antes das dez e meia, me deitei de novo — a crise tinha passado!

E agora tudo passou. Quero estudar para não vir a ser uma tola, quero ir para a frente e me tornar jornalista, pois isso é o que desejo ser! Sei que posso escrever, algumas de minhas histórias são até boas, minhas descrições do Anexo Secreto são engraçadas, em meu diário há muita coisa interessante, mas resta saber se tenho talento mesmo.

O sonho de Eva é meu melhor conto de fadas, e o mais estranho é que não sei de onde o tirei. Muita coisa em *A vida de Cady* é boa, mas o todo não me agrada muito. Sou a melhor e a mais exigente crítica de meus próprios trabalhos. Sei perfeitamente o que está e o que não está bem escrito. Quem não escreve não sabe a maravilha que é; antigamente eu costumava queixar-me por não ter jeito para desenhar, mas agora estou mais feliz porque, pelo menos, sei escrever. Se não tiver talento para escrever livros e artigos de jornal, de qualquer forma, sempre poderei escrever para mim mesma.

Quero progredir; não posso imaginar que minha vida seja igual à de mamãe, à da sra. Van Daan e à de todas as mulheres que realizam seu trabalho e são solenemente esquecidas. Quero ter algo mais que marido e filhos. Quero me dedicar a algo que me realize como pessoa.

Quero continuar a viver, mesmo depois de minha morte! E por isso agradeço a Deus, que me deu esse dom, essa possibilidade de me desenvolver e escrever, de saber expressar tudo o que há em mim.

Quando escrevo, liberto-me de tudo; minhas tristezas desaparecem, minha coragem renasce. Mas — e essa é a grande pergunta —, poderei algum dia escrever algo de realmente importante, ser jornalista ou escritora? Espero que sim, espero de todo o coração, pois quando escrevo recapturo tudo, pensamentos, ideais, fantasias, tudo...

Há séculos que não mexo com *A vida de Cady*: em minha cabeça, sei exatamente como prosseguir, mas não estou conseguindo passar as idéias para o papel. Talvez nunca o termine, talvez acabe na cesta de papéis ou no fogo... a idéia é terrível, mas penso comigo: "Com apenas catorze anos e tão pouca experiência, como pode escrever sobre filosofia?"

E assim vou tocando para a frente, cheia de coragem; creio que vencerei, porque quero escrever!

Sua Anne.

Quinta-feira, 6 de abril de 1944

Querida Kitty

Você me perguntou quais meus passatempos e interesses, e vou lhe responder. Previno-a, entretanto, de que tenho uma quantidade deles, não vá levar um choque.

Antes de tudo, escrever, mas isso não conta como passatempo.

Número dois: árvores genealógicas. Tenho pesquisado as árvores genealógicas das famílias reais francesa, alemã, espanhola, inglesa, austríaca, russa, norueguesa e holandesa em todos os jornais, revistas e panfletos que encontro. Fiz grandes progressos no estudo de algumas delas, pois há muito que venho tomando notas de todas as biografias e livros de história que leio. Chego mesmo a copiar trechos da história.

O terceiro passatempo é, portanto, história. Tenho vários livros sobre o assunto comprados por papai. Estou louca para que chegue o dia em que poderei pesquisar nos livros das bibliotecas públicas.

Número quatro: mitologia grega e romana. Sobre este assunto tenho também muitos livros.

Os outros passatempos são estrelas de cinema e fotografias de família. Também gosto muito de história da arte, poetas e pintores. Talvez, mais tarde, estude um pouco de música. Tenho verdadeiro ódio a álgebra, geometria e números. Gosto de todos os outros assuntos escolares, principalmente de história.

Sua Anne.

Terça-feira, 11 de abril de 1944

Querida Kitty

Minha cabeça lateja e, francamente, nem sei por onde começar.

Sexta-feira (Sexta-Feira Santa) jogamos monopólio e sábado à tarde também. Domingo à tarde, a convite meu, Peter veio ao meu quarto às quatro e meia. Às cinco e quinze fomos para a água-furtada da frente, onde ficamos até as seis horas. Das seis às sete e meia, houve no rádio um lindo concerto de Mozart. Adorei, especialmente a *Kleine Nachtmusik*. Quase não posso ficar ouvindo música ali naquele quarto, pois me emociono demais.

No sábado à noite, Peter e eu fomos para a água-furtada da frente e, para sentarmos com maior comodidade, carregamos algumas das almofadas dos divãs. Sentamos num caixote, mas tanto as almofadas como o caixote eram muito estreitos, e, assim, tivemos que sentar tão juntos, apoiados em outros caixotes, que quase não nos podíamos mexer. Mouschi nos fez companhia, servindo de pau-de-cabeleira.

De repente, ao faltar um quarto para as nove, o sr. Van Daan assobiou e perguntou se não estávamos com um dos travesseiros de Dussel. Pulamos e descemos com almofadas, gato e Van Daan.

Não imagina a confusão que essa bendita almofada deu. Dussel aborreceu-se seriamente por termos carregado sua almofada, a que ele usa como travesseiro. Receava que estivesse com pulgas e fez um barulho dos diabos. Como vingança, Peter e eu colocamos duas escovas duras na cama dele. Demos boas risadas.

A brincadeira, porém, não foi longe. Às nove e meia Peter bateu na porta, de leve, perguntando se papai podia ir ajudá-lo lá em cima com uma difícil sentença em inglês.

— É tapeação — disse eu a Margot. — Está-se vendo que é mentira!

Tinha razão. Estavam arrombando o depósito. Papai, Van Daan, Dussel e Peter foram para baixo num relâmpago. Margot, mamãe, a sra. Van Daan e eu ficamos lá em cima à espera.

Quatro mulheres assustadas têm mesmo que falar, e foi o que fizemos até ouvirmos um baque lá embaixo. Depois disso, tudo ficou em silêncio; o relógio bateu um quarto para as dez. A cor desaparecera de nossas faces, estávamos caladas, apesar de medrosas. Onde estavam os homens? Que barulho fora aquele? Estariam lutando com os ladrões? Às dez horas ouvimos passos na escada. Papai entrou pálido e nervoso, seguido do sr. Van Daan.

— Apaguem as luzes e subam sem fazer ruído. Esperamos a polícia nesta casa!

Nem houve tempo de ter medo: apagamos as luzes, apanhei um casaquinho e subimos.

— Que aconteceu? Conte depressa!

Não havia ninguém para contar; os homens haviam descido outra vez. Só voltaram às

dez e dez; dois ficaram junto à janela aberta do quarto de Peter, a porta do patamar ficou trancada e a estante móvel, fechada.

Penduramos um trapo em volta da lâmpada e só então nos contaram.

Peter ouvira dois baques fortes no patamar, correra para baixo e vira que haviam arrancado uma tábua da metade esquerda da porta. Correra para cima para avisar os outros, e lá se foram os quatro para baixo. Ao entrarem no depósito, os ladrões estavam justamente aumentando o buraco. Sem pensar em mais nada, Van Daan gritara: "Polícia!"

Ouviram passos apressados, e os ladrões desapareceram. Para evitar que a polícia notasse o buraco, colocaram uma tábua de encontro a ele, mas um forte pontapé, vindo do lado de fora, atirou-a ao chão. Os homens ficaram perplexos diante de tanto atrevimento. Van Daan e Peter mal se podiam conter de raiva. Van Daan bateu no assoalho com um machado, e tudo voltou ao silêncio.

Quando tentavam novamente tapar o buraco com uma tábua, foram interrompidos pela segunda vez. Lá de fora, um casal introduziu uma lanterna acesa pelo buraco da porta, iluminando o depósito inteiro. "Diabo", praguejou um dos homens. Agora o papel se invertera. Passavam de polícia a ladrões. Os quatro esgueiraram-se para cima, e Peter veio abrindo as portas e janelas da cozinha e do escritório particular; atirou o telefone ao chão até que, finalmente, conseguiram respirar aliviados do outro lado da estante móvel.

Fim da primeira parte

O casal da lanterna provavelmente teria avisado a polícia; era noite de domingo, domingo de Páscoa, não haveria ninguém no escritório segunda-feira, e nenhum de nós poderia mover-se até terça-feira. Imagine você: esperar, apavorada, durante duas noites e um dia. Ninguém tinha nada a sugerir, e lá ficamos, sentados na escuridão, porque a sra. Van Daan, na hora do medo, havia apagado a luz, sem querer. Falávamos aos sussurros e ao menor ruído todos faziam "Ssss... Ssss.. ."

Bateu dez e meia, onze horas, e nada. Papai e Van Daan juntaram-se a nós, cada um por sua vez. Às onze e quinze ouvimos barulho e rebuliço lá embaixo. Podia-se ouvir nossa respiração, mas ninguém se movia. Passos na casa, no escritório particular, na cozinha e depois... em nossa escada. Agora nem mesmo as respirações eram audíveis, mais passos na escada, barulho na estante móvel. Esse momento foi o pior de todos. "Agora estamos perdidos", pensei. Já nos via sendo levados pela Gestapo. Por duas vezes mexeram na estante, e, depois, mais nada. Afastaram-se os passos. Estávamos salvos. Um arrepio nos percorreu, um a um; ouvi uns dentes que batiam; ninguém dizia palavra.

Não se ouvia mais um único ruído na casa, mas a luz de nosso depósito continuava acesa, bem em frente da estante. Seria porque era um armário secreto? Ou quem sabe a polícia esquecera a luz acesa? Será que alguém voltaria para apagá-la? Não havia mais ninguém na casa, e a tensão foi relaxando um pouco. Mas, e se tivessem deixado um guarda do lado de

fora?

A seguir fizemos três coisas: rememoramos o que supúnhamos tivesse acontecido, trememos de medo e tivemos de ir à privada.

Os baldes estavam na água-furtada, e só dispúnhamos da cesta de papéis de Peter, que era de lata. Van Daan foi o primeiro, seguido de papai. Mamãe era encabulada demais para enfrentar aquilo. Papai levou a lata ao quarto, e Margot, a sra. Van Daan e eu a utilizamos com alívio. Finalmente mamãe decidiu-se a fazer o mesmo. Todo mundo pedia papel — felizmente eu tinha algum no bolso!

A lata fedia barbaramente, falávamos aos cochichos, estávamos exaustos e tensos, já era meia-noite. "Deitem no chão e durmam." Margot e eu recebemos um travesseiro e um cobertor; Margot deitou-se junto ao guarda-comida, e eu fiquei entre as pernas da mesa. Do chão, o cheiro era menos terrível, mas mesmo assim a sra. Van Daan, sem fazer ruído, foi buscar um pouco de cloro e colocou uma toalha sobre a lata, pelo menos para remediar.

Conversas sussurradas, medo, fedor, pessoas que soltavam gases e sempre alguém a utilizar a lata: como dormir? Finalmente, lá pelas duas e meia, eu estava tão cansada que não vi mais nada até as três e meia. Acordei quando a sra. Van Daan deitou a cabeça em meu pé.

— Pelo amor de Deus, dêem-me alguma coisa para vestir — pedi. Deram-me, mas nem me pergunte o quê: calcinhas de lã por cima do pijama, um suéter vermelho, saia preta, meias soquetes brancas e esburacadas.

Depois, a sra. Van Daan sentou-se na cadeira, e o marido deitou-se aos meus pés. Deitada, fiquei pensando, tremendo o tempo todo, o que impedia o sr. Van Daan de dormir. Pensava na volta da polícia, quando teríamos que dizer que estávamos escondidos; se fossem bons holandeses, estaríamos salvos; se fossem do NSB [23] teríamos de tentar suborná-los.

— Nesse caso, é preciso destruir o rádio — suspirou a sra. Van Daan.

— Sim, o melhor é queimá-lo! — apoiou o marido.

— Ora, se nos encontrarem, tanto faz que encontrem o rádio também...

— Encontrarão o diário de Anne — acrescentou papai. — Vamos queimá-lo também — sugeriu o mais apavorado membro do grupo.

Este, e o momento em que a polícia mexeu em nossa porta-armário, foram meus piores momentos.

— Meu diário, não! Aonde ele for eu vou também! — Felizmente papai nada respondeu.

Não tem cabimento contar todas as conversas de que ainda me lembro. Tanta coisa foi dita! Procurei consolar a sra. Van Daan, que estava aterrorizada. Falamos de escapar, ser

interrogadas pela Gestapo, telefonar e ser corajosas.

— Temos que nos portar como soldados, sra. Van Daan. Se tudo tiver de acabar agora, lutaremos pela rainha e o país, pela liberdade, pela verdade e pelo direito, como sempre dizem na Rádio Orange. A única coisa verdadeiramente ruim é que arrastaremos uma porção de gente conosco.

O sr. Van Daan mudou de lugar com a mulher uma hora depois, e papai veio sentar-se a meu lado. Os homens fumavam sem parar, ouvia-se de vez em quando um suspiro profundo, alguém ia à lata — e tudo recomeçava.

Quatro horas, cinco horas, cinco e meia. Fui sentar-me com Peter, perto da janela; estávamos tão juntos que podíamos sentir nossos corpos a tremer; trocávamos uma ou outra palavra de vez em quando e escutávamos atentamente. No quarto vizinho retiraram o *blackout*. Queriam telefonar a Koophuis às sete horas e pedir-lhe que mandasse alguém. Resolveram então escrever tudo o que desejavam dizer a Koophuis pelo telefone. O risco de que a polícia de guarda na porta ou no depósito ouvisse o telefone era grande; maior, porém, era o risco de ela voltar.

Os pontos principais eram estes:

Ladrões arrombaram a porta; a polícia entrou em casa, chegou até a estante móvel, não além.

Surpreendidos, os ladrões forçaram a porta do depósito e escaparam pelo jardim.

Entrada principal fechada com tranca. Kraler deve ter saído pela segunda porta. Máquinas de somar e escrever a salvo, na caixa preta do escritório particular.

Tente avisar Henk e pedir a chave a Elli e então vá até o escritório, sob o pretexto de dar comida ao gato.

Tudo se processou de acordo com o plano. Koophuis foi chamado ao telefone, as máquinas de escrever que estavam lá em cima foram para a caixa. Depois, ficamos sentados em volta da mesa, esperando por Henk ou pela polícia.

Peter adormecera, e Van Daan e eu estávamos deitados no chão, quando ouvimos passos fortes lá embaixo. Levantei de mansinho:

— É Henk.

— Não, não, é a polícia — disseram alguns dos outros. Alguém bateu na porta, Miep assobiou. Foi demais para a sra. Van Daan; ficou branca como um papel e desabou numa cadeira. Mais alguns minutos de tensão e ela teria desmaiado.

Nosso quarto estava uma coisa, quando Miep e Henk entraram; só a mesa valia uma

fotografia. Havia um exemplar de Cinema e Teatro manchado de geléia e de remédio para diarréia, aberto em uma página de coristas, dois potes de geléia, dois pães começados, espelho, pente, fósforos, cinza, cigarros, fumo, cinzeiros, livros, um par de calças, uma lanterna, papel higiênico, etc, tudo ali jogado.

É lógico que Henk e Miep foram saudados por exclamações de alegria e lágrimas. Henk remendou o buraco da porta com algumas tábuas e logo saiu para avisar a polícia. Miep encontrara também, debaixo da porta, um bilhete do guarda-noturno, Slagter, que notara o buraco e avisara a polícia, que ficara de voltar.

Tivemos, pois, meia hora para nos arrumar. Nunca vi tanta modificação operar-se em meia hora. Margot e eu levamos a roupa de cama para baixo, fomos ao WC, lavamo-nos, escovamos os dentes e nos penteamos. A seguir, dei um jeitinho no quarto e subi outra vez.

A mesa já estava limpa. Fizemos chá e café, fervemos o leite e pusemos a mesa para o almoço. Papai e Peter encarregaram-se de despejar a malfadada lata, lavando-a com água quente e desinfetante.

Às onze horas estávamos sentados à mesa com Henk, que a essa altura já havia voltado. As coisas retomavam seus ares normais. Foi a seguinte, a história de Henk:

Slagter estava dormindo, mas sua mulher disse que o marido vira o buraco na porta, ao fazer a ronda, e chamara um policial que, junto com ele, revistara o prédio. Viria falar com Kraler na terça-feira, quando lhe daria maiores informações. Na delegacia nada sabiam ainda do arrombamento, mas o policial registrou a queixa e disse que faria uma revista na terça-feira. Na volta, por acaso, Henk encontrou o verdureiro do bairro e disse que a casa havia sido arrombada.

— Eu já sabia — respondeu ele, muito calmo. — Ontem à noite passei por lá com minha mulher e vi o buraco na porta. Minha mulher quis entrar, mas eu antes dei uma espiada com a lanterna; os ladrões desapareceram na mesma hora. Por medida de segurança, achei melhor não chamar a polícia. Creio que, no caso de vocês, foi uma atitude certa. Não sei de nada, mas imagino muita coisa.

Henk agradeceu e continuou. Evidentemente, o homem desconfia que estamos aqui, pois sempre traz as batatas na hora do almoço. Que sujeito decente!

Já era uma hora quando Henk saiu e acabamos de lavar os pratos. Fomos todos dormir. Quando acordei faltava um quarto para as três e verifiquei que o sr. Dussel já havia desaparecido. Sonolenta ainda, dei de encontro com Peter, no banheiro; acabara de descer. Combinamos nos encontrar lá embaixo.

Arrumei-me e desci.

— Você tem coragem de ir à água-furtada? — perguntou.

Respondi que sim, fui buscar meu travesseiro e subimos. O tempo estava lindo, e logo as sirenas começaram a apitar; ficamos onde estávamos. Peter passou o braço em volta de meus ombros e eu pus os meus em volta dos dele. Assim ficamos abraçados e quietinhos, até que, às quatro e meia, Margot veio nos chamar para o café.

Comemos pão, bebemos limonada e até rimos (já tínhamos ânimo para isso); aos poucos tudo voltava ao normal. À noite, agradeci a Peter porque ele foi o mais corajoso de todos.

Nenhum de nós jamais passara por perigo semelhante. Realmente Deus nos protegeu. Imagine só, a polícia mexendo em nosso armário secreto, a luz acesa bem em frente e nós — a salvo!

Se a invasão vier com seus bombardeios e tudo o mais, será cada um por si e Deus por todos, mas num caso como este, temíamos também por nossos bons e inocentes protetores. "Estamos salvos, continuem a velar por nós" é tudo o que podemos dizer.

Esse caso provocou uma série de transformações em nossa vida. O sr. Dussel já não se senta lá embaixo, no escritório de Kraler, à noite, mas no banheiro. Peter inspeciona a casa duas vezes: uma vez às oito e meia e outra às nove e meia. Também não é mais permitido a Peter deixar a janela aberta à noite. Está proibido dar descarga depois das nove e meia. Esta noite vem um carpinteiro reforçar ainda mais as portas do depósito.

Agora, sucedem-se os debates no Anexo Secreto. Kraler censurou-nos por nossa falta de cuidado. Henk disse que, num caso como aquele, jamais deveríamos ter descido. Lembram-nos de modo incisivo e severo nossa condição de judeus escondidos, sem direito a coisa alguma e com milhares de deveres. Nós, judeus, não podemos revelar nossos sentimentos, precisamos ter coragem e ser fortes, aceitar toda a adversidade sem queixas, fazer tudo o que estiver ao nosso alcance e ter fé em Deus. Um dia há de terminar esta guerra terrível. Certamente dia virá em que seremos gente de novo, não apenas judeus.

Quem nos infligiu isso? Quem nos fez, a nós, judeus, diferentes dos outros povos? Quem permitiu que sofrêssemos tão terrivelmente, até hoje? Foi Deus quem nos fez tal qual somos. Ele nos haverá de elevar outra vez. Se suportarmos todo este sofrimento e ainda restarem judeus, quando tudo isto acabar, então os judeus, em vez de condenados, serão apontados como exemplos. Quem sabe, talvez seja por intermédio de nossa religião que o mundo e todos os povos conhecerão o bem, e por esta razão, somente por esta razão, temos que sofrer agora? Jamais poderemos ser apenas holandeses ou ingleses, ou cidadãos de outro país qualquer; seremos sempre judeus, mas é isso que queremos.

Tenhamos coragem. Conservemos a consciência de nossa missão, sem queixas, que uma solução há de vir. Deus jamais abandonou nosso povo. Os judeus têm existido através dos séculos, têm sofrido através de todas as idades, mas isso também os tem tornado fortes; os fracos caem, mas ficam os fortes, e estes jamais serão pisados!

Durante aquela noite, senti realmente que ia morrer, esperei a polícia, estava preparada,

como um soldado no campo de batalha. Ansiava dar a minha vida pelo país; mas agora que fui salva, meu primeiro desejo, depois da guerra, é tornar-me holandesa. Amo os holandeses, amo este país, amo este idioma e quero trabalhar aqui. E mesmo que tenha de escrever à própria rainha, não desistirei até conseguir meu objetivo.

Estou ficando cada vez mais independente de meus pais. Embora jovem, encaro a vida com mais coragem que mamãe; meu sentimento de justiça é inabalável e mais sincero que o dela. Sei o que quero, tenho um objetivo, uma opinião, tenho religião e amor. Deixem que eu seja eu mesma e ficarei satisfeita. Sei que sou mulher, uma mulher cheia de força interior e de coragem.

Se Deus permitir que eu viva, farei mais que mamãe, não quero ser insignificante, trabalharei pelo mundo e pela humanidade!

E agora, sei que, acima de tudo, necessito de coragem e alegria.

Sua Anne.

Sexta-feira, 14 de abril de 1944

Querida Kitty

A atmosfera daqui é extremamente tensa. Pim já atingiu o ponto máximo. A sra. Van Daan está de cama, resfriadíssima, assoando-se e fungando; o sr. Van Daan está pálido e com ar cansado, e Dussel, obrigado a abrir mão de diversos confortos, reclama de tudo com todos.

Não há dúvida de que não estamos em maré de sorte. A privada está vazando, e a arruela da torneira quebrou, mas, felizmente, devido às boas relações que temos, logo consertaremos tudo.

Eu sei que, às vezes, sou sentimental, mas há razão de ser sentimental, aqui, uma vez ou outra. Por exemplo, quando Peter e eu nos sentamos juntos num caixote de madeira, no meio de entulho e de poeira, abraçados, muito juntos, ele com um cacho de meus cabelos na mão; quando os passarinhos cantam lá fora; quando a gente vê as árvores se enchendo de folhinhas verdes e o sol nos convida a sair para o ar livre; quando o céu é tão azul — nesses momentos, como desejo tanta coisa!

Aqui só encontro caras emburradas e descontentes, são só queixas, lamentos reprimidos; a impressão é de que, subitamente, ficamos em má situação. A verdade é que as coisas são más quando a gente as faz más. Ninguém aqui dá bom exemplo. Eu acho que todos deviam pelo menos procurar dominar seus maus humores. Todos os dias é a mesma xaropada: "Se ao menos isto acabasse!"

Meus estudos, minha esperança, meu amor, minha coragem, tudo isto me conserva de cabeça erguida e me impede de lamentar-me.

Kitty, acho que hoje estou um tanto biruta e não sei por quê. Tudo aqui está muito confuso, nada mais tem nexo e às vezes duvido mesmo que no futuro alguém venha a se interessar pelas minhas baboseiras.

O título de toda essa xaropada poderá ser: Desabafos de um patinho feio. Certamente meu diário não vai ser de grande utilidade para os senhores Bolkenstein ou Gerbrandy [24].

Sua Anne.

Sábado, 15 de abril de 1944

Querida Kitty

Paulada em cima de paulada! Quando será que isso vai terminar? Imagine você a última que aconteceu. Peter esqueceu de tirar a tranca da porta da frente (que toda noite é colocada do lado de dentro), e a fechadura da outra porta não funciona. Resultado: Kraler e os empregados não puderam entrar na casa. Ele teve que passar pelo vizinho, forçar a janela da cozinha e entrar no prédio por trás. Ficou uma fera com nossa estupidez.

Peter ficou chateadíssimo. Durante uma refeição, quando mamãe disse que estava com uma pena louca de Peter, ele só faltou chorar. Nós temos tanta culpa quanto ele, porque diariamente os homens perguntam se a porta foi destrancada, e justamente hoje ninguém perguntou nada.

Talvez mais tarde eu o possa animar. Gostaria imensamente de mostrar-me solidária.

Sua Anne.

Domingo de manhã, pouco antes das onze horas,

16 de abril de 1944

Minha queridíssima Kitty

Guarde bem a data de ontem porque é um dia muito importante em minha vida. É importantíssimo para uma menina o dia em que ela recebe o primeiro beijo, não é? Pois para mim teve igual importância. Já não conta mais o beijo de Bram em minha face direita, nem o do sr. Walker, em minha mão direita.

Ontem, às oito da noite, estava com Peter, sentada em seu divã. Não demorou muito e ele passou o braço pelo meu ombro.

— Vamos chegar um pouco mais para lá — disse eu. — Aqui, acabo batendo com a cabeça no armário.

Ele se afastou bem para o canto, e eu passei o braço sob o braço dele, pelas suas costas.

Eu estava meio encolhida, pois seu braço estava apoiado em meu ombro.

Já havíamos sentado assim outras vezes, porém nunca tão juntos como ontem. Ele me segurou fortemente de encontro a si, com meu ombro esquerdo apertado ao peito; meu coração batia desordenadamente, mas ainda não havíamos terminado. Peter não descansou enquanto não deitou minha cabeça em seu ombro, encostada à dele. Quando, alguns minutos depois, sentei-me direito, tomou-me de novo a cabeça nas mãos e encostou-a junto à dele. Meio desajeitado, alisou meu rosto e meu braço, brincou com meus cabelos. Durante todo esse tempo, nossas cabeças se tocavam. Kitty, é indescritível a sensação que me invadiu durante aqueles momentos. Sentia-me feliz demais para falar e acho que ele sentia o mesmo.

Às oito e meia, levantamo-nos. Peter calçou o tênis para não fazer barulho quando fosse fazer a ronda da casa, e eu permaneci ao lado dele. Como foi exatamente que aconteceu, eu mesma não sei, mas, antes que descêssemos, ele me beijou através dos cabelos no meio de meu rosto e na orelha; enveredei pelas escadas abaixo, sem olhar para lado nenhum. Estou ansiosa para que chegue hoje à noite.

Sua Anne.

Segunda-feira, 17 de abril de 1944

Querida Kitty

Você acha que papai e mamãe aprovariam que eu me sentasse num divã e beijasse um rapaz — ele, com dezessete anos e eu, uma menina que ainda não fez quinze? Realmente não creio que aprovassem, mas quanto a isso, preciso confiar em mim mesma. É tão tranqüilizador ficar nos braços dele e sonhar, é tão grande a emoção de sentir seu rosto junto ao meu, é tão lindo saber que há alguém à minha espera! Porém existe realmente um grande mas: será que Peter vai se contentar em deixar as coisas como estão? Não esqueci a promessa que ele me fez, mas afinal... ele é um rapaz!

Eu mesma reconheço que estou começando cedo demais, nem quinze anos e já tão independente! Sei que os outros não vão compreender; tenho quase certeza de que Margot jamais beijaria um rapaz a não ser que já tivessem falado em noivado ou casamento; no entanto, nem eu nem Peter temos nada disso em mente. Estou certa também de que mamãe jamais tocou em homem algum antes de papai. Que diriam minhas amigas se soubessem que estive nos braços de Peter, com o coração junto ao seu peito e a cabeça em seu ombro? Que diriam se soubessem que seu rosto esteve encostado ao meu?

Oh, Anne, que coisa mais escandalosa! Mas, sinceramente, não acho nada de mau. Vivemos trancados e isolados do mundo, cheios de medo e ansiedade, particularmente nestes últimos dias. Por que então, nós, que nos amamos, deveríamos ficar separados? Por que esperar até atingir a idade própria? Por que nos importarmos com preconceitos e com os outros?

Além disso, prometi seriamente zelar por mim mesma; ele jamais desejaria causar-me

tristeza ou dor. Por que não seguir o caminho que nos indica o coração, se nos sentimos felizes? Mesmo assim, Kitty, você deve ter percebido que estou em dúvida, acho que é minha honestidade que se rebela por ter que fazer as coisas às escondidas. Você acha que devo contar a papai o que estou fazendo? Acha que deveríamos partilhar nosso segredo com terceiros? Muito do encanto se perderia, mas talvez minha consciência se tranqüilizasse. Vou discutir isso com ele.

Há, ainda, muita coisa sobre o que conversar, pois não acho legal, para nós, ficarmos apenas a nos acariciar. Trocar idéias, isso, sim, significa verdadeiro amor e confiança um no outro. Agindo assim, com certeza, ambos haveremos de lucrar.

Sua Anne.

Terça-feira, 18 de abril de 1944

Querida Kitty

Tudo em ordem por aqui. Papai acaba de dizer que espera que antes de 20 de maio se realizem operações de grande envergadura, tanto na Rússia, como na Itália e no oeste. Cada vez fica mais difícil para mim imaginar a libertação.

Ontem, Peter e eu tivemos aquela conversa que já vinha sendo adiada, pelo menos há dez dias. Expliquei tudo a ele a respeito de meninas e não hesitei em discutir mesmo as coisas mais íntimas. Aquela noite acabou com cada um de nós dando um beijo no outro, bem ao lado da boca; a sensação é realmente deliciosa.

Talvez leve meu diário lá para cima, qualquer dia, para me aprofundar mais nas coisas, ao menos uma vez. Não me satisfaz plenamente isso de ficarmos apenas um nos braços do outro, e gostaria de saber se ele também pensa como eu.

Estamos tendo uma primavera gloriosa, depois daquele longo inverno que parecia não ter mais fim. Abril apareceu radioso, nem quente nem frio, com alguma chuva de vez em quando. Nosso castanheiro já está cheio de folhinhas verdes; pode-se ver mesmo, aqui e ali, algumas florezinhas.

Elli nos alegrou, no sábado, trazendo quatro buquês de flores, três de narcisos e um de jacintos, este último para mim.

Kitty, preciso estudar álgebra. Adeus.

Sua Anne.

Quarta-feira, 19 de abril de 1944

Minha querida

Haverá coisa mais linda no mundo do que sentar diante de uma janela aberta a apreciar a natureza, ouvir cantar os passarinhos, sentir o sol nas faces e estar nos braços de um rapaz querido? É tão calmante e tranqüilizador sentir em volta de mim seus braços, saber que ele está perto e, no entanto, ficar em silêncio! Não pode ser mau, pois esta serenidade é boa. Oh, não quero mais ser perturbada, nem mesmo por Boche.

Sua Anne.

Sexta-feira, 21 de abril de 1944

Querida Kitty

Ontem à tarde fiquei de cama com dor de garganta, mas, como não estou mais com febre, hoje já me levantei. É o décimo oitavo aniversário de Sua Alteza Real, a princesa Elizabeth de York. Diz a BBC que não será declarada ainda sua maioridade, embora seja este o costume com os filhos das casas reais. Ficamos a nos perguntar com que príncipe se casará essa beldade, mas não encontramos nenhum que lhe sirva. Talvez sua irmã, a princesa Margaret Rose, case com o príncipe Bauduíno, da Bélgica.

Aqui acontece um desastre em cima de outro. Mal foram reforçadas as portas da rua, e tornou a aparecer o homem do depósito. É bem provável que tenha sido ele o ladrão da farinha de batata e queira pôr a culpa em cima de Elli. O Anexo Secreto em peso está de novo em rebuliço. Elli está por conta da vida, de raiva.

Quero mandar uma de minhas histórias para um jornal, para ver se a aceitam, sob pseudônimo, é claro.

Até a próxima, querida.

Sua Anne.

Terça-feira, 25 de abril de 1944

Querida Kitty

Há dez dias que Dussel não fala com Van Daan só porque desde o arrombamento foram tomadas novas medidas de segurança que afetam suas conveniências. Afirma que Van Daan gritou com ele.

— Tudo aqui está errado — disse-me ele. — Vou falar com seu pai sobre isso.

Ele não tem mais permissão para ir sentar-se lá embaixo aos sábados e domingos à tarde, mas vai, assim mesmo. Van Daan ficou furioso, e papai desceu para falar com ele. É claro que inventou desculpas, mas, dessa vez, não conseguiu enrolar nem mesmo papai. Papai fala com ele, agora, o estritamente necessário, pois Dussel o insultou. Ninguém sabe o que disse, mas deve ter sido coisa muito feia.

Escrevi uma história linda chamada *Blurr, o explorador*, que agradou bastante às três pessoas para as quais eu a li.

Sua Anne.

Quinta-feira, 27 de abril de 1944

Querida Kitty

A sra. Van Daan estava com um humor tão negro esta manhã que era um rosário de queixas! Primeiro era o resfriado e o fato de não conseguir pastilhas; depois, aquele assoar incessante de nariz, que é insuportável; depois, porque o sol não estava brilhando, a invasão tardava e nós não podíamos olhar pelas janelas, etc, etc. Acabamos tendo de rir, e ela teve bastante espírito esportivo para rir também. No momento, estou lendo *O imperador Carlos V*, escrito por um professor da Universidade de Göttingen; trabalhou neste livro durante quarenta anos. Em cinco dias, li cinqüenta páginas; mais, é impossível. O livro tem quinhentas e noventa e oito páginas, calcule agora quanto tempo vou levar para terminar. Há ainda um segundo volume. Mas é muito interessante!

Quanto uma menina de escola aprende num só dia!

Primeiro traduzi um trecho do holandês para o inglês, sobre a última batalha de Nelson. Depois, percorri por alto a guerra de Pedro, o Grande, contra a Noruega (1700-1721). Carlos XII, Augusto, o Forte, Stanislau Lezinski, Mazeppa, Von Görz, Brandemburgo, Pomerânia, Dinamarca e mais as datas do costume.

Depois fui parar no Brasil, li coisas sobre o tabaco da Bahia, a abundância de café e o milhão e meio de habitantes do Rio de Janeiro, Pernambuco e São Paulo, sem esquecer o rio Amazonas; sobre negros, mulatos, mestiços, brancos, sobre o fato de mais de cinqüenta por cento da população ser analfabeta, e sobre malária. Como sobrava ainda algum tempo, passei os olhos numa árvore genealógica. Jan, o Antigo, Willem Dodewijk, Ernesto Casimiro I, Henrique Casimiro I, até a pequena Margriet Franciska (nascida em 1943, em Otawa).

Meio-dia: na água-furtada, continuei meu programa com a história da Igreja. Ufa! Fui até a uma hora.

Ainda depois das duas esta pobre criança estudava; desta vez, tratava-se de macacos de nariz chato e macacos de nariz fino. Kitty, diga-me depressa, quantos dedos tem um hipopótamo? Seguiu-se a Bíblia, Noé e sua arca, Sem, Cam e Jafet. Então, Carlos V. Depois, junto com *Peter, O coronel*, em inglês, por Thackeray. Conjuguei verbos franceses e fiz comparações entre o Mississípi e o Missouri.

Estou com um tremendo resfriado e já o passei para Margot, mamãe e papai. Contanto que Peter também não o pegue! Chamou-me de seu "Eldorado" e quis um beijo. Mas é claro que não dei! Cara engraçado! Mesmo assim, ele é um amor.

E por hoje chega. Adeus!

Sua Anne.

Sexta-feira, 28 de abril de 1944

Querida Kitty

Jamais esqueci meu sonho com Peter Wessel (veja o começo de janeiro). Se penso nele, até hoje sinto seu rosto junto ao meu e recordo a deliciosa sensação que tornava tudo tão bom.

Algumas vezes, aqui, junto de Peter, tive esta mesma sensação, nunca, porém, tão intensa, até ontem, quando estávamos sentados no divã, cada um com o braço passado à volta da cintura do outro. De repente desapareceu a Anne de sempre e uma segunda Anne tomou seu lugar, uma Anne que não é nada estouvada e brincalhona, mas só deseja amar e ser carinhosa.

Ali sentada bem juntinho dele, senti que me invadia uma onda de emoção, e lágrimas saltaram de meus olhos. A da esquerda foi pingar nas calças dele e a da direita, depois de rolar pelo meu rosto, caiu no mesmo lugar. Será que ele notou? Não fez o menor movimento, nem deu sinal de ter percebido. Será que ele sente do mesmo modo que eu? Não disse uma palavra. Peter saberá que tem duas Annes junto a si? Estas perguntas ficarão sem resposta

Às oito e meia levantei-me e fui à janela onde sempre nos despedimos. Ainda tremia, ainda era a Anne número 2. Ele veio para junto de mim, atirei os braços à volta de seu pescoço, beijei-lhe a face direita e ia beijar-lhe a outra face quando nossos lábios se encontraram e nós os apertamos. Num instante, estávamos presos nos braços um do outro, outra vez e mais outra vez ainda; não podíamos mais nos separar. Oh, Peter precisa tanto de carinho! Pela primeira vez na vida descobriu uma menina e viu que mesmo as meninas mais irritantes possuem um outro lado, têm coração e podem se tornar diferentes quando se está a sós com elas. Pela primeira vez na vida, deu-se a si mesmo, e, nunca tendo possuído um amigo ou amiga, mostrou naquele momento seu verdadeiro eu. Agora nos encontramos. Para ser franca, eu também não o conhecia, pois também não tive amigos em quem confiar. Veja você o que aconteceu!

Ainda uma vez assalta-me a mesma pergunta: "Será direito? Será direito ter cedido tão depressa, ser tão fogosa, tão ardente e impetuosa com o próprio Peter? Será que uma menina como eu deve deixar que as coisas cheguem a esse ponto?" Só existe uma resposta: "Tenho desejado tanta coisa por tanto tempo, sou tão sozinha, e agora achei consolação".

Durante a manhã agimos como de costume, à tarde, mais ou menos (a não ser ocasionalmente); mas, à noite, sobem à tona todos os anseios reprimidos durante o dia, a felicidade e as lembranças deliciosas das vezes anteriores, e nós só pensamos um no outro. Toda noite, depois do último beijo, minha vontade é correr para bem longe, não olhar mais para seus olhos — ir para longe, muito longe, sozinha na escuridão.

E o que é que tenho de enfrentar quando chego ao último degrau da escada? Luzes,

perguntas, risos; preciso engolir tudo isso sem deixar transparecer nada. Meu coração ainda está sensível, não posso me refazer assim de repente de uma emoção como a que senti ontem. Aquela Anne que é carinhosa mostra-se muito pouco e por isso teme, subitamente, ser passada para trás. Peter tocou profundamente em minhas emoções como jamais alguém o fizera, a não ser em meus sonhos. Peter tomou conta de mim, virou-me do avesso; é compreensível que se precise de um pouco de tranqüilidade e repouso depois de tamanha reviravolta.

Oh, Peter, o que foi que você fez comigo? Que quer de mim? Aonde nos levará tudo isso? Agora compreendo Elli; agora que estou passando por isso compreendo melhor suas dúvidas. Se eu fosse mais velha e ele me pedisse em casamento, que responderia? Vamos, Anne, seja sincera! Você não aceitaria casar com ele e, no entanto, como seria penoso ter que deixá-lo! Peter ainda não tem personalidade definida, bastante força de vontade; tem pouca coragem e força. Bem no íntimo é ainda uma criança; não é mais velho do que eu e está à procura de tranqüilidade e felicidade.

Será mesmo que só tenho catorze anos? Será que na realidade não passo de uma garotinha de escola? Que a minha experiência é tão pouca a respeito de tudo? No entanto, tenho mais experiência que muita gente; passei por coisas que quase ninguém de minha idade passou. Tenho medo de mim mesma, medo de me entregar depressa demais, tantos são os meus anseios. Como há de dar certo, mais tarde, com outro rapaz? Oh, como é difícil viver em luta com o próprio coração e a razão; no momento certo cada um falará por si, mas como ter certeza de ter escolhido o momento exato?

Sua Anne.

Terça-feira, 2 de maio de 1944

Querida Kitty

Sábado à noite perguntei a Peter se achava que eu devia contar a papai o que se passava conosco; depois de discutirmos o assunto por algum tempo, ele chegou à conclusão de que sim. Isso me alegrou, pois mostra que Peter é um rapaz honesto. Assim que voltei lá para baixo, fui com papai buscar água e, enquanto estávamos na escada, falei:

— Papai, acho que já imaginou que, quando Peter e eu estamos juntos, não sentamos a um quilômetro de distância um do outro. Acha errado?

Papai não respondeu imediatamente. Depois disse:

— Não, não acho que seja errado, mas você precisa ter cuidado, Anne. O espaço aqui é muito restrito.

Ao subirmos, ele ainda falou mais alguma coisa, no mesmo tom. Domingo de manhã, chamou-me:

— Anne, pensei muito no que você me disse. — (Eu já estava assustada.) — Realmente,

não é muito direito agir assim, aqui nesta casa. Pensei que vocês fossem apenas bons amigos. Peter está apaixonado?

— Oh, claro que não — respondi.

— Bem sabe que os compreendo, mas é preciso que seja você quem se mantenha firme. Acho melhor não ir lá para cima com tanta freqüência e, também, não o anime. Nessas coisas o homem é quem toma iniciativas, mas a mulher pode contê-lo. Em circunstâncias normais tudo seria muito diferente; vocês veriam outros rapazes e moças, sairiam a passeio, praticariam esportes, teriam outros passatempos; mas aqui, se ficarem juntos muito tempo e depois quiserem afastar-se, vai ser impossível. Terão de se ver a todas as horas do dia, o tempo todo. Quero que tenha cuidado, Anne, não leve as coisas muito a sério.

— Pode deixar, papai, não vou levar. Mas saiba que Peter é correto, é mesmo um bom rapaz.

— Sim, mas não possui um caráter forte. Pode ser facilmente influenciado, tanto para o bem como para o mal. Espero que predomine sempre o lado bom, pois é o que mais o caracteriza, por natureza.

Falamos ainda um pouco e concordamos em que papai fosse falar com ele.

No domingo de manhã, na água-furtada, ele perguntou:

— Anne, você falou com seu pai?

— Sim — respondi. — Vou contar como foi. Papai acha que não tem nada de mais, apenas disse que aqui vivemos juntos o tempo todo e que é fácil surgir atritos.

— Mas nós combinamos nunca brigar, e estou decidido a respeitar esse acordo.

— Eu também, Peter, mas papai não sabia, ele pensava que fôssemos apenas amigos: você acha que ainda o podemos ser?

— Eu posso, e você?

— Eu também; já disse a papai que confiava em você. E confio mesmo, Peter, tanto quanto em papai, e sei que você merece. Não merece?

— Espero que sim. — (Ele estava muito acanhado e vermelho.)

— Acredito em você, Peter — continuei. — Acredito que possui boas qualidades e que irá para a frente, na vida.

Depois disso, falamos de outras coisas. Mais tarde, eu disse:

— Se algum dia sairmos daqui, sei muito bem que você nem vai mais se lembrar de mim.

Ele se exaltou:

— Isso não é verdade, Anne. Não quero que pense isso de mim!

Nessa hora, chamaram por mim lá embaixo. Papai falou com ele. Peter contou-me.

— Seu pai acha que nossa amizade pode acabar se transformando em amor — disse ele. — Mas eu respondi que saberíamos nos controlar.

Papai não quer que eu vá lá em cima à noite muitas vezes, mas eu não aceito isso. Não é só por eu gostar de estar com Peter; é que eu disse que confio nele, e quero mostrar que confio mesmo, coisa que não posso provar se ficar lá embaixo por falta de confiança dos mais velhos.

Não, eu vou lá.

Chegou ao fim o drama Dussel. Sábado, na hora da ceia, ele pediu desculpas em holandês. Van Daan voltou às boas no mesmo instante; Dussel deve ter levado o dia inteiro ensaiando aquela liçãozinha, para recitá-la de cor.

Domingo, dia de seu aniversário, passou-se tranqüilamente. Demos-lhe uma garrafa de um bom vinho de 1919; dos Van Daan recebeu um vidro de picles e um pacote de lâminas de barbear; de Kraler, um pacote de geléia de limão; de Miep, um livro, *Little Martin*, e uma planta, de Elli. A cada um de nós ele ofereceu um ovo.

Sua Anne.

Quarta-feira, 3 de maio de 1944

Querida Kitty

Antes de mais nada, as novidades da semana. Estamos de férias políticas; não há nada, absolutamente nada que anunciar. Eu também estou começando a acreditar na invasão. Afinal, eles não vão consentir em que os russos façam a limpeza geral; e por falar nisso, eles também, no momento, não estão fazendo nada.

O sr. Koophuis já aparece no escritório todas as manhãs. Arranjou molas novas para o divã de Peter; ele terá, portanto, que bancar o estofador, coisa que não o animou muito.

Já contei que Moffi desapareceu? Simplesmente sumiu. Não deu o menor sinal de vida desde quinta-feira passada. Espero que tenha ido para o céu dos gatos, enquanto algum apreciador de carne de gato se delicia com suculenta refeição à custa dele. Talvez alguma meninazinha receba um gorro da pele dele. Peter está inconsolável com o desaparecimento.

Desde sábado que fizemos uma modificação, almoçando sempre às onze e meia. Assim podemos nos agüentar com uma xícara de mingau; isso poupa uma refeição. Verdura ainda é difícil de se obter, e hoje à tarde tivemos alface cozida. Alface crua, espinafre e alface cozida é tudo quanto há. Acompanhando, come-se batata "passada" e dá uma combinação deliciosa!

Você bem pode imaginar que não são poucas as vezes que nos perguntamos, desesperados: "De que adianta esta guerra? Por que não se pode viver em comum e em paz? Para que essa destruição?"

A pergunta é compreensível, mas ainda não encontramos resposta que nos satisfaça. Sim, para que fabricar aviões cada vez mais gigantescos, bombas ainda mais poderosas e, ao mesmo tempo, casas pré-fabricadas, para reconstrução? Por que gastar milhões, diariamente, na guerra, enquanto ninguém dispõe de um centavo para serviços médicos, para auxiliar artistas e gente pobre?

Por que existe gente morrendo à míngua enquanto apodrecem excedentes em outras partes do mundo? Oh, por que os homens são tão malucos?

Não acredito que somente os grandes, os políticos e os capitalistas, sejam responsáveis pela guerra. Oh, não! O homem comum é tão culpado quanto eles, senão os povos do mundo já se teriam insurgido, revoltados. Simplesmente, existe nas criaturas uma verdadeira sanha de destruir, de matar, assassinar, e até que a humanidade inteira sofra uma grande transformação, explodirão novas guerras e tudo o que foi construído, cultivado e plantado será novamente destruído e desfigurado. Aí, então, a humanidade terá que recomeçar tudo outra vez.

Já estive desanimada; desesperada, nunca. Considero o fato de estarmos escondidos como uma aventura perigosa, romântica e interessante ao mesmo tempo. Em meu diário, encaro as privações sob aspectos engraçados. Tomei a decisão de levar vida diferente das de outras meninas e, quando for mais velha, das de outras donas-de-casa. Meu ponto de partida tem sido tão cheio de interesse que já é uma razão para eu descobrir o lado humorístico nos momentos mais difíceis.

Sou jovem e possuo muitas qualidades ocultas; sou jovem, forte e estou vivendo uma grande aventura; estou ainda no meio dessa aventura e não devo reclamar o dia inteiro. Recebi muita coisa: um gênio bom, muita alegria e muita força. Todos os dias sinto que estou me desenvolvendo interiormente, que a libertação está cada vez mais próxima, que a natureza é bela, que as pessoas que me cercam são boas e que minha aventura é interessante. Por que desesperar?

Sua Anne.

Sexta-feira, 5 de maio de 1944

Querida Kitty

Papai está aborrecido comigo; pensou que, depois de nossa conversa de domingo,

automaticamente eu deixaria de ir lá em cima todas as noites. Não quer "agarramento", palavra que simplesmente não suporto. Falar no caso já foi bastante difícil; por que, agora, tornar as coisas mais desagradáveis? Hoje falarei com ele. Margot deu-me alguns conselhos. O que pretendo dizer a ele, em linhas gerais, é isto:

— Papai, creio que você espera de mim uma explicação, por isso vou dá-la. Está decepcionado comigo, esperava de mim maior recato, e suponho que desejava que eu fosse exatamente como uma menina de catorze anos deveria ser. Mas é aí que você se engana!

"Desde que aqui estamos, de julho de 1942 até algumas semanas atrás, posso lhe garantir que minha vida não foi nada fácil. Se ao menos você soubesse como eu chorava à noite, que infeliz e abandonada eu me sentia, então compreenderia meu desejo de ir lá para cima!

Cheguei ao ponto em que posso viver perfeitamente por mim mesma, sem o apoio de mamãe e, doa a quem doer, sem o apoio de quem quer que seja. Mas isso não aconteceu do dia para a noite; minha luta foi dura, amarga, e muitas lágrimas derramei até me tornar independente como sou agora. Você pode rir de mim e até não acreditar, mas agora isso pouco me importa. Sei que sou um indivíduo à parte e não sinto responsabilidade alguma perante nenhum de vocês. Só lhe digo isso porque poderia julgar que estou sendo desleal, mas não preciso dar contas de meus atos a não ser a mim mesma.

Quando eu estava em dificuldades, todos vocês fecharam os olhos e taparam os ouvidos, sem procurar ajudar-me; ao contrário, só recebi recriminações por ser muito barulhenta. Realmente eu era barulhenta, mas para disfarçar o quanto eu era infeliz. Era estouvada para não ouvir dentro de mim, continuamente, aquela voz que persistia. Por um ano e meio representei a comédia sem reclamar, sem perder uma deixa, sem nada — agora, agora a batalha terminou. Ganhei! Sou independente de corpo e espírito. Não preciso mais de mãe, pois todo esse conflito me tornou forte.

E agora que cheguei ao ponto alto disso tudo, agora que lutei e venci, agora quero estar livre para prosseguir do modo que eu julgar acertado. Você não pode nem deve considerar-me uma menina de catorze anos, pois todos esses problemas que tive de enfrentar me tornaram mais adulta; não terei remorsos pelo que fiz, procederei como achar que devo. Você não conseguirá persuadir-me a não ir lá em cima; pode somente proibir ou confiar em mim. Seja qual for sua atitude, peço-lhe, deixe-me em paz, por favor."

Sua Anne.

Sábado, 6 de maio de 1944

Querida Kitty

Ontem, antes da ceia, coloquei no bolso de papai a carta em que escrevi o que já lhe expliquei. Margot disse que, depois que a leu, ele ficou abalado durante o resto da noite. (Eu estava lá em cima, lavando os pratos.) Pobre Pim, eu bem poderia ter adivinhado o efeito de

tal carta. Ele é tão sensível! Pedi a Peter que não perguntasse nem dissesse nada a respeito. Pim não tocou no assunto. O que será que ainda me está reservado?

Aqui tudo corre mais ou menos normalmente, outra vez.

O que nos contam sobre os preços e as pessoas lá de fora é inacreditável! Duzentos gramas de carne custam trezentos e cinqüenta florins, meio quilo de café, oitenta florins, meio quilo de manteiga, trinta e cinco florins, um ovo, um florim e quarenta e cinco. Paga-se quinze florins por uma onça de tabaco da Bulgária. Todo mundo negocia no mercado negro, qualquer menino de recado tem sempre algo a oferecer. O nosso padeiro arranjou linha para costurar a noventa centavos de florim o retrós, o leiteiro arranja cartões de racionamento clandestinos, o empreiteiro entrega queijos. Diariamente há roubos, assassinatos e arrombamentos. A polícia e os guardas-noturnos dedicam-se a eles com tanto empenho quanto os próprios criminosos: todo mundo quer encher a barriga vazia, e, uma vez que foram proibidos os aumentos de salário, as pessoas precisam mesmo é trapacear. A polícia vive procurando localizar meninas de quinze, dezesseis e dezessete anos que são dadas por perdidas, todos os dias.

Sua Anne.

Domingo de manhã. 7 de maio de 1944

Querida Kitty

Papai e eu tivemos uma longa conversa ontem à tarde. Chorei horrores e ele também. Sabe o que ele me disse, Kitty?

— Já recebi muitas cartas em minha vida, mas esta, certamente, foi a mais desagradável. Anne, você, que recebeu de seus pais tanto amor, você, que tem pais sempre dispostos a ajudá-la, que a defenderam sempre em qualquer situação, é você que diz que não tem qualquer responsabilidade para conosco? Sente-se abandonada e tratada injustamente; não, Anne, você está cometendo uma grande injustiça. Talvez você não quisesse dizer isso, mas foi o que escreveu. Não, Anne, não merecemos censuras como essas!

Oh, que vergonha! Isso foi, certamente, a pior coisa que já fiz em minha vida. Queria era exibir-me com minha choradeira e minhas lágrimas, querendo me fazer de auto-suficiente para que ele me respeitasse. É verdade que passei por muita infelicidade, mas acusar o bom Pim, que tudo tem feito por mim, não, isso foi baixo demais da minha parte.

Foi muito bem feito, para que eu caísse de uma vez do pedestal em que eu mesma me coloquei, pois já estava de novo muito cheia de mim. O que a srta. Anne faz não está sempre certo, de forma alguma! Qualquer pessoa que, de propósito, cause tamanha tristeza a outra, que ela afirma amar, é baixa, é muito baixa.

E o jeito como papai me perdoou me deixou ainda mais envergonhada; vai queimar a carta e está sendo tão bonzinho comigo que até parece que foi ele quem me ofendeu. Não, Anne, você ainda tem muito o que aprender. Comece por aí, em vez de desprezar e acusar os

outros!

Tive muitas tristezas, mas quem não as tem na minha idade? Banquei o palhaço muitas vezes também, mas nem cheguei a ter consciência disso; sentia grande solidão, mas raramente desesperava! Devia estar envergonhadíssima, e estou mesmo!

O que está feito não pode ser desfeito, mas é possível impedir que isso torne a acontecer. Quero começar de novo, desde o princípio, e acho que não vai ser difícil, agora que tenho Peter. Com ele a me apoiar, tudo posso e tudo faço!

Já não estou só; ele me ama. Eu o amo, tenho meus livros, meu livro de histórias e meu diário, não sou feia de assustar nem completamente burra, tenho temperamento e tudo faço para ter um caráter firme.

Sim, Anne, você reconheceu que sua carta foi dura demais e que não era verdadeira. E pensar que cheguei até a me orgulhar dela! Vou me tornar melhor. Papai será meu exemplo.

Sua Anne.

Segunda-feira, 8 de maio de 1944

Querida Kitty

Alguma vez já lhe falei a respeito de nossa família?

Creio que não, por isso vou começar. Os pais de meu pai eram muito ricos. O pai dele trabalhou muito, e a mãe era de família importante, rica também. Papai foi, portanto, criado como rapaz rico, freqüentando festas, bailes, jantares, tendo garotas bonitas à sua volta, morando em uma casa grande, etc, etc.

Depois da morte de vovô, a fortuna se perdeu durante a I Guerra Mundial e na inflação que se seguiu. Papai teve, portanto, uma educação requintada e, ontem à noite, riu muito, quando, com cinqüenta e cinco anos, pela primeira vez na vida surpreendeu-se a raspar uma frigideira, na mesa.

Os pais de mamãe também eram ricos, e é freqüente ouvirmos, admirados, histórias de festas de noivado para duzentas e cinqüenta pessoas, bailes particulares e jantares. Agora, certamente, ninguém pode dizer que somos ricos, mas todas as minhas esperanças repousam no pós-guerra.

Posso garantir que uma existência estreita como a de mamãe e Margot não me atrai em nada. Adoraria passar um ano em Paris e um ano em Londres, aprendendo idiomas e história da arte. Compare minhas aspirações à de Margot, que deseja ser parteira na Palestina! Minha vontade é ter vestidos bonitos e conhecer gente interessante.

Quero conhecer o mundo e fazer uma porção de coisas diferentes, e, nesse caso, um

pouco de dinheiro não faz mal a ninguém.

Miep nos contou hoje de uma festa de noivado a que foi. Tanto o noivo como a noiva eram de famílias ricas, e tudo era luxuoso. Miep nos deixou com água na boca contando as coisas que havia para comer: sopa de legumes com delicados bolinhos de carne, dentro, queijos, pãezinhos, *hors-d'œuvres* com ovos e rosbife, bolos enfeitados, vinhos e cigarros, tudo à vontade (mercado negro). Miep tomou dez drinques, e diz que é abstêmia, imagine! Se Miep bebeu desse jeito, quanto não terá bebido seu marido! Naturalmente, todo mundo ficou um tanto alto na festa. Havia lá dois policiais da tropa de choque tirando fotografias dos noivos. Pelo visto, Miep jamais nos tira do pensamento, pois imediatamente ela apanhou os endereços desses homens, para o caso de acontecer qualquer coisa e a gente precisar dos serviços de dois bons holandeses.

Ficamos com água na boca. Nós, que pela manhã só comemos duas colheres de mingau, que vivemos com a barriga vazia a roncar; nós, que entra dia sai dia só comemos espinafre malcozido (para conservar as vitaminas) e batatas meio estragadas; nós, que só temos nos estômagos vazios alface cozida ou crua e espinafre e mais espinafre. Talvez cheguemos a ser fortes como Popeye, embora, por enquanto, estejamos longe disso.

Se Miep nos tivesse levado à festa, não teríamos deixado nem um pãozinho para os outros convidados. Kitty, nós literalmente arrancamos as palavras da boca de Miep, juntamo-nos à volta dela como se nunca na vida tivéssemos ouvido falar em comida deliciosa ou gente elegante.

E estes são os netos de milionários! Este mundo é um lugar estranho!

Sua Anne.

Terça-feira, 9 de maio de 1944

Querida Kitty

Acabei a história de Ellen, a fada. Copiei-a em um papel de carta bonito. Achei a história linda, mas será bastante para o aniversário de papai? Não sei. Tanto Margot como mamãe escreveram poemas para ele.

Hoje à tarde o sr. Kraler subiu com a notícia de que a sra. B., demonstradora de nossos produtos, pedira permissão para comer o lanche que traz de casa todos os dias, às duas horas, no escritório mesmo. E essa agora! Ninguém mais vai poder subir, as batatas não vão poder ser entregues. Elli não poderá almoçar conosco, não poderemos ir ao WC, nem nos mexer. Pensamos nas mais loucas e variadas sugestões para afastá-la dali. Na opinião de Van Daan, um bom laxante no café era mais do que suficiente.

— Não — replicou Koophuis. — Peço pelo amor de Deus que não o façam, do contrário jamais a arrancaríamos da caixa!

Gargalhada geral.

— Que caixa? — perguntou a sra. Van Daan. — Que caixa é essa?

Seguiu-se a explicação.

— Posso usar sempre esse termo? — perguntou ela, tolamente.

— Imagine! — riu-se Elli. — Se alguém pedisse uma caixa na loja Bijenkorf, ninguém entenderia.

Oh, Kit, o tempo está tão lindo! Se ao menos eu pudesse ir lá para fora!...

Sua Anne.

Quarta-feira, 10 de maio de 1944

Querida Kitty

Estávamos sentados na água-furtada estudando francês quando, de repente, senti gotejar água atrás de mim. Perguntei a Peter o que seria, mas ele, sem responder, subiu correndo para o sótão onde estava a fonte do desastre: Mouschi.

É que sua caixa de terra estava úmida e ela resolvera fazer suas necessidades ao lado. Seguiu-se tremenda barulheira, e Mouschi, que àquela altura já terminara, disparou para baixo.

Ao procurar comodidade semelhante à da caixa de terra, Mouschi escolhera um monte de serragem. Imediatamente a lagoazinha escoara do sótão para a água-furtada, indo parar, infelizmente, dentro do barril de batatas. Como o chão da água-furtada também não tem poucos buracos, diversos pingos amarelos atravessaram as tábuas e caíram na sala de jantar, entre uma pilha de meias para cerzir e uns livros que estavam na mesa. Quase morri de tanto rir; foi gozadíssimo ver Mouschi encolhida debaixo da cadeira, Peter com água, sapóleo e pano de chão em punho e Van Daan tentando acalmar todo mundo. A calamidade passou depressa, mas todo mundo sabe que xixi de gato fede que é uma barbaridade. A prova do que digo foram as próprias batatas e também a serragem, que papai teve que trazer num balde e atirar no fogo. Pobre Mouschi. Como é que você poderia saber que a turfa já é impossível de obter?

Sua Anne.

P. S. Nossa bem-amada rainha falou ao povo ontem e hoje à noite. Está de férias, fortalecendo-se para retornar à Holanda. Usou palavras tais como "logo, quando voltar", "breve libertação", "heroísmo", "pesados encargos". Gerbrandy, a seguir, fez um discurso. Para terminar, um padre fez uma oração pedindo a Deus que olhasse pelos judeus, pelos que estavam nos campos de concentração, nas prisões e na Alemanha.

Quinta-feira, 11 de maio de 1944

Querida Kitty

Estou ocupadíssima no momento e, ainda que pareça incrível, não tenho nem tempo de dar conta de tudo o que tenho a fazer. Vou lhe contar, rapidamente, minhas atribuições. Até amanhã tenho que terminar a leitura de *Galileu Galilei*, que tem que ser devolvido à biblioteca. Comecei ontem, mas darei um jeito. A semana que vem terei que ler *Palestina nas encruzilhadas* e a segunda parte de *Galileu Galilei*. Acabei de ler ontem a primeira parte da biografia do imperador Carlos V e é importante que ponha em ordem todos os diagramas e árvores genealógicas que extraí desse livro. Tenho ainda três páginas de palavras estrangeiras tiradas de diversos livros, para serem escritas, aprendidas e decoradas. E há também as minhas estrelas de cinema, que estão na maior bagunça, pedindo arrumação; enfim, como uma arrumação dessas demoraria vários dias e a professora Anne está atarefadíssima com tanto trabalho, o caos há de continuar o caos.

Depois tenho Teseu, Édipo, Peleu, Orfeu, Jasão e Hércules, todos à espera de serem postos em ordem, pois seus diferentes feitos se entrecruzam em meu cérebro como a trama colorida de um tecido; já é tempo também de Miron e Fídias receberem atenção. O mesmo acontece com as guerras dos Sete e dos Nove Anos; faço uma misturada incrível. Mas o que se há de fazer se minha memória é péssima? Imagine como estarei quando tiver oitenta anos!

Oh, ainda há mais: a Bíblia. Quanto tempo vou levar até encontrar a Suzana dos banhos? E o que querem eles dizer com a culpa de Sodoma e Gomorra? Há ainda tanta coisa que preciso descobrir e aprender! Enquanto isso, larguei de lado Lisolette, de Pfalz.

Kitty, não dá para perceber que estou a ponto de estourar?

Agora, outra coisa. Você bem sabe que meu maior desejo é ser jornalista e, mais tarde, escritora famosa. Se essas inclinações à grandeza (ou à insanidade?) se concretizarão um dia, não sei. Assuntos é que não me faltam. Em todo caso, depois da guerra, desejo publicar um livro chamado *Het achterhuis* [25]. Se obterei sucesso ou não, é coisa que não posso saber; em todo caso, meu diário será de grande auxílio. Tenho outras idéias além de *Het achterhuis*. Mais tarde, quando tiverem assumido forma definitiva em minha mente, falarei a você sobre elas.

Sua Anne.

Sábado, 13 de maio de 1944

Querida Kitty

O aniversário de papai foi ontem. Há dezenove anos que mamãe e papai são casados. A faxineira não estava lá embaixo, e o sol brilhava como jamais havia brilhado neste ano de 1944. Nosso castanheiro está em plena floração, coberto de folhas e muito mais bonito que no ano passado.

Papai ganhou de Koophuis a biografia de Lineu; de Kraler, um livro sobre a natureza; de Dussel, *Amsterdam by the water*, e de Van Daan, uma caixa enorme, lindamente enfeitada e decorada. Até parecia feita por profissional. Dentro havia três ovos, uma garrafa de cerveja, uma de iogurte, e uma gravata verde. Ao lado dela, nosso vidro de melado pareceu insignificante. As rosas que eu dei estavam perfumadíssimas, comparadas aos cravos de Miep, que não tinham perfume, mas eram também muito bonitos. Não há dúvida de que ele foi bem festejado. Chegaram cinqüenta docinhos enfeitados, que maravilha! Papai ofereceu pão de mel, cerveja para os homens e iogurte para as senhoras, agradando a todos.

Sua Anne.

Terça-feira, 16 de maio de 1944

Querida Kitty

Só para variar, já que há tanto tempo não falo neles, vou lhe contar uma discussão que ocorreu ontem entre o casal Van Daan:

Sra. Van Daan: Os alemães fortaleceram estupidamente a muralha do Atlântico e estão fazendo de tudo para conter os ingleses. É incrível a força alemã!

Sr. Van Daan: É, sim, é incrível.

Sra. Van Daan: É... s... sim.

Sr. Van Daan: São tão fortes, que no final de tudo são bem capazes de ganhar a guerra!

Sra. Van Daan: É possível, sim. Não estou ainda convencida do contrário.

Sr. Van Daan: Não me darei ao trabalho de responder.

Sra. Van Daan: É, mas continuará respondendo. Não resiste, adora retrucar a tudo o que digo.

Sr. Van Daan: Não é verdade. Respondo apenas o mínimo necessário.

Sra. Van Daan: Mas, mesmo assim, responde, além de querer estar sempre com a razão. Suas profecias não se realizam nem de longe.

Sr. Van Daan: Até agora, têm-se realizado.

Sra. Van Daan: Pois sim. Ia haver invasão o ano passado, e os finlandeses iam estar fora da guerra. A Itália ia ser liquidada no inverno, e os russos já estariam em Lemberg; oh, não, suas profecias não são lá essas coisas!

Sr. Van Daan, levantando-se: Por que não cala essa boca? Um dia mostrarei quem está com a razão. Já não agüento mais sua conversa irritante. Você é de exasperar qualquer um, mas ainda

há de engolir suas próprias palavras!

Fim do primeiro ato.

Não consegui conter o riso. Mamãe também não agüentou e riu, enquanto Peter mordia os lábios. Oh, como são idiotas os mais velhos! Melhor fariam se pensassem um pouco antes de abrir a boca diante da nova geração!

Sua Anne.

Sexta-feira, 19 de maio de 1944

Querida Kitty

Ontem eu estava podre! Passei mal à beça (coisa fora do comum para Anne), com dor de barriga e tudo quanto é coisa ruim que você possa imaginar. Hoje estou melhor, com um bocado de fome, mas creio que será melhor não tocar no feijão que estão preparando.

Entre mim e Peter, vai tudo bem. O pobre rapaz, ao que parece, necessita de amor ainda mais que eu. Todas as noites, ao receber meu beijo, fica vermelho e sempre pede que lhe dê outro. Será que sou boa substituta de Moffi? Pouco importa, ele fica tão feliz de saber que alguém o ama!

Depois de minha difícil conquista, estou mais dona da situação. Não pense que meu amor esfriou, não. Ele é um encanto, apenas fechei-me um pouco, para não deixar a descoberto todo o meu íntimo. Se ele quiser forçar essa porta novamente, terá que trabalhar mais arduamente que antes!

Sua Anne.

Sábado, 20 de maio de 1944

Querida Kitty

Ontem à noite, ao voltar da água-furtada e entrar na sala, a primeira coisa que vi foi o lindo vaso de cravos no chão e mamãe, de joelhos, enxugando tudo com um pano, enquanto Margot pescava aqui e ali, no chão, uns papéis.

— Que aconteceu? — perguntei, cheia de apreensão. Sem esperar resposta, já fui fazendo um apanhado dos prejuízos, à distância. Era minha pasta de árvores genealógicas, livros a escrever e livros didáticos, toda ensopada. Quase chorei de nervosismo, não me lembro bem do que disse, mas Margot afirma que falei coisas como "perdas incalculáveis, terríveis, prejuízos irreparáveis" e outras coisas do gênero. Papai caiu na gargalhada, seguido por mamãe e Margot, mas eu estava realmente desesperada por ver perdido todo aquele trabalho e mais os diagramas que compusera com tanto cuidado.

Num exame mais calmo e minucioso, a "perda incalculável" não fora tão grande quanto me parecera. Com muito cuidado, lá na água-furtada, separei e pus em ordem os papéis molhados e grudados e pendurei-os no varal para secar. Ficou engraçado, e eu mesma acabei rindo. Maria de Médicis ao lado de Carlos V, Guilherme de Orange com Maria Antonieta. "Afronta à nobreza", disse o sr. Van Daan, brincando comigo. Deixei meus papéis aos cuidados de Peter e voltei lá para baixo.

— Que livros se estragaram? — perguntei a Margot, que estava examinando um a um.

— O de álgebra — respondeu. Corri para o lado dela, mas, infelizmente, nem o livro de álgebra se estragara. Antes tivesse caído dentro do vaso! Jamais detestei tanto um livro como detesto aquele. Logo na primeira página existem pelo menos uns vinte nomes de meninas, suas antigas donas; o livro é velho, amarelado, todo rabiscado e cheio de anotações. O dia em que eu estiver mesmo enfezada, rasgo o miserável em pedacinhos.

Sua Anne.

Segunda-feira, 22 de maio de 1944

Querida Kitty

No dia 20 de maio, papai perdeu cinco garrafas de iogurte numa aposta contra a sra. Van Daan. A invasão não aconteceu; não é exagero dizer que em toda a Amsterdam, toda a Holanda, na costa oeste da Europa inteira e até na Espanha, não se fala de outra coisa a não ser da invasão. Dia e noite se discute, se aposta e... se espera.

A expectativa está atingindo o clímax. Não pense que todos os considerados "bons" holandeses conservaram a fé nos ingleses; não são todos os que acham que o blefe inglês é golpe magistral de estratégia! Nada disso. O povo quer ver as realizações, as grandes e heróicas realizações. Ninguém enxerga além do próprio nariz, ninguém pensa que os ingleses lutam pela própria pátria e pelo próprio povo, todos acham que eles têm o dever de salvar a Holanda e tão depressa e tão bem quanto lhes seja possível.

Que obrigações têm os ingleses para conosco? O que foi que os holandeses fizeram para se tornar credores do auxílio incondicional que, explicitamente, parecem esperar? Ora, os holandeses estão redondamente enganados; apesar de todo o blefe, os ingleses não merecem maiores censuras do que todos os outros países, grandes ou pequenos, que estão sob ocupação. Os ingleses não têm que nos pedir desculpas mesmo que os culpemos de haverem dormido enquanto a Alemanha se rearmava. Todos os outros países, principalmente os limítrofes com a Alemanha, também dormiram. Nada lucraremos com essa política de avestruz. A Inglaterra e o resto do mundo estão vendo isso e vendo bem até demais, e todos, um por um, incluindo a própria Inglaterra, vão ter que fazer sacrifícios pesadíssimos.

País nenhum há de sacrificar seus homens gratuitamente, e muito menos no interesse de outros. Por que o faria a Inglaterra? A invasão virá um dia, com a libertação e a liberdade, mas a Inglaterra e os Estados Unidos é que indicarão o dia, não os países ocupados.

Ficamos horrorizados ao saber que mudou a atitude de muita gente a respeito de nós, judeus. Ouvimos dizer que o anti-semitismo existe agora em rodas onde jamais haviam pensado em tal coisa. Essa notícia nos abalou profundamente. A causa desse ódio aos judeus pode ser compreensível, humana às vezes, mas boa, nunca. Os cristãos culpam os judeus de revelar segredos aos alemães, de trair seus benfeitores e pelo fato de através deles, judeus, muitos cristãos terem sofrido castigos horríveis e um destino pavoroso.

Tudo isso é verdade, mas é preciso encarar as coisas pelos dois lados. Como os cristãos se teriam comportado em nosso lugar? Os alemães têm meios de fazer as pessoas falar. Pode uma criatura, em suas mãos, conservar-se calada? Todos sabem que isso é praticamente impossível. Por que querem, pois, exigir o impossível dos judeus?

Correm boatos nos círculos do *underground* de que os judeus que imigraram para a Holanda e estão agora na Polônia não poderão voltar para cá. Já tiveram direito de asilo na Holanda, mas, quando Hitler se for, terão que voltar à Alemanha.

Ouvindo isso a gente fica pensando se há razão para se agüentar esta guerra longa e difícil. Não cansam de propalar que estamos lutando juntos pela liberdade, pela verdade e pelo direito. Pelo que se está vendo, mesmo durante a luta, chegarão à conclusão de que o judeu, ainda uma vez, vale menos que o outro. Oh, é triste que mais uma vez se confirme a velha verdade: "O que um cristão faz é responsabilidade sua, o que um judeu faz é lançado ao rosto de todos os judeus".

Não posso compreender como os holandeses, gente boa, honesta, direita, nos julguem desse modo, nós, que somos o mais oprimido, o mais infeliz, talvez o mais lamentável de todos os povos do mundo.

Só espero que seja passageiro esse ódio aos judeus e que os holandeses nunca vacilem nem percam o senso de justiça. Porque acho o anti-semitismo muito injusto!

Se essa ameaça terrível se realizar, então o infeliz grupinho de judeus que ainda resta terá que deixar a Holanda. Nós também teremos que nos mudar, outra vez, carregando nossos pertences e deixando este lindo país que nos deu tão calorosas boas-vindas e agora nos volta as costas.

Eu amo a Holanda. Eu, que, não tendo país natal, esperava que a Holanda pudesse se tornar minha pátria. Ainda tenho esperança de que assim seja.

Sua Anne.

Quinta-feira, 25 de maio de 1944

Querida Kitty

Cada dia uma notícia nova. Esta manhã foi preso o nosso verdureiro, por abrigar em

casa dois judeus. Foi para nós um golpe duro, não só por sabermos que aqueles pobres judeus estão agora à beira do abismo, mas pelo próprio homem.

O mundo está virando, gente respeitável vai para os campos de concentração, prisões e celas solitárias, enquanto uma escória fica a governar velhos e moços, ricos e pobres. Um é apanhado na armadilha por causa do mercado negro, outro, porque auxilia judeus ou outras pessoas que precisam ir para o *underground*; qualquer um que não seja membro do NSB não sabe o que lhe poderá acontecer, de um dia para o outro.

A prisão desse homem representa grande perda para nós. As meninas não podem, nem lhes é permitido, transportar nossa ração de batatas; portanto, a única solução é comer menos. Vou lhe contar o que faremos, e é claro que não será coisa agradável. Mamãe diz que cortaremos de uma vez a refeição da manhã, comendo pão e mingau à hora do almoço e batatas fritas ao jantar. Se for possível, uma ou duas vezes por semana teremos legumes ou alface, e mais nada. Passaremos fome, mas qualquer coisa é preferível a sermos descobertos.

Sua Anne.

Sexta-feira, 26 de maio de 1944

Querida Kitty

Finalmente posso sentar-me sossegada à minha mesa, defronte a uma fresta de janela, e contar tudo a você.

Se soubesse como me sinto infeliz! Há meses não me sentia assim. Mesmo depois do arrombamento, jamais fiquei tão alquebrada. De um lado é o verdureiro, a questão judaica, discutida em detalhes nesta casa, a demora da invasão, a comida péssima, a tensão nervosa, a atmosfera de desgraça, minha decepção com Peter; de outro lado, é o noivado de Elli, as festas de Pentecostes, o aniversário de Kraler, bolos confeitados, histórias de cabarés, filmes e concertos. A diferença, a incomensurável diferença está sempre presente; um dia achamos graça e encaramos a situação com humorismo, mas no dia seguinte sentimos medo, insegurança, e o desespero se estampa em nosso rosto. Miep e Kraler são os que carregam o mais pesado fardo: manter-nos escondidos. Miep, em tudo o que faz por nós, e Kraler, pela responsabilidade imensa que às vezes lhe pesa de tal forma que mal pode falar, por causa da tensão nervosa. Koophuis e Elli também olham por nós, mas podem esquecer-nos de vez em quando, nem que seja por algumas horas, um dia ou mesmo dois. Têm suas próprias preocupações, Koophuis com a saúde e Elli com o noivado, embora este não seja um mar de rosas. Mas ambos têm suas pequenas folgas, visitas a amigos, vida de gente normal. Para eles a tensão é aliviada de vez em quando, mesmo que por pouco tempo, mas para nós ela não afrouxa nunca. Já estamos aqui há dois anos; por quanto tempo ainda agüentaremos esta quase insuportável e sempre crescente pressão?

O esgoto entupiu; não podemos abrir as torneiras, ou melhor, só um filete; para ir ao WC temos que levar uma escova de privada e guardar a água suja num jarro grande de água-de-

colônia. Por hoje podemos nos arrumar, mas o que faremos se o encanador não conseguir fazer o serviço sozinho? O serviço de águas e esgotos só poderá vir na terça-feira.

Miep mandou-nos um bolo de passas em formato de boneca, com as palavras "Feliz Pentecostes" inscritas no cartão que o acompanhava. Até parece brincadeira chamar nosso atual estado de espírito e nossa incerteza de feliz. O caso do verdureiro nos deixou ainda mais nervosos. Estamos fazendo as coisas cada vez com o maior cuidado e a cada barulho mais forte ouvimos de todos "Ssss... ssss..." A polícia forçou a porta lá na casa do verdureiro e bem poderia fazê-lo aqui também. Se algum dia nós fôssemos... não, não devo escrever isso, mas a coisa não me sai da cabeça. Ao contrário, todo o medo por que já passei parece ter voltado com força redobrada.

Esta noite, às oito horas, tive que ir lá embaixo, ao lavatório, sozinha. Lá não havia ninguém, pois todos estavam ouvindo rádio. Eu queria ser corajosa, mas foi difícil. Sempre me senti mais segura aqui em cima do que lá embaixo, naquela casa enorme e silenciosa, apenas com os ruídos misteriosos e abafados que vêm de cima e o ressoar das buzinas dos automóveis da rua. Só ao pensar naquela situação começo a tremer de novo.

Quantas vezes já me perguntei se não teria sido melhor para todos nós não nos havermos escondido, se não teria sido melhor estarmos mortos em vez de termos que passar por toda essa miséria, principalmente porque, assim, não estaríamos arrastando ao perigo nossos protetores. Mas a verdade é que fugimos desses pensamentos, pois ainda amamos a vida, a natureza, e, apesar de tudo, esperamos. Que aconteça alguma coisa: tiroteio, se preciso for. Nada nos abate mais do que esta incerteza. Que venha o fim, por pior que seja; pelo menos havemos de saber se vencemos ou perdemos.

Sua Anne.

Quarta-feira, 31 de maio de 1944

Querida Kitty

No sábado, domingo, segunda e terça, o calor foi tão intenso que eu nem conseguia segurar a caneta-tinteiro na mão. Foi por isso que não escrevi a você. O esgoto pifou de novo na sexta-feira e foi consertado no sábado; o sr. Koophuis veio nos ver à tarde e contou-nos um montão de coisas sobre Corry e Jopie, que freqüentam o mesmo clube de hóquei.

No domingo, Elli veio verificar se houvera arrombamento e ficou para a refeição da manhã; na segunda-feira de Pentecostes, foi o sr. Van Santen que bancou o vigia do esconderijo, e, finalmente, terça, pudemos abrir as janelas outra vez.

Raramente tem havido Pentecostes tão lindo, quase se poderia dizer tão quente. Aqui no Anexo Secreto o calor é terrível. Vou lhe dar uma idéia do que foram estes dias, fazendo uma lista das queixas que surgiram.

Sábado: — Dia lindo, tempo perfeito — foi o que todos nós dissemos pela manhã. À

tarde, quando todas as janelas tiveram de ser fechadas, os comentários foram outros, como este. — Se ao menos não estivesse tão quente.

Domingo: — Positivamente insuportável este calor. A manteiga está derretendo, não há lugar fresco em parte alguma da casa, o pão está ficando ressecado, o leite azeda, não se pode abrir as janelas, e nós, pobres párias, aqui ficamos sufocados enquanto outros gozam os feriados de Pentecostes.

Segunda-feira: — Meus pés estão doendo, não tenho roupa fresca; nem os pratos consigo lavar com este calor. — Todas as reclamações partiram da sra. Van Daan. Foi um bocado desagradável.

Não agüento mesmo o calor e estou achando uma delícia a brisa fresca que está soprando. Mas o sol ainda brilha.

Sua Anne.

Segunda-feira, 5 de junho de 1944

Querida Kitty

Recentíssimas confusões no Anexo Secreto: briga de Dussel com os Frank por causa de banalidades: divisão da manteiga. Capitulação de Dussel. A sra. Van Daan e este último, no maior flerte: olhares, beijos, risadinhas amigáveis. Dussel está começando a sentir falta de mulher. O 5º Exército tomou Roma. A cidade foi poupada de destruição tanto pelas forças de terra como pelas do ar, e está intacta. Muito pouca batata e verdura. Tempo feio. Continuam fortes os bombardeios na costa francesa e em Pas-de-Calais.

Sua Anne.

Terça-feira, 6 de junho de 1944

Querida Kitty

"Este é o Dia D." A notícia chegou através do programa inglês e foi confirmada. "*This is the day*." [26] Começou a invasão.

Os ingleses deram a notícia às oito da manhã: Calais, Boulogne, Havre, Cherbourg e também Pas-de-Calais (como de costume) foram severamente bombardeados. Além disso, como medida de segurança para os territórios ocupados, as pessoas que vivem num raio de trinta e cinco quilômetros da costa foram avisadas para estarem preparadas para bombardeios. Se possível, os ingleses deixarão cair panfletos com uma hora de antecedência.

Segundo notícias alemãs, tropas de pára-quedistas aterrissaram na costa francesa; segundo a BBC, tropas inglesas para desembarque estão em luta com a marinha alemã.

Às nove horas, durante a primeira refeição do Anexo Secreto, discutimos este ponto: será um desembarque de experiência como o de Dieppe, há dois anos?

Irradiação inglesa às dez horas, em alemão, holandês, francês e outras línguas: — Começou a invasão! — quer dizer, a invasão de verdade. Irradiação inglesa, em alemão, às onze horas: discurso do comandante supremo, general Dwight Eisenhower.

Notícias inglesas à meia-noite, em inglês: — Este é o Dia D. O general Eisenhower disse ao povo francês: "Lutas árduas virão agora, mas, depois disso, a vitória. O ano de 1944 é o ano da vitória completa. Boa sorte" [27].

Notícias inglesas em inglês, à uma hora (traduzidas): onze aviões de prontidão, voando ininterruptamente, desembarcando tropas e atacando por trás das fileiras; quatro mil lanchas de desembarque e outros barcos menores desembarcaram tropas e material entre Cherbourg e o Havre, sem cessar. Tropas inglesas e americanas já estão empenhadas em árduas lutas. Discursos de Gerbrandy, do primeiro-ministro da Bélgica, do rei Haakon, da Noruega, de De Gaulle, da França, do rei da Inglaterra e, por último, porém talvez o mais importante, de Churchill.

Reina grande emoção no Anexo Secreto. Estaria mesmo próxima a libertação tão longamente esperada e que ainda parece maravilhosa demais, semelhante demais a um conto de fadas? A vitória seria nossa neste ano de 1944? Nada sabemos ainda, mas dentro de nós renasceu a esperança; ela nos dá novo alento, nos torna fortes outra vez. E como agora temos que suportar com bravura os temores, as privações e os sofrimentos, o importante será conservar a firmeza e a calma. Agora, mais do que nunca, precisamos cerrar os dentes, não gritar. A França, a Rússia, a Itália e mesmo a Alemanha podem gritar e dar vazão à sua angústia, mas nós não temos ainda esse direito!

Sabe, Kitty, para mim, o melhor da invasão é o sentimento de que são amigos que se aproximam. Há tanto tempo vimos sendo oprimidos por esses horríveis alemães, há tanto tempo estamos com a faca no pescoço, que a idéia de amigos e libertação nos enche de confiança!

Agora já não se trata mais somente dos judeus, trata-se da Holanda e de toda a Europa ocupada. Talvez, como diz Margot, eu possa voltar à escola em setembro ou outubro.

Sua Anne.

P. S. Mantê-la-ei informada sobre as últimas novidades.

Sexta-feira, 9 de junho de 1944

Querida Kitty

Supernovidades sobre a invasão. Os Aliados tomaram Bayeux, pequena cidade da costa francesa, e agora lutam em Caen. É evidente que procuram isolar a península onde fica

Cherbourg. Todas as noites os correspondentes de guerra transmitem da frente de batalha, contando as dificuldades, a coragem, o entusiasmo do exército; contam as histórias mais incríveis. Às vezes, alguns feridos que já voltaram à Inglaterra falam ao microfone. Apesar do tempo pavoroso, a força aérea está em atividade o tempo todo. Ouvimos na BBC que Churchill queria desembarcar com as tropas no Dia D, mas Eisenhower e outros generais conseguiram dissuadi-lo. Imagine você que audácia para um homem tão velho — deve ter pelo menos setenta anos!

O entusiasmo aqui no Anexo já vai esfriando um pouco, mas ainda esperamos que a guerra acabe até o fim do ano. E já não será sem tempo! A sra. Van Daan está simplesmente insuportável com seu eterno choramingar: agora que não pode mais nos infernizar a propósito da invasão, vem nos azucrinar por causa do mau tempo. Bom seria se pudéssemos mergulhá-la num balde de água fria e deixá-la no sótão.

O Anexo Secreto em peso, com exceção de Van Daan e Peter, leu a trilogia *Rapsódia húngara*. É um livro sobre a vida do compositor, virtuose e menino prodígio, Franz Liszt. É interessante, mas, em minha opinião, tem mulheres demais. Liszt não foi apenas o maior pianista de seu tempo, como também um grande galanteador — e isso até os setenta anos. Viveu com a duquesa Maria d'Agoult, com a princesa Caroline Sayn-Wittgenstein, a dançarina Lola Montez, a pianista Agnes Kingworth, a pianista Sophie Menter, a princesa Olga Janina, a baronesa Olga Meyendorff, a atriz Lilla não-sei-de-quê, etc, etc. As partes do livro que falam de arte e de música são muito mais interessantes. Entre os mencionados no livro estão Schumann, Clara Wieck, Hector Berlioz, Johannes Brahms, Beethoven, Joachim, Richard Wagner, Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Fréderic Chopin, Victor Hugo, Honoré de Balzac, Hiller, Hummel, Czerny, Rossini, Cherubini, Paganini, Mendelssohn, etc, etc.

Liszt era um belo homem; generoso e modesto, apesar de excepcionalmente vaidoso. Ajudava muita gente, sua arte era tudo para ele, era louco por mulheres e conhaque, não suportava ver lágrimas, era um cavalheiro, jamais negava favores a ninguém, não dava importância ao dinheiro, era a favor da liberdade religiosa e da liberdade mundial.

Sua Anne.

Terça-feira, 13 de junho de 1944

Querida Kitty

Mais outro aniversário. Tenho agora quinze anos. Recebi uma porção de presentes:

As cinco partes da *História da arte*, de Sprenger, um conjunto de roupa de baixo, um lenço, duas garrafas de iogurte, um pote de geléia, um bolo de mel, um livro sobre botânica, de mamãe e papai, uma pulseira de Margot, um livro dos Van Daan, ervilhas-de-cheiro, de Dussel, doces e cadernos de Miep e Elli e, o melhor de todos, o livro *Maria Teresa* , e três fatias de verdadeiro queijo cremoso, de Kraler. De Peter ganhei um lindo buquê de peônias; ele fez de tudo para arranjar alguma coisa, mas não teve sorte.

Continuam animadoras as notícias da invasão, apesar do mau tempo, dos temporais seguidos, das chuvas fortes e dos mares bravios.

Ontem, Churchill, Smuts, Eisenhower e Arnold visitaram cidades francesas conquistadas e libertadas. A lancha-torpedeira em que se encontrava Churchill bombardeou a costa. Ele, como tantos outros homens, parece desconhecer o perigo. Como os invejo!

Daqui de nosso esconderijo é difícil julgar como as pessoas de fora reagiram à notícia da invasão. Sem dúvida o pessoal deve ter-se alegrado de ver os preguiçosos (?) ingleses arregaçarem as mangas e fazerem alguma coisa, afinal. Qualquer holandês que ainda despreze a Inglaterra, escarneça dela e de seu governo de velhos, chame os ingleses de covardes, merece uns bons cascudos. Talvez isso meta um pouco de juízo em seus miolos moles.

Há dois meses que eu não ficava menstruada, mas finalmente, no sábado, as regras chegaram. Apesar do desconforto que causa, estou contente de que não falhasse por mais tempo.

Sua Anne.

Quarta-feira, 14 de junho de 1944

Querida Kitty

Minha cabeça está cheia de desejos, pensamentos, acusações e censuras! Na verdade, não sou tão convencida como muita gente pensa. Conheço minhas falhas e defeitos, mas a diferença é que sei também que desejo melhorar, que hei de melhorar e que já melhorei muito.

Por que será então que todos acham que sou tão metida a sabida e petulante? Sou mesmo sabichona? Será que sou eu que sei tudo ou são os outros que não sabem nada? Parece loucura dizer isso, mas não vou riscar a última frase porque, afinal, não é tão doida assim. Todos sabem que a sra. Van Daan, uma de minhas mais ferrenhas acusadoras, é pouco inteligente. Posso mesmo dizer, com franqueza, que é "burra", e gente burra, em geral, não suporta pessoas melhores que ela.

A sra. Van Daan encontra defeitos em mim por eu não ser tão curta de inteligência quanto ela; acha-me petulante porque ela é mais ainda; fala de meus vestidos curtos porque os dela são mais curtos ainda. Por isso também é que acha que sou metida a sabichona, porque é campeã em meter-se em assuntos sobre os quais não sabe nada, absolutamente nada.

Mas um de meus ditados favoritos é "Onde há fumaça, há fogo", e eu admito tranqüilamente que sou sabichona.

O pior de tudo isso é que eu me critico muito mais do que qualquer pessoa; então, se mamãe adiciona sua pequena recriminação, a pilha de sermões torna-se de tal maneira intransponível que, em meu desespero, torno-me grosseira, meto os pés pelas mãos e, é claro, retorna à baila a frase predileta de Anne: "Ninguém me compreende!" Esta frase não me sai da

cabeça. Sei que parece idiota, mas não deixa de conter alguma verdade. É freqüente eu me acusar a tal ponto que fico desejando que alguém me diga uma palavra de conforto, que me dê um conselho sensato e faça algum elogio sincero à minha verdadeira personalidade, mas pobre de mim, procuro em vão.

Sei que deve estar pensando em Peter, não é, Kitty? Pois bem: Peter me ama não como namorado, mas como amigo, e se torna cada vez mais afetuoso. Mas qual será essa coisa misteriosa que nos contém a ambos? Eu mesma não sei. Penso, às vezes, que exagerei o desejo desesperado que sentia por ele, mas acho que não é bem isso, pois se não vou lá em cima vê-lo durante dois dias, desejo-o mais desesperadamente ainda do que antes. Peter é bom, é um amor, mas há muita coisa nele que me decepciona, especialmente sua falta de gosto pela religião e aquelas conversas horríveis sobre comida e outras coisas que não me atraem. No entanto, estou absolutamente convencida de que jamais brigaremos, depois daquele acordo que fizemos. Peter é de boa paz; é tolerante e cede facilmente. Aceita de mim coisas que jamais aceitaria da mãe e, com persistência, tenta manter suas coisas em ordem. Entretanto, por que será que guarda para si mesmo seu eu mais íntimo e por que não me permite conhecê-lo? Por natureza, é mais fechado que eu, mas sei por experiência própria que chega o dia em que a pessoa menos comunicativa deseja demais encontrar alguém em quem confiar.

Tanto Peter como eu passamos nossos anos mais meditativos trancados aqui dentro. Muitas vezes discutimos o futuro, o passado e o presente, mas, como já disse, parece-me que ainda não encontrei o que realmente procuro; e bem sei que aí está.

Sua Anne.

Quinta-feira, 15 de junho de 1944

Querida Kitty

Será que é por estar há tanto tempo sem pôr o nariz para fora que me tornei tão doida por tudo quanto diga respeito à natureza? Lembro-me perfeitamente de que não havia céu azul, canto de pássaros, luar e flores que me fascinassem como agora. Mas isso mudou desde que vim para cá.

Em Pentecostes, por exemplo, quando o calor era sufocante, fiquei acordada até as onze e meia da noite para contemplar a lua à vontade, sozinha. Foi em vão o sacrifício; o luar estava tão claro que não me atrevi a correr o risco de abrir a janela. Outra vez, isso já faz alguns meses, eu estava lá em cima com a janela aberta. Só desci quando ela teve de ser fechada. A noite escura e chuvosa, o temporal e as nuvens que corriam empolgaram-me completamente; era a primeira vez, em um ano e meio, que via a noite face a face. Depois daquela noite, meu desejo de tornar a vê-la foi mais forte que o medo dos ladrões, ratos e assaltos à casa. Desci sozinha e fiquei a olhar através das janelas da cozinha e do escritório particular. Muita gente adora a natureza, muitos são os que, ocasionalmente, dormem ao ar livre; os que estão encerrados em prisões e hospitais anseiam pelo dia em que poderão sair para gozar suas belezas; mas são poucos, muito poucos mesmo, os que ficam fechados,

isolados daquilo que pode ser compartilhado entre ricos e pobres. Não é imaginação minha dizer que olhar para o céu e ver as nuvens, a lua e as estrelas torna-me paciente e calma. É remédio melhor que valeriana ou brometo. A mãe natureza me torna humilde e me infunde coragem para enfrentar as adversidades.

Infelizmente tem que ser assim: a não ser em poucas e raras ocasiões, aqui, só tenho podido contemplar a natureza através de cortinas de renda sujas, penduradas em janelas poeirentas. E já não é um prazer olhar através delas, pois a natureza é a única coisa que não aceita adulteração.

Sua Anne.

Sexta-feira, 16 de junho de 1944

Querida Kitty

Novos problemas: a sra. Van Daan está desesperada, fala em meter uma bala na cabeça, em cadeia, enforcamento, suicídio. Tem ciúme porque Peter confia em mim e não nela. Está ofendida porque Dussel não aderiu ao flerte como esperava, teme que o marido fume todo o dinheiro do casaco de peles, briga, emprega termos de baixo calão, grita, fica com pena de si mesma, ri e depois envereda por nova briga. Que se há de fazer com um espécime bobo e choramingão como esse? Ninguém a leva a sério, ela não tem caráter, reclama com todo mundo. O pior é que isso torna Peter grosseiro, Van Daan irritadiço e mamãe cínica. É uma situação horrível! Existe uma regra de ouro que não se deve esquecer: ria-se de tudo e não se importe com os outros! Parece egoísta, mas garanto que é a única salvação para quem tem que procurar consolação em si mesmo.

Kraler recebeu nova intimação para ir trabalhar na enxada durante quatro semanas. Está procurando tirar o corpo fora por meio de atestado médico e uma carta aqui do escritório. Koophuis quer operar o estômago. Todos os telefones particulares foram cortados ontem às onze da noite.

Sua Anne.

Sexta-feira, 23 de junho de 1944

Querida Kitty

Nada de especial para lhe contar. Os ingleses iniciaram o grande ataque a Cherbourg; segundo Pim e Van Daan, devemos estar livres por volta de 10 de outubro. Os russos participam da campanha e ontem desfecharam sua ofensiva perto de Vitebsk; faz exatamente três anos e um dia que os alemães atacaram.

Quase não temos mais batatas; de agora em diante, serão contadas e distribuídas individualmente, para que cada qual saiba o que recebe.

Sua Anne.

Terça-feira, 27 de junho de 1944

Querida Kitty

Os humores aqui mudaram, tudo corre maravilhosamente. Hoje caíram Cherbourg, Vitebsk e Slobin. Muitos prisioneiros e muita pilhagem. Agora os ingleses podem desembarcar o que quiserem, pois têm um porto, toda a península do Cotentin, três semanas após a invasão inglesa! Tremenda conquista! Em três semanas, desde o Dia D, nenhum dia sem chuva e temporal, tanto aqui como na França, mas essa pequena dose de má sorte não impediu ingleses e americanos de mostrarem sua enorme força bélica. Claro, todos sabem que a "arma maravilhosa", a bomba-V está no apogeu, mas quais as conseqüências de uns poucos foguetes a não ser algum dano na Inglaterra e páginas cheias nos jornais dos boches? E por falar nisso, eu gostaria de ver como vai ficar a "Bochelândia" quando souberem que os bolchevistas estão a caminho.

Todas as mulheres alemãs que não estejam no serviço militar estão sendo evacuadas, com suas crianças, para Groningen, Frísia e Gelderland. Mussert [28] anunciou que, se a invasão chegar aqui, vestirá uniforme. Será que aquele velho gorducho está a fim de brigar? Podia ter ido brigar na Rússia há mais tempo. Há algum tempo atrás a Finlândia rejeitou uma oferta de paz, e agora as negociações foram novamente interrompidas; aqueles idiotas vão se arrepender, mais tarde.

Onde você acha que estaremos no dia 27 de julho?

Sua Anne.

Sexta-feira, 30 de junho de 1944

Querida Kitty

Mau tempo, ou *bad weather at a stretch to the thirtieth of June* [29]. Está vendo? Já estou sabendo alguma coisa de inglês; só para mostrar que entendo, estou lendo *An ideal husband*, com o auxílio de um dicionário. A guerra vai de vento em popa. Triunfam os superotimistas. Elli mudou de penteado, Miep tirou uma semana de folga. Essas são as últimas novidades.

Sua Anne.

All sins, except a sin against
itself, Love should forgive. All
lives, save loveless lives, true
Love should pardon. A man's
love is like that. It is wider, larger
more human than a woman's

Quinta-feira, 6 de julho de 1944

Querida Kitty

Sinto o coração apertado quando Peter fala em ser criminoso ou jogador, mais tarde; embora fale por brincadeira, tenho a impressão de que ele teme a própria fraqueza. Já ouvi muitas vezes de Margot e Peter: "Se eu fosse forte e corajosa como você, se eu fosse persistente, se insistisse no que quero, então..."

Será uma qualidade boa a de não me deixar influenciar? Será certo seguir exclusivamente a própria consciência?

Sabe, não consigo meter na cabeça como alguém pode dizer: "Sou fraco", e continuar assim. Afinal, se reconhece a fraqueza, por que não luta contra ela, por que não treina o caráter? Sabe qual foi a resposta? "Porque é muito mais fácil." Fiquei decepcionada. Fácil? Quer dizer que uma vida inútil e falsa é vida fácil? Não me conformo, isso não pode ser verdade, não deve ser verdade, as pessoas podem facilmente ser tentadas pela inatividade e... pelo dinheiro.

Durante muito tempo pensei na resposta que daria a Peter para fazer com que ele passe a acreditar em si mesmo e, acima de tudo, tente melhorar. Entretanto, não sei se a linha de meu pensamento é certa ou não.

Pensei muitas vezes em como seria maravilhoso possuir a confiança completa de alguém, mas agora, agora que já cheguei lá, compreendo como é difícil saber o que a outra pessoa pensa e, então, descobrir a resposta certa, especialmente porque as próprias palavras "fácil" e "dinheiro" são completamente estranhas e novas para mim.

Peter está começando a se apoiar um pouco em mim, e isso não deve acontecer de forma alguma. Um tipo como Peter acha difícil manter-se nos próprios pés, porém mais difícil ainda

é manter-se como ser consciente e vivo. Se a gente o consegue, é duas vezes mais difícil conservar o rumo através dos mares de problemas e permanecer constante apesar de tudo. Quanto a mim, estou à deriva, há dias que busco um argumento contra a terrível palavra "fácil", um argumento que acerte as coisas de uma vez por todas.

Como posso tornar claro para ele que o que lhe parece fácil e atraente o levará a abismos, abismos onde não encontrará consolo, amigos nem beleza, abismos de onde é quase sempre impossível as pessoas se reerguerem?

Todos nós vivemos, mas sem saber o porquê nem o para quê. Vivemos todos com o objetivo de ser felizes. Nossas vidas são diferentes e, no entanto, iguais. Nós três fomos educados em boas famílias, tivemos oportunidade de aprender e possibilidade de atingir algo. Temos todas as chances para esperar muita felicidade, mas... é preciso que trabalhemos para merecê-la. E isso não é fácil. É preciso trabalhar, fazer o bem, não ser preguiçoso e jogador, se se quer merecer a felicidade. Preguiça pode parecer atraente, mas trabalho dá satisfação.

Não consigo entender gente que não gosta do trabalho, mas esse não é o caso de Peter; falta-lhe um objetivo determinado e não se julga suficientemente inteligente; ao contrário, julga-se inferior para realizar qualquer coisa. Tenho pena dele, jamais soube o que significa fazer felizes outras pessoas e, infelizmente, não lhe posso ensinar isso também. Não tem religião, zomba de Jesus Cristo e pragueja usando o nome de Deus; apesar de eu também não ser ortodoxa, sinto-me triste quando o vejo assim desarvorado, tão escarnecedor e tão pobre de espírito.

As pessoas que têm religião devem alegrar-se, pois nem a todos é dado o dom de acreditar nas coisas divinas. Necessariamente, nem se precisa temer castigo depois da morte; purgatório, céu e inferno são coisas que muita gente não consegue aceitar, mas afinal uma religião, seja ela qual for, conserva a pessoa no caminho reto. Não é o temor de Deus, mas o sustentáculo de nossa própria honra e consciência. Que maravilha se as pessoas, todas as noites, antes de dormir recapitulassem mentalmente os acontecimentos do dia que passou e considerassem o que haviam feito de bom e de mau. Então, mesmo sem perceber, tentariam aperfeiçoar-se, ao começar um novo dia; é claro que se consegue muito, com o correr do tempo. Qualquer um pode fazer isso, não custa nada e, certamente, ajuda muito. Quem não sabe precisa aprender a descobrir, pela experiência, que "uma consciência em paz torna as pessoas fortes".

Sua Anne.

Sábado, 8 de julho de 1944

Querida Kitty

O principal representante no negócio, o sr. B., esteve em Beverwijk e conseguiu — assim, com a maior facilidade — comprar morangos no leilão [30]. Chegaram aqui cheios de pó, cobertos de terra, mas em grande quantidade. Eram vinte e quatro caixas, para o pessoal

do escritório e para nós. Naquela mesma noite pusemos em conserva seis vidros grandes de morangos e fizemos oito potes de geléia. Na manhã seguinte Miep quis fazer geléia para o pessoal do escritório.

Ao meio-dia e meia, como não havia estranhos na casa, trancamos a porta da frente e foram trazidas as caixas. Papai, Peter e Van Daan fizeram grande algazarra na escada: — Anne, vá buscar água quente, Margot, traga o balde; todo mundo trabalhando! — Entrei na cozinha superlotada sentindo uma sensação esquisita no estômago; Miep, Elli, Koophuis, Henk, papai e Peter: as famílias escondidas e o batalhão de abastecimento, todos misturados e, ainda por cima, em pleno dia!

De fora não se enxerga aqui dentro por causa das cortinas de renda, mas, mesmo assim, a gritaria e o bater de portas positivamente me assustaram. Estaremos mesmo escondidos? Foi essa a primeira idéia que me passou pela cabeça, e que sensação estranha a de poder aparecer ao mundo novamente! Enchi a panela e voltei correndo para cima. O resto da família estava lá, sentados à mesa da cozinha, arrancando os cabinhos de morangos — pelo menos era o que deviam estar fazendo; ia mais morango para a boca do que para o balde. Logo seria necessário ir apanhar outro. Peter desceu à cozinha de baixo. A campainha tocou duas vezes; o balde ficou onde estava, e Peter subiu correndo, fechando a porta do armário. Ficamos impacientes, mas não abrimos a torneira, apesar de os morangos estarem mal lavados; a ordem "se alguém entrar na casa não abram a torneira por causa do barulho" foi rigorosamente mantida.

À uma hora apareceu Henk dizendo que tinha sido o carteiro. Peter correu para baixo novamente. Trrrrim... A campainha outra vez. Fui escutar para ver se ouvia alguém, primeiro na porta do armário, depois rastejando até o topo da escada. Finalmente, Peter e eu nos debruçamos no corrimão, escutando a barulheira lá embaixo. Nenhuma voz estranha. Peter esgueirou-se para baixo, parou na metade e chamou: "Elli!" Nada de resposta. Outro "Elli". A voz de Peter é abafada pelo barulho da cozinha. Fico à espera, ansiosa.

— Suba já, Peter, o contador está aqui. Desapareça! Quem falava era Koophuis. Peter retorna e fecha a porta do armário. Finalmente, à uma e meia, Kraler chega.

— Mas será possível! Só vejo morango na minha frente! É Miep a cozinhar morango, é morango de manhã, para o café, é cheiro de morango por tudo quanto é canto; quero descansar, venho aqui para cima e o que encontro? Morango!

Os que restaram estão sendo postos em conserva. À noite, dois potes ainda por fechar. Depressa papai os transforma em geléia. Na manhã seguinte, mais dois potes por fechar e, à tarde, quatro. Van Daan não esterilizara os vidros na temperatura certa. Agora papai faz geléia toda noite.

Comemos morango com mingau, morango com leite desnatado, pão e manteiga com morangos, morango na sobremesa, morango com açúcar, morango com terra. Durante dois dias morango, nada mais que morango. Finalmente acabou-se o estoque ou foi posto em conserva e guardado debaixo de chave.

— Anne, escute aqui — gritou Margot. — O verdureiro da esquina arranjou-nos ervilhas verdes. Nove quilos.

— Que gentileza — respondi.

Claro que foi gentileza, mas trabalheira também para nós.

— Temos que descascar ervilhas — anunciou mamãe à mesa, sábado de manhã.

Hoje de manhã, pontualmente, apareceu o panelão grande, de esmalte, cheio até a boca. Descascar ervilhas é um serviço enjoado, mas você devia experimentar arrancar a pele da vagem, para ver o que é bom. Creio que muita gente não sabe como a vagem é macia e gostosa depois de arrancada a pele mais grossa. No entanto, a vantagem maior é que dela se pode comer três vezes a porção que se comeria se fossem apenas ervilhas. É serviço de precisão e minúcia, esse de arrancar a pele da vagem; talvez sirva para dentistas pedantes ou para minuciosos empregados de escritório, mas para uma impaciente menina de quinze anos é um castigo. Começamos às nove e meia, levantei-me às dez e meia e sentei-me de novo às onze e meia. Ficou esse repeteco a zunir nos meus ouvidos: "dobre a parte de cima, puxe a pele, tire o fiapo, jogue a vagem", etc, etc. As ervilhas dançam diante de meus olhos, verdes, verdes, verdes; minhocas, fiapos e vagens estragadas; verdes, verdes, verdes. Só para quebrar a monotonia, falo a manhã inteira qualquer tolice que me venha à cabeça. Provoco risos, aborreço os outros, mas a cada fiapo que eu puxo aumenta a minha certeza de que não quero, jamais, ser apenas uma dona-de-casa.

Finalmente almoçamos, ao meio-dia, mas de meio-dia e meia até uma e quinze tivemos que descascar mais ervilha. Estava meio enjoada quando parei, e os outros também. Dormi até as quatro, mas ainda estou irritada por causa das malditas ervilhas.

Sua Anne.

Sábado, 15 de julho de 1944

Querida Kitty

Recebemos da biblioteca um livro com um título que era um desafio: Que pensa você da jovem moderna? Quero falar sobre isso com você.

A autora do livro condena a "mocidade de hoje" da cabeça aos pés, sem condenar, no entanto, os jovens em geral como "incapazes de qualquer coisa boa". Ao contrário, acredita que estaria nas mãos dos jovens construir um mundo melhor e mais belo, se simplesmente quisessem; mas diz que a maioria se ocupa de superficialidades, sem parar para pensar na real beleza.

Em algumas passagens a escritora parecia estar se dirigindo especificamente a mim com suas críticas, eis por que desejo mostrar-me a você completamente desnudada e me defender desse ataque.

Tenho em meu caráter um traço predominante que salta aos olhos de quem me conhece há algum tempo: é o conhecimento que tenho de mim mesma. Consigo fiscalizar-me e aos meus atos como se fosse uma estranha. Sou capaz de encarar a Anne de todos os dias sem preconceitos e sem fazer concessões, observando o que nela há de bom e de mau. Essa autocrítica me acompanha sempre, e, cada vez que falo alguma coisa, sei imediatamente se devia ter falado de outra maneira ou se estava bem assim. Há muita coisa que condeno em mim. Seria uma longa lista! Cada vez mais, reconheço a verdade que havia nas palavras de papai: "Toda criança tem que zelar pela própria educação". Aos pais cabe dar conselhos e indicar caminhos, mas a formação final do caráter de uma pessoa está em suas próprias mãos.

Somado a tudo isso, sou dona de grande coragem, tenho espírito forte, capaz de suportar difíceis encargos, sinto-me livre e jovem! Fiquei contente quando descobri isso pela primeira vez, pois creio que não me curvarei facilmente aos golpes que, inevitavelmente, atingem a todos.

Mas já falei nestas coisas muitas vezes. Quero agora abordar o capítulo "papai e mamãe não me compreendem".

Papai e mamãe sempre me encheram de mimos, foram carinhosos, defenderam-me, fizeram tudo o que os pais podem fazer. Mesmo assim, durante longo tempo senti-me terrivelmente isolada, rejeitada, desprezada e mal compreendida. Papai fez o que pôde para conter minha rebeldia, mas não adiantou, eu é que me curei sozinha enxergando e procurando corrigir meus erros. Como foi que papai jamais conseguiu me sustentar em minhas lutas, como foi que ele errou por completo, mesmo querendo estender-me a mão? Porque ele escolheu o método errado, falando-me sempre como a uma criança que está atravessando uma fase difícil. Parece idiotice dizer isso, pois papai foi o único que sempre me deu um crédito de confiança fazendo com que eu me sentisse ajuizada. Mas uma coisa ele não percebeu — compreende? —, não percebeu que, para mim, a luta por chegar ao fim era o mais importante de tudo. Não me interessa ouvir falar sobre "coisas da idade", "outras meninas" ou "é uma fase que passa"; eu não queria ser tratada como as outras meninas, mas como Anne e por meus próprios méritos. Infelizmente Pim não percebeu isso. Acontece que eu não posso confiar em quem também não me abra seu coração e, como sei muito pouco de Pim, sinto que jamais seremos muito íntimos. Pim sempre toma as tradicionais atitudes paternais dizendo que ele também passou por fases semelhantes às minhas. Nunca vai poder relacionar-se comigo como amigo, nem que o tente com a maior boa vontade.

Todas essas coisas fizeram com que eu jamais mencionasse meus ideais e teorias sobre a vida a ninguém a não ser meu diário e, uma vez ou outra, a Margot. Escondi de papai tudo o que me perturbou, não compartilhando com ele meus ideais. Conscientemente o afastava de mim, mas não conseguia agir de outra maneira. Procedi sempre de acordo com meus sentimentos e de modo a ter consciência tranqüila e paz de espírito. Eu perderia a confiança obtida através de tantos obstáculos vencidos se, nesse ponto, aceitasse críticas à minha tarefa quase terminada. Apesar de parecer muito dura, não posso aceitar isso de Pim, não só porque não compartilhei com ele meus pensamentos mais secretos como porque acabei afastando-o de mim com minha instabilidade.

Penso muito nisto: por que será que Pim me irrita? E de tal forma que detesto que me ensine qualquer coisa? Suas maneiras afetuosas me parecem afetadas; queria que me deixasse em paz e preferia mesmo que me esquecesse por algum tempo, até que me sentisse mais segura em minha atitude para com ele. Ainda me rói um sentimento de culpa por causa daquela carta horrível que escrevi a ele, no tempo em que eu andava supertensa. Como é difícil ser realmente forte e corajosa em todos os sentidos!

Mas esse não foi meu maior desapontamento. Peter atingiu-me mais que papai. Bem sei que fui eu quem o conquistou, não ele a mim. Formei em minha mente uma imagem de Peter, pintei-o como um rapaz quieto e sensível, digno de amor, carente de afeição e carinho. Precisava de alguém para com ele abrir meu coração; queria um amigo que me ajudasse a encontrar o caminho certo. Devagar, mas com segurança, atraí Peter para mim. Finalmente, ao conseguir que ele se tornasse amigo, automaticamente desenvolveu-se entre nós uma intimidade que, pensando bem, eu não deveria ter permitido.

Falamos em coisas bem íntimas e no entanto, até hoje, jamais tocamos nas coisas que enchiam e ainda enchem minha alma e meu coração. Ainda não sei o que pensar de Peter. Será ele superficial ou ainda acanhado, mesmo comigo?

Sem contar com isso, no meu desejo premente de afeição, cometi um erro: tentei chegar a ele por meio de um relacionamento íntimo, quando devia ter explorado todas as outras possibilidades. Ele deseja muito ser amado, e noto que está começando a se apaixonar por mim. Nossos encontros o satisfazem, ao passo que em mim, apenas despertam a vontade de, mais uma vez, ver o que consigo dele. Entretanto, não sei por quê, não toco nos assuntos que mais desejaria esclarecer. Peter está muito mais preso a mim do que pensa. Está apegado demais, e por enquanto não vejo maneira de sacudi-lo e fazê-lo firmar-se nos próprios pés. Ao compreender que ele não poderia ser para mim nem mesmo um amigo (no verdadeiro sentido que dou à palavra), pensei que ao menos poderia tentar arrancá-lo de sua estreiteza de mente e fazer com que realizasse qualquer coisa de proveitoso com sua mocidade.

"Pois em suas mais íntimas profundezas, a mocidade é mais solitária que a velhice." Li esta frase em algum livro, acho-a verdadeira e lembro-me sempre dela. Será verdade que os mais velhos passam por maiores dificuldades que nós? Não, sei que não é assim. Gente adulta já tem opinião formada sobre as coisas e não hesita antes de agir. É muito mais duro para nós, jovens, manter a firmeza e as opiniões em tempos como estes em que os ideais são destruídos e despedaçados, as pessoas põem à mostra seu lado pior e ninguém sabe mais se deve crer na verdade, no direito e em Deus.

Quem afirma que os mais velhos passam por dificuldades maiores certamente não compreende a que ponto nossos problemas pesam sobre nós; problemas para os quais somos jovens demais mas que aparecem continuamente até que acreditamos, depois de muito tempo, haver encontrado uma solução; só que a solução parece não resistir aos fatos que, de novo, a reduzem a nada. Esta é a maior dificuldade desses tempos: surgem dentro de nós ideais, sonhos e esperanças, só para encontrarem a horrível verdade e serem despedaçados.

Realmente, é de admirar que eu não tenha desistido de todos os meus ideais, tão absurdos e impossíveis eles são de se realizar. Conservo-os, no entanto, porque apesar de tudo ainda acredito que as pessoas, no fundo, são realmente boas. Simplesmente não posso construir minhas esperanças sobre alicerces formados de confusão, miséria e morte. Vejo o mundo transformar-se gradualmente em uma selva. Sinto que estamos cada vez mais próximos da destruição. Sofro com o sofrimento de milhões e, no entanto, se levanto os olhos aos céus, sei que tudo acabará bem, toda essa crueldade desaparecerá, voltarão a paz e a tranqüilidade.

Enquanto isso, é necessário que mantenha firme meus ideais, pois talvez chegue o dia em que os possa realizar.

Sua Anne.

Sexta-feira, 21 de julho de 1944

Querida Kitty

Agora estou ficando realmente esperançosa. Finalmente as coisas vão bem, muito bem mesmo! Houve um atentado contra a vida de Hitler, e desta vez não foi ato de judeus comunistas ou capitalistas ingleses; foi um orgulhoso general alemão, e — o principal — ele é conde e bastante jovem. A Divina Providência salvou a vida do Führer, e infelizmente ele conseguiu escapar com apenas alguns arranhões e queimaduras. Alguns generais e oficiais que estavam com ele ficaram feridos ou morreram. O principal culpado foi fuzilado.

De qualquer modo, essa é uma prova de que existem muitos oficiais e generais que estão fartos da guerra e gostariam de ver Hitler despencar num abismo sem fundo.

Com a deposição de Hitler, seria estabelecida uma ditadura militar que fizesse as pazes com os Aliados. Então, rearmar-se-iam para outra guerra, dentro dos próximos vinte anos. Talvez seja de propósito que o Divino Poder esteja tardando em afastá-lo do caminho, pois seria bem mais fácil e vantajoso para os Aliados se os impecáveis alemães se matassem entre si; diminuiria o serviço dos russos e ingleses, e estes poderiam principiar a reconstrução de suas próprias cidades mais cedo.

Enfim, ainda não chegamos lá e não me quero antecipar aos gloriosos acontecimentos. Você deve ter notado que isso tudo é pura realidade e que hoje estou de humor positivo; por uma vez na vida não estou alardeando meus altos ideais. O pior é que Hitler teve a gentileza de anunciar ao seu fiel e dedicado povo que, de agora em diante, as forças armadas estarão subordinadas à Gestapo e todo soldado que souber que um de seus superiores andou envolvido naquele covarde atentado à sua vida pode fuzilar esse superior na hora, sem conselho de guerra.

Que belo massacre vai ser! Se doerem os pés de Johann durante sua longa marcha, se seu oficial berrar com ele, Johann agarra o fuzil e grita: "Você queria matar o Führer, aqui está sua recompensa". Um balaço, e o altivo chefe que ousara berrar com Johann vai para a vida eterna (ou será morte eterna?). Agora, sempre que um oficial tiver que chamar a atenção

de um soldado acabará molhando as calças de medo, já que o soldado poderá acusá-lo e matá-lo. Você está compreendendo o que quero dizer ou será que andei pulando demais de um assunto para outro? Não posso evitar; a perspectiva de voltar outra vez para a escola, em outubro, deixa-me alegre demais para ser lógica! Ora, eu não lhe havia dito que não queria me encher de esperanças? Perdoe-me, não foi sem motivo que me apelidaram de "pequeno feixe de contradições".

Sua Anne.

Terça-feira, 1º de agosto de 1944

Querida Kitty

"Pequeno feixe de contradições." Foi assim que terminei minha última carta e é assim que desejo principiar esta. "Um pequeno feixe de contradições." Pode me dizer exatamente o que é isto? Que quer dizer contradição? Como acontece com tantas outras palavras, pode significar duas coisas: contradição de fora e contradição de dentro.

A primeira é a costumeira "não cede facilmente, sempre sabe mais, tem sempre a última palavra", enfim, todas as qualidades desagradáveis de que me acusam. Da segunda, ninguém sabe, o segredo é meu.

Já disse a você, certa vez, que possuo dupla personalidade. Em uma delas encontra-se minha alegria exuberante, que faz graça de tudo, meu entusiasmo e principalmente a maneira como levo tudo na brincadeira. Talvez por isso não me ofenda um flerte, um beijo, um abraço, uma anedota suja. Esta está quase sempre à espreita e empurra o outro, que é muito melhor, mais profundo e mais puro. Você precisa compreender que ninguém conhece o lado melhor de Anne, e é por isso que a maioria das pessoas me acha insuportável. Se durante uma tarde faço uma porção de palhaçadas, todos se fartam de mim por um mês. Realmente, é como filme de amor para pessoas de mentalidade séria: simples distração que diverte, sem chegar a ser boa. Envergonho-me de contar isso a você, mas como é verdade, vou falar. Meu lado superficial e frívolo está sempre mais alerta que o lado profundo, e por isso há de sair sempre vencedor. Você nem imagina quantas vezes tentei empurrar para longe essa Anne. Tentei mutilá-la, escondê-la, porque, afinal de contas, ela é apenas metade do total que se chama Anne; mas não adianta, e eu sei, também, por que não adianta.

Tenho muito medo de que as pessoas que me conhecem superficialmente venham a descobrir que possuo um outro lado, melhor, mais bem-cuidado. Receio que riam de mim, que me achem ridícula e sentimental, que não me levem a sério. Estou acostumada a não ser levada a sério, mas é só a Anne *despreocupada* que se acostumou a isso e o suporta. A Anne *mais profunda* é sensível demais para tal. Se realmente obrigo a Anne boa a ir para o centro do palco, nem que seja por quinze minutos, ela se encolhe toda e acaba cedendo o lugar à Anne número 1, e antes que perceba o que se passa, vejo que desapareceu.

A boa Anne, portanto, não aparece quando tem gente, até hoje nunca se mostrou, nem

uma só vez, mas é a que predomina quase sempre quando estamos a sós. Sei exatamente como desejaria ser, como sou, aliás... lá no íntimo. Infelizmente sou assim só para mim mesma. E estou certa de que é por isso mesmo que eu digo que intimamente tenho um gênio bom e que os outros pensam que exteriormente é que tenho gênio bom. No íntimo sou guiada pela Anne pura, mas exteriormente não passo de uma cabritinha travessa, à solta.

Como já disse, nunca expresso meus sentimentos verdadeiros sobre coisa alguma, e foi assim que adquiri a fama de namoradeira, sabe-tudo e leitora de histórias de amor. A Anne jovial dá risada, uma resposta atrevida, sacode os ombros com indiferença, comporta-se como se não ligasse, mas as reações da Anne silenciosa são exatamente o oposto. Para ser sincera, devo admitir que isso me magoa, que tento mudar por todos os meios, mas que estou sempre em luta contra um inimigo muito mais poderoso.

Dentro de mim soluça sempre a mesma voz: "Pronto, nisto é que você se tornou! Sem caridade, ares superiores, atrevida. Ninguém gosta de você, e isso por você não atender aos conselhos da sua metade melhor".

Bem queria atender, mas não adianta; se fico sossegada e séria, todos pensam que estou tramando alguma e, então, tenho que sair da situação inventando nova brincadeira; isso sem falar na minha própria família, que certamente pensaria que estou doente e me faria engolir comprimidos para dor de cabeça, para os nervos, me apalparia o pescoço e a cabeça para ver se tenho febre, me perguntaria se ando com prisão de ventre e, não achando nada, acabaria me criticando por meu mau humor. Não agüento esses cuidados: se me fiscalizam fico malcriada, depois infeliz e, finalmente, viro meu coração do avesso para que o lado mau fique de fora e o bom para dentro, e continuo tentando encontrar a maneira de ser como desejo ser, como poderia ser, se... se não houvesse mais ninguém vivo neste mundo...

Sua Anne.

EPÍLOGO

O diário de Anne Frank termina aqui. No dia 4 de agosto de 1944 a Polícia de Segurança alemã, acompanhada por alguns holandeses nazistas, deu uma batida no escritório geral, obrigando Kraler a revelar a entrada para o Anexo Secreto. Todos os seus ocupantes, assim como Kraler e Koophuis, foram presos. No dia 3 de setembro, os prisioneiros judeus, após um período em Westerbork (o principal campo de concentração alemão na Holanda), foram enviados, amontoados em vagões de gado, para Auschwitz, o mais famoso centro de exterminação, na Polônia ocupada. (Kraler e Koophuis ficaram em campos de concentração holandeses durante alguns meses, antes de serem libertados.)

O Anexo Secreto foi saqueado e destruído durante a batida policial. Alguns dias depois, misturados aos jornais velhos e lixo espalhados pelo chão, um limpador encontrou os cadernos onde Anne escrevera seu diário. Não sabendo do que se tratava, entregou-os a Miep e Elli. As duas moças, durante um severo interrogatório alemão a que foram submetidas, negaram terminantemente sua ajuda ao pequeno grupo judeu, e assim foram liberadas e salvas. Tendo guardado cuidadosamente o diário de Anne, entregaram-no a seu pai, Otto Frank, na sua volta, após o término da guerra.

Enquanto isso, os mais velhos do grupo adoeciam sob as terríveis condições de vida em Auschwitz. Van Daan foi mandado para a câmara de gás. Otto Frank escapou por um verdadeiro milagre, pois tinha sido enviado para um campo-hospital em novembro, e ali se encontrava ainda quando o campo foi libertado pelas forças soviéticas em 27 de janeiro de 1945. Juntamente com alguns poucos sobreviventes, ele foi removido para a Galícia e finalmente chegou ao porto de Odessa, no mar Negro, onde um navio neozelandês o conduziu de volta à Europa Oriental. Os outros prisioneiros do campo, cerca de onze mil, foram evacuados pelos alemães, à medida que os russos avançavam. Entre eles estava Peter van Daan, de quem nunca mais se teve notícia.

A caminho de Odessa, Otto Frank soube por um amigo holandês que sua mulher morrera a 5 de janeiro.

Quanto às duas meninas, foram enviadas para Bergen-Belsen, na Alemanha, dois meses após a morte da mãe. Ali Anne mostrou as mesmas qualidades de coragem e paciência na adversidade que a haviam caracterizado em Auschwitz. Em fevereiro de 1945, as duas irmãs contraíram tifo. Um dia, Margot, deitada numa enxerga ao lado da irmã, tentou levantar-se, mas, enfraquecida, caiu ao chão. No seu estado de doença e fraqueza, o choque foi mortal. A morte da irmã fez a Anne o que nada até então conseguira fazer: quebrantar seu espírito. Alguns dias depois, em princípio de março, Anne morreu.

FOTOS

Anne Frank

A entrada do Anexo Secreto é disfarçada
por uma estante móvel.

As escadas que dão para o Anexo Secreto
aparecem quando a estante é removida.

O prédio de escritórios no qual Anne Frank
e sua família viveram escondidos de 1942 a 1944.

Edith Frank

Otto Frank

Margot Frank

Peter van Pels

Hermann van Pels

Auguste van Pels

Albert Dussel

Elli Vossen

Miep Gies

Hanneli Goslar (Lies)

NOTAS

---

[1] Joodse Invalide: Uma instituição de caridade israelita.

[2] Koenen: Conhecido dicionário holandês.

[3] *Mevrouw*: Madame, em holandês.

[4] Hanuká:Festa móvel judaica, das Luzes, celebrada alguns dias antes do Natal cristão.

[5] Dam: Praça defronte ao Palácio Real

[6] Offiziersheim: Abrigo de oficiais alemães

[7] Traduzido literalmente, sem preocupações de rima.

[8] Preços da época, sem equivalente atual

[9] Schiphol: Aeroporto de Amsterdam.

[10] (*du spatst schon!*) "Você está fazendo uma sujeira!"

[11] (*Donnerwetter-nocheinmal*) Em alemão, xingamento, correspondente a "raios o partam".

[12] Opklap: Cama holandesa, que durante o dia pode ser dobrada contra a parede, formando uma estante com cortinas.

[13] "Grande é o espírito do homem / E mesquinhos, seus atos!"

[14] ("Himmelhoch jauchzend und zum Tode betrübt") Famoso verso de Goethe: "No topo do mundo, ou no mais profundo desespero".

[15] Mumsie: "Mãezinha."

[16] Sofria de grave moléstia.

[17] Grandma: Avó paterna.

[18] Granny: Avó materna.

[19]: Bredero: Escritor holandês.

[20] Nas casas judias acendem-se velas, na noite do sabá.

[21] Avó em alemão.

[22] O título original deste diário era *Het Achterhuis*. Não há tradução exata. A mais aproximada é *Anexo secreto*.

[23] NSB: Movimento Nacional-Socialista Holandês.

[24] Bolkenstein, Gerbrandy: Dois membros do governo holandês, exilados na Inglaterra no tempo da guerra.

[25] Het achterhuis: Título holandês deste livro.

[26] Em inglês no original.

[27] No original, este texto saiu em inglês.

[28] Mussert: Líder nacional-socialista holandês.

[29] Em inglês no original: "Mau tempo ininterrupto até 30 de junho".

[30] Na Holanda, todos os produtores são obrigados a vender seus produtos em leilão público.